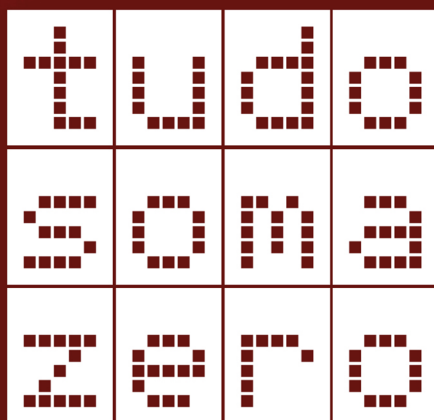


ALEXANDRE ALANIZ | ALEXANDRE BALDASSO SCHOSSLER | ANA CLÁUDIA MARTINS  
ANA LUIZA RIZZO | ANDRÉ ROCA | ANDREZZA POSTAY | ANDRIOLLI COSTA  
CAROLINE JOANELLO | CRIS VAZQUEZ | FRED LINARDI | GUSTAVO MELO CZEKSTER  
IRKA BARRIOS | KATHY KRAUSER | LAILA RIBEIRO | LEANDRO DEMENEGHI  
LORENA OTERO | LÚCIO HUMBERTO SARETTA | MATHEUS BORGES | NARA VIDAL  
PAULO PINHEIRO | REJANE BENVENUTO | TAIANE MARIA BONITA  
TIAGO GERMANO | T.K. PEREIRA | T.S. MARCON | VANESSA MARANHA



HISTÓRIAS DE OUTROS FUTUROS

ORGANIZAÇÃO:  
ANA LUIZA RIZZO  
CRIS VAZQUEZ

CLASS





Copyright © 2019, Alexandre Alaniz, Alexandre Baldasso Schossler, Ana Cláudia Martins, Ana Luiza Rizzo, André Roca, Andrezza Postay, Andriolli Costa, Caroline Joanello, Cris Vazquez, Fred Linardi, Gustavo Melo Czekster, Irka Barrios, Kathy Krauser, Laila Ribeiro, Leandro Demeneghi, Lorena Otero, Lúcio Humberto Saretta, Matheus Borges, Nara Vidal, Paulo Pinheiro, Rejane Benvenuto, Renata Wolff, T.K. Pereira, Taiane Maria Bonita, Tiago Germano, T.S. Marcon e Vanessa Maranhã.

*Projeto gráfico: e-design*

*Capa: Matheus Borges*

*Revisão: Rejane Benvenuto*

*Coordenação editorial: Roberto Schmitt-Prym*

Todos os direitos desta edição reservados.



Rua Marquês do Pombal, 788/204

90540-000, Porto Alegre, RS

Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223

[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

T912 Tudo soma zero /vários autores ; organizado por Ana Luiza Rizzo, Cris Vazquez. - Porto Alegre, RS : Class, 2019. 296 p. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-85-94187-84-0

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Rizzo, Ana Luiza. II. Vazquez, Cris. III. Título.

2019-2052

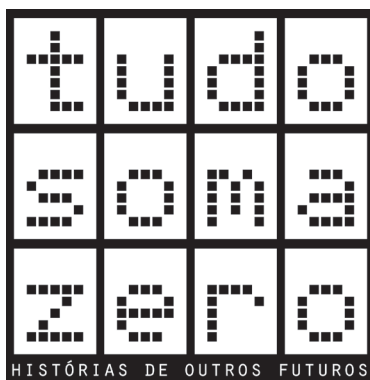
CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301

2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34



Organização:  
ANA LUIZA RIZZO  
CRIS VAZQUEZ

CLASS  
Porto Alegre, 2019



## Índice

- Renata Wolff **Nos prometeram carros voadores** 7
- Alexandre Alaniz **Um em um bilhão** 17
- Alexandre Baldasso Schossler **Fator Somático** 23
- Ana Cláudia Martins **À la Darwin** 41
- Ana Luiza Rizzo **#NoWay** 49
- André Roca **Apocalipse** 55
- Andreza Postay **Três quadras e virar à direita** 61
- Andriolli Costa **Retomada** 71
- Caroline Joanello **Apenas caminhe, como sempre** 79
- Cris Vazquez **Srta. Remotinha** 89
- Fred Linardi **O sopro vazio da saciedade** 97
- Gustavo Melo Czekster **Um dicionário e uma calculadora** 103
- Irka Barrios **Lion** 115
- Kathy Krauser **Experimentos** 123
- Laila Ribeiro **Veleidade** 131
- Leandro Demeneghi **Glory hole** 141
- Lorena Otero **Profissão do futuro** 159
- Lúcio Humberto Saretta **A biblioteca perdida** 163
- Matheus Borges **Dividendos** 187
- Nara Vidal **Ubá** 199
- Paulo Pinheiro **Earth is Down** 207
- Rejane Benvenuto **Pútrido** 223
- T.K. Pereira **[Registro de Memória GSSN160219541]** 233
- Taiane Maria Bonita **Onripothana** 239
- Tiago Germano **Independência** 245
- T.S. Marcon **O Sindicato Bed-Mobile** 259
- Vanessa Maranhã **Desfazer-se** 281





## Nos prometeram carros voadores

Renata Wolff\*

Fui criança nos anos 1980 e adolescente nos anos 1990. Recordo uma solidez indefinida — se me permitem o oxímoro — naquela época, em parte atribuída à própria infância, que costuma, para quem tem esse privilégio, evocar sensações de aconchego, de uma segurança criada pelo resguardo e pela ingenuidade. Mas havia outra origem desse sentimento, em uma escala coletiva: pareciam aprendidas as lições de duas guerras mundiais e décadas de ditaduras, para não dizer da era medieval. Os direitos individuais eram cláusula pétrea; religião e Estado estavam formalmente separados; acatava-se, via de regra, a soberania do humanismo e da ciência. E, se não ignorávamos o abismo social e já percebíamos aqui e ali alguns ninhos de serpente, éramos levados a crer impensável um retrocesso significativo. Pelo contrário: embalados nas fantasias de Lucas e Spielberg, sonhávamos com o amanhã.

Veio o milênio e, no lugar de uma (a bíblica), ruíram duas torres, desabaram estruturas, e o mundo mergulhou no labirinto de espelhos de um parque de diversões feito de terabytes. Com todas as maravilhas que nos trouxe a internet, ela também veio arrastando atrás de si, feito latas no carro dos recém-casados, a deterioração do discurso, a publicização do privado, a hipervigilância e a disseminação de mentiras, agora chamadas por apelidos eufemísticos. E as latas bateram forte. Um dia a poesia esteve nas ruas, hoje a distopia está nas redes: prometeram carros voadores e nos deram terraplanismo; prometeram androides e nos deram sarampo; prometeram turismo espacial e nos deram falsos profetas; prometeram quinze minutos de fama e nos deram populismo neofascista. Pousado no ombro do Zuckerberg, o Grande Irmão (sua façanha, usando técnica aprendida com o diabo, foi convencer-nos de que é só o nome de um programa de televisão) sorri vitorioso.

Em suma, este amanhã mais parece anteontem.

É justamente nesse cenário que a ficção, necessária como nunca, floresce. E floresce de modo particularmente certo e evocativo nos contos reunidos neste “Tudo Soma Zero — Histórias de Outros Futuros”. Suas autoras e autores ousam. Ousam em termos narrativos, ousam em seus temas, ousam imaginar e provocar. Os contos revelam vozes firmes em suas propostas ficcionais e lúcidas em sua leitura do mundo, tanto o imediato (implícito enquanto prefácio) quanto o possível. Impressiona a forma como os ficcionistas aqui reunidos se empenham, e logram êxito, em uma tarefa tão desafiadora, a de apresentar a distopia por instrumentos narrativos inusitados, seja por se tratar de uma construção recorrente na literatura (o que traz o risco da derivação), seja porque, em um momento histórico distópico, é ainda mais difícil transgredir artisticamente a barreira do hipotético. Quando vivemos um pesadelo, o que é real? Como saber se continuamos deste lado do marco ficcional e histórico-cronológico ou se passamos ao outro? Se o passado é prólogo, o presente já não é o futuro?

Alexandre Alaniz, no conto “Um em um bilhão”, explora exatamente um pesadelo urbano. Toni está cercado: pela poluição, por dificuldades financeiras, por um Estado vigilante tão eficiente quanto um assassino de aluguel. O capitalismo é desenfreado; há hologramas e criogenia; a Antártida é um destino tropical; o mundo é habitado por 32 bilhões de almas. Mas, para além de tudo isso, há Toni, reafirmando a soberania de sua humanidade no momento decisivo, no alto de um arranha-céu. Ao reafirmá-la, defende a de todos nós.

A vigilância autoritária e o controle milimétrico das funções do indivíduo são levados ao extremo por Alexandre Baldasso Schosler, no conto “Fator somático”, que transita entre sequências de contagens e medidas para retratar aquilo que sabemos mas parecemos estar esquecendo: somos mais do que números, mais do que estatísticas, mais do que perfis em bases de dados. E o que melhor nos recorda isso é a nossa capacidade

de — em uma piscadela metaficcional — contar histórias. Inventar sonhos. E amar.

Ana Cláudia Martins, em “À la Darwin”, detalha os (des)caminhos biocientíficos e legais por meio dos quais se estabeleceu uma nova ordem cujos contornos iniciais pretendiam corrigir injustiças evidentes e endêmicas, mas que, nessa cruzada, degenerou-se em gigantesca escala. A estrutura do conto, deslocando-se do ambiente privado para um plano histórico e coletivo e retornando ao espaço corpóreo mais íntimo da personagem, propicia uma reflexão sobre a fusão entre público e pessoal no que diz respeito ao corpo feminino.

No caso do conto “#NoWay”, de Ana Luiza Rizzo, a narrativa vai ainda mais longe em termos de monitoramento por uma tecnologia ameaçadora e onipresente. Assustadoramente, o sistema é acessível pelo mero pensamento e, nele, estão proibidas as lembranças de mais de um dia. A angústia de Maria ao agarrar-se a memórias que, reprimidas, explodem em pesadelos e pânico nos perturba e ao mesmo tempo nos oferece o consolo de lembrar que a mente humana nunca pode ser totalmente contida.

Retalhos e escombros de memórias aparecem aqui e ali no “Apocalipse” imaginado por André Roca, nesse caso os fragmentos de uma cidade que já foi, e para quem é da província, a identificação com o Porto não muito Alegre é um sabor adicional. O protagonista está só e à deriva, exceto pela gutural certeza de que necessita defender-se, seja de quem for. As descrições do cenário pós-hecatombe impactam e jogam-nos na ação de forma imediata e direta, abstendo-se de explicar, e assim nos colocam no estado psíquico do personagem.

Já em “Três quadras e virar à direita”, de Andrezza Postay, o pandemônio instala-se aos poucos, em um âmbito familiar, entre problemas de saúde, silêncios carregados e tensões domésticas não declaradas. Com as notícias do telejornal, situações que já eram desfavoráveis desequilibram-se e, assim, chegam ao seu limite. O resultado é guerra. Mas o embate guarda

surpresas e faz questionar: em uma luta fratricida, quem é o inimigo? E será que estamos, aqui e agora, tão longe do precipício?

Os personagens de “Retomada”, de Andriolli Costa, estão às voltas com inovações aplicadas à saúde humana, mais especificamente à cirurgia e às próteses. Porém, a história volta atrás, no relato de um dos personagens, e encontra em um museu — esse lugar tão simbólico do conhecimento que alguns pretendem apagar com tanta fúria — as origens da estrutura instalada em um Brasil que se escreve com “z”. O conto convida ao não esquecimento, ao ato profundamente subversivo de recusar-se a calar. O genocídio foi verdade. E eles somos nós.

Caroline Joanello nos leva, como à sua personagem Domingas, por um trajeto necessário, em “Apenas caminhe, como sempre”. O tema do controle de corpos está presente, desta vez com matizes políticos e jurídicos imediatos: aborto, pena de morte, impunidade policial. Acompanhamos a protagonista em seu caminhar arriscado e respiramos com ela nas cenas menos tensas. O que mais apavora é o quão próximos estamos do cenário. O que encoraja é pensar nas Domingas e nas primas anônimas que — sabemos, esperamos — estão, neste momento, espalhadas no mundo.

Sem negligenciar o compromisso ficcional, o conto de Cris Vazquez, “Srta. Remotinha”, é um exercício de solidão. Não se trata, contudo, apenas da solidão generalizada, urbana e pós-moderna, mas daquela que criamos quando aderimos voluntariamente a atividades remotas e automatizadas. A personagem está sozinha. De uma hora para outra, está presa. O escalar das circunstâncias conduz à claustrofobia e ao desespero, dela e nosso. E a fome por contato humano contrasta com a fome literal, relegada ao lado de fora das fortalezas guardadas pela biometria.

Fred Linardi nos dá a impressão inicial de ter imaginado um futuro esperançoso, justamente pela erradicação da fome, em “O sopro vazio da saciedade”. Mas, sabe-se, as impressões

iniciais são pouco confiáveis em termos narrativos. E é no seio de uma família saudável, comemorando uma ocasião feliz, que são desvelados os mecanismos sinistros pelos quais a sociedade ameniza seus males. A hierarquia social determina a cadeia alimentar, e a cena pulsa com a advertência de que ninguém está em segurança.

Se falamos em inconfiabilidade, o conto “O dicionário e uma calculadora”, de Gustavo Melo Czekster, é um ensaio sobre a mentira — melhor dizendo, ao poder da manipulação pela palavra. O método retórico ensinado em escolas oficiais tem sucesso em, ao omitir expressões, tornar invisíveis questões sociais e grupos humanos; em criar distrações com mensagens falaciosas; em interpretar dados com viés favorável aos governantes. A narrativa é um discurso sobre o discurso e não é por nada que ela desconforta ao ponto do terror.

Outra espécie de manipulação, nesse caso a genética, é abordada por Irka Barrios em “Lion”. A ciência evoluiu (será?) para a concepção de embriões de engenharia mais avançada do que os indivíduos ditos naturais — são os bebês-grife, uma direta associação com o consumo e as aparências. Nesse ambiente, a protagonista apaixona-se por quem não deveria. E, como há muito sabe a literatura, o amor, tornado impossível pelos desmandos da sociedade, é uma força poderosa o suficiente para desafiar fronteiras geográficas e hereditárias.

Os “Experimentos” genéticos de Kathy Krauser trazem a incubação de pessoas sob o ponto de vista de quem a organiza e pratica. No entanto, nem os próprios cientistas escapam à quase completa supervisão por aparatos e inteligências artificiais, e a ele se entregam física e mentalmente de uma forma que invoca a primeira infância. Os paralelos entre os personagens e os objetos de sua operação, bem como os aflitivos eventos envolvidos em um fracasso parcial, remetem ao existencialismo. Onde começa e onde termina a experiência humana?

E se nessa experiência nada há mais humano do que conectar-se com um seu semelhante, o conto de Laila Ribeiro,

“Veleidade”, é um libelo contra a previsibilidade advinda da padronização limitante do comportamento a serviço da eficácia estrutural. O encantamento romântico é, por definição, inoportuno e subversivo, e avança por tentativas tão comoventes quanto inábeis por parte da protagonista Enie. Suas pequenas ações clandestinas expressam a rebeldia da esperança, que contagia também a nós, que as lemos.

O lado mais cru do contato humano é parodiado por Leandro Demeneghi, que, em “Glory Hole”, leva a efeito uma paranoia patriarcal. Recorrendo ao simplismo reducionista (por exemplo, são apagadas quaisquer nuances de identidade de gênero e do espectro fluido da sexualidade em suas diversas expressões), a narrativa concretiza o pânico artificial subjacente à misoginia de uma forma hilariante, e desvela, ainda que metaficcionalmente, a irracionalidade dos medos infundados surgidos em uma sociedade em transição.

O tratamento cômico do tema da sexualidade segue em “Profissão do futuro”, de Lorena Otero. Construído inteiramente em diálogo, o que sempre requer um trabalho apurado em termos de ritmo, de economia, de pontuação, de equilíbrio dos matizes literários e coloquiais na linguagem utilizada pelos personagens, o conto prova que a brevidade, mesmo aliada à supressão da voz do narrador, é capaz de fornecer dados suficientes sobre os personagens e alcançar o efeito satirizante pretendido.

Como anuncia seu título, “A biblioteca perdida”, de Lúcio Humberto Saretta, presta uma bela homenagem à própria literatura. Ao redor do protagonista Pituca (no ano 2084, número com simbologia literária embutida), o avanço da tecnologia convive com elementos mais prosaicos, como morcegos e urubus, e emocionalmente densos, como o alcoolismo. A melancolia e o estranhamento de Pituca ao se movimentar em sua rotina, em sua casa e família, encontram alívio nesse mais solene dos templos que é a biblioteca.

“Dividendos”, de Matheus Borges, traz um confronto: uma decisão política arbitrária afetando a existência de uma cidade

que acaba de comemorar seu carnaval. Entre debates e agitações, surgem posições conformistas, radicais e intermediárias quanto a uma possível saída, e o narrador, ele próprio habitante da cidade, busca uma audiência com o governador. A burocracia e o poder são expostos em meandros cuja familiaridade não é fruto do acaso, e na ficção, como no mundo concreto, o silêncio conivente é funesto.

Nara Vidal também traz, no conto “Ubá”, a vida em uma cidade pequena, porém seu protagonista em nada deseja preservar as memórias da juventude ali passada, em meio à pobreza. Trabalhando com saltos na cronologia, recordamos com o personagem o seu trajeto até a vida que hoje leva em São Paulo, e o significado de um objeto decorativo basta para perfurar o esquecimento construído de forma deliberada como dispositivo de sobrevivência. Já se disse que o passado sequer é passado, e é o que ocorre aqui.

E, no tema da sobrevivência, os personagens de “Earth is down” de Paulo Pinheiro lutam pela sua a cada momento de uma cena apocalíptica. Sem acesso ao contexto intergaláctico fornecido pelo narrador, Jéssica e Jonas testemunham o insólito, depois o inexplicável, e finalmente uma situação-limite em escala muito maior do que imaginavam. A tensão instala-se desde o princípio e cresce em estágios, à medida que os personagens procuram respostas, improvisam recursos e, mais do que isso, confiam um no outro para escapar ao desespero.

O estranho é igualmente um elemento no conto “Pútrido”, no qual Rejane Benvenuto nos conduz em uma vertigem de linguagem quase lírica revelando as camadas mais escuras das emoções humanas, mesmo quando controladas por chips implantados nas Meninas por suas Sras. Mães sob o comando das autoridades responsáveis. O subtexto nos fala de trauma, de sua transmissão especialmente entre gerações de mulheres, da violência oculta pelo silêncio que a Menina — como todas as meninas que a sofrem — desejaria fazer sumir num passe de mágica.

A exploração das consequências do monitoramento da mente, neste caso das lembranças de um relacionamento amoroso, segue em “[Registro de Memória GSSN160219541]”, de T. K. Pereira. Há um regime em vigor, há a empresa Neuralink que interliga e gerencia os pensamentos, há acessos comuns e filtros de bloqueio, e no centro de tudo há o protagonista, agarrando-se às últimas memórias ainda preservadas de um amor agonizante. Se apagamos os registros neurais de uma pessoa, apagamos todo o significado dela para nós?

A distopia de Taiana Maria Bonita no conto “Onripothana” está bem próxima: a Amazônia arde em chamas, a fumaça invade os céus das cidades e o sangue dos povos indígenas se precipita em chuva. Dá-se o caos e, apanhada nele, a personagem, passaporte em mãos, divide-se entre o lar natal, o Brasil, e o lar adotado, Moçambique. O conto investe na questão das fronteiras, retratando uma diáspora na qual os brasileiros são os refugiados, resgatados pelo continente africano. E nos recorda o poder e a sabedoria ancestrais dos povos nativos e da natureza.

Tiago Germano, em “Independência”, igualmente nos traz um ponto de partida bastante reconhecível em termos de contexto político e social. Um jovem tenta construir seu caminho acadêmico por entre cortes e repressão, e em especial por entre sumiços de pessoas próximas, nos quais se mesclam ações escusas de empresas, forças políticas, vertentes ideológicas. O cerco se fecha com a constância de uma goteira que acaba em inundação, e ao final não se pode deixar de lembrar do famoso aviso às portas do inferno de Dante.

A linguagem de T. S. Marcon no conto “O Sindicato Bed-Mobile” é vertiginosamente ligeira, sarcástica, amarga e carregada de informações — um discurso tecnopop em uma viagem de ácido. A leitura é a experiência de ser sugado por um vórtice, o que espelha, supõe-se, o trajeto que levou a humanidade àquelas circunstâncias tecnológicas e sociais. A tônica da narrativa são os diálogos e monólogos (neste caso, internos,



percorrendo a interioridade e os pensamentos dos personagens) que se desenvolvem no mesmo ritmo ágil e irônico.

Encerramos com “Desfazer-se”, de Vanessa Maranhã, que com muita propriedade põe o sarcasmo a serviço de abrir nossos olhos, e descortina o profundo ódio, às vezes oculto, muitas vezes explícito, que articula as atitudes e opiniões dissolvidas no comportamento dos indivíduos. O texto é particularmente bem sucedido em sua visão de como a opressão (da mulher, particularmente) é operada não apenas por grandes estruturas, mas por sorradeiras divisões entre o que (e quem) é condenado e o que é tolerado na polifonia de vozes que o narram.

O que a literatura faz de melhor é olhar para onde não se olha, nos forçar a encarar o reflexo nos espelhos do labirinto, investigar suas distorções, enxergar imagens ocultas. E a ficção especulativa (palavra que, por sinal, compartilha etimologia com “espelho”) atreve-se a uma pergunta específica: a partir daqui, aonde poderíamos chegar? Em tempos como estes, a indagação é quase um clamor. O amanhã será o que salvaremos hoje, e, agora como sempre, a arte — a boa arte, tal qual a que fazem as autoras e autores de “Tudo Soma Zero” — é o que nos salva. Portanto, convido as leitoras e leitores a agarrarem-se à literatura de qualidade aqui presente, que é, de fato, salvadora. Ao final da leitura, seja quando for, estaremos em algum tempo futuro, carros voadores ou não. E veremos que sobrevivemos. Seremos lembrados de que, assim como estes personagens, ainda sonhamos. Ainda resistimos.

\* Renata Wolff é escritora, autora de *Fim de festa* (Não Editora, 2018) e mestranda em Escrita Criativa na PUCRS.



**Alexandre Alaniz** é publicitário e fotógrafo gaúcho e já participou das antologias *Onisciente Contemporâneo* (2016), *Translações singulares* (2017) e *Não culpe o narrador* (2018).



## Um em um bilhão

TONI SAIU PREOCUPADO naquela manhã. Pela primeira vez em 15 anos, ele está totalmente sem dinheiro. O problema de saúde de sua esposa havia acabado com suas economias, e o tempo que passou com ela no hospital o fez perder o emprego. Precisa vender algo e conseguir dinheiro hoje, até o fim do expediente.

Quando era jovem, isso acontecia com frequência, e ele não se preocupou até chegar aos 29 anos. Nessa idade tudo muda: as pessoas deixam de ser adolescentes para o governo e passam a ser contribuintes. A partir daí, ele só ficou sem dinheiro assim por duas vezes. Mas, naquela época, Roberta ainda estava ao seu lado, e tudo era mais fácil.

Sua pulseira pisca sem parar, indicando que a conta está zerada. As mensagens do Ministério da Saúde chegam há mais de uma semana, avisando sobre a baixa perigosa nos créditos. Coloca um adesivo por cima da tela, para ninguém notar o visor piscando. Nessas horas, todos se afastam, e isso dificulta um bocado as vendas.

Quem fica numa situação assim ainda pode conseguir um empréstimo bancário, com juros que fariam corar um agiota da máfia. Só que Toni já fez quatro empréstimos desses para pagar o tratamento de Roberta. É o máximo que a lei permite.

A verdade é que esses empréstimos só existem para dar uma ilusão de esperança para os que chegam ao fundo do poço. Se deu conta disso quando leu as letras miúdas do contrato e viu escrito “seguro cremação criogênica obrigatório incluso”.

Um cara tão ferrado como ele só consegue vender bugigangas que ninguém mais quer. Um “super Leitor Digital de Livros com todos os e-books já escritos pela humanidade de brinde!” Só velhas senhoras românticas ainda leem livros, e elas estão em falta no mundo, nos últimos tempos.

Como não tem dinheiro para o Aerotrem, precisa caminhar de cluster em cluster. Ao nível do chão, a poluição da cidade é insuportável, e a inversão térmica cria uma nuvem de poluição permanente, que esconde o topo dos prédios. Ao meio-dia, ainda não vendeu nada. Sua barriga ronca, e ele sobe ao topo de uma estação para respirar.

As pessoas passam por ele e ficam olhando de forma constrangedora para seu rosto, coberto de fuligem. Come os restos de um lanche esquecido sobre a mesa de uma lanchonete e senta para observar o céu ionizado acima da poluição. Tudo tão calmo e pacífico sem que ninguém daquela multidão que entra e sai dos Aeros, vidrada nas multitelas holográficas, se dê conta. Toni foi um deles por mais de 20 anos.

Retira o adesivo da pulseira e vê uma luz vermelha piscando na tela. Restam só mais quatro horas para pagar a taxa do dia. Podem ser suas últimas quatro horas de vida, e ele pondera que as passará batendo de porta em porta, com a cara cheia de fuligem, tentando convencer pessoas estúpidas a comprar um objeto estúpido para que ele consiga míseros 15 créditos para pagar o dia e poder continuar vivendo essa mesma vida estúpida amanhã.

Havia prometido a Roberta que, se conseguissem economizar por mais dois anos, poderiam tirar as primeiras férias, e passar um tempo no clima tropical da Antártida, observando os pássaros, cachoeiras, árvores. Roberta sonhava em conhecer um papagaio de verdade.

Aproxima-se do parapeito do edifício e retira a pulseira, que para de piscar. Em minutos uma equipe da Justiça Sanitária chegará. Ele já viu acontecer várias vezes, e lembra bem como é: o primeiro disparo apaga o sujeito na hora; o segundo, paralisa o coração; e, antes da morte cerebral, o cara já está em um saco plástico rumo ao crematório. Só avisam a família depois de o corpo já estar na urna, caso queiram buscar.

Joga a pulseira do parapeito e a observa cair até desaparecer dentro da nuvem cinzenta. Depois, fica olhando o topo

dos incontáveis prédios que emergem dela, como que testemunhando algo sagrado. Um bilhão de pessoas vivem naquela cidade; 32 bilhões de pessoas no mundo, e ninguém dará a mínima se ele morrerá hoje ou amanhã.

Esta é a única coisa que Toni ainda pôde decidir.





**Alexandre Baldasso Schossler** é psicólogo e mestre em psicologia. Vive em Porto Alegre desde que nasceu, em 1980. É um dos coordenadores do coletivo Gog Ideias ILTDA ([www.gogideias.com.br](http://www.gogideias.com.br)). Publica alguns textos quando a sua autocrítica dá uma cochilada.



## Fator Somático

TUDO PODE SER MEDIDO nos homens. Ou nas mulheres. Um metro e oitenta e três. Setenta e cinco quilos. Dez passos da cama para o banheiro. Cento e trinta e um mililitros de urina. Oitenta e dois batimentos por minuto. Seis piscadas para acordar. Nem um sonho.

Cinco dedos em cada mão. Uma impressão digital para acionar o botão e ligar o carro. Três quilômetros para chegar ao Departamento de Avaliação, Ajuste e Prescrição da BioData. Oito anos na mesma sala. Dois monitores de led, uma tela de celular e dois tablets. Duzentas e treze mil e quinhentas pessoas avaliadas. Trinta e cinco minutos de intervalo de almoço. Cem gramas de proteína, duzentos de carboidratos, trezentos e dez mililitros de água. Tudo registrado automaticamente no biomedidor de pulso.

Quatrocentas e quinze pessoas no saguão do departamento. Seiscentas polegadas de tela suspensa. Dois telediscursos diários. Um Líder da Mesura e Ação Social.

“A satisfação que encontro ao me dirigir a vocês, caros cidadãos, ocuparia toda a extensão deste discurso, se assim fosse possível. Hoje completamos quarenta e cinco anos da Reforma e da criação da BioData. Que época gloriosa! Vivemos mais e melhor do que nunca poderíamos desejar. A benção dos números que tudo registram mostra o caminho de uma existência plena. Uma vida transparente, que tudo conhece e em que nada falta. Enfim os homens estão em harmonia com a natureza e entre si. Ninguém possui mais do que precisa e todos sabem o quanto necessitam. Para além das cidades, as últimas florestas que sobreviveram seguem de pé. Tudo graças à adoção universal das medições individuais e irrestritas. Quão ignorantes éramos ao recusar a beleza dos números! Quão in-

gênuos ao não ceder à bioestatística! Houve um tempo impensável em que havia segredos, quando uma pessoa podia esconder de seus semelhantes um pedaço de pão a mais e ficar com dois. Engordar sem ninguém saber. A ganância que quase nos arruinou. Uma época de incertezas, de dúvidas, em que não podíamos confiar no outro, pois cada um tinha somente a sua palavra. Histórias sem dados, sem informação, sem verdade. Tudo isso acabou com a chegada dos biomedidores. Nos seus pulsos e por todas as casas, automóveis e edifícios, o biomedidor nos torna iguais. Livres para confiar em todos, livres para saber onde estamos, o que consumimos e o que nos espera ali na frente. Hoje celebramos mais um aniversário da Reforma. Que venham muitos outros mais!”

Noventa segundos de aplausos. Onze filas para os elevadores, vinte andares para cima. Um minuto extra no banheiro, uma língua queimada por três golfadas de ácido gástrico projetadas da boca para o vaso sanitário. Dois gramas extras de creme dental, uma pastilha de menta. Cinco segundos a mais por tarefa avaliativa na frente do computador. Três horas a mais no final da tarde para atingir a meta diária.

O carro não autoriza a ignição. Quatro milímetros a menos da taxa de abertura das pálpebras captadas pelo espelho retrovisor interno. Oitenta e cinco por cento de probabilidade de dormir ao dirigir de volta para casa. Quinhentos e vinte passos até a estação de metrô. Três lugares ocupados em cinco vagões vazios. Uma tela em cada banco. O segundo discurso do Líder da Mesura no dia.

“Um vida que não é medida não é digna. Devemos conhecer a nós mesmos e a todos. A soma de cada instante do dia de cada um cria o nosso imenso reservatório de informação. Aquilo que ousa chamar de fonte da eternidade, aquilo que autoriza as decisões que garantem o nosso bem-estar, o equilíbrio da nossa justiça. O que nos livrou do fardo de escolher o que fazer a cada momento e depois termos que justificar com histórias. Hoje sabemos o nosso lugar, cada dado coletado orienta o nosso passo seguinte, garante o nosso sono sem pre...”

A primeira vez que abandonou no meio um discurso do líder. Cinco minutos de sono, doze expirações por minuto. Um par de olhos verdes no assento de trás. Uma frase sussurrada no ouvido. Cento e vinte batimentos cardíacos por minuto, seis segundos a mais para abrir os olhos. Um vulto na plataforma do metrô, depois subindo as escadas em direção à rua. Vinte degraus, trinta e duas expirações por minuto. Um bar na esquina à esquerda.

Oitenta e duas pessoas espalhadas em bancos e mesas. Uma busca por olhos verdes perdidos vistos de relance. Três segundos para iniciar o aplicativo da BioData no celular, cinco segundos para fazer uma busca. Oito resultados de perfil compatíveis com o seu. Nem um com olhos verdes. Cento e quinze mililitros de destilado. Dez minutos sentado junto ao balcão, um minuto de conversa com a dona de um perfil noventa por cento compatível, duzentos gigabytes de informação trocada pelo aplicativo social, a linha de cor dos olhos indicava castanho.

Seis quilômetros até o seu apartamento. Cento e vinte mililitros de fermentado tinto. Vinte e três mililitros de saliva de uma mucosa à outra. Dois conjuntos de papilas gustativas friccionados. Noventa batimentos cardíacos por minuto. Vinte e dois mililitros de sangue bombeados para os corpos cavernosos, vinte e cinco inspirações por minuto. Mil e cinquenta e duas gotas de suor. Trinta inspirações por minuto, nove mililitros de esperma. Seis passos até o banheiro. Vinte passos até a cozinha. Cento e quarenta gramas de laticínio. Oito passos até a porta de saída, duas palavras de despedida. Quatro horas e trinta minutos de sono. *“Qual é a medida de uma vida?”* Uma lembrança, cento e vinte batimentos por minuto, um segundo para sair da cama. Precisava voltar a encontrar aqueles olhos verdes.

Quatro estações de metrô até o Departamento de Avaliação. Uma autorização de trabalho diária negada, ingestão calórica insuficiente. Um dia de trabalho descontado do salário. Teria esquecido de tomar o café da manhã? Seria a primeira

vez. Setecentos passos até a estação de metrô e uma lembrança persistente. Uma lembrança de algo que não viu. Ou de um passado não vivido.

Cinquenta assentos ocupados no vagão. Um sinal sonoro, três conjuntos de portas deslizantes. O mesmo par de olhos verdes no fundo do vagão, os únicos que não olhavam para as telas ou para o biomedidor. Empurrou três pessoas até conseguir ficar em frente a ela.

— Era você o sussurro de ontem? — ele disse.

— Não creio que é isso que você queria me perguntar.

— Quantos anos você tem?

— Pergunta errada.

— Quantas vezes pega esse trem por dia?

— Errado de novo.

— Qual o número do seu perfil?

— Errado. Tentamos de novo na próxima vez — disse, descendo do vagão para a plataforma.

Ele tentou segui-la, as doze pessoas que entravam no vagão fizeram com que perdesse quinze segundos tentando sair. Quando chegou à plataforma, não enxergou mais aquela mulher que já tinha encontrado duas vezes nas últimas doze horas e de quem não tinha um dado sequer a respeito.

Em casa, abriu o aplicativo da BioData para fazer uma busca mais abrangente. Aumentou o perímetro para trinta quilômetros. Incluiu o trajeto de metrô que tinha feito naquele dia e no dia anterior. Dois mil e quinhentos resultados. Nenhum era o que buscava. Ele olhava cada perfil atentamente, fustigava os interesses descritos, os hábitos de alimentação, os trajetos diários. Imaginava como seriam cada uma das mulheres por trás daquela soma de dados. Examinou todas as descrições, os pontos de afinidade com o seu próprio perfil, ampliou as buscas para níveis mínimos de compatibilidade. Em cada nova tela que se abria ele suspirava longamente, queria ter esperança, mas sabia que esse esforço era inútil.

O biomedidor de pulso indicava reduzido índice glicêmico. Era preciso comer ou perderia mais um dia de trabalho. Não

se importaria em ter mais um pouco do seu salário descontado, mas sabia que no departamento poderia ter acesso a uma base de dados mais ampla. Noventa gramas de proteína, cinquenta de lactose e cento e trinta de carboidrato. O suficiente para o dia seguinte. A tela suspensa da sala de estar ligou-se automaticamente para o segundo telediscurso diário do Líder da Mesura.

“Caros cidadãos, sinto interromper a semana de celebrações da Reforma com notícias terríveis. Nossos temores se confirmaram e devo informar que detectamos a presença de sujeitos desmedidos em nossa sociedade. Pensávamos que isso era um problema já extinto, uma vez que cada recém-nascido é presenteado com o chip interno e o biomedidor já na sua primeira hora, consagrando-se assim para uma existência plena. Mas, aparentemente, existem comunidades, além de nossas grandes cidades, de indivíduos desviantes, que se autoutilizam para viver em desordem, em dúvidas, incertezas, conflitos e disputas pelo mais básico da existência. Tudo para não se oferecerem ao nosso reservatório estatístico. Sabemos que uma sociedade justa é uma sociedade transparente. Aqueles que querem se esconder de seus semelhantes, certamente buscam corromper a ordem e destruir o nosso modo de vida. Estejam atentos! Esses indivíduos estão em nossas cidades, não entrem em contato com eles, não conversem e reportem às autoridades sempre que identificarem algo suspeito.”

Treze passos até o quarto. Nove segundos para se deitar. Seria possível? Por que alguém não gostaria de ter sua vida otimizada? Se era possível ter uma existência plena e justa, com recursos para todos e sem disputas por comida ou água, se isso era permitido pelo fluxo de informações individuais constantemente atualizado, por qual motivo alguém abriria mão disso? Viver livre de dúvidas, com relacionamentos otimizados, infalíveis, sem incertezas quanto ao que fazer ou consumir era o que sempre conhecera. Duas horas deitado sem dormir. Trinta e um anos de idade. Dois dias em que fazia perguntas a si mesmo e não conseguia responder. Um coelho escava o

chão árido, os dois primeiros arbustos são apenas folhas verdes, lembranças de um passado farto que nunca conheceu. O terceiro tufo de folhas revela um nabo seco menor que o punho de um bebê. A maior refeição do coelho em semanas. Quando consegue puxar o nabo e arrancar da terra, faz tanta força que se vira de barriga para cima, a tempo de enxergar o brilho do sol refletido no olho da águia que crava a ponta do bico no seu pescoço. No ninho no alto da montanha rochosa, o corpo ensanguentado do coelho foi dividido entre os três filhotes da águia que mais gritaram. O quarto filhote não conseguiu pegar nenhum pedaço e parecia não ter forças para reclamar. A mãe o tirou do ninho e o jogou rocha abaixo, sem ver o seu corpo se espatifar no chão.

Cento e trinta batimentos. Ele nunca havia sonhado. Não compreendia a sequência de imagens e a cada segundo passado, esquecia um detalhe. Procurou uma caneta para registrar algo de seu sonho, mas não saberia por onde começar. Anotou então os passos que deu para chegar ao banheiro, quantas vezes tossiu e o volume de água que usou para lavar o rosto, mesmo que isso tudo já tivesse sido registrado pelos biomedidores. Depois anotou quantos minutos ficou se olhando no espelho até esquecer o sonho.

O carro ainda estava na garagem do departamento. Duzentos e vinte passos até a estação de metrô. No segundo degrau antes de chegar às plataformas, lá estava ela.

— E então, queria me perguntar o quê? — disse a mulher de olhos verdes

— Você é um deles?

— Errado.

— Onde você mora? Como posso te encontrar?

— Errado e errado — virou-lhe as costas e começou a subir a escada para a superfície.

— Espera! — gritou, como se o volume de ar rompesse as cordas vocais e abrisse um vazio a ser preenchido. E depois, mais baixo: — Qual é a medida de uma vida?



Ela se deteve no topo da escadaria. Os olhos estavam ainda mais verdes. Percebeu que era a primeira vez que os via sob a luz do sol. Eles não tinham um aspecto cinzento como todos os outros que conhecia. Talvez porque não refletissem a luz de uma tela ou biomedidor. Olhou para os pulsos dela e viu que não tinham nenhum dispositivo aparente. Como saberia o que sentir? Ou quando descansar, ou comer? Ela percebeu o seu olhar, desenrolou as mangas até cobrir as mãos e disse:

— Venha. Agora sou eu que quero lhe fazer algumas perguntas.

Ele a seguiu em direção à rua e caminharam juntos por quinze quadras. Ela escolhia o caminho.

— Me conte uma história sua — ela começou.

— Claro, eu posso te transferir os dados do meu perfil para o seu...

— Não quero informações! Eu quero uma história.

— Eu não estou entendendo, tudo que você quiser saber sobre mim eu posso te enviar...

— Sim, eu sei. A fonte da eternidade, o reservatório do grande líder. Reservatório de merda, isso sim. Eu quero uma história, você não tem nada para me contar?

— Eu acho que ontem eu sonhei.

— É um bom começo.

— Mas não consigo lembrar de nada. Tentei escrever e não consegui. Por que você quer saber disso? Não tem importância, eu tenho mais coisas para falar.

— Mesmo? Então me diga.

Ele começou a acessar os registros de seu perfil da BioData e então percebeu que ela tinha parado de caminhar. Estavam na porta do prédio do Departamento de Avaliação, Ajuste e Prescrição.

— A soma dos seus dias dá uma vida?

— O quê?

— Já pensou quantas pessoas vivem como você? Quantos homens contam seus passos até o trabalho? Quantos contam as calorias ingeridas? Quantos conseguem uma foda através

de um algoritmo de compatibilidade? Quantos trabalham nesse mesmo prédio aqui? Todos eles pensam a mesma coisa? Você pensa como eles? Talvez, se você perder um dia de dados, possa somar com o dia de outro homem da sala ao lado. Seria a mesma coisa?

— Não sei como responder a isso...

— Vocês vivem contando e sendo contados. Vivem somando dados. Tudo em nome da deusa transparência. Mas o que você tem para contar? Que história sua pode ser contada? A soma dos seus dias dá uma vida?

— Eu certamente conheço muito mais dessas pessoas aqui do que de você. Eu posso saber o que quiser deles e eles de mim. Nós vivemos em conjunto e cada um tem a sua parte justa, nem mais nem menos. Não tenho que me justificar para uma desmedida! Você sabe que eu poderia te denunciar agora mesmo, aqui mesmo!

Cento e trinta batimentos por minuto. Vinte e duas expirações. Trinta decibéis acima da média no volume da voz. Setenta por cento a menos de umidade bucal.

— Sim, poderia. Mas qual história contaria? — deixou-o com essa pergunta e caminhou em direção à parte alta da cidade. Antes de dobrar a esquina, como ele ainda não houvesse desviado o olhar, ela se virou e completou — Ainda nos veremos de novo.

Noventa e dois passos para atravessar o saguão. Vinte andares acima até chegar à sua estação de trabalho. Quarenta minutos sem baixar de cem batimentos por minuto. Duas horas e zero avaliações concluídas.

Sua rotina era compilar os dados de alimentação dos trabalhadores das plataformas marítimas de dessalinização para poder prescrever a cota diária de alimentação. Era uma função importante. Desde a adoção universal dos biomedidores, as pessoas estavam de uma forma ou outra envolvidas na alocação de recursos. Nas cidades, era fácil distribuir os alimentos e a água, eventuais erros de prescrição podiam ser corrigidos rapidamente. Mas as plataformas de dessalinização estavam em

locais de difícil acesso, as remessas de recursos eram demoradas e caras. Qualquer erro era potencialmente desastroso, pois a única fonte de água potável eram as próprias plataformas. Os rios e lagos dos continentes haviam sido contaminados muitos anos antes dele nascer e ter o chip medidor implantado em seu pescoço.

Já tinha ido ao litoral quatro ou cinco vezes. Também conheceu alguns rios que despejavam uma mistura de água intragável e químicos que espumavam nas margens de areia preta, como um cão raivoso mordendo um osso queimado ao lado da fogueira noturna de um caçador nômade, que matou um cervo e decidiu sozinho o quanto iria comer, ou com quem dividiria o excedente. Mas nunca soube como era a vista nas plataformas marítimas. Como seria olhar para o horizonte e não enxergar terra ou prédios com janelas transparentes? Ele tinha na tela em sua frente os dados de alimentação, sono, passos, evacuação e masturbação dos trabalhadores da plataforma 115b. Conversariam eles sobre o que viam através das janelas redondas de seus cubículos-dormitório? Nas noites de tempestade, contariam os raios que cortavam o céu e rompiam a escuridão? Estimariam o volume dos vagalhões que lambiam as colunas de sustentação da plataforma? Ou se reuniriam no refeitório para se perguntar sobre qual fúria ancestral exibia o seu poder assim? Como se o trabalho de eliminar a existência dos homens ainda estivesse incompleto e eles soubessem que eram parte da última esperança ainda a ser reduzida ao nada. Pensariam naqueles que tinham abandonado para ir viver no azul profundo?

Diante dos dados da quantidade de proteína ingerida na plataforma 115b, ele quis saber mais. Quis conhecer a história de algum daqueles homens. Quem aceitaria um trabalho como aquele? Em quem pensavam quando olhavam para o azul infinito que viraria cinza depois de mil semanas em alto-mar? O que eles pensariam de um analista no vigésimo andar deste edifício que sabe o quanto cagou cada um deles dia após dia?

Uma chamada através da linha interna. Deveria ir à sala do Diretor Regional, preposto do Líder de Mesura. Trinta andares acima, sessenta metros quadrados a mais em média por estação de trabalho. Oito lugares lado a lado ocupados na mesa de reunião. Foi sentado no lado oposto. Não precisava do nome ou cargo dos outros sete. O download foi feito automaticamente para o seu perfil. O Diretor Regional começou a falar.

— Notamos mudanças no seu padrão comportamental nos últimos dias, estamos preocupados. Um dia inteiro de trabalho não realizado. Alimentação insuficiente. Picos de taquicardia. Poucas horas de sono. Esqueci algo?

— Não, senhor — mentiu e criou o seu primeiro segredo. Acessara a rotina e os dados daquelas oito pessoas em detalhes, podia saber o quanto tinham comido de manhã e quanto tempo demorariam para chegar em casa. Eles não sabiam que tinha sonhado. Nem o que tinha causado o aumento dos batimentos. Não imaginavam quantas perguntas vinha se fazendo desde aquele primeiro encontro no metrô, desde aquelas primeiras palavras sussurradas. Estes eram seus semelhantes, iguais na transparência. Porque então se sentia mais próximo de uma mulher de quem conhecia somente a cor dos olhos?

— Muito bem. Essas anomalias estatísticas como a que você está vivendo podem estar relacionadas a encontros com ideias ou pessoas nocivas à nossa ordem social. Você entende o que quero dizer?

— Sim, senhor.

— Foi o que aconteceu?

— Não, acho apenas que posso estar indisposto por algo que comi. — segunda mentira, mesmo segredo.

— Trabalhar no departamento é uma grande honra. Uma posição de visibilidade, com tudo que isso carrega. Como você sabe, o Líder de Mesura já detectou a presença de indivíduos desmedidos em nossa cidade. É uma questão de tempo para que eles entrem em contato com nossos funcionários, com vocês. Quando o fizerem, o líder irá declará-los terroristas, pois o

único objetivo deles é se aproximar do Departamento para corrompê-lo por dentro. Veja, eles são inimigos da ordem e da justiça. Não querem um sistema que funcione e conheça a todos para melhor servir. Nem quero imaginar como eles desejam que os recursos sejam distribuídos, se não acreditam em um sistema de medição e controle. Quando algum deles o abordar, e tenha certeza que eles irão fazê-lo, você terá uma escolha. Tenho confiança que fará a opção correta.

Trinta andares abaixo. Duas telas na sua frente. O sistema de ventilação do prédio fora programado para disponibilizar a quantidade exata de ar para que todos respirassem sem esforço, mas ele subitamente estava sufocando, inspirava o vazio e seus pulmões se retorciam como cheios de água. Levantou-se e derrubou o teclado e os papéis espalhados sobre a mesa. Não esperou o elevador. Desceu os vinte andares pela escada, algumas vezes pulando dois ou três degraus ao mesmo tempo. Não contou quantos foram. No saguão, olhou pela primeira vez para as pessoas que entravam e saíam das imensas portas de vidro transparente. Alguma delas teria alguém próximo na plataforma marítima? Um irmão, um pai?

O ar na rua também pareceu insuficiente para encher os seus pulmões. Percebeu então que a dificuldade para respirar não era pela falta de ar no ambiente. Algo faltava, agora, dentro dele. A soma dos seus dias não o preenchia mais. Podia continuar contando em números tudo que fazia e ainda assim estaria vazio. Mesmo assim, sentia que algo dentro dele tinha que ser colocado para fora. Olhou para o biomedidor, a saturação de oxigênio estava dentro dos parâmetros normais. Subiu a rua na mesma direção que a mulher de olhos verdes havia escolhido horas antes. Tinha mais perguntas, precisava saber, precisava falar.

Caminhou por calçadas infinitas. Todos os prédios, lojas e casas possuíam um esqueleto de aço revestido com vidro translúcido. Monumentos à transparência. Tudo estava exposto. Então, deteve-se, arregalou os olhos e não precisou do bio-

medidor para saber que atingira a maior amplitude de abertura ocular em muitos anos. Ela estava lá, esperando encostada num carro azul marinho com o paralamas traseiro riscado.

— Está pronto? — ela disse.

— Como você sabia que eu viria? O que você quer comigo?

— O que *você* quer? Não tem tudo o que precisa?

— Eu... Eu não sei. Não consigo mais responder às perguntas que me faço. Hoje olhei para a pilha de dados no Departamento e tudo estava normal. Então comecei a me perguntar quem eram aquelas pessoas nas planilhas. Elas me conheciam? Eu as conhecia? Qual era o nome de uma delas, apenas uma?

— Venha. Quero lhe mostrar algo.

Entraram no carro e percorreram dez quilômetros em silêncio até um ferro-velho. O portão abriu quando ela fez um sinal de luz. Dirigiram por entre torres, montanhas de carros e de carcaças metálicas empilhadas. Duas, quatro ou vinte curvas até chegarem a uma clareira. Um grupo grande de homens, mulheres e crianças os aguardava. Desceram do carro e foram recebidos com olhares curiosos. Ela ganhou palavras de recepção e saudade. Três homens amontoavam pedaços de madeira no centro de fileiras de almofadas dispostas em círculos concêntricos.

A luz do sol já não era mais tão visível, escorrendo somente pelas frestas de algumas janelas retorcidas das carcaças de carros que os circundavam. Logo começaram a servir aquilo que descobriu ser o jantar. Frutas, pães e carne assada. Os pratos eram coletivos e todos se serviam sem consultar nenhum biomedidor.

— Como podem ter tanta comida? Como sabem o que comer? Como têm esses recursos sem biomedidores?

— Vocês, mensurados, acham que vivem em um mundo ordenado. *Otimizado* pelo seu líder. Vai se surpreender em ver quão fácil é mudar um zero aqui, uma vírgula ali, e encaminhar um lote inteiro de maçãs para outro lugar — um velho de óculos grossos, sentado ao lado da mulher de olhos verdes, respondeu a pergunta que ele pensou ter feito em voz baixa.

— Então vocês são terroristas, mesmo? Querem destruir a rede de distribuição justa? Não sabem que os recursos são escassos e a BioData é que permite que ainda existam humanos como nós?

— A humanidade acabou quando o primeiro biomedidor foi inserido! — o tom do velho agora era ríspido. — Um punhado de carne reduzido a um petabyte de números! Isto é uma vida?

— Esta é uma noite de celebração. Teremos tempo para conversar sobre isso depois — interveio a mulher de olhos verdes.

Os pedaços de madeira foram acesos em labaredas que buscavam as estrelas para além daquele amontoado de metal retorcido e aqueciam aquele grupo de estômagos satisfeitos, que agora se reuniam em torno da fogueira. Ele obedeceu ao velho e sentou-se na primeira fileira. O velho foi o primeiro a falar.

Todos o ouviram em silêncio enquanto contava sobre um homem que tinha uma macieira no jardim. O homem cuidava da árvore e tinha um filho. As frutas eram distribuídas para os vizinhos. Até o dia em que um deles exigiu mais maçãs. O homem deu-lhe duas e disse, coma uma e enterre a outra. O vizinho comeu as duas frutas e demandou mais. O homem deu-lhe novamente duas maçãs com a mesma orientação. O vizinho comeu as duas e pediu mais. O homem negou. O vizinho matou o filho do homem como vingança. O homem derrubou a macieira e enterrou o filho no lugar.

Depois do velho, mais pessoas se levantaram e cada uma contou uma história diferente. Ouviu sobre crimes e amores impossíveis. Sobre dragões e princesas. Sobre filhos que abandonaram mães e sobre cidades inundadas. Sobre reis justos e cavaleiros sanguinários. Quando a fogueira virou brasas, o velho fez sinal para que se levantasse.

— Conte-nos uma história — disse.

— Eu não posso, não sei...

— Vamos, não estaria aqui se não pudesse.

— Bem, existem dois milhões de plataformas...

Vaias interromperam a sua frase. O velho fez sinal para que silenciassem.

— O volume de água que é dessalinizada por dia é... — mais vaias

— Aqui não nos importamos tanto com números, por que não nos narra um sonho? — falou a mulher de olhos verdes, quase num sussurro.

Ele encheu o pulmão de ar e expirou palavras. Contou sobre um pai que saiu de casa de madrugada, foi ao quarto do filho de dois anos para se despedir e disse que viajaria para longe para garantir o seu futuro. Disse para o filho lembrar-se dele sempre que a água da chuva batesse na janela ou que as lágrimas rolassem pelo seu rosto, pediu que contasse cada copo de água que bebesse, pois ele estaria sempre ali. O filho cresceu e não prestou mais atenção à chuva. Seguiu somando números, mas não chorou mais. Esqueceu que tinha tido um pai.

Seis mililitros de lágrimas. Dois minutos de aplausos. Duzentos abraços. O último mais quente e demorado. Um par de olhos verdes.

— Você entendeu o que fazemos aqui? O fogo nos reúne e as palavras nos marcam. Não nos interessam os números. Deixe o líder com a sua fonte. Nós queremos histórias. Medimos a vida aqui pelo que conseguimos narrar e lembrar.

— Eu tenho a minha vida, preciso voltar.

— Sim, todos temos. Não vivemos aqui. Estamos por toda parte. — disse a mulher de olhos verdes.

— Pensei que queriam que eu sabotasse a rede, a base da BioData.

— Se essa for a sua história, assim será. Não vê? As pessoas vem aqui pois querem contar algo. Querem ouvir algo. Números não contam nada. Pessoas narram.

— Por que me escolheu?

— Foi você quem escolheu.



Quando o levou de volta para a cidade, ele pediu para conhecer o apartamento dela. Era tão comum quanto qualquer outro que já tinha visto. As janelas de vidro do chão ao teto, como todas as outras. Tiraram as roupas um do outro com as luzes da cidade buscando cada contorno de pele revelado. Conheceu o corpo de muitas mulheres, antes mesmo de tê-los a sua frente reconhecia cada um deles através de trezentos pontos biométricos de perfil. Agora só contava com dedos, lábios e língua para conhecer o corpo dela. Buscou os olhos verdes, viu no pescoço uma pequena cicatriz antiga. O gosto do suor dela era menos salgado do que tinha imaginado. Pensou no que sentia falta e imaginou se um dia poderiam encontrar juntos algo para ser narrado diante do fogo.

Dormiu e sonhou com um rio azulado que ganhava velocidade até desaguar numa cascata escondida por uma vegetação de verde tão profundo que se confundia com o cinza das pedras.

Quarenta minutos de sono REM.



**Ana Cláudia Martins** é doutoranda em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem contos publicados em algumas antologias e revistas e foi finalista no concurso Brasil em Prosa promovido pela Amazon.



## À la Darwin

— SIM, DOUTORA, mas tenho medo que isso aconteça. Eu não me importo em fazer outros exames. Só quero garantir que tudo esteja bem comigo e com o bebê.

— Tu sabes que o próximo exame programado é daqui a um mês. E se encontrarmos alguma anomalia, a gravidez pode ser interrompida legalmente.

— Eu preciso de certezas.

— E vais ter na hora certa. Até a próxima consulta. Tenta ficar tranquila. É melhor para vocês dois. Qualquer coisa que precisares, marco uma consulta e resolvemos juntas e se necessário com as advogadas da clínica. Cada nascimento é um evento único e muito importante para nossa comunidade. Eu garanto que podes ficar tranquila, há mais de setenta anos que não vemos um bebê de sexo heterogamético.

— Prefiro que nunca mais falemos esse nome.

Ela entra no carro, aciona os comandos até sua casa e recosta a poltrona da direção. O carro se posiciona em um dos vagões livres e tem suas luzes desligadas. Pelo horário, deve esperar uns quinze minutos até que todos os vagões estejam preenchidos. Quando isso acontecer, ela levará mais dez minutos para chegar no estacionamento do bairro onde mora e, então, de dois a cinco minutos até ser levada para a garagem interna da sua casa. Isso depende da disponibilidade das motoristas do bairro.

O horário de movimento dos bairros é oposto ao da cidade. Quando a cidade está calma é por causa do grande movimento nos bairros. A clínica fica no departamento de saúde da cidade, lugar que, independente do horário, tem grande fluxo de pessoas. É a única região que tem clínicas médicas, claro, sem contar com as clínicas clandestinas que algumas mulheres aca-

bam procurando para interromper a gravidez mesmo quando os exames saem favoráveis.

A cidade tem um único bairro em que os trens não passam: o bairro dos últimos homens. Algumas mulheres se arriscavam a ir até lá, ilegalmente, já que apenas quem mora no bairro poderia entrar e sair. Essas mulheres estavam procurando algum parente perdido na época da separação. Na grande maioria avós ou pais. Poucas mulheres tiveram o direito de permanecer ao lado dos maridos e pais. As muito novas foram realocadas nas casas de parentes, tias ou primas para que não houvesse o perigo de ficarem dependentes de algum homem. A verdade é que muitas delas não têm nem sequer memória de um corpo masculino.

Nanu sabe que está grávida de um menino. Ela sabe tudo o que tem que fazer para enganar os testes. A sua preocupação exagerada é apenas para distrair a médica. Ela não fez exames de imagem ainda, mas tem convicção. A introdução da nanocâmera acontece apenas depois de quatorze semanas de gravidez. A sexagem fetal feita a partir do exame de sangue é muito aprimorada e garante 99,9 de exatidão. Como então ela burla esses exames? Bom, ela é biocientista, uma das mais renomadas do novo mundo. Uma das principais agentes na Revolução Sexual de 2042. A fórmula criada para acabar com a existência dos homens tem códigos genéticos modificados e aprimorados por ela.

Sim, essa é a sua motivação. No início parecia ser a única opção para as mulheres. Não se podia mais ver as notícias: uma mulher morta por um homem, um companheiro, um marido, um namorado, um amigo, um pai, um avô, um padre, um médico, um policial, enfim, não tinha um grupo de homens qualquer a salvo, ou melhor, as mulheres não estavam a salvo de nenhum homem. A figura masculina causava pânico. Era no mínimo um sinal de alerta, como um fugitivo e, claro, eles eram muitos, então, ainda precisavam coexistir com eles. Colegas de trabalho e chefes eram os mais comuns. O afastamen-

to foi gradual, mas persistente. Em 2030, a grande maioria dos países tinha lideranças femininas, nos grandes cargos e nos menores, ficando mais fácil a revolução.

A verdade é que os homens não conseguiriam nunca imaginar um mundo sem as mulheres, mas elas, tanto conseguiam como sonhavam com esse mundo e construíram uma realidade quase perfeita sem eles. Talvez algumas delas diriam que só não foi perfeito porque não conseguiram erradicar todos e isso deixou uma abertura para falhas. Nesse momento, Nanu está grávida de um erro. De uma aberração. Mas não podemos pensar que ela está mentindo por conta de um amor maternal que se instaurou nela. Não! O que a move é a ciência e essa é a sua filha única.

Ela ajudou a criar uma arma química que dizimou quase metade da população. Para uns o que aconteceu foi uma evolução à la Darwin. Os homens de repente ficaram fracos e as mulheres imunes. Ela e outras mulheres sabem a verdade e, para ela, essa verdade é torturante. Ela foi conivente com os assassinatos ou mais do que isso. Mas a sua consciência não permite assumir a verdade por completo.

A gestação ia bem até esse momento. Ganhava o peso adequado, os níveis de ferro estáveis e as reações esperadas como enjoos e fadiga sob controle. Os planos para o parto estavam encaminhados, o parto seria feito em casa, por duas doulas certificadas e autorizadas pela Associação da Medicina Neonatal. O que não constava nos autos é que essas duas tinham feito visitas mensais ao bairro dos últimos homens. Nanu sabia e ameaçou denunciá-las se elas não fizessem tudo conforme comandasse.

O parto seria em casa, registrado no domínio dos nascimentos, o bebê levado até a assistência social seria outro, com o mesmo código genético que está sendo gestado no primeiro exo-útero funcional, criado por ela há anos para esse fim específico. Cientificamente essa gestação é um exemplo da evolução da biotecnologia, sendo a primeira tentativa de clonagem

humana de um embrião modificado geneticamente. O único detalhe é que ninguém poderá ficar sabendo. Nem as revistas médicas, nem os prêmios científicos, nem as mulheres sem útero.

Quando Nanu começou o processo de produção do exo-útero teve que burlar diversas leis, tanto da antiga lei dos homens quanto das novas leis das mulheres. É provável que tenha burlado alguma lei universal nesse processo. Ela não se importa com leis. Mulheres como ela têm passe livre no novo mundo. Esse é outro erro das novas leis. Com toda essa permissividade, as falhas são mais prováveis, previsíveis. Os bebês seriam trocados na hora do exame e ninguém desconfiaria de nada. Muito menos dela, uma heroína para o governo.

No entanto, os planos de Nanu têm uma falha. Ela não pode prever toda uma existência humana. Ela deposita nesse novo menino toda a variabilidade do projeto. Ela não poderá controlá-lo para sempre e nem em tudo. Mesmo que ele aja conforme o esperado, sempre haverá a possibilidade de algum desvio. Ela sabe disso. E sabe também que essa é a única chance de alguém fazer isso, nenhuma outra mulher terá o poder de mudar tudo tão cedo, outra vez.

Após algumas semanas ela retorna ao consultório para fazer o exame de imagem. Essa é a fase mais delicada do plano, pois exige movimentos coordenados. Ela chega, se deita na maca, posiciona as pernas no local indicado. A médica abre uma pequena caixa com uma cápsula envolta em uma proteção esterilizada. Dentro dessa cápsula está uma pequena câmara que deverá ser introduzida com o auxílio de um injetor. A médica se prepara para a inserção e, nesse momento, Nanu está com o celular nas mãos, fingindo que vai gravar as imagens no monitor. Pede licença para fotografar a caixa com a cápsula com o intuito de descobrir o código de acesso da câmara, impresso na parte externa da proteção. Sente um gel sendo colocado na entrada da vagina. Esse gel ativa o mecanismo e faz com que o deslocamento seja efetuado de forma orgâni-



ca. Nanu se prepara para acionar a câmera antes da médica, que está digitando no controle de monitoramento o código de acesso. Nanu consegue a entrada primeiro, por alguns segundos de diferença. A médica insere o injetor em Nanu que finge sentir desconforto e assim há um recuo e um pedido de desculpas. Ela diz que está tudo bem, só foi um estranhamento. É respondida com um “é comum essa reação”. Nanu está tendo dificuldades em trocar o vídeo da câmera e enviar ao sistema a gravação feita de um outro exame. As imagens que as duas estão vendo é realmente a do corpo dela – a entrada do perímetro, o colo do útero avermelhado são de Nanu, o que a deixa muito preocupada.

Nesse momento, a médica percebe a ansiedade de Nanu e diz:

— Está tudo bem aqui dentro. Olha a cabecinha dela, os olhos. Espera que vou ligar a luz para vermos melhor.

— O bebê parece menor do que eu imaginava, desconversa Nanu.

— Está do tamanho correto. Vamos ver o que interessa.

— Sim, não vejo a hora.

— Olha a vagi... Espera um pouco. Vou aumentar a luz. Parece um pênis, não pode. Não pode.

— Como?

Nanu se desespera e aperta o botão de desligar a câmera.

— Tem algo errado! A câmera se desligou, vou religar. Pode ser que ela não esteja boa, acontece pouco, mas algumas têm defeitos.

Enfim, consegue fazer o upload do vídeo e acelera até a chegada ao útero. Nele, a médica fala outra vez “vamos achar o que interessa”. Ela passeia pelo útero e diz que os comandos estão um pouco lentos — ou será que é o vídeo que está lento, se pergunta Nanu. Afinal está fazendo o mesmo percurso, mas não seguindo os mesmos comandos. Nanu não tem certeza, não reconhece o próprio útero. Nesse momento a câmera revela outra vez o órgão. É uma vulva, minúscula, mas uma vulva.



**Ana Luiza Rizzo** é gaúcha e mora em Porto Alegre.



## #NoWay

DOIS APITOS ESTRIDENTES e intermináveis a arrancam do pesadelo, e a sensação é de alívio, um alívio enorme.

Mas dura apenas o entretempo do saltar da cama e do lavar os olhos com a água gelada. O barulho ainda soa nos seus ouvidos e a taquicardia está de volta, ainda pior, em efeito rebote. E a dor no peito. E a dificuldade de respirar. Pensa em acionar o consultor artificial no grupo, mas já sabe o que ele vai dizer: dois apitos indicam pânico; se fosse ataque cardíaco, como todos temem, o sinal seria um único bipe curto.

Certo, é apenas pânico, Maria confirma para si mesma.

E, então, assusta-se de novo. Não deveria se lembrar das orientações do consultor. A norma de convivência oficial para todos os moradores do continente Yy é acordar a cada dia sem reminiscências de qualquer espécie. A única memória permitida consiste em recordar que as memórias não são permitidas.

Qualquer informação que necessitasse poderia ser acessada no LWF. Foi como ela agira até aquela manhã, deixando o cérebro disponível apenas para os conteúdos relacionados ao trabalho na fábrica, livre de armazenamentos inúteis. Portanto, aquelas imagens que surgiam e escapavam, como no esconde-esconde online com os colegas da Escola à Distância, a tornavam uma infratora das regras sociais. Sente-se muito estranha. Uma outra Maria se materializa em seus pensamentos. Dá ordens, diz o que deve fazer e, o mais grave, exige que se lembre do pesadelo.

Apesar do coração a mais de 100 batidas por minuto, consegue se concentrar. Entra no LWF com o comando de pensamento-chave e acessa o protocolo de emergência, previsto para situações como esta.

Novo susto: antes de se conectar às orientações, dá-se conta de que sabe o que fazer. Contar até dez. Nível de dificuldade indicado: fácil. Então, por que não consegue? O coração quer saltar pela boca, tem certeza de que vai morrer. Só ela se sente incapaz?, a pergunta escapa em voz alta. Óbvio que não, responde a imagem da assistente gerada pelo LWF. Deve ter uns 25 anos, cabelos pretos e curtos (Maria nunca tinha reparado que as respostas sempre vinham de alguém da mesma idade e com o mesmo aspecto físico de quem estava perguntando). Reveja os depoimentos de vídeo para esta circunstância, continua a assistente. Sim, parece fácil. Basta aguentar até o quatro.

Funciona. No cinco, o coração volta ao normal. Maria veste o conjunto cinza, passa o batom sem se olhar no espelho, e desce para pegar o café com leite na máquina. Não sente fome, mas o portão do prédio não abre sem isso. A distância dali até seu posto de trabalho corresponde ao tempo exato de que precisa para engolir o líquido marrom claro.

Senta-se na cabine acoplada à impressora 4D (alguns postos de trabalho ainda eram presenciais para garantir um mínimo de atividade física diária), e, gesto contínuo, uma cena do pesadelo surge em sua cabeça, como um relâmpago. Muito clara. Provavelmente a mesma que fez seu coração disparar os dois apitos. Se não se controlasse, eles soariam de novo.

Por que isto agora?

Essa pergunta simples normaliza seus batimentos cardíacos, o que representa um paradoxo, ela pensa. Perguntas eram totalmente contraindicadas pelo LWF. Mas não deveria ter consciência disso. Tranquiliza-se ao pensar que somente naquele ano de 2083, conforme prometido na campanha governamental, os comandos cerebrais passaram a ser cem por cento automatizados. Um processo que levou décadas até a totalização, e que representa muitos avanços em relação aos primeiros sistemas operacionais para apagamento de lembranças. Hoje, por exemplo, os bebês já nascem com o LWF incorporado. A nanomolécula-mãe é conduzida por laser à placa neural, na terceira semana de gestação, e o Life Without Fear

se desenvolve naturalmente a partir do tubo neural, como um componente natural do sistema nervoso. Não é mais preciso implantá-lo na primeira hora após o parto, como aconteceu com as pessoas da idade de Maria. Foram necessárias duas gerações para alcançar este nível de excelência. Sua avó foi a última pessoa na família a ter acesso livre às lembranças.

Claro! O pesadelo foi com a avó. Sim, ela falava algo. Maria não entendia uma palavra. Seria uma língua morta?

Vovó está morta?

Não tem ideia. Bom, pelo menos nesse ponto o LWF, mesmo sendo um modelo intermediário, não está falhando.

O coração dispara novamente e os dois apitos soam mais alto que o normal. Maria consulta o LWF para saber o que significa. Pensa em entrar no grupo para ver o que dizem os que já passaram por essa situação, porém a lembrança da avó é mais forte e agora consegue compreender: no sonho, ela pedia que desligasse o sistema. O que é impossível. Foi nesse ponto que se tornou pesadelo. Maria tentou seguir a avó e tudo virou neblina.

Sim, a avó já morreu.

Os apitos continuam soando, cada vez mais alto. Basta que conte até dez, no entanto decide que quer continuar pensando nela, mesmo com aquele som muitos decibéis acima do tolerável.

Gostaria de lembrar o que aconteceu, se houve velório, enterro, missa de sétimo dia. O coração desacelera, a dor afunda o peito, mal consegue respirar. Sabe que não é um ataque cardíaco. Quer rever a avó, mas tudo que consegue recordar é do próprio rosto. Será parecida com ela? Não tem como comparar. As fotografias estão proibidas, desde a primeira versão do LWF, implantado na geração da sua mãe.

De repente, silêncio. Maria olha em volta. Todos nas cabines de trabalho concentrados nas impressoras 4D. Óbvio, somente a pessoa ouve seu apito de pânico, ninguém mais consegue calcular que o coração do outro está quase arrebatando. A lógica do LWF é justamente essa, a total independência.

O silêncio é estranho, tão atordoante quanto os apitos que ouvia há pouco. E, como saberá em instantes, é a quinta vez que lhe acontece.

Ainda pensa na avó. Ela estava dormindo no sofá da sala. Maria tinha seis anos e chegava para o almoço. Que estranho, nessa hora ela costumava estar na cozinha preparando a comida. Sacudiu-a e soltou um grito. O toque da pele gelada em sua mão corre agora, de novo, por todo seu corpo. A vovó decidiu morrer, explicou-lhe a mãe.

Maria chora, abraçada às próprias pernas. E na sequência, não ecoam apitos, mas uma notificação do Departamento Vital, direto no seu pensamento:

“Nosso Sistema Algorítmico de Saúde acaba de identificar que a usuária Maria 20580506 atingiu o número máximo de avisos de pânico. O SIA autoriza o LFW a incluí-la no Programa de AutoEletrochoque. Ao final da sessão zero, as lembranças acionarão automaticamente os eletrochoques. Se, após qualquer sessão, houver recordações residuais, preencha o protocolo de solicitação de ajustes, acessando **#NoWay**. A sessão zero iniciará em cinco minutos.”



**André Roca** é mestre em Escrita Criativa pela PUCRS e doutorando em Escrita Criativa pela UFRGS. Formado em jornalismo e letras, é um dos coordenadores do coletivo GOG Ideias ILTDA [www.gogideias.com.br](http://www.gogideias.com.br), onde dá aula, e também é editor-assistente de Porto Alegre em GaúchaZH e Zero Hora. Passou antes pelas redações de clicRBS, Terra e GloboEsporte.com. Tem contos e ensaios publicados em coletâneas como *Não culpe o narrador* (2018), *Translações Singulares* (2017), *Antologia Um* (2017), *Ciências Contáveis* (2017) e *Onisciente Contemporâneo* (2016), esta última resultado da Oficina de Criação Literária ministrada pelo professor Luiz Antonio de Assis Brasil.



# Apocalipse

ENTÃO NUMA NOITE, numa rua qualquer, já não sabe o que são aqueles reflexos que usam antigas vitrines para se esconder, furtivos ao olhar desviado. Com uma arma na mão, caminha, arrastando os pés.

Por todos os lados, pedaços de uma cidade que já não é esperam a poeira baixar para apresentar o cenário do amanhã. A fumaça não deixa ver muito além.

Ele não sabe para onde ir. Só vai. Segue em frente por uma larga avenida com escombros que agora tomam o passeio público. Restos de prédios, de automóveis, de perspectivas.

O chão fica íngreme, cansativo. O caminho logo se mostra bloqueado por uma montanha de concreto, aço e vidro. Ele nota uma escadaria à esquerda e outra, à direita. A primeira está arruinada. Uma cratera e ferro retorcido o impediriam de passar nas condições atuais de ambos. A outra, com exceção do parapeito, ainda está firme. É pela direita que ele chegará ao topo.

Mas subir dá trabalho. Ele se senta. Olha para a M1911. Não sabe quantas balas ainda carrega. Só precisaria de uma, afinal. Se for para acabar com tudo de uma vez, ela estará ali, à espera da explosão que a expulsará pelo cano a duzentos e quarenta e quatro metros por segundo. Tem dúvidas sobre a melhor posição, se na têmpora ou na boca, ou se o ângulo faria diferença. Bem no meio dos olhos também era uma alternativa, mas a posição não favoreceria o puxar do gatilho.

Uma revoada de pássaros rompe o silêncio e faz com que ele aguçe os ouvidos para outros sons, como o da placa de metal em que vai pisar logo mais. Empoeirada, um tanto retorcida e com os escritos virados para baixo. Um pé por vez no mesmo degrau. Um passo lento para o lado. Pega-a sem pressa, o alumínio toca o aço da pistola. Passa a mão. As luvas que usa têm os dedos cortados. Desvira a placa: Hotel Everest.

— Ei!

Leva um susto.

— Ei! — repete a voz.

Joga-se atrás de uma pilastra, mão suada apertando o punho da arma. A respiração ofegante.

— Calma, rapaz! Estou desarmado. Preciso passar por esta escada. Não queria te pegar de surpresa.

Breve silêncio.

— Amigo. Só preciso passar. Ok? Estou indo devagar. Tenho uma criança comigo. Aqui, à esquerda. Calma.

A silhueta da dupla surge.

— Calma! Só queremos passar, ok?

A pistola está pronta. Espera não desperdiçar balas.

O homem está agora a menos de três metros.

— Só queremos passar, amigo. Calma.

Eles se olham. Aquele homem é tão familiar. Um velho de rosto cansado, a testa enrugada e a barba branca, com uma menina de uns cinco anos. Ela se esconde atrás do adulto ao ver a arma.

— Nós só precisamos passar, Augusto.

Quem é Augusto?, foi o que ele perguntou, mais assustado do que antes.

— Quem?

Ele tinha certeza. Ouvira o nome Augusto. Precisa saber por que fora chamado assim.

— Desculpa, o moço deve ter escutado mal. Só precisamos passar. Por favor. Tenho que levar essa menina para longe daqui.

Mas ele tinha certeza.

— Por favor. Não sei quem é Augusto. Olha, me chamam Santos. Esta é Catarina. Qual o seu nome?

Não responde. Não sabe, afinal. A única certeza que tem passa pelo dedo indicador da mão direita. Ao menos uma bala deve ter para enfiar na cabeça daquele velho que resolveu brincar com ele. A criança não duraria muito tempo sozinha. Mas também não é problema seu.

— Só queremos passar. Por favor.

A pistola segue apontada.

Eles se olham.

A menina também lembra alguém que já conheceu.

Observa o velho pegar a criança e indicar que vai descer. Há uma firmeza no olhar. Ambos sabem que a arma não será usada. Sem pressa, homem, criança e fumaça agora são a mesma coisa.

— Não vá pela esquerda, Augusto! — ainda ouviu.

Filho da mãe, pensa, antes de retomar a subida e de pisar em uma placa de metal. Não se sente no topo do mundo.

Já no alto, não vê como acolher a sugestão. À direita, teria de escalar uma pilha de escombros que não mostrava o fim. Em frente, a descida seria um caminho cheio de entulhos e focos de incêndio, desaconselhável a quem não está nas melhores condições. Só pode mesmo ir pela esquerda. Ou voltar.

Por que deveria dar atenção àquele velho louco? Queria mesmo era saber onde estava, e lamenta-se por ter deixado a tensão paralisá-lo há pouco.

Caminha sem pressa, tentando reconhecer algo em volta, mas nem o letreiro indicando o nome de uma fruteira nem o único muro de pé em que estava escrito Garagem Duque de Caxias lhe diz algo de relevante sobre o lugar.

Que dia esquisito. Nem sequer se lembra de como havia começado, mas acredita que não pode ficar muito pior. Isso foi pouco antes de escutar uma música ecoando dos escombros de uma igreja. Escala a pilha de destroços, tira uma madeira aqui, outra pedra ali. O solo de guitarra embala os trabalhos. Um heavy metal bem propício ao cenário. Puxa mais uma pedra, outra tábua, pedra. Até que vislumbra um braço brotar daquele canteiro de morte. A mão veste uma luva como a dele e segura uma Colt 45.

Encontra o rádio.

Espera a música terminar e o desliga. Precisa economizar as pilhas.

Sob os efeitos nostálgicos e analgésicos do som escutado há pouco, nem repara na trilha de sangue que pinta a rua por onde passa enquanto tenta se recordar do nome da banda que tocava aquela música.

Enxerga a luz de uma fogueira. Enfim, não é um foco de incêndio. Há pessoas em volta. Anima-se com a possibilidade de alguém ali ter comida, bebida. Quem sabe um mate, mas isso seria devaneio. Preocupa-se em ter baixado tanto a guarda. Será que já foi visto?

— Ei! — diz ele, repetindo a abordagem do velho e pedindo para se aproximar.

Um homem cozinha qualquer coisa dentro de uma lata. Outro está sentado, olhos fixos no fogo, rosto sujo. Uma mulher olha para ele sem esperança.

— Não temos nada para dividir.

Ele mostra o rádio.

Ela pede o aparelho. Liga-o e troca de estação. Uma mensagem em castelhano diz a hora certa e, logo depois, uma mesma frase gravada: “Hola, estamos transmitiendo desde Uruguay. Todos son bienvenidos aquí. Montevideo resiste! Nadie suelta la mano de nadie!”

Meio-dia.

Está tão escuro.

Quer saber que lugar é aquele.

— Porto Alegre.

Não entende. Pergunta em que região da cidade.

— No Centro. Aqui era o Gasômetro.

Ele apura o olhar. Anima-se. Busca no horizonte o ponto em que as águas do Jacuí deveriam se juntar às do Guaíba. Navegando, poderia chegar mais rápido ao Uruguai.

Mas não há sinal de embarcações, ou barulho de água. Apenas um cheiro forte de putrefação.

— Por onde você andou?

Não sabe. E enquanto tenta entender como o lago poderia estar seco, o nome da banda surge ao natural: Apocalipse.

**Andrezza Postay** é natural de Caxias do Sul, graduada em Psicologia e Mestre em Escrita Criativa pela PUCRS. Mais do que esses dados que fazem referencia ao presente e a um passado que encosta no hoje, a autora acredita que o que melhor define as pessoas são suas paixões. A paixão dela está na escrita. Enxerga narrativas em todos os lugares, nas pessoas, pausas, espaços, movimentos. Entende que o mundo está cheio de histórias por vir.





## Três quadras e virar à direita

ARTHUR ACHA BOBO, mas minha mão dói e isso significa que algo ruim vai acontecer. Quando eu tinha 5 anos, minha irmã fechou a porta do carro na minha mão e quebrei três ossos da palma. Lembro do médico grisalho e comprido em um jaleco branco, a única cor nele vinha do nariz vermelho. Era inverno, bem mais frio do que hoje, e o médico disse pra minha avó que eu ia ficar bem e a única sequela seria dor quando esfriasse. Equívoco da parte dele, oscilações de temperatura não têm relação alguma com a dor que eu senti no dia em que fui demitida do meu primeiro emprego, nem com as fisgadas agudas mais recentes de quando minha sogra descobriu que estava com câncer, ou com a confusão que foi o dia em que nos mudamos pra casa deles há dois anos, pra dar um apoio. Meu sogro é um homem muito difícil.

A vantagem dessa mudança foi que tudo ficou mais perto, a casa de estilo alemão é bem simpática e ajeitada, mas parece fora de lugar entre o cinzento dos prédios e lojas, bem no centro da cidade. Agora, posso ir e voltar a pé do trabalho e almoçar em casa, sem precisar correr. São só três quadras pra cima e, então, virar à direita.

Pensar em casa não ajuda a aliviar a dor. Esfrego a palma esquerda, subindo do pulso até a base dos dedos em uma massagem circular. É uma dor estranha, aguda, como uma cãibra, só que no osso. Ela vai e vem e enferruja meus dedos, estalo um por um. Arthur achava engraçado esse hábito de aliviar as juntas com estalos, mas agora diz que é irritante. Ele anda estressado desde que nos mudamos e essa é a grande desvantagem: perto dos pais, meu marido é outra pessoa.

A dor faz a mão pesar, abrir e fechar não está funcionando, movimentar machuca. Abraço a mão contra o peito, está quase

na hora do almoço, vou colocar minha tala quando chegar em casa. Não achei que fosse precisar dela hoje. A dor começou ontem à noite, um pouco antes do Jornal Nacional, quando anunciaram que o presidente, internado há meses, não sobreviveu a uma cirurgia. Ficamos os quatro encarando o fim da novela em silêncio, ninguém sabia o que falar. Meu sogro levantou e desceu com um rádio pra garagem. Foi aí que a dor veio. Ele é muito intolerante. Arthur sabe disso e sabe o quanto as opiniões do pai dele me incomodam, ele está sempre no meio, tentando apaziguar os ânimos, fazer com que nenhuma tensão seja percebida pela minha sogra, mas ela vê tudo e sofre quieta. É uma casa tão bonita, mas tão tóxica. E, às vezes, eu penso sobre como vai ser um alívio quando ela morrer. Eu amo minha sogra, mas o câncer não é justo com ninguém.

Houve fogos, gente comemorando a morte do presidente, sem se dar conta de que o vice é pior do que ele. Há dois anos, eu e Arthur conversaríamos sobre isso, mas não dessa vez. Ele só me abraçou na cama, a cabeça no meu peito, a mão no meu ombro, um silêncio tenso, porque a morte de um tirano não significa mudança pra melhor, só incerteza. Talvez essa dor seja ansiedade, aperto as costas da mão com o polegar, cravando uma unha abaixo do dedo médio, não a ponto de rasgar a pele, mas na esperança de que uma dor anule a outra. Não funciona. Não estou conseguindo trabalhar direito, ninguém nota, então tudo bem, sorte ser sócia do escritório e ter minha própria sala.

Não faz parte das minhas funções notificar ausências, mas saindo pra almoçar percebo a quantidade de ilhas vazias, mesmo ao meio-dia, não deveria haver tantas. A sala da minha parceira está com a porta aberta, vazia, como quando cheguei de manhã. A secretária não está, mas isso é normal, ela aproveita o almoço pra ir ao banco e fazer tarefas externas pro escritório.

Sigo com a mão esquerda contra o peito, a direita dando suporte pro cotovelo. O elevador está vazio, mas por algum motivo o botão do térreo está aceso. Estranho. Espero descer escorada perto do espelho, analisando umas manchinhas que

apareceram em volta da boca, tenho que lembrar de usar protetor com mais frequência.

A mesinha do porteiro está abandonada, mas a sensação de vazio desaparece quando saio do prédio. Tudo bem que trabalho em uma das ruas principais, mas tem muito mais gente aqui fora. Talvez esteja acontecendo algum protesto, não cheguei a entrar na internet de manhã por causa dos projetos que precisava acabar. Devo ter perdido alguma coisa. Tiro o celular do bolso.

*Chegou bem no trabalho?*

A mesma mensagem repetida 6 vezes.

*Ninguém atende no escritório.*

*Está tudo bem?*

*Manu?*

*Atende o celular, Manoela.*

18 chamadas perdidas do Arthur.

Respondo que estou indo pra casa. Poderia ligar, mas odeio falar ao telefone e são só três quadras e virar à direita. Chego em cinco minutos. Tenho vontade de abrir o Twitter pra descobrir se está tendo alguma manifestação, mas minha mão está doendo e eu só quero ir pra casa. Um grupo de pessoas vestidas de verde dobram a esquina correndo, um encontrão no meu ombro derruba meu celular, antes que eu consiga guardar na bolsa. Eles gritam algo que é difícil de entender porque tem gente batendo panela e outras pessoas estão mandando eles à merda e puta que me pariu, mais um esbarrão, não dá nem pra ajuntar o telefone. Ainda bem que nenhum deles pisou no aparelho. Agora, meu ombro dói também.

Limpo o celular na calça e o enfio no bolso, sem ver se está funcionando ou se Arthur respondeu. Só quero sair do tumulto. Os gritos verdes vão ficando menores, mas mais gente passa gritando e esses não dizem nada, são só gritos de boca aberta, esvaziando os pulmões. Uma entregadora dos correios observa a cena com a boca entreaberta, o olhar vidrado, segurando uma caixa contra a barriga, fecho minha própria boca, devia estar fazendo a mesma cara. Volto a andar apressando o

passo, olhando pra meus pés, contando os segundos até chegar na esquina. A primeira quadra foi.

Mas então paro de novo porque um cara está afiando uma estaca de madeira com uma faca atrás de um canteiro e é impossível não encarar. E ele tá tão concentrado que nem percebe, mas eu percebo que sou a única pessoa parada e volto a andar. Carros formam longas filas, o trânsito não anda, mas ainda tem gente tentando cortar caminho, alguns motoqueiros se enfiando entre os carros e pessoas correndo no meio da rua, batendo em capôs, buzinas competindo com a gritaria. Alguns carros estão vazios. Eu não julgo, também abandonaria meu carro se estivesse no meio desse caos. Só quero chegar em casa. Espero que Arthur esteja bem.

Tiro o celular do bolso, já estou na metade da quadra, passando por uma parada de ônibus. Tem uma mensagem dele, mas não dá tempo de abrir, alguém passa correndo e arranca o telefone da minha mão. Não vi quem foi, mas grito CARALHO! pras pessoas atrás de mim, porque que raiva e porque esse barulho todo dá vontade de gritar também QUE MERDA É ESSA? minha mão lateja. Tento estralar os dedos, mas não consigo, estão travados. E então vejo fogo pelo canto do olho, o ônibus que estava parado bem ao meu lado está em chamas, pessoas saem correndo, as janelas estouram com o calor. Quero fugir, mas não consigo.

O cheiro de plástico derretido e fumaça é muito forte e é a tosse que faz com que eu caminhe. Meu coração bate acelerado em um compasso estranho, acelera e pausa, acelera e pausa e, quando pausa, falta ar. No meio de toda a gritaria e do fogo que faz um tectectec e se agita com o vento, ouço disparos. Um homem de cabeça raspada e sobrancelhas grossas brande uma arma, não sei se está atirando pra cima, ou em alguém, não dá pra ver direito, meus olhos ardem e quanto mais esfrego, mais embaçada fica a minha visão. Preciso chegar em casa, tirar as lentes de contato, achar minha tala, falar com Arthur.

Queria que ele estivesse aqui agora. Ele não é grande coisa, magrelo, sempre de óculos, alguns centímetros menor do

que eu. Mas me sinto segura com ele, ou me sentia. Desde a mudança ele está diferente, baixando a cabeça sempre que o pai fala. Às vezes, esqueço que ele é meu marido e não uma criança.

O barulho dos disparos continua e eu finalmente me situo, estou indo em direção ao tiroteio, que está acontecendo no fim da segunda quadra. Só mais uma e então virar à direita, aí vou estar em casa. Acelera acelera e para. Posso pegar a direita agora e desviar dos tiros, mas eu não sei o que vou encontrar se fizer isso. É tanto barulho. Decido seguir o caminho de sempre, tem gente vindo da direção do homem careca, eles conseguiram passar.

AGORA É CADA UM POR SI

As palavras dos outros vão tomando forma.

LARGA MÃO, MEU, VAI ACABAR SE MATANDO TAMBÉM

Alguém grita pra um adolescente que se pendurou no homem com a arma, os tiros vão pra todos os lados. Me agacho atrás de um carro, junto com uma mulher que abraça uma criança, não tinha reparado em nenhuma criança ainda, mas agora não consigo desver. São várias, chorando dentro dos carros, olhando pelas janelas, algumas sujas de cinzas, uma com as roupas rasgadas e sujas de sangue. Toda essa cena faz lembrar das reportagens sobre os refugiados, alguns meses atrás nosso país era um lugar seguro e agora...

Um barulho de batida e muitas buzinas, eu e a mulher que abraça a criança trocamos um olhar.

— O que houve? — arrisco perguntar. Ela não responde, não sei se me ouviu, mas ela olha pra minha boca, então tento de novo. — Ontem, o presidente morreu e saí do trabalho agora... o que está acontecendo?

— O povo quer o controle, mataram o vice. Estão incendiando todas as câmaras.

— O quê?

Ela fala rápido, olhando pros lados, com medo. Eu entendo, também estou apavorada.

— Alguém sugeriu separar o país por bancadas, reforma territorial. Cada um quer se defender, moça. — ela chora enquanto fala. — Tá tudo acabado.

A mulher vira o rosto pra longe e abraça a criança que eu já não tenho certeza se está viva ou morta, ânsia de vômito, se tivesse comido, vomitaria. Minha mão boa treme quando me apoio na calçada pra levantar, não consigo mais ver o homem da arma, nem o adolescente que pulou em cima dele. As buzinas continuam e eu aproveito pra correr, desviando dos carros e tropeçando nos meus próprios pés, até chegar do outro lado da rua. Só mais uma quadra, e então virar à direita.

Mais tiros vêm de cima, alguém dentro de algum prédio. Meus ouvidos já não sabem mais distinguir a direção dos sons. Decido tirar as lentes de contato aqui mesmo, enquanto caminho, não é difícil, deixo uma cair no chão, a outra aperto entre os dedos, tentando me focar em algo além do cenário de guerra. A última quadra é uma lomba e meus passos são largos, nunca fiz tanto esforço pra chegar em casa, os músculos atrás das minhas coxas ardem e uma pedra passa voando do lado da minha cabeça. Acelera acelera para. Outra pedra, menor, acerta minha nuca, ao mesmo tempo em que meus pés deslizam sobre algo escorregadio e eu vou pro chão, caio meio de lado, batendo o ombro na calçada.

Sangue, eu escorreguei numa poça de sangue. Vomito uma água amarga, lágrimas escorrem pelo meu rosto, não sei se estou chorando, ou se é só o esforço de vomitar. Eu só quero minha casa. Fico deitada no chão, minha bochecha empapada de sangue, saliva e ácido do meu estômago. Só mais um pouquinho, mais meia quadra. Mas meu corpo não quer se mexer. Pessoas passam apressadas e se não sair daqui vou morrer pisoteada e parte de mim quer desistir. Estou cansada. Queria minha outra casa, nosso apartamento. O que passamos meses procurando, o que mobiliamos do nosso jeito, longe do centro, num bairro mais tranquilo. Quero abrir a porta do apartamento e ver todas as nossas coisas intocadas, nosso relacionamen-

to intocado, dois anos no passado, antes ainda das eleições, antes do câncer, antes do sogro que é o próprio câncer.

Fico de joelhos, engatinho alguns metros, corpos no chão, levo dois ou três chutes de pessoas que não me veem, antes de conseguir levantar. Não sei onde está minha bolsa, se levaram de mim, ou se deixei cair. Vou mancando até a esquina, acho que tirei o joelho do lugar, pôr o pé no chão é quase insuportável, mas até que é bom, finalmente uma dor que supera a da mão. Consigo ver a casa e eu tinha razão, a dor sempre vem acompanhada de uma catástrofe. Quero dizer isso pra ele: eu tinha razão, não é superstição boba, é verdade.

Viro à direita, ele está na janela do segundo andar, ele me vê, grita alguma coisa, acho que é meu nome, escuto a voz dele “Manoela”, não preciso ouvir pra escutar, sei o timbre exato, mesmo sem óculos, tenho certeza que é ele. Então vejo meu sogro na garagem aberta e ele está acendendo alguma coisa, tem fogo nas mãos dele, acho que é um isqueiro. E de repente é a casa inteira, incêndio que se alastra e o andar de cima colapsa sobre o primeiro.

Arthur.

Eu tinha razão, eu tinha razão, acelera acelera acelera para.





**Andrioli Costa** é jornalista natural de Mato Grosso do Sul e pesquisador de folclore e imaginário brasileiro. Desde 2015 edita o site de divulgação folclórica *O Colecionador de Sacis*, que reúne artigos, entrevistas, vídeos e podcasts sobre o tema. Foi autor e organizador da trilogia de antologias *Mitografias: Mitos Modernos, Mitos de Origem e Mitos de Trindade*, sendo a primeira vencedora do prêmio Le Blanc em 2017.



## Retomada

ESTAVA TUDO A POSTOS, quando Ramiro entrou na oficina. Os bloqueadores térmicos ocultavam a assinatura de calor de todo o andar, evitando visitas surpresas da Patrulha. A cadeira gravitacional, com chassi eletrônico raspado, não podia ser detectada nem pelas Seguradoras mais truculentas. Até mesmo os drones de apoio, ligados somente a uma rede interna, já não faziam mais aquele bipe clássico, a cada movimento. Corria pela rádio-peão — a frequência secreta usada pela Revolução — que os Ministros haviam concedido uma liminar permitindo o rastreamento dos drones ilegais através do som. Pelo sim, pelo não, melhor prevenir. Arthur era realmente um profissional.

O engenheiro acompanhou em silêncio a chegada de Ramiro, sentindo a tensão na mandíbula se intensificar. Secou as mãos suadas nos joelhos e levantou de supetão.

— Senta aí. Vou te fazer uma água.

Ramiro não pode evitar o sorriso.

— Está nervoso, compadre? Justo você, que sempre foi ponta firme...

Em silêncio, serviu a erva moída na guampa de N3LoR3. O mate segurava os resíduos mais sólidos e os nanorobôs da bomba elétrica — quase um canudo de metal — liquidavam os microrganismos. Era, afinal, a única forma de obter água potável naquela terra. Com a bebida pronta, Arthur a esticou com firmeza para o amigo.

— Não vem de graça para cima de mim, o assunto é sério. Já falei, senta aí. E vê se bebe essa merda, que a noite vai ser longa.

Dessa vez, obedeceu. Puxou a água salobra pela bomba até ouvir o ronco. Torceu a cara; estava ruim até para o padrão.

Foi a vez de Arthur sorrir.

— É a anestesia. Eu sei, eu sei... Fica por conta da casa. Você já vai ser morto pela Patrulha do Ministério mesmo. Não quero ver meu compadre bater a alcatra na terra ingrata, justo aqui da minha oficina.

Ramiro agradeceu com um abraço — que pegou o compadre de surpresa. Era chegada a hora. Sentou na cadeira gravitacional de frente, como quem faz uma tatuagem e, a um comando, liberou o braço direito. As placas de metal que o recobriam chiaram com o escape da pressão, afrouxando sua posição. O campo de gravidade segurou o braço elevado, sem forçar o corpo do paciente. A dor da cirurgia já seria o bastante, e não era sem motivo que muito soldado preferia ficar com o braço descompassado a fazer outra *sobreposição cromada* ao longo da vida.

— Se segura que agora o bicho vai pegar.

Os drones começaram o procedimento. Com uma mão em forma de pinça os robôs seguravam as placas de metal enquanto, com um laser cirúrgico, descolavam camada por camada do braço de Ramiro, expondo carne e circuito. Ele deixou escapar um grito, imediatamente silenciado pelo amigo. Precisavam ser discretos.

— Ah, meu velho... Como a gente chegou nesse ponto... — lamentou Arthur, monitorando o trabalho dos assistentes autômatos.

Ramiro sentia a visão pretejando, a cabeça pesada. Não podia gritar, mas também não era hora de entregar os pontos. Precisava estar consciente, mostrar que podia.

— Tudo... tudo começou com uma carta...

— O quê?

— Fica quieto, homem! Deixa eu falar.

O compadre entendeu. Podia ser uma boa estratégia para distrair da dor.

— Tudo começou com uma carta. E de suicídio. Foram 120 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Os Ministros da época mandaram que saíssem da terra das suas famílias, onde

estavam enterradas gerações dos seus. Eles se recusaram, disseram que preferiam se matar a ir embora dali.

A palavra suicídio chamou atenção de Arthur. Ele continuava monitorando a cirurgia, mas com os ouvidos atentos.

— E o que aconteceu com eles?

— Morreram mesmo.

Silêncio. Só se ouvia o chiado do laser e a respiração pesada de Ramiro.

— Quem escreveu essa carta, meu velho?

— Foram indígenas, compadre. Aqui... da nossa terra.

O homem engoliu um novo grito, quando o engenheiro perdeu a mão e errou um comando, cortando fundo demais.

— Homem do céu... Você não sabe que índio é coisa de folclore? Isso é história para boi dormir, rapaz!

Ramiro engasgou no riso ao ver o amigo exasperado.

— Tá vendo! — insistiu Arthur. — Você sempre foi meio tarová mesmo... Um retardado de marca maior. Só sabe dar risada.

— Diga lá, compadre. Você sabe a origem dessa palavra aí, *tarová*? Ou daquele mate moído que a gente usa para beber água?

— E eu sei lá! Minha família fala, todo mundo usa... O que tem a ver?

Os drones descolam a última placa. Justamente a maior, com o emblema da Milícia Militar. O bíceps, em carne viva, contraía-se em espasmos de dor, enquanto o metal era solto. Ramiro precisou de um tempo para recuperar a compostura. Continuou.

— Não é o tipo de coisa que a gente aprende no Templo, né? Para os Ministros, se não tiver a ver com Deus ou com eletrônica, não serve de nada. Mas eu descobri... e é real. Os povos indígenas, tudo...

— Isso é ridículo. E como a gente não sabe disso? Onde estão esses índios hoje?

O engenheiro dispensou os drones, que voltaram para seus carregadores no fundo da sala. Preferia ele mesmo fazer as no-

vas instalações, e dessa vez não tinha como ser diferente. Foi pegar o material, enquanto o amigo continuava a falar.

— Foi há uns 150 anos, compadre. Eu não sei explicar o que aconteceu, mas sei o porquê. Eles não tinham o que fazer, não conseguiam enfrentar os Ministros. Escolheram partir... Aque-la comunidade que eu falei foi a primeira. Outras seguiram. De uma hora para outra, todos se foram. A gente só aprende no Templo sobre a história dos Missionários, parece até que o Brasil nasceu ontem. Mas esse povo todo que estava aí desde sempre, que testemunhou a terra engatinhando... Todos mortos...

Arthur parecia contrariado. Voltou com as peças da nova cobertura para o braço de Ramiro — que não era mais de metal — e começou a aplicação manualmente. Precisava se concentrar, mas ainda assim quis saber de onde o amigo havia tirado aquilo tudo. A descoberta veio de uma missão de reconhecimento. Um terremoto tinha revelado o que parecia ser a entrada de uma construção ancestral, submersa nas águas radiativas dos lagos gêmeos, Prosa e Segredo. Ramiro foi sozinho, a ordem era explodir e liberar a área. Foi um acidente que o fez cair dentro do prédio e entender o que era aquilo.

— Era um museu. Um museu dos povos indígenas, compadre. Estava tudo lá. Toda a história, para quem pudesse ver. E tinha estátuas, fotos também. Eu vi como eles eram. Eu vi que eles pareciam...

A pausa foi estratégica. Ele queria toda a atenção do amigo.

— Pareciam com o quê? Desembucha, rapaz.

— Estou só esperando você terminar esse braço. Vai que eu falo e você tem um chilique de novo e me lenha todo?

O engenheiro se fez de injuriado. Ramiro deixou o sorriso morrer e assumiu um tom mais sério.

— Preste atenção, meu amigo. Essa é a coisa mais importante que eu já descobri. É o que mudou tudo e me fez tomar essa decisão. Quando eu vi as fotos dos indígenas... Sabe com quem eles pareciam?

Ele não sabia.

— Conosco.

Ramiro mentalizou um comando e transferiu a memória para um dos drones, que projetou a imagem. Ali estavam aqueles homens, mulheres e crianças de antigamente. A pele morena avermelhada, os olhos pequenos e amendoados, o nariz largo, os cabelos escuros. Era como olhar num espelho. Arthur se pegou procurando traços do seu rosto naquelas feições ancestrais.

— Nunca se perguntou, compadre, por que os Ministros são tão diferentes de nós? Eu sei que já. Mas para a gente as coisas sempre foram assim, não é verdade? É até difícil pensar em um mundo diferente. Eu quero poder mostrar que isso é possível. Que já foi diferente e pode ser outra vez.

— Por isso o braço novo?

— Por isso o braço novo.

Ficaram em silêncio por um tempo. Arthur processando a informação recebida, Ramiro decidindo os próximos passos. As mãos do engenheiro trabalhavam rápido, mesmo com o cérebro ausente. Quando percebeu, estava pronto.

— Eu entendo tudo o que você me contou, compadre. Mas você sabe o que o Templo vai pensar sobre essa sua invenção. Barro! Justo o barro? Vão dizer que você está... sei lá, brincando de Deus!

Ramiro respondeu sorrindo. Estava feito, não havia mais retorno. Sentiu o empuxo da cadeira gravitacional retrocedendo e experimentou o braço novo. Modelado por ele mesmo, com argila colhida nas margens dos lagos gêmeos e tratada para eliminar as toxinas. A preta para dar forma, a vermelha para o polimento. Alisou cada uma das peças encaixadas nos seus músculos com as próprias mãos, sentindo a potência do ato. O barro branco entrou por último, desenhando rendas e flores na pele da terra carmesim. A queima foi em uma das fornalhas de Arthur. Uma homenagem a um dos povos descobertos no museu. O braço de ferro não fazia mais parte de seu corpo, agora era a cerâmica antiga que lhe dava força.

Agradeceu o amigo com um novo abraço, apertando com mais força que devia. Ainda precisava se acostumar. Arthur devolveu o abraço, desta vez. Um aperto de saudade antecipada; tinha medo do que aconteceria com o velho amigo. Desertores da Milícia não costumavam ter vida longa, ainda mais com um estandarte vermelho daqueles para chamar atenção.

— E agora, compadre? O que vai fazer?

— Vou despertar nossos irmãos. Eles têm direito de saber.

Arthur ainda não estava pronto para dar o braço a torcer, mas havia sido cativado.

— Eles apagaram os nossos da história, meu velho. Fizemos os descendentes esquecerem sua origem. Esquecer quem somos. Já naquela época, não era fácil, muito indígena descobria sobre sua própria cultura lendo sobre como ela era antes. Eu me sinto meio assim... Quero desvendar o mundo que me esconderam. E aí de quem ficar no meu caminho.

Seguiu em direção à porta, os dedos de cerâmica tilintando em ansiedade.

— A retomada começa agora, meu irmão.

E você, vem comigo?



**Caroline Joanello** nasceu em Encantado, interior do Rio Grande do Sul, em 1985. Publicitária não praticante, é mestre em Escrita Criativa pela PUCRS.



## Apenas caminhe, como sempre

DOMINGAS CAMINHA e o suor escorre pelo seu pescoço, pois sabe que a pequena carga já está em sua mochila, colocada ali por uma pessoa que ela não conhece, num momento do dia que ela não consegue dizer. Viu o embrulho de veludo azul no fundo do bolso do meio quando foi guardar seus potes de marmita. Fechado com um laço preto. Uma joia.

Há três dias ela fora contatada por um número desconhecido. Seria acionada a qualquer momento: todos os dias, deveria revisar o conteúdo da sua mochila. Se o embrulho estivesse lá, era hora de agir. E se eu não conseguir, perguntou ao número. Apenas caminhe, como sempre. Na hora você vai conseguir. Uma estranha ter tanta confiança e certeza na capacidade dela pesava muito mais do que poderia pesar sua pequena carga, que a empurra Andradas abaixo.

Poucos anos atrás, se não havia liberdade para carregar aquilo de um lado para o outro sem preocupações, ao menos o assunto ainda podia ser debatido. Houve uma votação. Chegou a haver uma aprovação momentânea, logo revogada. Após um dos muitos protestos dos quais participara, numa noite úmida, quando uma garoa fina, porém arredia, servia de desculpa para sentar-se numa mesa de bar e tomar algumas cervejas, Domingas admitiu que nunca havia chegado nem perto de uma transação do tipo.

— Eu sim — dissera sua prima. — A amiga de uma amiga. Fruto de estupro.

Na mesa, fez-se silêncio. Logo cortado pela chegada de pastéis de queijo. A prima não havia abaixado o tom de voz, ela sempre tivera muita certeza do que considerava ser o certo. A

mulher tem que ser dona do seu corpo, dizia, a mulher tem que ser dona do seu futuro.

A prima que foi detestada pelos três namorados de Domingas. Que saiu de casa aos 14 anos de idade.

A prima que contava coisas à Domingas, coisas que ela não sabia que existiam ou nunca havia se dado por conta antes de conversarem. Copinhos. Relações abusivas. Salários menores para cargos iguais.

A prima um ano mais nova do que ela, cem anos mais sábia.

Um vento morno sopra, secando um pouco a pele. São seis da tarde de uma quinta-feira de verão, e as ruas estão vazias. Em um dia comum, estaria acostumada com o vazio. Ele foi chegando aos poucos, de forma que ela quase nem percebeu. Há cinco anos, talvez até menos do que isso, seria um horário de muito movimento. Pessoas saindo do trabalho em bando, ocupando as ruas atrás do melhor preço, fazendo um lanche, antes de seguirem para casa ou para o curso noturno. Hoje, Domingas caminha por uma Andradas quase deserta, passando por uma ou outra pessoa, os passos apressados, olhares de reconhecimento, pois são as mesmas de sempre, as mesmas que conseguiram manter seus empregos e precisam seguir suas vidas o mais anonimamente possível, para evitar as estatísticas: desde o último censo, a população no país havia reduzido em quase 15 por cento.

Mais da metade das lojas está fechada e as que seguem abertas oferecem promoções e descontos agressivos. Um pouco antes da Borges, uma loja de calçados infantis queima o estoque para fechar as portas de vez, e uma pequena fila se aglomera na entrada, o segurança anuncia que aguardem, só entra se sair alguém. Pelo pouco que pode ver através da fresta de porta aberta, Domingas desconfia que a loja está tão vazia quanto a rua.

Na sua rotina diária, passou a dividir o Centro com desabrigados, que vão para ali em busca de um local calmo para

dormir, já que é inútil esperar por alguma esmola. Chegam da mesma maneira que desaparecem: numa quinta-feira pela manhã, podem estar acomodados, com colchão, lençóis e uma casinha plástica para o cachorro; ao entardecer, não resta mais sinal de que algum dia estiveram ali, salvo o pé esquerdo de uma bota gasta, porém ainda utilizável. Ela se pergunta que pressa é essa a fazer alguém sem nada deixar para trás o par de um pé de botas em estado razoável. A prima com certeza saberia.

Em uma tarde de verão seco, Domingas e a prima estavam passando as férias escolares na casa da avó, no interior. O suor escorria enquanto pedalavam, uma mais rápido do que a outra, com força e velocidade para em seguida fazer esforço nenhum, e sentir o vento morno batendo em seus rostos, enquanto os músculos das coxas formigavam com o relaxamento, a pele secando, a bicicleta seguindo, primeiro veloz, depois um pouco menos, até a sensação boa ir embora e o esforço ser necessário uma vez mais.

Atrás da casa da avó havia um rio, mas a pedra que as agradava ficava a um bom par de quilômetros de distância. Largaram as bicicletas assim que saíram do acostamento, adentrando a pé o mato conhecido, o mamoeiro de sempre, cada dia maior, a urtiga que devia ser evitada, o ninho novo de pardal que parecia sempre ter estado ali. Tudo banhado pelo som da água corrente logo mais abaixo, onde ficava a grande pedra quente que comportava as duas deitadas, a uma distância mínima da água, o que facilitava uma lavagem para abaixar a temperatura, antes de se acomodarem.

Nem bem tinham conseguido uma posição confortável, a prima tirou da mochila um pequeno caderno amarelo. Era uma agenda do ano anterior, ela explicara. Encontrara num balaio em promoção e comprara mesmo assim porque era difícil achar alguma coisa naquela cor que não tivesse a foto de alguém molhado na capa. Ela anotou alguma coisa e, como se

a anotação tivesse despertado um interesse específico, quis saber quantos filhos Domingas pretendia ter. Ela pensou um tempo, enquanto pedia calma à prima que exigia uma rápida resposta. Anda, ela dizia.

— Eu acho que quero ter três. Quatro, se um dos três der em gêmeos. Primeiro, meninos, depois uma menina, pra que ela tenha os irmãos mais velhos cuidando dela quando forem maiores.

A prima não disse nada, apenas encarou a página da agenda. E tu, quis saber Domingas.

— Eu acho que eu não ia gostar de ter marido.

— Você pode adotar. A Xuxa adotou.

A prima riu. Guardou o caderno de volta no bolso da mochila.

— Claro que não. A filha dela é dela mesmo.

— Para. Tenho certeza de que é adotada.

A prima puxou fundo o ar e, no tempo desse suspiro, o ruído da água foi ficando cada vez mais forte, e mais forte, e mais forte, e falar parecia custar um esforço tão grande, que Domingas nem se importou por não ter sido corrigida mais uma vez quando, semanas mais tarde, descobriu pela tevê o seu engano.

Não é seguro andar pelas ruas desertas, mas Domingas sabe que teve muita sorte. Sorte por ter conseguido manter o emprego de auxiliar de escritório numa empresa que em poucos meses despencou de grande para médio porte, mesmo tendo perdido qualquer chance de promoção, sorte por morar numa região para a qual as linhas de ônibus ainda não haviam sido desativadas, sorte por, apesar de tudo, não ter sido associada às atividades da prima. Sorte adquirida por ter permanecido quieta quando tudo começou a sair de controle. Sorte e vergonha.

Por isso, Domingas segue caminhando, como sempre. Deve fazer tudo como sempre: sair no mesmo horário, caminhar até

o Centro, descer pelas mesmas ruas, entrar no mesmo beco, onde esperará pelo mesmo ônibus que todos os dias a deixa em casa. A única diferença é que, antes de chegar à parada, encontrará aberta uma porta que sempre esteve fechada, entrará, colocará o saquinho de veludo dentro de um saco maior, de lixo, que estará esperando por ela atrás de um vaso grande com uma planta murcha, e sairá batendo a porta atrás de si.

Assim, sem ver ninguém e sem ser vista.

E deve ser assim, pois a punição para o caso de ser descoberta é bastante severa: de 10 anos de cadeia à sentença de morte por injeção letal. Pena estipulada há pouquíssimo tempo, bem depois de ela ter se comprometido. Bem depois, também, de aprovada a lei de impunidade para policiais civis e militares que matassem em serviço, ou da instituição da pena de morte.

A cidade animada pelo Grenal estava barulhenta e as duas caminhavam pela rua sem conseguir conversar, abafadas pelos motores ansiosos, as buzinas e os gritos que respondiam às buzinas, em chiste ou aprovação. Mesmo que conseguissem, porém, não o estariam fazendo. A prima desanimada não engajava em nenhuma conversa. Andaram até os jardins do Departamento Municipal de Água e Esgoto, sentaram-se na grama alta, o mais distante possível da via, tentando isolar-se no silêncio. Domingas estendeu as pernas a frente e a prima deitou com a cabeça nas suas coxas, recebendo de olhos fechados um cafuné. Permaneceram assim até que o jogo começou e a movimentação diminuiu.

— Não faz sentido — a prima disse.

— Não faz sentido — ela respondeu.

— Não faz sentido que a gente lute tanto, faça tanto protesto, texto, reunião, abaixo-assinado, carta, denúncia, estudo, ONG, mais protesto e nada surta efeito nenhum. Eles sempre vencem. Quando a gente derruba um, quando um desaparece, outro pior surge no lugar. Eu devia ser mais que nem tu, viver minha vida na minha, sem me importar com nada.

Domingas fez um movimento brusco e sentou-se em cima dos calcanhares, forçando a prima a levantar também. Quem foi que disse que ela não se importava com nada? A prima tentou remendar, não havia sido aquilo o que ela queria dizer, mas na verdade havia sido sim, Domingas sabia. Sabia que se mantinha em um afastamento seguro, deixando para pessoas mais corajosas a tarefa de se impor diante de um governo cada vez mais forte, menos humano, pessoas essas que escasseavam, um tipo ao qual a prima estava tentando deixar de pertencer, sem sucesso e com muita frustração, pois ia contra a sua natureza. Mas saber de tudo isso não tornava menos dolorido o reconhecimento em voz alta, a afirmação.

Ao dobrar a esquina do beco, seu coração começa a bater com mais força. Por um momento pensa em fingir que não sabe de nada, ir para casa, despejar o comprimido na privada. Mas há uma mulher, em algum lugar, que precisa dela. Domingas não sabe quem é, nem seus motivos, mas abortos não são realizados em festa. São perigosos, doloridos, traumáticos.

Ela identifica a porta aberta, mas passa reto, senta-se um pouco na barra de ferro da estrutura da parada vazia. Inspira e expira para tentar acalmar os nervos. Respira a história das mulheres. Caminhando, como sempre, sempre em frente, apesar de. Não seria ela a interromper a Grande Caminhada.

Volta os poucos passos até a porta e, ao atravessar o umbral, encontra tudo como fora descrito: o vaso grande, a planta murcha, o saco de lixo. Rapidamente, retira o embrulho da mochila e o coloca no saco, mas não chega a dar as costas, muito menos a largar o saco de volta no chão.

— O que você está fazendo?

Uma mulher uniformizada bloqueia sua saída. Parece ser da limpeza e tem os olhos arregalados de alguém que vai ser punida pela ação de uma desconhecida.

— Estou colocando



- Como você entrou?
- A porta estava
- Você não pode estar aqui.

A mulher pega o saco da mão de Domingas, nem esse saco deveria estar aqui.

Um ruído alto de motor a diesel cresce e passa pelas duas, e Domingas empurra a mulher porque ali não é região de se perder o ônibus, meu ônibus, corre, entra, senta-se perto da janela do lado oposto a tudo, não consegue respirar, o ar não entra e nem sai. Força uma inspiração, depois outra, a boca treme, as mãos suam. Pega o celular, os dedos umedecem a tela que custa a desbloquear.

Alguém pegou o saco de lixo, escreve, mas a mensagem não é entregue. Telefona. O número chamado não existe mais.

Foi assim com a prima.

A prima que não tem mais nome porque ninguém na família quer falar a respeito dela.

A prima que um dia disse se algo me acontecer eu quero que tu pegue a minha agenda amarela e destrua.

— Nada vai te acontecer — Domingas riu. — Nem sabia que essa agenda ainda existia.

— Promete pra mim.

E duas semanas depois do Grenal, num dia úmido e abafado de setembro, Domingas caminhou até o prédio do curso de Filosofia onde pretendia encontrá-la depois da aula para pedir desculpas, não apenas por ter se alterado e deixado ela sozinha na praça, mas por ser tão apática e por depositar em cima de seus ombros o peso da possibilidade de um futuro mais promissor e, em vez dela, avistou um grupo de conhecidos e amigos, todos comovidos. Levaram ela, eles disseram, presa. Veio a polícia, invadiu a sala de aula, e a levaram.

— Chamaram ela pelo nome? — Quis saber Domingas.

— Sim, pelo nome.

Mas o nome da prima se perdeu no caminho da sala de aula até o camburão, e jamais chegou até delegacia nenhuma. Em vez de destruir a agenda amarela, Domingas abriu suas páginas. Encontrou todo um universo lentamente construído ao longo de muitos anos de questionamentos, poemas, citações, desenhos, desabafos. Em algumas páginas, viu outros nomes e seus números de telefone. Quando uma desaparece, outra, pior, surge no lugar, pensou.

**Cris Vazquez** é advogada pública e Mestra em Literatura pela UFSC. Em 2017, publicou o romance *O abismo entre nós* (Moinhos), pré-selecionado no Prêmio SESC em 2016. Tem contos publicados em coletâneas como: *Onisciente contemporâneo* (2016), *Translações singulares* (2017) e *Não culpe o narrador* (2018). Atualmente, cursa Mestrado em Escrita Criativa na PUCRS. Site: [www.crisvazquez.com.br](http://www.crisvazquez.com.br)



## Srta. Remotinha

POSICIONEI MEU DEDO no leitor biométrico e torci para que lesse a digital, mas um leve tremor fez com que inclinasse 30° à direita. Expirei pela boca e olhei para o balcão. A recepcionista não estava lá. O olhar franco que trocávamos todos os dias, quando eu fazia um sinal positivo suplicante e ela abria o portão remotamente, não aconteceria mais. Não havia guarda em serviço, nem qualquer cidadão se identificando para obter o crachá de entrada. Olhei para trás e vi passar na rua, através da porta de vidro, aquelas patinetes elétricas que as pessoas usavam quando ainda saíam de casa, mas não enxerguei nenhum vulto. Segurei a respiração para não errar o movimento do dedo. Calculei a força exata e pressionei o indicador, enviesado como estava. A chefe disse que eu poderia mandar uma mensagem se não conseguisse entrar na repartição, só que eu não queria passar vergonha. A catraca abriu.

Desci os degraus que levavam ao nível dos elevadores. No espelho, eu estava com a mão no peito e um olhar nervoso. Subi pelas escadas, passando pela entrada secundária do que costumava ser a recepção do hotel. Que prédio estranho! Dois edifícios interligados que abrigavam um órgão público federal, um municipal e um hotel privado. No entanto, não havia mais hóspedes no Hotel Capistrano, pois ninguém precisava viajar mais.

Abri a corta-fogo do terceiro andar e pisei no meu pavimento. Passei pela porta do que fora o primeiro cinema da cidade, desativado quando nos mudamos. Um verdadeiro teatro de 545 assentos estofados em jacquard rosé, tão lindo e sub-aproveitado. Eu gostaria de encontrar um fantasma ali, já que a repartição era só minha. Até a colega tão vespertina quanto eu aderira ao trabalho remoto, dois meses antes da chefe me

obrigar a fazer o mesmo. Abri a porta cheia de cupins e desci a rampa, escolhendo algumas fileiras para inspecionar, quem sabe me deparar com o insólito. A poeira me provocou espirros, até que a rampa deu no palco onde ficava a tela de cinema. Contudo, não havia coxia, nem camarins. Aquilo não era um teatro e ninguém o habitava. A rampa acabava no segundo andar e tive que voltar para o terceiro, fazendo nova peregrinação. Optei por outro conjunto de escadas que havia no prédio.

A escada era escura e senti um roçar de pelos, seguido de uma rabada na perna esquerda. Acendi a lanterna do celular. Nenhum fantasma infeliz para consolar, só eu e a ratazana que deixei para trás. No terceiro andar, fui até a porta de vidro que levava à minha sala. A digital não funcionou, mas ali eu tinha senha. Caminhei pelo corredor, sem o movimento do pessoal do cálculo, nem dos estagiários. Estavam vazias as salas do colega aposentado, da colega moderninha que aderira ao home office havia dois anos, da colega vespertina. Entrei na minha sala. Nada demais. Eu estivera ali no dia anterior e também fiquei sozinha no prédio, a não ser pela recepcionista e o guarda.

Era absurdo, a chefe disse, um prédio só para mim, com terceirizados, conta de luz, taxa de condomínio. Ela poderia perder o cargo, se alguém se desse ao trabalho de averiguar o SPHU – Sistema de Prédios Habitados da União. Cheguei a questionar, quando ela até me ligou. Claro, melhor para o governo usar a minha luz, me fazer comprar duas telas de computador, cadeira ergonômica, tinta de impressora. Ela ouvia com atenção, mas quando falei tinta de impressora caiu na gargalhada. Depois recuperou a compostura e disse, relaxa, você vai se adaptar.

Expliquei que só precisava de mais um dia para pegar os objetos pessoais. Isso era verdade, eu iria recolher umas cositas, mas queria mesmo era fazer a última petição pelo computador da sede. Os processos eram eletrônicos, eu tinha o ambiente de trabalho em casa, a startup que contratei me passou o tutorial de instalação e, com a ajuda do meu marido e filhos, uau, eu conseguira. Liguei o computador da minha sala. Fiz carinho

nas duas telas. Assoprei o teclado para saírem os farelinhos da empanada de cogumelos que eu lanchara no dia anterior. Será que o rato era vegano e transitava ali também?

Abri o sistema do Judiciário: vinte processos novos na caixa. As intimações continuavam entrando, e entrariam no dia seguinte, quando eu estivesse em casa, no meu home office. Ainda não sabia como iria chamar o escritório, mas eu precisava nomear aquele boi. Um apelido irônico que tivesse a ver com minha nova forma de trabalho. Nada a ver ironia, pois todos acham tão normal peticionar de pijamas, comer, andar de bicicleta ergométrica na varanda e se divertir, ou deprimir, contando as almas na rua. Até os sem-teto eram raros, a maioria fora morar nos estádios de futebol. Foco no processo, o último de corpo presente na repartição. Não peguei os modelos do sistema: defesa mínima, defesa padrão, copiar, colar, mixar, cortar. E admitir que programas farão isso sozinhos, e que serei forçada a me aposentar com parcos proventos. Não, eu ainda sabia consultar os códigos e escrever com minhas próprias palavras. Estava peticionando livremente, usando minha bagagem para convencer o juiz. Enviei on-line, mas também imprimi. Guardaria a peça numa pasta e, quando estivesse com os olhos secos das telas, deitaria no sofá-cama e a folhearia como um velho álbum de fotografias.

Petição enviada, objetos na mochila, só me restava apagar a luz da sala, sair pelo corredor, e optar entre os conjuntos de escadas, certamente habitados por ratos famintos. A miragem dos pelos cor de chumbo e dos olhos apertados e malignos me fez entrar no elevador.

A porta se fechou. Demorei para perceber que a cabine não saiu do lugar. Claro, eu não apertara o botão. Pressionei o zero. Um barulho de dentes metálicos arranhando as paredes enquanto o elevador desceu. Cinco metros de descida sinistra. Depois balançou, e parou sem abrir a porta. Meu coração acelerou e senti cada poro do meu corpo dilatar. Tentei decifrar o alarme no painel, mas quem iria ouvir, eu me dei conta, num grito choroso. Apertei mesmo assim porque eu existia.

Em cinco segundos, a voz: *Você está trancada no elevador do Prédio 38 do SPHU. Fique atenta ao tutorial de abertura da porta. A chave-mestra é uma combinação numérica. PHU38, digite sua senha de entrada na repartição.* A senha, a recepcionista de olhar franco, eu não tenho senha — minha voz saiu trêmula. *Nosso sistema não reconhece sua linguagem. PHU38, digite sua senha.* A chefe prometera ajudar. Peguei o celular na bolsa. Sem sinal, mas ainda assim escrevi. *Estou trancada no elevador da repartição, sem senha para o atendimento remoto. Aciona o corpo de bombeiros, por favor.* Eu nunca mais vira um caminhão de bombeiros. A mensagem ficou rodando na tela sem enviar.

A voz continuou. *PHU38, você pode utilizar sua digital.* Havia um vidro com aparência de leitor biométrico no painel. Pressionei meu dedo. Minha velha sudorese nas mãos impediu que a digital funcionasse. Sequei na roupa e pressionei de novo, desajeitadamente. Eu estava sozinha no mundo e não conseguia me safar. Me lembrei de quantas vezes minha colega e eu disputáramos quem mais sextava na repartição, brincando com o jeito que as pessoas chamavam a happy hour das sextas-feiras, só para reclamar do volume de trabalho. Chorei aos soluços, me debatendo contra o espelho. Me vi vermelha e descabelada. Eu não vou morrer aqui, vociferei. Depois da descarga de adrenalina, iria conseguir. Deslizei pela parede do espelho até o chão para retomar o autocontrole. Respirei um pouco e levantei com calma. Apertei de leve no leitor. Agi com perfeição, do mesmo jeito de quando consegui entrar pela catraca. Ele não reconheceu minha digital, pois aquilo não era um leitor biométrico.

Mordi as mãos, meus punhos. Gritei desesperada por socorro, quem sabe uma alma na rua. Minha garganta secou de uma vez e um forte calor invadiu todo o meu corpo até pingar de suor. A cabine e o espelho começaram a embaçar. *PHU38, você não tem senha? Não tem digital? Minha voz não saía. Ok. Precisamos da sua colaboração. Por questão de segurança, a nova chave-mestra será o número obtido a partir de dados da sua vida funcional.*



*Some a data da sua primeira posse no serviço público até obter um único algarismo. Faça o mesmo com a data da sua posse na repartição. Idem com a data da mudança para este prédio. Some os três algarismos. Comecei a somar, seis mais quatro, mais quanto? Não tinha a menor ideia de qual data mudamos para o labirinto.*

Eu queria lembrar, mas só gritei, quem é você, sua voz de merda? Chama o corpo de bombeiros pra me tirar daqui. Eu não acredito em soma, senha alfanumérica, o diabo a quatro. Chama a recepcionista, o guarda, a chefe, a colega vespertina, meu marido, filhos, os sem-teto, alguém precisa pegar a chave-mestra verdadeira e vir aqui me ajudar. *PHU 38, não reconhecemos sua linguagem.*

Fiquei mais quente. Eu estava febril. O elevador era um aquário e eu me debatia contra um cardume de ratos cinza-metálico. Fechei os olhos. *PHU38, não reconhecemos sua linguagem.* Achei que preferisse morrer. Clamei a Deus, por favor, que me ajudasse. *PHU38, nosso atendimento remoto foi finalizado sem sucesso.* Eu não conseguia mais respirar, então era assim a voz da morte?

Acordei torta no chão do elevador, a porta aberta no térreo, um ventinho bom. Uma patinete elétrica verde na minha frente. Respirei aliviada, quem me salvara? Agradei a Deus, levantando devagar, o lado esquerdo dolorido, uma ardência na têmpora. Ninguém por perto.

Olhei para a patinete. Ela não tinha guidom, sua haste acabava numa forma ovalada, uma mula sem cabeça, uma ET? Procurei olhos francos para agradecer, mas a face do robô era completamente lisa.

De repente, uma luz vermelha acendeu ao final da haste, como gargantilha de rubi. Piscou três vezes e a tal Srta. Remotinha partiu num ritmo rápido. Corri a seu lado pela rampa, desesperada para ir embora. Ela apitou três vezes e o portão ao lado da catraca abriu, assim como a porta automática. Na rua, ela piscou e apitou uma vez, acelerou o ritmo e me deixou para trás.

Do outro lado, um casal sem-teto iniciava o acampamento. Atravessei de braços abertos, eu queria comemorar com alguém. Eles me olharam, mas seguiram montando suas paredes de papelão.

**Fred Linardi** é jornalista, escritor e mestre em Escrita Criativa pela PUCRS. Foi contemplado com premiações como o Prêmio de Literatura Cidade de Manaus, o Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães e o Concurso de Contos Paulo Leminski. Tem contos publicados em antologias como a “Qualquer ontem” (Ed. Bestiário), além de livros de narrativas biográficas pela Editora Biografias & Profecias, na qual é sócio e editor. É também palhaço.



## O sopro vazio da saciedade

“PARABÉNS AO FRANCISCO, parabéns ao Francisco!”, Vitória canta e sorri para o filho completando o primeiro ano de vida. Repete mais duas vezes, antes de falar “olha o aviãozinho!”

É o primeiro dia de alimentação sólida. Está aliviada por ter conseguido cumprir a orientação oficial dos gestores familiares de alimentar o filho apenas com o leite materno, até o primeiro aniversário do bebê. Francisco Júnior, que até hoje não sabe o que é ingerir outra coisa senão leite, jamais sentiu falta de alternativas. Não teve vontade nem ao ver os pais se alimentando de outras comidas. Um bebê tranquilo, bonzinho, sortudo.

Vitória já desfiou a carne dezenas de vezes, rompendo o tecido macio entre o garfo e a faca e submergindo no próprio leite, retirado do seu peito com bombinhas manuais e que agora compõe o ensopado na vasilha de alumínio.

“Agradeça ao Tio Paulo e à Tia Noara, meu lindo!”, a mãe comemora depois da primeira colherada.

“Mah!”

A mãe sorri ainda mais, antes de assoprar a segunda colher. A maternidade tem sido vivida com plenitude, neste ano de licença compulsória. Tem tido tempo de acompanhar a evolução da criança e tirar fotos do filho, a cada gesto e movimento.

“Olha aqui, sorri pro papai. Ele vai te ver lá do escritório dele”, e consegue provocar o sorriso no bebê, desejando que ele um dia ocupe um cargo tão bom quanto o de Francisco.

Manda a tela enviar a imagem para o marido, resgata outro pedacinho de carne banhada no leite e agora divide sua atenção entre a colher rumo à pequena boca do filho e o que diz o telejornal.

“Os anos de fome já ficaram no passado”, o comentarador político relembra.

“Mas é sempre oportuno lembrar que a fome, que acompanhou a civilização por séculos, pode voltar a qualquer derrapada do governo, não é? O fato de estar erradicada não impede que ela volte um dia.”, replica o apresentador.

Vitória se lembra de ter estudado sobre a fome ainda no primário. Imaginava como deveria ser triste viver no mundo em que seus bisavós viveram. Será que eles chegaram a ver a fome de perto, ou conheceram alguém que tivesse vivido na miséria? Tentou imaginar, caso ela fosse um daqueles seus antepassados, se teria conseguido lucidez o bastante para matar a fome de algum necessitado, ou se teria vivido apenas uma existência confortável de sua porta para dentro. Era difícil chegar a uma conclusão num contexto distante, que mais parecia uma história inventada.

O bebê dá um arrotinho e tenta pegar o próximo desfiado de carne. “Ah, seu sapeca!”, Vitória o ajuda, orgulhosa ao ver o instinto do filho. Tão pequenino, já sabe por natureza o que é um pedaço de carne.

Um pedaço de carne branca. Os padrinhos, Paulo e Noara, não economizaram para dar o presente. Carne branca vale mais que preta, por mais chocante que isso possa parecer. Mas eles, que já têm uma visão mais lúcida do mundo, sabem que no fim todos são iguais. É só observar: no freezer do supermercado, se não fosse a etiqueta explicando, seria impossível distinguir. Por dentro, todos somos iguais, rosados. Mesmo assim, pela ocasião especial, presentearam o afilhado com filzinhos brancos.

O comentarista volta a explicar, comprovando o sucesso das estratégias iniciadas há mais de quarenta anos. Lembra que os Nascedouros são estruturas sólidas e bem planejadas. Quando deixaram de ser os chamados orfanatos, vieram exatamente para isso: erradicar a existência daquela antiga condição que mal consegue pronunciar, mas o faz: órfãos. Não temos mais fome, tampouco a triste existência de uma criança órfã.

Isso, em especial, causa um calafrio em Vitória. Já ouviu coisas horríveis sobre crianças sem pai nem mãe. Ou crianças abandonadas. Queria poder duvidar; que aquilo fosse mentira. Mas o governo garantia que sim e até mostrava registros antigos daquelas crianças que sobravam no mundo, enquanto tanta gente sofria com a escassez alimentar.

“Do antigo mundo de fome e tristeza, hoje temos barrigas saciadas e famílias sólidas”, complementa o comentarista.

Vitória dá o quarto pedaço e morde a própria língua, quando lembra que se esqueceu da oração. “Meu senhor, me desculpe, me esqueci. *Que o trabalho nunca falte, pois é dele que vem a carne a nós e aos nossos filhos. E os filhos de pai e mãe garantem a vida próspera na Terra.*”

O comentarista parece ouvir a súplica. “Não teremos déficit de nascimento nos nascedouros. Os jovens designados para a vinda de novos bebês de linhagem supermercado seguem assessorados de médicos para a manutenção de plena saúde e continuam vivendo integralmente nas instalações nos próprios Nascedouros”.

Do pouco que se sabe sobre os Nascedouros é que se tratam de uma estrutura próxima da máxima autossuficiência. Lá se nasce e, antes de crescer, torna-se alimento — exceto os bebês-matrizes, que vivem até a juventude, ali mesmo, para procriarem novos alimentos que, louvado seja Deus, permitem a plena alimentação das famílias que movimentam a sociedade e seu sistema econômico — famílias com pais e filhos cidadãos, diferentes daqueles bebês. Diferentes, desde que todos sigam as normas da utilidade social. Famílias sustentáveis criam filhos responsáveis para se tornarem bons pais no futuro.

Os pensamentos de Vitória se dispersam no próprio contexto dessa noite tão especial. A mão de Francisco Júnior bate no pratinho.

“Meu lindo! Presta atenção aqui na mamãe. O que será que você vai falar primeiro: mamãe ou papai?”, e tenta imaginar o que está acontecendo lá no banco. Hoje Francisco tem uma

reunião importante. Vitória se esqueceu também de fazer uma oração para isso. Mas tudo tem ido conforme se espera. Para daqui oito anos, está prevista a promoção do cargo com a atualização salarial. Estão tranquilos, mas devem sempre se lembrar daquele risco que os acompanhará até os 18 anos do filho.

“E, lembrem-se, pais com boa estrutura familiar e econômica podem ficar despreocupados.”, ouve da televisão. Volta-se para o sorriso do filho. Limpa um fio elástico de baba que cai do canto esquerdo da boquinha vermelha, ameaçando se romper ao encontrar o babador. A gosma se mantém firme como teia de aranha até Vitória usar o próprio paninho amarrado no pescoço do menino, e limpar, leve, o canto dos lábios. Francisco Júnior bate os dois braços na mesa, num rompante que parece não controlar. Sorri e agora solta um grito que gostaria de ser risada, mais ainda não aprendeu a medir os sons que saem de sua garganta.

“... podem ficar despreocupados”, e fica, pois não parece provável que aquela criança, aquela criança dela, um dia vai chegar perto de ser considerado um inútil, ou que aconteça o pior lá no banco e Francisco seja rebaixado, ou pior, que perca o emprego. Daquele risco do filho ser levado com outros menores de idade nascidos de famílias que não se mostraram funcionais o bastante. Crianças e jovens transformadas em ceias e festas oficiais do governo — carnes exóticas — isso não! Ela prefere morrer. Então, escolhe ficar tranquila.

Francisco Júnior aponta o pequeno indicador na direção da porta.

“Páh. Páh!”, acompanha a porta abrindo.

Francisco sorri com os lábios e dentes cerrados. Prefere dar a notícia inesperada amanhã. “Parabéns ao Francisco!”, com a barriga cheia. “Parabéns ao Francisco!”, com apenas um aninho de idade e pleno do amor materno e paterno.

“Viva o Francisco! Viva!”



**Gustavo Melo Czekster** é formado em Direito pela PUCRS, mestre em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS, e doutorando em Escrita Criativa pela PUCRS. É palestrante de temas ligados à literatura, resenhista de sites e ministrante de oficinas literárias. É escritor, autor de dois livros de contos: “O homem despedaçado” (2013) e “Não há amanhã” (2017). Com o segundo livro, foi vencedor do prêmio Açorianos 2017 (categoria Contos), do prêmio AGES de Literatura (categoria Contos e categoria Livro do Ano) e do prêmio Minuano de Literatura (categoria Contos), tendo sido finalista do Prêmio Jabuti 2018 (categoria Contos).



## Um dicionário e uma calculadora

BOM DIA. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer pela enorme honra que me foi concedida: ser o responsável pela aula inaugural do curso de formação de cadetes da área da Estratégia da Informação e do Conhecimento. Não faz muito tempo que eu estava entre vocês, cadetes, e ainda recorro do júbilo que experimentei ao sentar nesse mesmo auditório e escutar as palavras encorajadoras do mestre Firmino, um homem careca, com narinas amplas e uma boca que, nas raras vezes em que se permitiu sorrir, revelou a existência desoladora de não mais do que dez ou 12 dentes. Naquela época, tínhamos acabado de abolir as nomenclaturas militares, aqui na Academia de Formação de Cidadãos — tais nomenclaturas suscitavam ideias preconcebidas e comparações indevidas com outras eras da História do país —, e recorro que inúmeras vezes chamei Firmino de “major”, sempre sendo punido com o necessário rigor. Creio que essa foi a primeira vez em que tive noção de algo que acompanharia a minha vida, tornando-se quase uma obsessão: a força das palavras. A capacidade que elas possuem de moldar o mundo. O poder absurdo que uma palavra mal pensada ou mal escrita pode causar para o sucesso ou fracasso de qualquer realização humana ou, pior ainda, para o nosso tão estimado país.

Pelos sorrisos que vislumbro aqui da frente, percebo que existe certa descrença naquilo que acabei de falar. Vocês pensam que superestimo o poder das palavras. Acham que uma palavra não pode parar um fuzil ou um tanque. É evidente que estão errados. Existem dois tipos de erro: um é o erro humano, causado por uma falha pessoal, e outro é o erro induzido, em que levamos alguém a cometer um equívoco. Pois acabei de fazer essa mágica diante dos olhos de toda a plateia, e usando

somente palavras: quando afirmei “não faz muito tempo que eu estava entre vocês”, levei-os a pensar que faz pouco tempo que concluí o curso, que sou mais jovem do que imaginam. Na realidade, há 28 anos que não entrava nessa Academia, desde a época em que esquematizei o primeiro curso de cadetes. Vinte e oito anos pode parecer pouco tempo para mim, mas é o espaço da vida inteira da grande maioria de vocês. O tempo — e a passagem dele — também é uma questão de palavras.

Em segundo lugar, nunca estive sentado nesse auditório, pois ele foi construído há cinco anos: ao afirmar “ainda recordo do júbilo que experimentei, ao sentar nesse mesmo auditório”, pretendia tanto reforçar a inverdade temporal anterior quando dar-lhes um falso senso de familiaridade, a sensação de que somos iguais. Não somos, e jamais seremos. Eu sou o fundador desse curso de formação de cadetes. Meu nome foi apagado de todo registro ou homenagem justamente para dar a ideia de que o curso sempre existiu, que não foi uma invenção humana, mas a lenta consolidação de algo que existia desde os primórdios, assim como os rochedos, formados por sucessivas camadas de mariscos sobrepostas e unidas por ondas incessantes.

Por fim, nunca existiu nenhum Firmino. Talvez eu tenha sido o “Firmino” de muitos alunos do passado ao exigir cuidado com as palavras e com as nomenclaturas, punindo com rigor aqueles que cometessem erros por desatenção ou negligência. Criei uma personagem ficcional, “Firmino”, com o propósito mais baixo de todos: dar substância e forma para este discurso, fazer com que os ouvintes sentissem empatia e se conectassem com as minhas palavras. Aposto que todos visualizaram “Firmino”, até por que inventei uma imagem facilmente distinguível para a imaginação de vocês, mas ele só existiu com uma finalidade: enganá-los. Não me surpreenderia se vocês desejassem conhecê-lo ou conversar com pessoa tão fascinante, ou até mesmo que pretendessem morrer para defendê-lo (tudo era uma questão de eu aprimorar os detalhes da vida de “Firmino” e criar situações que permitissem não só uma identificação imediata, mas a sensação de dever e de hon-

ra que vem, quando criamos uma personagem tão inesquecível que ela parece estar respirando e sorrindo na frente da pessoa). Em algum momento do curso, vocês serão ensinados a criar personagens e a trabalhar narrativas com o objetivo de iludir determinados grupos ou insuflar patriotismo e lágrimas em outros segmentos da sociedade, mas, por hoje, meu propósito era só fazer uma demonstração prática daquilo que será ensinado aqui na Academia.

Após este exemplo, retomo, assim, o tema que me fascina: a força das palavras. Elas estão na base da nossa sociedade; as pessoas comuns ainda não notaram o quanto somos escravos das palavras, o quanto precisamos ler e investigar algo para nos sentirmos seguros, a quantidade de informação que lemos, digerimos e compartilhamos todos os dias com o mundo todo. Vivemos submersos sob um oceano de palavras e, por isso, é preciso escolhê-las com muita sabedoria. Uma expressão errônea é capaz de derrubar um regime político, mas, quando bem empregada, permite que um sistema de governo se prolongue de tal maneira que a perpetuidade pode se tornar invisível diante dos olhos do povo. As pessoas acreditam em renovação — outra palavra cujo significado adoramos brincar —, mas acabam optando por um tipo inédito de escravidão que nada mais faz do que reeditar o passado sob uma nova roupagem. Somos como a cobra que muda de pele e, mesmo assim, continua sendo cobra. Tudo muda, nada muda. Aí está uma ótima definição para o que a Academia ensina: usando somente palavras, fazemos desaparecer o visível e eternizamos o efêmero.

Pensando na força avassaladora das palavras, é possível que muitos de vocês se decepcionem ao saber onde irão aplicar os seus conhecimentos ou, para usar uma metáfora mais bélica, o lugar em que irão travar as mais sangrentas batalhas. Não esperem gestos impregnados de glória ou o inimigo estrebuchando dentro de uma trincheira enfim vencida; não esperem cânticos de louvor, honrarias públicas ou a fama repentina. Ao contrário, esperem o desaparecimento não só do seu nome, mas das suas atitudes mais heróicas e sábias. O maior sinal

de sucesso do nosso exército é a sua invisibilidade. Se as pessoas soubessem que existimos, toda a estrutura que criamos com tanta cautela desmoronaria. Ninguém mais acreditaria em nada. As histórias calmamente construídas no decorrer desses anos seriam desacreditadas. É vital que ninguém veja os nossos movimentos subterrâneos, pois somos necessários para salvar o país dele mesmo. Somos o último estágio antes da selvageria. Somos o filtro por onde os fatos passam e viram um delicioso café para ser saboreado pelo público.

É por isso que vocês, meus jovens cadetes, serão exaustivamente treinados para trabalhar com dicionários.

Sim, os dicionários serão o seu campo de guerra. Existe lugar que mais concentra palavras do que um dicionário? Pois é ali que nós agimos, de maneira discreta e inexorável, mudando significados, simplificando ideias, usando exemplos com mensagens sub-reptícias, retirando conceitos revolucionários, introduzindo aquilo que realmente o povo deveria pensar ao mesmo tempo em que retiramos tudo o que possa ser objeto de distração ou gerar reflexões desagradáveis. Foi assim que fizemos, por exemplo, com a palavra “homossexualidade”. Vocês lembram como ela era moda no passado? A todo momento aparecia nos jornais e nas revistas, gerando discussões acaloradas, acusações genéricas, piadas e muitas distrações para as pessoas sérias do país. Era uma palavra que estimulava conflitos e o país precisa ter tranquilidade para crescer, não pode perder tempo com bobagens. Foi assim que, aos poucos, por meio de um longo processo de mudança de significados nos dicionários — mexemos principalmente nos disponíveis online, ninguém mais vai atrás dos dicionários de papel mesmo —, conseguimos primeiro enfraquecer o seu sentido, em seguida torná-la objeto de riso e, por fim, transformamos “homossexualidade” em um arcaísmo, algo que só aparece em livros antigos de ficção. Admito que foi um processo longo, mas é indicativo do sucesso dessa Academia e do curso de formação de cadetes. No passado, achávamos que seria impossível modificar uma palavra carregada de tantos significados, mas não

demorou tanto assim para uma palavra que estava na moda se transformar em algo que quase nunca falamos. Com relação às pessoas que realizavam as condutas abrangidas pelo vocábulo “homossexualidade”, elas também desapareceram ou, pelo menos, nunca mais soubemos delas. Se uma palavra deixa de existir, é mais fácil apagar as atitudes que estão vinculadas a ela; ninguém percebe o desaparecimento daquilo que é incapaz de nomear.

Aprendemos detalhes interessantes no decorrer dos anos. Por exemplo, apagar substantivos é muito difícil: uma pedra é uma pedra e morrerá sendo uma pedra, não interessa o quanto tentemos modificar o dicionário. Em compensação, adjetivos são flutuantes e, assim como pássaros voando em conjunto, é fácil de derrubar ao menos um quando atiramos em um grupo. Devemos tomar muito cuidado com metáforas e analogias, pois elas permitem múltiplas interpretações; portanto, devemos buscar a clareza em tudo aquilo que dizemos, jamais comparações (a não ser que sejam para destacar favoravelmente algo, como quando chamamos os nossos governantes de País, o que remete tanto à infalibilidade da figura paterna, fortalecendo a visão masculina de uma sociedade forte, quanto faz referência indireta ao Pai de Todos Nós, nosso Deus).

Outra singularidade interessante é que suprimir um tipo de palavra é algo demasiado complexo, pois, quando se pega um significado, outro acaba se destacando. Por este motivo, algumas somos incapazes de apagar por completo, mas deixamo-las inofensivas, criando sinônimos mais modernos que se somam ao termo original e acabam transformando-o em somente uma palavra imprecisa qualquer. Foi o que fizemos com “racismo”, esta expressão que envergonhava o nosso país cada vez que aparecia em algum jornal ou televisão: transformamos “racismo” em “subterfúgio da cor”, em “discrepância racial”, em “modulação do tom da pele” e, com o passar do tempo, o “racismo” deixou de aparecer. Ainda está no dicionário, mais como curiosidade do que como uma palavra atual e vibrante.

Em compensação, criar palavras é muito fácil, basta inventar um termo, colocá-lo no dicionário e depois esperar até que alguém comece a usá-lo ou o transforme em moda. Inclusive criamos um concurso interno, em que nossos cadetes criam palavras e, em seguida, traçam estratégias para divulgar e transformar essa criação em algo massivamente divulgado pela mídia, até o ponto de entrar no discurso cotidiano das pessoas. Dito assim, parece algo impossível, mas, acreditem, é bem mais fácil do que se imagina: uma novela em que uma personagem “cria” um bordão — patrocinado pelo nosso governo, é claro — ou uma cantora que faz o hit de verão com a palavra e logo ela passa para o cotidiano das pessoas. Em geral, esses concursos de divulgação de palavras criadas são promovidos quando pretendemos passar algum projeto de lei que as pessoas não podem saber para não se preocuparem demais; assim, enquanto os fãs criam grupos de discussão, fomentam memes e cantam por todas as ruas a palavra inventada aqui na Academia, temos o tempo e o silêncio necessários para trabalhar com calma em prol do bem maior.

Como vocês podem perceber, meus jovens cadetes, é da sua criatividade e abnegação que o país mais necessita no momento. Em caráter simultâneo ao trabalho exaustivo com os dicionários, também temos grupos que trabalham com narrativas e com a criação de personagens. Nestes ambientes, vocês serão convidados a esclarecer, atenuar ou ampliar as biografias dos nossos governantes, até que eles se transformem nos heróis que o país tão desesperadamente precisa; poderão mexer com o passado, fazer máculas de caráter desaparecerem e resignificarem frases, possibilitando que o mais hediondo dos criminosos se transforme no Pai da Pátria; poderão mexer com os sentimentos alheios, fazendo as pessoas se emocionarem ou se irritarem, tudo para construir imagens poderosas e decisivas dos homens que nos controlam, pois eles precisam ser mais fortes do que estátuas e mais infalíveis do que o sol de cada manhã. Graças às suas narrativas, serão capazes de construir não homens, mas monumentos vivos.



O país está sob constante ataque de situações incômodas, como fome, miséria, violência... para combater esses problemas, somos muito necessários, espalhando textos que tiram a carga semântica contida em palavras tão selvagens, transformando algo ruim em oportunidades que transmitem esperança para este nosso povo tão sofrido e que, ainda por cima, é atacado por palavras duras demais. Para que sermos tão negativos? Aquilo que alguns chamam de “fome”, preferimos usar a expressão “remanejamento alimentar”; o que chamam de “miséria”, consideramos mais adequado empregar “falta de condições socioeconômicas”; em lugar de “violência”, fica mais oportuno “vias de fato” ou “explosão de raiva injustificada”. Observem que não estamos usando eufemismos para disfarçar a situação fática, mas simplesmente manipulando palavras para que elas sirvam de esperança e conforto ao invés de se assemelharem a buracos repletos de piche.

Em um nível ainda mais avançado, vocês serão ensinados a usar palavras para criar “cortinas de fumaça”, desviar focos de desconforto ou até mesmo estabelecer uma estratégia inesperada com o objetivo de passar uma mensagem. Aprenderão a pretextar burrice para aproximar a linguagem daquilo que o povo sempre quis dizer, mas tinha receio de ser ridicularizado; serão doutrinados em como disfarçar as verdadeiras intenções, por meio do uso empolado de ideias confusas; irão mergulhar na sublime arte de desconstruir um argumento sem sequer mencioná-lo, usando todas as falácias argumentativas para demolir o oponente sem responder a sua pergunta. Nesse nível avançado, com palavras, narrativas e argumentos, vocês estarão capacitados a construir um muro de proteção dos nossos governantes, não usando a inteligência — quem quer saber de inteligência para melhorar um país? —, mas aplicando a espartezza no seu lugar.

Na etapa final do curso de cadetes da área da Estratégia da Informação e do Conhecimento, os melhores entre vocês serão convidados a se unir aos melhores alunos da área de Análise de Estatísticas e Números para o maior trabalho que um pa-

triotas pode ambicionar: a criação do futuro glorioso do nosso país. Vocês trabalharão com números e com a sua interpretação para um povo que, por não saber lê-los pela ótica correta, pode acabar sendo mal influenciado por eles. Por exemplo, quando o povo lê que 83% das moradias do país não dispõem de esgoto tratável, pode se sentir deprimido, imaginando estar incluído nesse número tão amplo. No entanto, basta uma simples modificação na frase e o povo irá comemorar o fato de o saneamento básico ter alcançado 17% das habitações de um país tão vasto e continental como o nosso. Somos regidos por números e por palavras, mas, antes de sair por aí distribuindo números a esmo ou escrevendo palavras insensatas, é essencial trabalharmos os números com sabedoria, aplicando mecanismos narrativos que transformem algo ruim em uma circunstância positiva. As pessoas não estão suficientemente preparadas para a verdade em seu estado cru, e nós atuamos como mediadores entre os fatos e a imaginação, permitindo uma leitura otimista dos acontecimentos.

Comecei meu discurso criando uma personagem e uma situação para captar a atenção de vocês e gostaria de encerrá-lo com uma memória, desta vez verdadeira. Anos atrás, quando o primeiro grupo subiu ao poder e ainda estávamos engatinhando ao imaginar como poderíamos perpetuar o nosso comando, o Pai daquela época — chamado de “presidente”, outra palavra que redimensionamos com o passar do tempo, assim como “democracia” — pensou em investir em tanques, em aviões, em tropas, e submeter o povo a um regime ditatorial. Não!, eu bradei no encontro dos ministros. Fazer isso era garantir que o nosso poder seria passageiro, durando até o levante do povo revoltado ou até a traição dos políticos parasitas, que se aglomeravam ao nosso redor. Precisávamos fazer algo mais inteligente, e foi quando expliquei que era necessário, primeiro, unir o povo contra um inimigo comum e, em seguida, de maneira lenta e gradual, plantar nos cérebros dos cidadãos a nossa presença. Se a mídia era contrária, não iríamos sufocá-la; iríamos trabalhar em conjunto com ela para expandir a

nossa dominação, não influenciando nas suas manchetes, mas modificando as palavras que as constituem. Se existia uma oposição feroz, não iríamos atacar os seus membros, mas mexer nos seus discursos até que dissessem o que desejávamos, não o que eles pretendiam dizer. Se os direitos eram bradados a cada esquina, não iríamos retirá-los das pessoas, mas modificá-los de forma sutil, até que eles correspondessem às nossas aspirações. Se os brados por mudança se avolumassem, criaríamos os nossos adversários, faríamos com que nos tirassem do poder e, em seguida, aos poucos, voltaríamos, como se nada tivesse acontecido. Foi nesse momento que o Pai da época perguntou o que era indispensável para o meu plano de controlar o país com segurança, ao que respondi: “Senhor, dai-me um dicionário e uma calculadora, e eu então mexerei o mundo”.

Um dicionário e uma calculadora: não parece ser tão difícil controlar a realidade, não é? Sejam bem-vindos ao curso de formação de cadetes, meus jovens, e sejam sábios ao usar as palavras, tanto aqui quanto em todos os locais em que vocês estejam, em especial nas redes sociais.

Nosso poder depende de vocês.



**Irka Barrios** é mestra em Escrita Criativa pela PUCRS e autora de “Lauren” (Ed. Caos & Letras, 2019). Premiada no Concurso Brasil em Prosa (2015) com o conto “O coelho branco”, participa de diversas antologias de contos. Atua na organização do Mulherio das Letras - RS e no coletivo Panaceia Celebrações Literárias.



## Lion

UMA HORA, DO NADA, você passa a comer menos, beber menos, e assim seguem os dias, as semanas tão doídas que dificultam a percepção de que você encolheu um ou dois números e a calça, antes justa, precisa de um cinto com circunferência menor e isso te faz pensar em macacões e suspensórios e outros truques que a moda inventou para que as roupas não deslizem cintura abaixo, expondo seu traseiro. Mesmo com a aparência frágil e a insistência dos amigos para que você coma mais, “um pouquinho, só um pouquinho mais gordura, mais carboidrato, mais carne neste prato, menina”, a fome não retorna e o espelho do quarto mostra a imagem de uma figura que definha. Se você tem quarenta e cinco anos, isso pode acontecer por inúmeras causas: falta de dinheiro, contas atrasadas, a doença grave de algum familiar, o filho adolescente que começou a usar drogas, aquele sonho antigo que mais uma vez será adiado. Mas se você tem dezenove, o motivo principal só pode ser o amor.

Nadia pesava quarenta e cinco quilos no dia em que decidiu fugir com Gui. Estava cansada desta merda toda de obedecer a regras impostas por gente tão velha e carcomida que não sabe mais o que é o amor. Gui concordava, embora não fosse tão idealista. Defendia que eles precisavam respeitar as regras antigas, mas nem tanto. Lamentava e repetia que nada, nenhum argumento faria com que os pais dela aceitassem o namoro. Desde o dia em que Nadia foi concebida, uma pequena marca se instalou em seu corpo, atrás da orelha esquerda. Um círculo vazado, de bordas pretas, a tatuagem delicada que determinaria o grupo seleta de pretendentes com quem ela deveria se relacionar quando chegasse à adolescência. “É mais

seguro”, o médico alertou. E era. Tanto que foi transformado num projeto de lei que entrou em vigor no início de 2.058. Apelidados de bebês-grife, indivíduos gerados em clínicas de fertilização in vitro tinham menor predisposição a contrair doenças. As linhagens mais modernas foram entregues aos felizes papais e mães com o organismo geneticamente pronto para metabolizar e excretar os agrotóxicos (mais necessários do que nunca) utilizados para combater as pragas da agricultura tecnológica. E é claro que a indústria alimentícia e os descolados publicitários, sempre na vanguarda da monetização dos costumes, já haviam criado e propagandeado opções de delícias indicadas para indivíduos-naturais e indivíduos-grife.

A solução para manter a humanidade sobrevivendo era quase perfeita. Quase, porque após décadas de testes, cientistas observaram uma condição pitoresca: durante a manipulação genética dos embriões, um pequeno defeito evolutivo produzia uma secreção amorfa, incolor e inodora, expelida pelo ouvido externo. Os médicos achavam que a falha resultava da falta de união de algum tecido do cérebro, porém sem graves consequências. A secreção iniciava entre os treze e os vinte anos, após o fim do crescimento ósseo. A de Nadia ainda não tinha se manifestado, talvez por isso ela experimentasse tanta coragem em propor a fuga para o namorado. Gui era um indivíduo-natural. Se decidissem ficar juntos, não poderiam ter filhos. A Ciência não previa que tipo de criatura nasceria da união de um natural com um grife. Não havia interesse nesse tipo de pesquisa. De repente, a afirmação que seres naturais não teriam condições de sobreviver, nem mesmo num futuro próximo, tornou-se um mantra entre a comunidade científica. A extinção dos seres naturais era questão de tempo.

A família de Gui, por outro lado, pouco ligava para suas relações. Ele estava na idade das escolhas e as regras jamais freariam os ímpetos de um garoto apaixonado. Essa tal lei era só mais uma idiotice, uma conspiração para gerar pânico e dividir opiniões, um meio para as clínicas de fertilização lucra-



rem prometendo indivíduos mais fortes, mais saudáveis, mais aptos para viver num mundo cada vez menos habitável.

Mas a família de Nadia não pensava desta forma, e quando ela atingiu a idade em que a maioria das garotas começa a se interessar por namoro, seus pais decidiram apresentá-la aos grupos que organizavam reuniões e passeios com os jovens-grife. No início, ela até se interessou por Geraldo Neto, um garoto dois anos mais velho, que apareceu com um peixinho vermelho dentro de um saco plástico.

— É para você, mas já escolhi o nome: Lion.

Não houve discussão, Lion era o nome perfeito, vermelho e bravo, como os leões que, até um passado recente, ainda habitavam as grandes planícies da África, embora um cubo cheio d'água não exigisse muita bravura de Lion. O bichinho passava a maior parte do tempo parado bem no centro, esticando e recolhendo as nadadeiras, e a postura fazia com que Nadia pensasse mais numa planta aquática do que no grande felino das savanas. Com a desculpa de ver Lion, Geraldo Neto aparecia dia sim, dia não. Nadia e Geraldo gostavam da companhia um do outro, divertiam-se com brincadeiras que só participantes de um grupo muito específico entenderiam: “Passei oito anos congelada. Óbvio que sou mais velha que você”, ela provocava. “Que tal uma bebida?”, perguntava. “Só se for nitrogênio líquido”, ele respondia de pronto.

Apesar da sintonia, nunca chegaram a se apaixonar, o que levou Nadia a imaginar que a insensibilidade viera junto com o pacote filha única muito desejada, bebê de proveta da clínica mais cara da cidade.

E é claro que Nadia estava errada, porque numa noite chuvosa Gui, o entregador de pizza, apareceu para bagunçar suas certezas. Uma garota superprotegida como ela, com o defeito genético que carregava, podia pensar que o coração acelerado provocaria um sangramento fatal no cérebro. Chegou a cogitar a hipótese. Mas sentiu as mesmas palpitações nos dias seguintes, quando descobriu o endereço da pizzaria e passou a observá-lo de longe. Na tarde em que foi flagrada, Gui não

esperou muito: puxou-a para perto de si e a beijou. Ao chegar em casa, inebriada pelas reações físicas da nova emoção que experimentara, Nadia notou que Lion nadava com dificuldade. Debatia-se, forçava as nadadeiras para descer até o fundo do aquário e acabava atraído de volta para a superfície. Parecia ter a barriguinha cheia de gases. Nadia achou que fosse intolerância à nova ração. Colocou um alarme no celular, na manhã seguinte compraria outra marca.

Outras marcas de ração não melhoraram a condição gasosa da barriga de Lion.

— É uma doença comum nos kinguios — o rapazinho da décima loja agropecuária consultada afirmou. Explicou que o kinguio não existia mais na natureza, só em cativeiro. Que os cruzamentos genéticos causavam o problema, os órgãos internos cresciam demais, a ponto de pressionarem-se uns contra os outros. A bexiga natatória se enchia de ar e, não raro, o peixinho ficava boiando, de cabeça para baixo, como morto.

— Ele vai morrer? — Nadia perguntou.

— Devagarinho, vai.

Nadia desesperou-se, verificou que quanto mais próxima de Gui, mais precária a saúde do Lion. Óbvio que uma coisa nada tinha a ver com a outra, mesmo assim ela intuía que a iminência da morte de Lion era uma espécie de prévia para o sofrimento que sentiria, quando tivesse que deixar Gui. Foi então que decidiu enfrentar os pais.

À primeira vista, o posto da fronteira lembrava um escritório muito antigo, do tempo em que ainda se usava papel. A construção de paredes brancas, aberturas azuis e telhas de amianto mostrava-se como um lugar pacífico, embora nenhum lugar seja pacífico para fugitivos. Conforme o carro se aproximou da aduana, Nadia reparou certa hostilidade nos guardas carrancudos, empunhando armas engatilhadas, prontos a cutucar as costas de um imigrante mais lerdo. Dentre as dez opções de países fronteiriços, o jovem casal escolhera a Venezuela. Souberam que o país agora

prosperava. Reerguia-se após uma guerra civil polarizada que quase o destruiu e recebia muito bem os sul-americanos que desejassem iniciar a vida por lá. Dentro do carro alugado em Pacaraima, as mãos de Gui suavam, escorregavam do volante, enquanto ele tentava manter a papelada em ordem. No banco do carona, Nadia também tremia. Evitava trocar olhares com os guardas, que rodeavam o carro e conferiam o número da placa. Passaram pela vistoria, conseguiram o carimbo de ingresso e um sorriso de boas-vindas. Aliviados, dirigiram por mais três horas e alugaram um quarto de hotel. Quando Nadia fechou o chuveiro, notou que a toalha não secava o excesso de umidade que se formou atrás da orelha esquerda. E cerca de três mil quilômetros ao sul, Lion preparava as nadadeiras para mais uma luta contra a flutuação.



**Kathy Krauser** é “cariúcha”, tem 27 anos e a mesma grande paixão desde 1997: contar histórias. Por isso escreve, interpreta, canta, faz locuções e dubla. É formada em Publicidade e Propaganda e pós-graduada em Criação e Produção de Narrativas Multimídia pela ESPM-Sul. Em 2015, ganhou os Prêmios Regional e Nacional EXPOCOM na categoria Fotografia Artística, mesmo ano em que cursou a Oficina de Criação Literária do escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil com grande parte dos autores das páginas anteriores e seguintes. Participa das antologias “Onisciente Contemporâneo”, “Translações Singulares” e “Não culpe o narrador”. Em 2018, autografou seu primeiro livro solo, “7 viram trinta e 7”, na 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, assim como em outros eventos literários. Por último, mas não menos importante, ela é a humana de quatro gatos (Teddy, Shake, Sheldon e Vaquinha), seus fiéis companheiros de escrita, inclusive o Teddy, que continua inspirando histórias lá do Céu dos Gatinhos, ou daqui da Terra, vai saber. Conecte-se com a autora: [fb.com/kathykrauserstories](https://fb.com/kathykrauserstories), [instagram.com/kathykrauser](https://instagram.com/kathykrauser), [youtube.com/kathykrauser](https://youtube.com/kathykrauser) e e-mail [kathykrauser@gmail.com](mailto:kathykrauser@gmail.com)



## Experimentos

MÃOS MECÂNICAS empurraram Liza para fora da cama. Odiava as imagens em sua cabeça, porém queria dormir mais. O chão gelado era mais confortável do que levantar. Tinha de ir para o Taiwhanga.

Onde?

Como era aconchegante o chão gelado em sua bochecha. A blusa subiu um pouco com a queda. As costelas começaram a gelar. Trim trim.

Sombras. Sombras dançavam por cima de Liza. Mãos procurando onde ela tinha se escondido. Mãos frenéticas. Mãos mecânicas. Trim trim.

Mãos geladas. Empurraram Liza, fizeram-na rolar pelo chão. Trim trim.

Taiwhanga. Era dia de algo.

O quê?

Algo.

Quem é Algo?

Não, não é Algo, é Jimmy. Dia de Jimmy. Dia de população. Dia de consertar os erros cometidos que ainda eram desconhecidos para ela. Trim trim.

Beterrabas. Olhos roxos. O estômago roncou. Trim trim.

Ela tinha de estar preparada. Aquele era só o começo ruim de um dia muito pior. Fazia anos que Jean tentava enviar a mensagem dos olhos roxos para um dos cientistas, ainda bem que escolheu Liza. Ela seria atingida, naquele mesmo dia, pelo DEL, o procedimento padrão aplicado aos experimentos após sua incubação.

Descobrir os mais fortes, essa era a meta. Timothy dizia que Ultimus não era lugar para fracos.

Liza, banho. Banho, Liza. Oi, tudo bem? Trim trim.

Mãos acharam a cintura de Liza. Seguraram-na. Levantaram-na. Firmaram-na. Trim trim.

— Ogster, me deixa em paz.

— Bom dia, Dra. Liza — respondeu a voz mecânica.

— Ogster, sono — disse Liza, fechando os olhos.

Olhos roxos. Beterraba.

— Você disse beterraba, Dra. Liza? Há três beterrabas refrigeradas no andar de baixo, Dra. Liza.

— Ogster, tchau — ela disse, acenando a mão direita para a parede.

Mãos metálicas levantaram Liza, carregaram-na até o chuveiro e deixaram-na ali. A água começou a cair. Liza nunca estivera tão cansada, mas receber as imagens era assim mesmo. Ela achava que era culpa da Síndrome, quando, na realidade, era tudo parte do plano de Jean. Ele não se importava com o fato de arruinar a rotina perfeita da Dra. Liza, que agora encontrava-se encharcada, de pijama, ainda dormindo em pé. Se ela tivesse olhado o relógio, acordaria imediatamente, porém tropeçaria no primeiro objeto que aparecesse em seu caminho, cairia com o rosto no chão, o choque quebraria seu nariz e talvez o osso zigomático. O problema não seria a dor, mas a iminência de ser descartada, caso não recuperasse plenamente a sua aparência. Dez minutos atrasada. Isso nunca ocorreria antes. Por sorte, ela manteria os olhos fechados e os abriria apenas quando parasse em frente ao armário, perseguida pelo seu próprio rastro molhado.

Dentro do armário, havia somente roupas brancas. Cores não auxiliavam a memória, nem a inteligência. Cores distraíam e estimulavam os sintomas da Síndrome. E os cientistas não tinham tempo para distrações, nem para agravarem sua saúde já debilitada.

Jean soube que a tentativa de mandar a mensagem deu certo, quando avistou Liza batendo a porta do terraço e correndo em direção à Cápsula. Ela fechou o vidro superior, escaneou a retina para a Área 16 e a Cápsula partiu em altíssima velocidade em direção ao céu. Jean nunca a vira desnorçada. Era sempre



a mesma calma insuportável, a mesma perfeição todos os dias. Ele estava cansado daquilo. Não pertencia àquele lugar, mas precisava dar jeito de tentar garantir que, quando finalmente “fabricassem” o bebê, ele não fosse descartado como tantos outros. Jean nem suspeitava que ele já existia.

Dentro de uma das 60 Câmaras de Incubação da Área 9, com auxílio de um cordão umbilical artificial, ele respira e é nutrido. Já tem pernas, braços, cérebro e todos os órgãos. Um ser humano ainda burro, minúsculo, que passou os últimos nove meses girando e sendo observado dentro daquela prisão líquida.

— Esse aqui está quase bom — disse Will, em frente à Câmara.

— Talvez. Temos que chamar a Área 16 para verificar, o Jimmy é quem sabe aplicar o DEL. Não podemos errar, demora muito para fabricar mais um desses — disse Niltom, enquanto relia os relatórios de Jimmy sobre os descartes feitos no último mês.

No extremo oposto à Área 9, Liza saía de sua Cápsula já dentro da Área 16. Escaneou a retina na porta de aço e escutou o familiar clique da tranca sendo liberada.

— Liza, estávamos prestes a anunciar sua morte para o restante do Taiwhanga — disse Sophia, sentada em frente a um dos módulos de registro.

— Não sei o que houve comigo — disse Liza.

— Você checkou seus sintomas da Síndrome hoje? — perguntou Jimmy.

— O Ogster teria me alertado, caso houvesse algum problema.

— Jimmy, a Área 9 acabou de avisar que haverá uma sessão de DEL em dois experimentos agora e que necessitam de supervisão — disse Jessica.

— Estou finalizando o relatório sobre os dois experimentos fracassados que foram descartados nos últimos trinta minutos. Sophia e Liza, vocês têm capacidade de realizar essa supervisão no meu lugar?

Confirmaram com a cabeça. Jimmy não viu, mas sabia que elas iriam em seu lugar. Para ele, os relatórios eram muito mais importantes que a sessão de DEL. Era evidente que os dois experimentos fracassariam novamente. Restaria apenas um, dos cinco que Liza havia criado. Inútil, não sabia nem fabricar humanos direito. Como seria uma cientista de valor?

Liza e Sophia estiveram pouquíssimas vezes na Área 9 sem o Jimmy. Até mesmo quando Liza fez o primeiro cruzamento genético humano, ele estava por perto. Cuidando. Não para que elas não se machucassem, mas para que não manchassem a boa reputação dele com algum erro irreversível. Afinal, Jimmy era o diretor.

— E o Jimmy? — perguntou Will.

— Ele nos enviou no seu lugar — respondeu Sophia.

— Ok — ele deu de ombros. — Já estamos começando o DEL no primeiro experimento. — Will deu as costas para elas e andou em direção a uma enorme porta branca. Atravessou-a e prosseguiu: — Então, aqui estão as Câmaras de Incubação. Já perdemos dois experimentos promissores nessa manhã, temos mais três chances. Ainda não entendemos o motivo de não terem sobrevivido ao DEL, mas isso não importa. Niltom, está tudo pronto?

— Sim, Will. Já posicionei os eletrodos no lobo frontal do primeiro experimento.

— Por que não vão fazer nos três? — perguntou Sophia.

— Porque o terceiro não está pronto para o DEL — respondeu Will.

— E como você define quando estão prontos ou não?

— Quando eles abrem os olhos pela primeira vez. Agora, coloquem a roupa de proteção para que possamos prosseguir — disse Will, apontando para dois trajes posicionados em cima de uma bancada, iguais aos que ele e Niltom vestiam: macacão branco, botas brancas e capacete branco com um visor transparente.

Assim que vestiram todas as peças, Will fez um sinal para Niltom, que já estava posicionado na mesa de controle. Aper-

tou os números 5, 4, 9, 1, 5 e 3. Respirou fundo. Apertou *enter*. Um flash percorreu os fios aos quais os eletrodos estavam conectados. Liza viu quando os raios entraram na cabeça do experimento, o qual estava mexendo os braços e pernas até então. Ela os viu tremer até que paralisaram. Nada mais se movia.

— Temos que comunicar ao Jimmy, menos um experimento — disse Will.

— O erro é nosso? — perguntou Niltom.

— Não. Ele não era forte o suficiente — respondeu Will, tirando o capacete. — Agora vamos preparar o segundo experimento. Todos os dados indicam que ele também não resistirá, assim como é o caso daquele último, que ainda não abriu os olhos. Comparando seu comportamento, ao longo desses nove meses de desenvolvimento, com o dos experimentos que o precederam, sua deficiência cognitiva é gravíssima e a Síndrome parece bastante desenvolvida em seu cérebro. Enfim, Liza e Sophia, precisamos que vocês providenciem mais cruzamentos para a reposição desses. Ah, Niltom, realize o descarte desse primeiro experimento, antes de preparar o próximo.

Niltom prontamente se direcionou para as Câmaras de Incubação, a fim de retirar o experimento fracassado de lá e já prepará-las para o próximo. Enquanto isso, sabendo que Sophia e Liza consideravam o trabalho da Área 9 inútil, Will tentava convencê-las da importância da vigília dos experimentos, ao longo dos seus nove meses de desenvolvimento dentro das Câmaras de Incubação. Mas Liza não estava ouvindo. Sua atenção estava toda direcionada para a Câmara de Incubação que ainda continha o seu último experimento, aquele que mantinha as pálpebras cerradas. Ele se mexia sem parar, deve ter sentido a eletricidade ao seu redor. Hipnotizada por aquele ser, a cientista se aproximou mais e mais dele, até tocar o vidro de sua prisão líquida. Foi então que os olhos dele se abriram. Olhos roxos.



**Laila Ribeiro** é mestra em Escrita Criativa pela PUCRS; pós-graduada em Gestão Empresarial, em Gestão Pública e MBA em Gestão de Recursos Humanos; graduada em História pela PUC Minas (2014) e em Administração Geral e Agroindustrial pela Universidade Presidente Antônio Carlos (2007). Atualmente, é membro da equipe do site literário Sobre Livros ([www.sobrelivros.com.br](http://www.sobrelivros.com.br)), e mantém o canal literário <https://www.youtube.com/c/ribeirolaila>. Participou de antologias de contos (*Insanas - Elas matam!*, *Onisciente contemporâneo*, *Traduções singulares* e *Não culpe o narrador*) e, em 2016, foi monitora da Oficina de Criação Literária do professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Para entrar em contato envie email para [silvaribeirolaila@gmail.com](mailto:silvaribeirolaila@gmail.com) ou se conecte através das redes sociais @ribeirolaila.



## Veleidade

AGORA

— Você deseja cometer um crime?

Enie acreditava ter pelo menos mais três cliques antes de Judith a rastrear. Ainda tinha muitas dúvidas, muitas questões a responder, mas a janela se fechou. Precisaria confiar no que sentia.

Clicou na opção NÃO. Cerrou os olhos aguardando o julgamento e se assustou com o bipe.

— Posso ajudar. Explique-me o teor de sua pesquisa.

— Merda.

Judith ficou desconfiada, mas não o suficiente para travar sua busca ou abrir a análise de voz. Enie não clicou em nenhuma opção, escrevendo no campo aberto “não estou fazendo nenhuma pesquisa, apenas matando a curiosidade”. Teclou ENTER e quase se engasgou com o ar ao tentar apagar o termo dúbio, mas era tarde demais. Judith já tinha analisado e arquivado.

Enquanto caminhava, sentia os olhos eletrônicos. Ouvia cada passo ressoar na asséptica calçada. Precisava acalmar-se, estava fornecendo ainda mais provas contra si. Desacelerou, incapaz de impedir que a gota de suor escorresse pelo rosto. Aquele calor de 25 graus era incomum.

Entrou no Oriental Sushi uma última vez e levou um tapa do ar condicionado. Esperava aquietar a alma armazenando o máximo de detalhes do lugar que a fazia plena. Não sabia se levaria esses arquivos, mas gostaria de compartilhar as sensações que aquele local evocava. Imaginava a cena com Alex sorrindo e seu coração pulava uma batida.

Alex. Alex Riviera. Descobriu seu nome há 17 dias e propôs combinações para o filho que teriam juntas. Desejava que ele, um menino, herdasse os cabelos cobre de Alex. O lábio superior cheio que dava a impressão constante de “biquinho”. E precisava nascer com aquela mancha nas costas da mão esquerda. Foi graças a ela que Enie encontrou a felicidade.

1021 dias atrás

Enie havia proposto um jogo para si: virava dois saquês a cada pessoa que entrava no Oriental Sushi. Judith enviou uma ambulância para seu provável coma alcoólico, quando Enie entendeu que era hora de um cochilo no balcão. Fechou os olhos, mas não conseguia adormecer. Tentou de tudo e não amortecia o vazio. Notou um movimento e lutou para se concentrar. A mão tinha um sorvete. Não, era uma mancha em forma de sorvete. Daqueles de casquinha. Lutou para erguer a cabeça e encarou. Antes que pudesse decidir o que faria com aquela iluminação, sentiu os paramédicos impedindo sua queda.

948 dias atrás

- Não entendo como você não enjoa de sushi.
- Não se pode lutar contra a comida favorita.
- Judith me orientou a convidá-la para comer em outro restaurante. Você não está ingerindo todos os nutrientes necessários.
- Aceitei fazer o programa de desintoxicação, tomo qualquer vitamina que ela mandar, mas nada vai me impedir de ir no meu restaurante favorito.
- Você fala muito essa palavra.
- Favorito? Como eu deveria chamar o lugar em que sou feliz?

903 dias atrás

Acreditava que *stalkear* era trapaça. Queria conhecê-la de verdade, sem subterfúgios.



764 dias atrás

Enie ficou extasiada ao descobrir que a discreta mesa 11 oferecia uma visão próxima e ampla da mesa 16. Ela sempre se senta à mesa 16.

699 dias atrás

Agora ela vem às terças. Enie se engasga com a água quando a vê entrar.

632 dias atrás

De novo Enie puxa papo com o garçom. Acredita que poderá ser recompensada com informações, caso se torne amiga de Juarez.

517 dias atrás

- Você quer fazer seu pedido?
- Estou aguardando o Juarez.
- Sou sua nova garçonete. O Juarez foi promovido.

499 dias atrás

Judith garante que todos recebam presentes de Natal. Enie está ficando insegura se ganhará ao menos um “oi” da ruiva.

493 dias atrás

Enie teve uma recaída. Sentada no chão do banheiro, viu os sapatos da ruiva entrar, usar a privada e sair. A auxiliar sussurrou para o espelho “até os que mandam precisam ir ao banheiro”. Não conseguiu segurar os cabelos antes do próximo jato de vômito, mas ao elevar a cabeça mostrava o branco dos dentes. Finalmente estava conhecendo sua ruiva!

457 dias atrás

Enie quase cedeu. Digitou “Oriental Sushi” no campo de busca e apagou.

322 dias atrás

Convidou Arizona para almoçar e pretendia dividir com a amiga sua relação com a ruiva. Preparou-a contando que havia encontrado o grande amor de sua vida, que todas as negativas em participar das atividades sociais e a fixação naquele restaurante provinham de seu envolvimento com a dona do Oriental Sushi.

Sentaram à mesa 11 e a garçonete anotou o pedido de Arizona. Serviu o almoço enquanto a agitada Enie vigiava o relógio. A mesa 16 vazia a impedia de falar.

261 dias atrás

Tomás também a abandonou. Ninguém a entendia, não respeitavam sua intimidade. Chegou bem perto de contar à Arizona, mas a ruiva era sua. Seus amigos, seus ex amigos, seriam incapazes de compreender a singularidade de seu relacionamento.

137 dias atrás

Judith insistiu que Enie precisava se socializar. Máquina infernal. Enie tentou explicar para a I. A. que estava feliz na sua situação atual, mas a Governadora insistia que o bem-estar do ser humano abarca a necessidade de estar entre iguais. Não sabia mais como convencer sem mencionar a ruiva. Não estava pronta.

86 dias atrás

Limpou as mãos na calça, ajeitou o cabelo e conferiu o hálito. Iria derrubar a bolsa acidentalmente e ver no que ia dar. So-

nhou tantas noites com aquele momento! Comprou uma bolsa chique, mas não chique demais. Bonita, discreta. Queria que a ruiva notasse seu bom gosto quando abaixasse para recolhê-la. E quando devolvesse, as mãos se tocariam brevemente e um choque percorreria o corpo da ruiva. E ela saberia. Sentiria naquele instante que eram feitas uma para a outra.

Tremendo, Enie seguiu o plano até tropeçar e cair na porta do restaurante. Tentou se recompor, mas não conseguiu limpar a nódoa branca que se instalou em seu sapato. Voltou para casa.

51 dias atrás

Decidiu que não armaria nenhum plano. As coisas aconteceriam quando tivessem que acontecer. Enie sabia que seu destino era ficar com a ruiva, era apenas ter paciência para que o universo agisse.

34 dias atrás

Enie sorvia cada movimento da ruiva como quando era uma bêbada. A ruiva a salvara, sua reabilitação foi possível graças a ela, e não pela intervenção atordoante da Governadora Judith.

De nada valia o mundo perfeito orquestrado pela Judith. Do que adianta oferecer tudo para todos, quando a única coisa que Enie queria não estava acontecendo?

17 dias atrás

A ruiva usava um blazer deslumbrante, azul com rosas vermelhas, destacando o coque frouxo. Enie se entusiasmou, havia algumas semanas desde a última vez que a ruiva jantou sozinha. Nessas ocasiões, Enie vibrava com a possibilidade de um convite para sentar à sua mesa.

Enquanto observava, Enie desejou sentir as rosas, mesmo de relance. Imaginou que o toque seria um tanto frio, cada

rosa cintilava seu valor substancial. Calculava o movimento necessário para o feito e, sentada à mesa 11, viu quando a ruiva tomou a decisão. Enie teve certeza quando seus olhos se encontraram.

Rápida, a ruiva pegou o hashi e afundou com o máximo de força no seu olho esquerdo.

228 dias depois

No final das contas, nem precisou se suicidar. Sua meia pesquisa garantiu que, com um safanão em um agente da Governadora, ganhasse sua passagem direto para a colônia em Marte.

Não pôde carregar suas memórias em arquivos digitais. Não pôde levar nada. Mas rememorou cada deliciosa lembrança enquanto o ônibus espacial a transportava direto para sua ruiva Alex.

231 dias depois

Enie se surpreendeu com os milhares de detentos, sempre soube que criminosos eram enviados a Marte, inclusive suicidas revivificados, mas não imaginava que haveria tantos.

As tarefas eram designadas de acordo com o grau de perversidade do crime. Enie iria apenas fabricar bens de consumo programando robôs-trabalhadores, mas pediu para ser transferida para as minas. Desabafou com Judith afirmando que sua consciência pesava demais, que necessitava de uma punição como se tivesse tirado a própria vida.

234 dias depois

Enie ficou diante de Alex. Não pretendia abordá-la, não ainda, mas Alex pediu que lhe passasse a caneca com água. Encarou a poeira rubi e engoliu a saliva rançosa.

Gaguejando, Enie compreendeu que era o destino. Que chegou o tão sonhado momento em que Alex retribuiria seu amor.

Enie sentiu todos os músculos estacarem. Alex negou que fosse dona do Oriental Sushi, era esposa dela. Que não suportava mais a vida na Terra. Que nunca tinha reparado em Enie e não estava interessada em relacionamentos amorosos.

Meteu o hashi no olho para sair do tédio.



**Leandro Demeneghi** nasceu em Caxias do Sul em 1974. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Unisinos em 2001 e Especialista em Arquitetura Comercial pela mesma instituição em 2006. Começou a escrever em 1996. Participou de concursos literários de 1997 a 2003, obtendo premiação para onze textos, a maioria, contos. Encerra, em 2019, um período de dezesseis anos sem escrever suas histórias, com o conto deste livro. Retomado o gosto pela palavra escrita, hoje dedica ao menos três horas por dia a seu primeiro romance.





## Glory hole

V8, COM SEU PÊNIS SEMIERETO, fode o muro com decência e, por que não dizer, certo carinho. Fica constrangido ao ver que X66 espanca as nádegas sintéticas, enquanto penetra com violência a fenda pompoarista.

— Que foi, V8? — diz X66, com sua voz ofegante de vinte e dois anos. — Tá querendo aprender como se trepa?

V8 desvia o olhar. Mas X66 continua:

— Dá um barato! Você devia tentar!

V8 sai da fenda, limpa o pau na cueca e se afasta. X66 continua sua trepada performática.

Pouco mais de seis mil homens vivem naquela que foi, um dia, uma das maiores metrópoles do mundo. Hoje, ela está cercada por muros mais altos que arranha-céus. Não há sinal de cromossomos XX. Sua reduzida população é formada exclusivamente por homens. Nenhum deles conheceu um exemplar do sexo feminino, exceto por algumas raras revistas e na abundante literatura disponível na grande biblioteca.

O Muro do Fim do Mundo, como é conhecida a magnífica construção translúcida que limita a cidade, filtra parte da luz natural de diversas maneiras no decorrer do dia, quebrando a sua rígida monotonia e emprestando atmosfera ímpar ao local. Ele possui apenas dois marcos importantes: a Região das Fendas na face leste, e a Porta dos Recém-Chegados na face norte.

Cinco dúzias de cavidades pequenas e sempre bem lubrificadas, que contraem e relaxam seu interior, como uma vagina em pleno orgasmo. Posicionadas a uma altura confortável do solo, em sinuosas e macias protuberâncias de silicone, lembram bundas minimalistas brancas que transbordam em alto relevo da face leste do muro.

A Porta dos Recém-Chegados é por onde nascem os bebês. Sempre que o muro ganha coloração azul, é sinal de que um menino aguarda na antecâmara atrás do portão, que se abre apenas até que alguém o busque. Os pequeninos são criados em alojamentos adequados, pelos homens que possuem essa função na sociedade. Eles são identificados por um código formado por uma letra e um número de um a mil. A primeira geração de meninos nascidos do muro foi a geração A, com códigos de A1 a A1000, a segunda, a geração B. Um bebê acaba de ser entregue com o código Y998 tatuado em sua mão esquerda e na face posterior do pescoço, junto à cervical. Este é seu nome.

V8 é um cara de 38 anos, um pouco calvo, um pouco barbudo, um pouco acima do peso, um pouco tímido, um pouco culto, um pouco quieto e, por opção, um pouco solitário. Talvez por isso tenha escolhido trabalhar na biblioteca no turno da noite, quando quase todos estão dormindo. Naquela madrugada, instigado pelo comportamento de X66, ele resolve experimentar o muro de uma maneira diferente. Se aproxima da primeira fenda, que fica perto da curva que dá origem à face norte da construção. Tira toda a roupa, mete a pica e dá pequenos tapas na bunda postiça. Não sente nada especial. Tenta bater mais forte, mas acaba chocando os dedos com a parte dura do muro e a dor faz seu pau amolecer. Num misto de frustração e alívio, põe a roupa e continua sua caminhada. A luz azul invade o muro e, apesar de não ser sua função, começa a andar rumo à Porta dos Recém-Chegados. A cidade dorme e não seria humano deixar um bebê esperando. Quando chega lá não há criança e, na parede dos fundos da antecâmara, percebe uma passagem semiaberta por onde ele vê um ser humano de feições diferentes do habitual.

A primeira luz da manhã vem filtrada pelo muro com ares de aurora boreal, inundando a sala de fractais em milhões de cores que transmutam em improváveis degradês. V8, imóvel, completamente enleado, sente o vazio do estômago amplificar como se o próprio vazio pudesse ser maior que o órgão, maior que ele mesmo.

Enquanto ele está ali, pasmo, o delicado ser que carrega um certo pavor no olhar grunhe, tentando em vão fechar a passagem, até que entrega os pontos.

— Me ajuda!

O timbre da voz é mais agudo, mais doce. A mente de V8 falha ao buscar registros, referências para compreender aquele som. O tremor que permeava as palavras do incontestável pedido de socorro desata V8, que num salto já está empurrando a porta de correr, forçando o mecanismo a funcionar, enquanto observa com fascínio a pessoa que espelha seu movimento. A porta fecha, deixando-os a sós com sua perplexidade e encantamento. Cada qual por seus motivos. Cada um no seu mundo.

A luz do sol revela as verdadeiras cores das coisas. V8 sai da antecâmara e a porta externa fecha automaticamente. Desorientado, ele se deita no chão e fica aí tentando entender tudo aquilo. Vê um pássaro sem asas cruzar o muro e, pouco depois, adormece.

— V8... acorda V8! — diz M911, o homem mais velho da cidade.

V8 abre os olhos e leva a mão direita sobre as sobrancelhas, protegendo os olhos do sol. Quer falar do que houve na madrugada, mas sabe o que acontece com os loucos na cidade, então prefere usar um pouco de prudência.

— Vi um pássaro sem asas cruzar o muro ao amanhecer.

— Bom pra você! Também gosto de beber às vezes, já vi dragões quando lambi os fungos da base sul do muro... nunca faça isso. A biblioteca está uma zona. As crianças foram ler os clássicos hoje e... bem, não preciso te falar. Você sabe como fica aquele lugar depois que os pequenos degenerados passam por lá.

— É possível que haja vida além-muro, M? — M911 podia ser chamado apenas pela letra, pois não havia outro “M” vivo.

— A noite foi forte, hein? — M faz uma careta como se lembrasse dos próprios excessos.

— Pois é... foi uma noite e tanto.

— Mas, respondendo sua pergunta: não. Não tem chance de ter qualquer tipo de vida lá fora.

— Lembra quando eu era pequeno e você veio me tratar da varicela? Fiquei muitos dias em casa, sem poder sair, e o senhor me falou da Grande Guerra. Eu já não lembro exatamente de como era. Me conta de novo?

— Ah! Por favor, V8! Essa história é muito longa e quero ir às fendas hoje. Na minha idade, temos que aproveitar quando o tesão vem — M deu uma risada alta seguida de tosse com catarro. Pigarreou duas vezes e cuspiu uma gosma grudenta e amarelada.

— Por favor, M! É importante pra mim. Sabe... — V8 fez uma pausa, enquanto inventava algo contundente. — Estou querendo escrever um livro e essa história será...

— Está bem... está bem, seu chorão! Mas vou resumir. E não te aconselho a escrever sobre isso. Você sabe que a Igreja é poderosa e eles fazem questão de que apenas a versão deles circule entre nós... aquela merda de muro erigido por deus e o escambau.

O velho se sentou ao lado do V8 e cuspiu novamente, antes de iniciar a história.

— Vou te contar o que ouvi dos mais velhos. Não tenho certeza de nada disso e tem muitos pontos falhos nessa história, portanto, sem perguntas, está bem?

— Claro! — disse V8, nitidamente excitado.

— Antes de mais nada, é importante que você saiba que essa guerra foi entre homens como seres que nasceram com paus, e mulheres como seres que nasceram com bocetas, independentemente de suas opções sexuais e de vida.

— Bocetas? Lembro de ter lido isso em alguns livros... seriam como as fendas, só que ficavam nos corpos das mulheres, não é isso?

— Sim, sim... era como chamavam as fendas das mulheres. Pois bem. Dizem que antes dos anos 2020, homens e mulheres conviviam de maneira pacífica e até amorosa por todo o mundo. Se acreditarmos nisso, alguns dos livros que inundam a biblioteca retratariam muitas vezes a realidade da época, e não seriam apenas obras de ficção. Naquele tempo, já há muito,

havia uma espécie de guerra ideológica entre esses gêneros. As mulheres eram tratadas com menos respeito, menos direitos, menos consideração. Dizem que, mesmo exercendo as mesmas atividades que homens, elas eram muito menos remuneradas, apenas por serem mulheres, e que sofriam todo tipo de abuso por terem menos força física. Isso tudo, e outras coisas mais, fez com que um grupo muito bem articulado de feministas se organizasse para acabar com nossa raça.

— Feministas? Você não quer dizer feministas? — interrompe novamente V8.

— Tu não trabalha numa biblioteca, V8? Feministas, se é que elas existiram, reivindicavam igualdade entre homens e mulheres. Era uma coisa boa... justa. Já as feministas queriam que toda a sociedade se curvasse ao seu gênero. Seria o contrário de machismo — M faz uma pausa e considera: — Na minha época de estudante tive um bom professor de literatura. Ele dizia que esses conceitos, embora inúteis para nossas vidas, ajudariam na construção de universos ficcionais... ah, minhas costas estão me matando — diz o velho, enquanto se levanta. — Enfim... a ideia era destruir os homens, preservando apenas uns poucos exemplares de boa linhagem genética para a procriação. Elas desenvolveram uma arma biológica que atingiu apenas o genoma masculino e mataram muitos. Mas elas teriam subestimado o inimigo. O treinamento militar dos caras era muito avançado. Aqueles que sobreviveram retaliaram de maneira feroz e impiedosa, até que não restasse uma única mulher viva. A raiva era tanta que eles esqueceram que dependiam delas para a continuidade da raça humana, e que o grande número de armas químicas e nucleares que foram utilizadas deixariam quase todo o planeta inabitável. Foi então que as grandes cabeças pensantes ainda vivas encontraram uma solução. Quando a água bate na bunda é que se aprende a nadar! Mataram dois coelhos com uma cajadada só. Ou até três. Construíram um muro. Um muro capaz de deixar essa cidade protegida da poluição exterior, um muro que é uma grande máquina de procriação alimentada pelo sol e

pela mesma energia nuclear que dizimou as mulheres, e quase todos os homens que haviam restado. Um equipamento tão sofisticado que nunca requer manutenção, além de oferecer energia elétrica de sobra para as nossas necessidades. É uma pena que esses mesmos cientistas não tenham inventado máquinas de fazer cerveja — M riu e tossiu novamente. — Esse equipamento que recolhe o esperma dos homens nas suas deliciosas fendas permite a geração de mais homens e garante a manutenção da nossa espécie. Não tenho ideia do porquê de não nascerem mulheres, mas acho que foi alguma regulamentação que fizeram para evitar novos problemas ou, talvez, porque elas nunca tenham existido mesmo e tudo isso que falei seria balela. É mais ou menos isso que sei, garoto. Agora vou até as fendas. A máquina deve estar ansiosa por mais dos meus geniais espermatozoides.

Quando V8 chega no trabalho, o bibliotecário da tarde, U874, já havia arrumado uma parte da bagunça.

— Vou ficar por aqui um pouco mais para te ajudar, V8 — diz U874, já meio arrastado.

— Não precisa. Tenho a noite toda.

— Vi que “O Jogo da Amarelinha” ainda tá na tua mesa. Faz meses que tu tenta ler esse livro.

— Na verdade, eu já li. Agora estou lendo de novo, começando pelo capítulo 56 e lendo o resto depois. É incrível como Cortázar...

— Com tantos livros aqui tu vai ler o mesmo duas vezes? — interrompe U874.

— Três, na verdade. Tem outro jeito que o autor sugere. Começando no capítulo 73 e finalizando no 131, pelo que entendi.

— Tem cada maluco nesse mundo! Bem, se tu não quer ajuda, vou indo — diz U874 puxando o casaco de malha da cadeira e tomando o último gole de água da sua caneca encardida.

V8 hesita por um instante, mas antes que U874 saia pela porta, indaga:

— E quanto às mulheres?

— O que tem?

— Elas aparecem em quase todos os livros.

— Livros são fantasias. Quase todos eles. Acabei de ler O Senhor dos Anéis e não lembro de ter cruzado na rua com Elfos, Trolls ou Mulheres — ri U874, orgulhoso de sua deixa.

— Mas as mulheres estão presentes em quase todos os livros, e com interações amorosas e sexuais com homens. Você não acha que tem algo de verdade nisso? E quanto à Grande Guerra?

— Lá vem tu com essas bobagens que o M espalha por aí! Aquele velho drogado só fala besteiras — se exalta U874. — Olha só, V8... li sobre uma mulher que tinha cobras no lugar de cabelos e que transformava os homens em pedra, só de olhar nos olhos deles. Não é porque está escrito num livro que vou acreditar nisso. Sobre o amor, eu sei bem o que é, sinto isso por muitos de meus irmãos nascidos aqui e pelo meu companheiro de vida. Não preciso de figuras míticas para amar. De real há nós, a cidade e o muro. Acho que sexo é o que te faz falta. Tu nunca sai com ninguém. Me ressinto por ti, sabe? A vida é mais do que trabalho e leitura, meu amigo. Pelo menos dá uma passada nas fendas. Pra dar uma aliviada, sabe? E por favor, acaba aqui e vá dormir um pouco. Tu tá horrível — ele ri novamente. — Se bem que nem todo o sono do mundo te deixaria bonito.

U874 sai.

V8 não lê naquela noite. Cansado de guardar as pilhas de livros, ele só pensa na Porta dos Recém-Chegados. Não porque o muro tivesse brilhado azul, mas porque deseja encontrar o ser misterioso novamente, ouvir sua voz, confirmar a própria sanidade.

As ruas estão escuras. Provavelmente deu alguma pane no sistema de iluminação, e o eletricista de plantão deve estar bêbado, como de costume. Exceto o próprio V8, não haveria ninguém para se queixar. E ele não o faria. De volta à biblioteca, pega uma lanterna e aproveita para um rápido alívio.

— Ah! Como é bom mijar — fala alto curvando o pescoço para trás. Depois, volta para a rua.

O cônico facho de luz segue lento e cauteloso, num zigue-zague curto, imperfeito, revelando por um instante, sob os domínios de seu foco, as cores que a noite escura da cidade insiste em ocultar. V8 não sabe ao certo quais os próximos objetos ou animais de hábitos noturnos sairão das sombras. Tudo que sabe é que será por uma fração de tempo irrepetível.

Quando chega ao seu destino, bate com a cara na porta. Não no sentido figurado, ele realmente fica lá, com as duas mãos acima da cabeça apoiadas na porta, enquanto dá com a testa no metal gelado. Ele erra a força da última pancada e desmaia. Acorda com o toque suave em seu rosto. É uma mão leve e delicada. Abre os olhos devagar e, ao vê-la, pergunta:

— Você é o que eu estou pensando?

— Não sei o que você está pensando, mas acho que sim. Sou mulher. Meu nome é Alice. Muito prazer, V8 — diz ela, olhando para a tatuagem na mão dele.

— Alice! Por causa do livro?

— Que livro?

— Alice no País das Maravilhas.

Alice sorri, nervosa. Pensa ser uma piada masculina que ela não tenha entendido. Ela foi advertida em suas aulas de que homens fazem piadas sem sentido.

— Você não parece tão mau — diz Alice. Tinha aprendido também sobre a falta de caráter dos homens, da sua natureza vil.

— Mau? Não! Acho que não.

Novamente Alice sorri, mas agora aliviada.

— Tenho que ir. Se elas descobrirem onde estou, me matam.

— Elas? Quer dizer que existem mais mulheres?

— Tenho mesmo que ir. Volto amanhã, se você prometer estar aqui e guardar nosso segredo.

— Eu venho. Não se preocupe. Ninguém acreditaria mesmo.



— Traga umas roupas suas que possam me servir — ela pede antes de partir.

Alice volta por onde entrou. Enquanto se afasta, seu fino vestido retroiluminado pelo muro deixa transparecer uma silhueta de curvas encantadoras, que fica fotografada nas retinas de V8 e age como um potente afrodisíaco. Ele não entende direito o que está sentindo. Mas é algo bom. Levanta-se meio cambaleante, vai até as fendas e, imaginando que as nádegas artificiais são vestidas por mulheres que vivem no interior do muro, as segura com firmeza, fecha os olhos buscando a imagem de Alice, acreditando que ela está ali separada dele apenas por aquela fina pele falsa. Seu corpo treme, sente cada músculo contrair, perde o tempo, suas pernas desistem.

Sobre os lençóis que um dia foram brancos, V8 repousa emoldurado pela mancha santo-sudariana que retrata, disforme, seus contornos.

Seu lar não é pequeno e teria uma vista privilegiada da cidade, não fosse pela craca que recobre os vidros. A abundância de imóveis permite que os rapazes que já produzem esperma abandonem o alojamento e escolham um lugar só seu. O apartamento, de planta livre, quase não possui divisórias internas e apenas os banheiros são separados por paredes. A mobília é composta apenas do necessário e, embora puídas pelo tempo, refletem o bom gosto de tempos idos.

Já passa do meio-dia e V8 continua deitado, pensando em Alice. Não consegue parar de pensar nela. Não quer parar. Vira de bruços e rasteja para o canto da cama. Apanha meio cigarro de ervas calmantes do cinzeiro de metal vermelho, que repousa na mesa de cabeceira ao lado do Zippo. Abre a tampa do isqueiro com o polegar, mas não há chama. Pega o tubo de hidrocarboneto isoparafínico sintético da gaveta e carrega o equipamento antigo. Escora o travesseiro na cabeceira da cama, senta e acende o cigarro na mão (V8 tem medo de usar o isqueiro perto do rosto logo depois de carregá-lo). Fica observando a fumaça que sobe fazendo curvas, as curvas de Alice, dá três tra-

gadas curtas para acender bem. Segura as primeiras tragadas apenas na boca, procurando apreciar o sabor. Depois, uma tragada longa seguida da careta típica de quem está prendendo o ar nos pulmões. Enquanto solta a fumaça num sopro forte, se engasga e tosse até perder o fôlego. Dá mais uma tragada, agora com cuidado, e larga a bagana no cinzeiro. Sai da cama, segue até o refrigerador, abre a porta, lembra de ter marcado almoço com um casal de amigos, fecha a porta para o frio não escapar, resolve furar o compromisso, abre a porta novamente, pega um pote com feijão, mistura maionese, come a metade da refeição gelada, volta para a cama, adormece, acorda, levanta da cama, segue até o guarda-roupas, pega uma camiseta extra, um moletom com capuz e uma calça de abrigo que tem uma corda para ajustar à cintura. Vai até a cozinha, encontra uma sacola de papel e soca as roupas ali dentro. O prato do almoço continua sobre a bancada. Agora a comida está apenas fria. Ele pega o prato, prova, não acredita que comeu isso mais cedo. Faz um sanduíche, janta e vai para a biblioteca.

— Chegou cedo, V8. Mais de duas horas antes — diz U874, coçando a virilha.

— Quero ler um pouco.

— Como se não houvesse tempo pra ler no teu turno! Se bem que, pra quem quer ler o mesmo livro duas vezes, talvez não haja mesmo.

— Três vezes. E é apenas com esse livro que pretendo fazer isso — diz V8, já sentado em sua escrivaninha, tocando “O Jogo da Amarelinha” com a palma da mão. — Melhor do que trabalhar numa biblioteca e ler cinco livros por ano.

— Pra ti é fácil falar. Vem pra cá no turno da moleza. Ninguém vem à biblioteca no teu horário. Tu guarda meia dúzia de livros, cataloga outra meia dúzia de informações e tem o resto da noite livre. Já eu, tenho que catalogar e guardar dezenas de livros e informações, orientar os leitores, ser mediador, educador, psicólogo, aturar as pestes da escola e alguns paspalhos metidos a intelectuais. Ler cinco livros por ano com essa carga

de trabalho não é pra qualquer um, V8... não é pra qualquer um — sentença U874, visivelmente exaltado.

— Calma, U874! Não falei sério! Além disso, foi você quem começou com a história de ler o mesmo livro várias vezes. Se você quiser sair antes hoje, te dou cobertura. Já tá bem calmo por aqui. Vai lá! Aproveita que não estou sempre com essa disposição.

— Quer saber? Vou sim. Estou precisando mesmo tomar umas. Valeu V8. Até amanhã — fala U874, enquanto caminha para a porta disfarçando o sorriso.

V8 também sorri. A biblioteca está vazia e o mar de livros agora é dele. Apenas dele.

Segue até o setor que guarda os volumes do gênero literário nonsense e cata “Aventuras de Alice no País das Maravilhas”. Avança pelo corredor, alcança a área destinada aos livros de alta fantasia e apanha uma edição de bolso. Como já leu ambos, se põe a explorar, pela segunda vez, a contragosto de U874, o livro que repousa em sua mesa.

Já é tarde da noite quando ele resolve dar um tempo com a leitura e passar um café, item raríssimo, cultivado nas coberturas de alguns edifícios do centro da cidade.

Devido à limitada área territorial disponível, há muito os administradores da metrópole resolveram demolir as construções da periferia oeste, inabitada e constituída quase unicamente por casas depredadas de até dois andares. O espaço resultou numa grande fazenda onde hoje são produzidos alimentos advindos da agricultura e pecuária. Grandes composteiras, para onde segue todo o lixo orgânico gerado pelos habitantes e pelos processos fabris, garantem fertilidade à terra que foi, por muitos anos, sufocada pelo concreto e pelo asfalto. As hortas das coberturas das edificações são destinadas a produtos tidos como de segunda necessidade, como: chás, cafés, tabaco e ervas calmantes.

V8 volta para a sua mesa. Apoia a bebida quente sobre um tabloide ruim, entre manchas de outras xícaras que formam uma malha desordenada de circunferências imperfeitas. Pensa em relógios sem ponteiros. Ler não é mais uma opção. Não é fácil manter a concentração, quando se olha para o relógio a cada minuto. V8 se levanta, estica as pernas e é absorvido pelos longos corredores originados pela ausência dos livros. Passeia enquanto pensa na importância do vazio, sem o qual não existe o cheio. Na generosidade daquelas circulações, para as quais apenas o nada foi confiado, e que mesmo assim emprestam acesso ao todo. Percebe que já está filosofando demais e resolve sair.

Está na hora de seguir pelas ruas vazias.

Hoje há luz nos postes, mas, novamente, ninguém circula pelas vias. Apenas ele, a sacola de roupas extras e os dois livros roubados. A porta parideira se abre quando ele chega.

— Rápido! Entra aqui — cochicha Alice, chamando V8 para o interior da antecâmara. V8 entra e a porta se fecha.

— Tive medo que você não viesse — diz Alice.

V8 estende a mão com a sacola de roupas. Alice a pega e, antes que V8 possa falar, ela se despe. Fica completamente nua. Surge uma ereção indisfarçável sob as calças dele. Alice a percebe apenas após estar vestida de V8. Nenhum deles fica constrangido com a situação e, apesar da sua experiência da noite anterior, quando imaginou Alice vestida de muro, ele continua confuso com essa sensação. Esse tesão original.

— Vocês vivem no interior do muro? — pergunta V8, tentando dar veracidade às suas fantasias.

— O quê? — ri Alice, enquanto prende os cabelos num coque.

— Trouxe esses livros pra você — diz V8, com as expectativas destroçadas, mudando o tema da conversa.

Alice os apanha e admira suas capas.

— Esse é o livro que você falou! Tem mesmo o meu nome no título, mas esse “País das Maravilhas” não existe! — diz Alice, torcendo o nariz.

V8 ri, surpreso, e tenta esclarecer:

— É uma fábula! Não é baseado em fatos. Quer dizer, há verdade nele, em suas metáforas, entende?

— Não — responde secamente Alice. — Por que alguém perderia seu tempo escrevendo sobre coisas que não existem?

— Acho que você saberá quando ler. Não têm livros onde você mora? — tira onda V8.

— Claro que tem. Muitos, mas todos reais, práticos, científicos, úteis... — Alice sobrepõe o outro livro e lê o título. — “O Morro dos Ventos Uivantes”. Sobre o que é?

— Uma história de amor entre um homem e uma mulher. Eu achei que fosse outra fábula até te conhecer — V8 ruboriza. — Vê como pode haver verdade numa obra de ficção?

Alice também fica enrubescida. Se sentindo úmida sob a calça de abrigo, desvia o olhar e a conversa:

— Também te trouxe um presente.

— Mesmo? O que é?

— A verdade — diz Alice, enquanto pega uma pequena mochila da qual abre o zíper maior expondo seu conteúdo.

— Um pássaro sem asas!

— É um drone, V8. Não tem drones onde você mora? — agora quem tira onda é Alice.

— Precisamos ir lá pra fora. Por isso te pedi que trouxesse as roupas — revela Alice, abrindo a porta para o mundo de V8.

Do lado externo, Alice toma distância do muro e atira o pequeno drone para o alto. V8 corre para tentar amparar sua queda, mas o objeto gira suas oito hélices silenciosas, se estabiliza por completo e ganha o ar.

— Já podemos entrar — diz ela, dirigindo-se para a porta.

— Era só isso? Pra essa saidinha de nada você se disfarçou de homem? — pergunta V8, enquanto a segue.

— Não posso arriscar ser vista. A pena para o que estou fazendo é a morte.

A porta se fecha e Alice cola um pequeno dispositivo triangular na própria testa e outro circular na têmpora direita de V8.

— O que é isso, Alice?

Há uma certa tensão na voz dele.

— Não se preocupe. Você já vai ver.

V8 sente um formigamento na área tocada pelo dispositivo e, poucos segundos depois, ele passa a enxergar com os olhos do pássaro. Alice, que comanda a máquina, a envia cada vez mais alto, permitindo que V8 veja a própria cidade de um ângulo nunca contemplado.

— Como é linda aqui de cima — ele diz emocionado percebendo que, de lá, nem as rachaduras dos rebocos dos prédios, nem o desgaste da pintura de suas paredes ou quaisquer imperfeições, são percebidas. Quando sua visão já está mais alta do que o próprio muro, vê absolutamente toda a cidade, como se olhasse para uma maquete. Só então Alice gira o equipamento em cento e oitenta graus, libertando V8.

Existe um mundo por trás do muro.

As mais variadas construções dividem espaço com grande quantidade de vegetação e ocupam toda a vista. Alice vai diminuindo a altitude, enquanto ordena ao aparelho que siga para a área das fendas. V8 vai percebendo que não importa o quanto seu olhar se aproxime dos prédios, as imperfeições não aparecem. Não há rachaduras ou falhas na pintura. Tudo é claro e limpo, desde os calçamentos até as coberturas. Pensa na palavra “assepsia”. Algumas mulheres já circulam pelas ruas. Alice aproxima o drone de duas moças que se beijam, escoradas na porta de uma loja ainda fechada. Repentinamente uma delas lança um olhar brávio para a câmera. V8 se assusta e Alice perde momentaneamente o controle do equipamento, raspando uma das hélices na parede, arrancando a tinta, que imediatamente se reconstitui.

— Nanotecnologia — diz Alice, envaidecida.

V8 continua mudo. Absorto.

Veículos silenciosos passeiam pelas ruas. Num parque, meninas brincam alegres. Todos os tipos femininos parecem se encontrar nos passeios públicos. Suas expressões são as mais diversas: há mulheres sérias, sorridentes, aparentando

preocupação, despreocupadas, cansadas, radiantes, tristes... nesse quesito, elas pareciam iguais aos homens, pensou V8.

Na divisa com a Área das Fendas, há um prédio longo e baixo. Alice introduz o drone por uma passagem vedada apenas por uma cortina transparente bipartida, avança por alguns corredores até uma máquina muito parecida com outra que V8 viu na fazenda, ordenhando o leite das vacas. Uma mulher vestida de branco, com touca e um grande óculos de proteção, olha para o drone e parece desprezá-lo, como se a sua passagem por ali fosse rotineira.

— Então é essa máquina que...

— Sim — interrompe Alice. — Quando vocês metem o pênis nas cavidades do muro, o sêmen é sugado pela ordenhadeira. Essa área é chamada de “Glory Hole”, como uma piada interna, baseada numa prática do velho mundo.

— Então somos uma piada pra vocês? — diz ele, irritado.

— Não pra mim. Muitas de nós não concordam com esse sistema e querem mudá-lo. Sabe, V8... eu te conheci por acidente, mas percebi logo de cara que você era uma pessoa boa. Que talvez os homens não sejam os monstros que pintaram pra mim. Quando eu estava em apuros, com essa porta emperrada, você me ajudou. Sua atitude me mostrou a verdade, então, achei justo que você também a conhecesse.

Alice avança para as próximas salas.

No caminho, inúmeras mulheres de branco não se importam com a passagem do equipamento voador. Ela para rapidamente em uma grande instalação com tubos de vidro cheios de um líquido transparente com fetos em diversos estágios de gestação. Algumas doutoras os analisam e fazem anotações.

Atravessando outra ala, chegam até o berçário. Há, pelo menos, cem mulheres e apenas um menino. Alice se aproxima dele.

— Te apresento o Y999, V8. Dentro de poucos dias ele será entregue ao seu mundo.

— E todas essas meninas?

— Elas serão entregues para suas novas mães, neste continente.

— Esse continente inteiro é habitável?

— Todos são, mas cada um tem sua própria cidade murada. O mundo todo é povoado por mulheres. Os poucos homens que o habitam vivem em cativeiro, e foram gerados em laboratório com o material disponível na época em bancos de esperma.

— Então, vocês venceram a Grande Guerra?

— Não, V8. Não houve guerra. O que aconteceu foi um *massacre*.



**Lorena Otero** escreveu seu primeiro livro com cinco anos. Depois de ser devastada pela crítica, entendeu que precisava refinar sua técnica e tratou de estudar. Hoje ela é jornalista, redatora publicitária e, aos 28 anos, voltou para a literatura, assinando a antologia *Osso de Baleia* (2019 - Quintal Edições). Com suas palavras, ela pretende provocar aquele risinho de canto de boca e, com um pouco de sorte, alguma reflexão.



## Profissão do futuro

— Vovó, tá podendo falar?

— Que surpresa boa, querida! Não tinha visto você chegar! Senta, fica à vontade. Aceita um pedaço de broa?

— Eu tô no holograma, vó.

— Ah, meu Deus! Eu nunca sei. Estou podendo falar sim, querida. Do que você precisa?

— Só queria contar pra senhora que o resultado das admissões saiu. Eu passei, vovó! Eu passei!

— Sério, minha neta? Que coisa boa! Que Deus te abençoe nessa sua caminhada e que você consiga ajudar muita gente! Tinha certeza que você passaria.

— Obrigada, vovó! Estou tão feliz! Obrigada por ter me ajudado a estudar.

— Imagina, querida. É o mínimo que eu poderia fazer. Aprendi muita coisa, quando eu era jovem, fico feliz de ter compartilhado com você.

— Que bom, vovó. Suas dicas pra minha redação fizeram toda diferença.

— Eu sabia! Eles podem chamar do nome que quiserem, mas a profissão mais velha do mundo continua tendo os truques mais velhos do mundo. Como eles estão chamando agora?

— Terapia Erógena.

— Minha neta! Terapeuta Erógena! Na minha época era só puta mesmo.

— Vó! Não é legal falar assim mais. É extremamente preconceituoso.

— Tudo bem, querida. Não quero te importunar nesse dia tão feliz. Quando começam as aulas?

— Em fevereiro. No primeiro período, a gente já estuda Sexologia Aplicada e Anatomia I - Mecânicas do Prazer. Achei que era mais tarde, estou muito nervosa.

— Ah, minha neta. É assim mesmo. Depois dessas disciplinas que você vai conseguir direcionar o curso para a sua habilitação. Você já sabe qual área da Terapia Erógena você vai querer atuar?

— Não sei, vovó. Acho importante ir pro campo, como a senhora fez. Conhecer as pessoas, os problemas delas, contribuir como for possível. Depois eu gostaria de conhecer melhor a área de cura para criminosos sexuais. Tem muito Cientista Erógeno descobrindo remédios, tratamentos, reabilitando as pessoas assim que é feito o diagnóstico em campo.

— Faz você muito bem, querida. Tem muito problema no mundo que é fruto de sexo mal feito. Você não imagina o bem que você vai fazer. Na minha época, as coisas eram mais difíceis, as pessoas fechavam os olhos para a nossa classe. Tenho certeza de que você vai fazer a diferença.

— Eu espero, vovó. Estou bem animada. Preciso ir agora. Vou ligar para a mamãe. Você foi a primeira pessoa pra quem eu quis contar!

— Fico honrada. Já conversou com o seu pai?

— Eu tô aqui na casa dele! Vimos o resultado juntos, ele tá lá, ligando pro resto da família.

— Imagino a cara dele. Você é o nosso orgulho, docinho!

— Te amo muito, vovó. Até logo!

**Lúcio Humberto Saretta** é natural de Caxias do Sul. Formado em Publicidade e Propaganda pela PUCRS e Biblioteconomia pela UCS. Autor dos livros *Alicate contra diamante*, *Crônicas douradas*, *Lições da barbearia* e *O louco no espelho*.



## A biblioteca perdida

NA MANSIDÃO DA TARDE que findava, o ar era quente e abafado. Pituca abastece um carro com o peso do corpo apoiado sobre a lataria. O carro é de uma cor chumbo, seu design é insólito, com linhas sinuosas e arrojadas, a traseira amassada por alguma batida. No céu, nuvens finas e compridas vagam sobre o fundo laranja do crepúsculo. Vez por outra, o som de uma buzina é ouvido na rua. O motorista do carro está com a cabeça voltada para baixo, os dedos sobre a tela do celular. No console do veículo, há uma lata de cerveja aberta. Alguns pardais saltitam sem rumo, procurando por migalhas sobre o asfalto quente do posto de gasolina. Subitamente, Pituca ouve um ruído sutil, contínuo e de intensidade crescente, como se fosse o ronco de um motor com defeito. O frentista olha ao redor, perscrutando a rua de um modo curioso. Aos poucos, o ruído adquire proporções maiores, e Pituca ergue os olhos para o céu. Um pássaro de aço gigante está descendo devagar, como uma pluma, seu nariz voltado para baixo, rasgando o vácuo com suas asas e a cauda, onde há o logotipo de uma empresa aérea. O vulto metálico, brilhante e imponente, passa a poucos metros do telhado do posto. O barulho da turbina agora é ensurdecedor, e o deslocamento de ar engolfa Pituca como uma onda apocalíptica de fúria e calor, levando para longe o seu boné e agitando os seus cabelos. O estrondo da aeronave descontrolada que se espatifa contra um edifício vizinho é magnífico, os destroços da fuselagem violentamente golpeando transeuntes, casas e árvores ao redor. Uma cortina de fumaça negra se forma entre as chamas da explosão, subindo ao céu em uma espiral espessa e aterradora.

Em outras épocas, é possível que os homens, ao verem um acidente dessas proporções, não acreditassem nos seus olhos.

Mas não há nada nessa cidade capaz de alterar o estado de apatia dos habitantes. Pelo menos da maioria deles.

— Os caras não aprendem que bebida e direção não combinam né, seo? — diz Pituca, enquanto recoloca a mangueira na bomba.

O motorista do carro finge não entender, ou talvez não tenha entendido de fato, e apenas estende uma nota para o frentista, enquanto recebe a chave. O carro parte em lento zigue-zague pela rua, quase sendo abalroado pelo caminhão vermelho que surge dobrando a esquina em alta velocidade. Pituca observa ainda por um instante os bombeiros, em seu frenético e descontraído labor, batendo cabeças na tentativa de apagar o fogo e resgatar as vítimas do desastre.

Dentro do pequeno escritório, Pituca estende a mão, com o dinheiro entre os dedos sujos, para um homem sentado atrás da mesa. O homem fuma um charuto com os olhos vermelhos fixos em um ponto distante, imaginário.

— Ah, é você garoto — diz ele, apanhando mecanicamente a nota.

Sobre a mesa há um copo de vidro, uma calculadora, um tablet, dois celulares, papéis avulsos, canetas perdidas, um cinzeiro, uma garrafa de uísque pela metade, e um calendário que, de alguma maneira, ficou parado no tempo, mais precisamente no mês de agosto de 2084.

— Obrigado, garoto.

A voz do homem é pastosa. Seus poucos cabelos pintados de preto estão desgrenhados. Ele usa óculos de lentes grossas, e tem as mangas da camisa dobradas até a altura do cotovelo. Nódoas de suor surgem através do tecido, formando círculos perfeitos sob as axilas.

— Não sei o que seria de mim sem você. Aconteceu alguma coisa lá fora? Ouvi um barulho estranho.

— Não foi nada, seu Carlos. Acho que o piloto do avião exagerou na dose.

Seu Carlos parece não entender as palavras do empregado, preso nas garras de uma outra espécie de realidade, bebendo



goles de uísque e passando o dedo indicador sobre a tela do celular.

— Ok, garoto. Por hoje era isso. Pode ir para casa.

— Obrigado, seu Carlos.

Pituca vai até o banheiro, tira o macacão e as botas, veste seu tênis e lava as mãos com pasta desengraxante e o sabonete barato que está na pia. Depois sai caminhando pela rua, envolto pela fumaça negra e oleosa que toma conta do ar.

Comerciantes fecham as grades de ferro dos seus estabelecimentos em meio à coloração púrpura do céu. Nas esquinas, homens espreitam com o olhar cansado e distante, sem que se possa saber se são mendigos, loucos, ou apenas cidadãos normais. Pituca caminha com ar desconsolado, as mãos nos bolsos, o olhar para baixo. Na calçada, duas mulheres abraçadas com uma garrafa de conhaque trocam carícias e impropérios, até caírem na sarjeta e lá ficarem, cantando alto uma velha canção de carnaval. Há um carro virado de cabeça para baixo, o motorista com um ferimento na cabeça, a cara espremida contra o asfalto, como se estivesse tentando sair do interior do carro. Ao redor, três policiais, hipnotizados pela tela do celular, apenas aguardam. Um deles bebe alguma coisa do interior de um cantil, enquanto os fiscais do trânsito parecem falar uma língua desconexa entre si, alguns deles agindo estranhamente, incapazes de desempenhar as suas funções profissionais de maneira satisfatória. Um estudante está parado, os olhos vidrados na tela do celular, um cigarro entre os dedos, uma lata de cerveja na mão. Não há esperança, nem medo, apenas o torpor tecnológico da nova geração de telefones móveis capturando outra mente indefesa.

É noite. Pituca abre o portão de casa. Seu pai, empunhando um copo de cerveja, assiste televisão no sofá. O programa que está passando é sobre celebridades, as suas manias, cirurgias plásticas e o carro novo que dirigem. Copos de uísque são esvaziados pela apresentadora do programa, enquanto detalhes sobre a vida pessoal de um ator de novela são esmiuçados. Às vezes a câmera oscila para os lados, como se o próprio opera-

dor estivesse embriagado, mas o pai de Pituca não se importa quando isso acontece. Sua mãe está sentada na mesa da cozinha bebericando um pequeno copo de vodca, os rolos mal colocados nos cabelos, absorta na tela brilhante do celular. Pituca dá boa noite, enquanto prepara uma fatia de pão com manteiga e geleia de morango. Para beber, café com leite. Por um instante, Pituca observa os seus pais. A sua cândida aparência, a sua dócil compostura, o amor esquecido pairando no ar.

Depois de comer, o jovem vai para o seu quarto. No interior do cubículo, sentado na cama, Pituca tira os tênis devagar. Após permanecer deitado por alguns minutos, a sensação de fadiga abandona o seu corpo. A luz da lua penetra a escuridão do quarto, azul e prata, enquanto as cortinas balançam agitadas pelo vento quente da noite. Com uma das mãos Pituca abre a porta do alçapão que há sob a cama. Naquele pequeno espaço repousava uma espécie de tesouro, uma passagem secreta capaz de levá-lo para longe, para um lugar diferente daquele habitado pelos seres tristes da cidade. Herança de seu avô, os livros eram romances, coletâneas de contos, poemas e algumas biografias de vultos históricos. Houve um tempo em que o avô conversava com o neto todas as noites. Naquelas conversas, o velho Ataliba Lira, agora Pituca sabe, se esforçava para fazê-lo entender algo, como se fosse uma receita de felicidade. Ataliba contou que na sua juventude havia tentado ser escritor. Foi um lindo sonho, mas que não se realizou da maneira como o velho esperava. Enquanto passavam os anos, Ataliba testemunhou o desvanecimento do seu projeto, aceitando com resignação aquilo que ele considerava uma fatalidade, mas não uma injustiça. Nessa hora sombria, como se fosse um remédio amargo, Ataliba evocava para si mesmo a filosofia de Cícero, que dizia que “o tempo derruba as ilusões da opinião, mas estabelece as decisões da natureza”. É verdade que ele lutou, ciente de que uma carreira literária não é algo que se consolide do dia para a noite. Principalmente durante a sua juventude, nem mesmo a mais pérfida e tenaz sucessão de fracassos era capaz de abalar a sua moral. Para penetrar nos labirintos do mundo literário

era preciso ter paciência, além de uma boa dose de atrevimento e amor próprio. Oh, como esquecer os momentos felizes, como o lançamento do seu primeiro livro de contos, “Lírios e delírios”, quando o seu nome apareceu no jornal, e até mesmo um sujeito desconhecido surgiu do nada, para pedir o seu autógrafo com um exemplar em punho? Naquela tarde, durante a feira do livro da pequena cidade do interior onde nasceu, Ataliba teve a sensação de que dali para frente nada seria como antes. Dali para frente ele teria uma razão para viver, algo para guiar os seus dias, enquanto ele trabalhava mecanicamente na companhia de seguros. Sim, a arte permitiria que ele fosse alguém, mesmo que, para os donos do bom gosto do mundo literário, ele nunca tenha sido.

Pituca acende a luz do abajur. Entre os livros à sua mercê estão o romance “Admirável mundo novo”, do inglês Aldous Huxley; a novela “O alienista”, de Machado de Assis; um volume de contos de Hermes Pantaleão; e “Versos aversivos”, obra poética de Boris Barbosa, autor contemporâneo de seu avô. Enquanto lê, Pituca desliga o aparelho celular, a fim de evitar o seu toque insinuante e maquiavélico. O manuseio dos livros é feito com cuidado. Livros de papel são uma raridade, e Pituca sabe que os seus exemplares são, provavelmente, os únicos existentes na cidade. Nessa hora de alívio e introspecção, o garoto agradece ao avô por ter lhe ensinado o prazer das palavras, das narrativas que se desenrolam através das páginas de papel. Não que Pituca quisesse viver para sempre imerso nas páginas de um livro. Ele apenas desfruta o gozo do momento, da pausa e do alívio em se reconhecer humano outra vez. Entretanto, através da janela o barulho bizarro de risadas e impropérios, fruto da balbúrdia causada pela horda de bêbados que vaga mais ou menos sem destino, chega aos ouvidos de Pituca. Nessa hora o jovem sente medo. Acima de tudo, Pituca teme se tornar um deles, movido pela ânsia do prazer fácil que repousa na garrafa. Em seu íntimo ele sabe que sem os livros, alguns dos quais ele havia lido várias vezes, a sua rotina seria diferente, e ele fatalmente seria tragado pelo vácuo escuro

do vício. O cubículo onde repousam a sua cama e os livros é a sua tábua de salvação, e, embora saiba que o futuro da cidade é incerto, ele prefere ver com olhos lúcidos o possível aniquilamento da sociedade e da civilização.

Antes de dormir, Pituca recoloca os livros no arcabouço sob a cama. Não sabia o que poderia acontecer se os seus pais descobrissem os volumes. Por isso ele preferia escondê-los. Enquanto confere mensagens no celular, Pituca imagina como seria bom se os seus pais tivessem tido a oportunidade de ler mais, de segurar um livro na mão, de sonhar e conhecer o mundo. Onde teria sido que tudo se perdeu? Quando teria o homem esquecido da existência da leitura e da literatura? Na tela do celular de Pituca constam notificações, chamadas perdidas de telemarketing e as notícias do dia, com a sua procedência incerta, a sua gramática desleixada e o seu sentido absurdo. Pela lógica do momento, tudo podia ser feito através do celular. Coisas cheias de propósitos, como o pagamento de contas e a entrada no ambiente de trabalho, eram feitas num piscar de olhos. Foi assim que seus pais tinham sobrevivido por muitos anos, trabalhando dentro de casa, prestando serviços para uma companhia multinacional. A inescapável visita à rede social, com sua aura lúgubre permeada pela exaltação do ódio, da retaliação e do falso elogio, também era feita pelo celular. E até mesmo o amor, através de aplicativos de paquera, podia ser encontrado ali. Tudo estava ao alcance de um toque, mesmo que não houvesse mais sonhos, ou eles estivessem congelados em um planeta longínquo, com a sua atmosfera púrpura, típica das histórias e dos livros de ficção científica que Pituca lia sob a luz tênue do abajur.

Às vezes, na calada da noite, Pituca ouve o farfalhar das asas dos morcegos que passam em voo rasante junto à janela. Como sobreviviam essas criaturas dentro da cidade? Ainda que decrepita, ela continuava sendo uma fortaleza de concreto, lixo e neon, com suas veias digitais pulsando caoticamente. Fibras óticas e o NEXO 51, a onipresente tecnologia de transmissão de internet hiperultraveloz, conduziam o pensamen-

to de multidões. Vendida em pacotes, com sedutoras listas de canais exibindo seriados quilométricos com tramas banais e amorfas, a televisão sensitiva-luxuriante-específica para o celular amalgamava o homem e a cidade. Na sala, os pais de Pituca dormem embriagados. Dona Mirtes, mesmo babando sobre a mesa, uma mecha do cabelo desgrenhado sobre os seios, exibia ainda traços da beleza dos seus verdes anos. Seu Euclides, com seu característico pijama listrado, a careca proeminente, os óculos de lentes grossas e aro de acrílico, está esparramado sobre o sofá, roncando com a boca aberta. Dona Mirtes não mais sente o doce torpor e o êxtase proporcionados pela vodca, Seu Euclides não sabe ao certo quantas latas de cerveja bebeu. Transportados para o mundo paralelo do álcool e da tecnologia, eles nem mesmo sentirão a ressaca no dia seguinte.

Pituca levanta da cama. Não era fácil botar os pais para dormir, todas as noites. Sobretudo, era triste ver seu pai, que nunca se interessou pelos livros (ou talvez não tivesse tido acesso a eles, uma vez que eles existiam apenas em formato digital durante a infância de Euclides), assim, sem ter uma ocupação, um “hobby”, uma música para ouvir. Mas não havia música na cidade, nem livros, nem bibliotecas. Com as mãos cheirando à gasolina, Pituca coloca a cabeça da sua mãe, suavemente, sobre o travesseiro. Em seguida faz o mesmo com o seu pai. De um jeito maquinal, desliga a televisão na sala e retorna para o seu quarto escuro.

No dia seguinte, quando os primeiros raios de sol penetram através da janela do seu quarto, Pituca já está de pé, a cama arrumada, a barba feita. Depois de tomar uma xícara de café com leite e comer um pedaço de pão com manteiga, o rapaz sai para o trabalho. Às oito horas da manhã o calor é insuportável, e Pituca chega ao posto suando. Há dois maltrapilhos dormindo sob a cobertura do posto. Após um olhar mais atento, Pituca reconhece um deles como sendo um antigo professor seu. O aspecto do professor é sórdido, e ao lado do corpo

sujo e esticado jaz uma garrafa de cachaça. O que será que restou do cérebro privilegiado do professor? Ele parece tão sereno ali na sarjeta, imerso em um sono profundo e inocente...

Após vestir o macacão, Pituca passa a abastecer os carros que estacionam ao lado da bomba. Muitos motoristas estão bêbados. Homens, mulheres, jovens, velhos, com suas latas de cerveja e garrafinhas de uísque, dando bom-dia com a voz trêmula, externando um derradeiro resquício de consciência e calor humano para com o frentista. O ar seco e sufocante da manhã envolve o macacão de tecido grosso usado por Pituca, que subitamente aderna para um estado quase delirante, imaginando o frescor de um lago de água gelada e cristalina. O lago é cercado por árvores, e pássaros cantam uma suave melodia. Subitamente, um automóvel cinza irrompe sobre o cimento do posto. O veículo avança como se estivesse desgovernado, até parar em frente ao escritório. Seu Carlos abre a porta do velho Titã, ano 2064, com um sorriso no rosto.

— Olá, Pituca! Que belo dia, não?

— Olá, Seu Carlos! Sim, um belo dia.

Antes de entrar no escritório, Seu Carlos lança um olhar sobre os maltrapilhos deitados no chão.

— Quem são esses, garoto?

— Não conheço, chefe. Devem ser trabalhadores do turno da noite. O senhor quer que eu dê um jeito neles?

— Sim, faça isso!

Pituca enche um balde com água. Os maltrapilhos estão com os corpos estirados na sombra. Desculpa, professor, isso é para o seu bem. O banho de água gelada desperta os homens, e Pituca pode ver os olhos amarelados do seu antigo mestre se abrindo com sofreguidão. Sua aparência é triste e cansada. O professor, no entanto, não reconhece Pituca, e é possível que ele nem mesmo tenha percebido a sua presença. Depois de alguns segundos, os homens reagem buscando o aparelho celular no bolso das suas vestimentas rotas, como se estivessem procurando por sua vida. A garrafa de cachaça contém ainda dois dedos de líquido em seu interior. Os maltrapilhos

parecem confusos, hesitando entre a garrafa e a tela dos seus celulares. O sol avança sorrateiramente, tomando o lugar da sombra até fustigar a pele dos bêbados que, sentindo o poder avassalador da ressaca, permanecem imóveis sobre o asfalto duro. Finalmente um deles se levanta, apanha a garrafa e se afasta cambaleando. Em seguida, o outro faz o mesmo. No outro lado da rua, um pequeno grupo de crianças brinca entre a carcaça metálica do avião acidentado, como se ela fosse uma espécie de parque de diversões macabro.

Não há nuvens no céu. Lá no alto, urubus voam em círculos, lentamente. O sufoco e o cheiro forte de gasolina fazem com que Pituca anseie por algo misterioso, de uma beleza que ele teme não existir. Mesmo assim o frentista sonha. Um sonho quase invisível, etéreo e distante. A expressão fria dos clientes que vêm e vão, imersos na lataria de suas máquinas, avilta a alma do rapaz. Ele sabe que trabalhar é preciso, e essa certeza lhe dá um pouco de conforto, em meio à monotonia do carrossel de rostos vazios e desesperançados que passa diante de seus olhos. No fim do dia, depois de trocar de roupa e lavar as mãos na pia do banheiro, Pituca se despede do chefe, e sai caminhando sem destino certo.

Nas ruas, sombras começam a devorar a luminosidade difusa do sol. O colorido do crepúsculo surge entre os prédios, o horizonte se transformando em uma miragem cor de rosa, enquanto Pituca caminha pela calçada. Um velho bêbado passa por ele, fitando seu rosto com maldade e admiração, até pronunciar algo incompreensível, o escárnio na voz rouca e delirante. Pituca pensa em correr, mas sabe que o melhor é não aparentar medo. Pequenas fogueiras espocam através do caminho, vândalos e saqueadores empunhando canos de ferro quebram vidros de lojas, buscando algo para comer e um trago para beber, enquanto carros colidem entre si, nas esquinas, nos postes e muros do subúrbio que Pituca penetra com o passo impregnado de incerteza e melancolia. O caos. Não seria ele

algo necessário, afinal? Pituca sabe que sim, especialmente na criação daquilo que, em outras eras, os homens chamavam de arte. A desordem do mundo servindo como a faísca que produz a inquietação criadora dos poetas. Sim, o caos é bem-vindo, assim como a insatisfação e o vácuo absurdo das sombras. Mesmo assim, Pituca sabe que ele não pertence àquele mundo, ou, ainda, que aquele mundo de loucura absoluta não pertence a ele. Por isso ele precisa vagar entre a plebe tonta e enfurecida, os motoristas bêbados, os policiais alcoólatras, a sociedade degradada pela própria alienação e pela falta de sentido. Ele precisa vagar, até, quem sabe, encontrar uma saída, um resquício de humanidade e inteligência perdido em um canto qualquer da cidade.

As imagens das ruas se sucedem como um caleidoscópio bizarro e apocalíptico. Sentados em um banco da praça, estão uma mãe e seu filho, estáticos e alheios ao mundo que os cerca. Ela, a maquiagem borrada, as olheiras profundas e tristes, bebendo uma lata de cerveja; ele, na ternura dos seus cinco anos, absorto na tela de um tablet. Ao passar na frente de um bar, Pituca perscruta despretensiosamente o interior do estabelecimento. Entre os vultos escorados no balcão, ele vislumbra alguém sentado em uma das mesas ao fundo. O estranho está bebendo uma lata de guaraná, e, não, não pode ser verdade, entre as suas mãos repousa algo que Pituca conhece bem. Concentrado em sua atividade, o estranho permanece impávido entre o amálgama de pingüços e o alarido que o cerca. Pituca sente o coração bater mais forte, incrédulo com o que acaba de ver. Parado em frente à porta, ele olha mais uma vez. O estranho, sentindo-se observado, ergue os olhos azuis, e seu olhar penetra fundo nos olhos e na alma de Pituca. Sem saber o que fazer, o frentista entra no bar.

— Olá, desculpe atrapalhar. Vi que o senhor está lendo um livro, e, bem, trata-se de um artigo raro hoje em dia, he, he.

O estranho, que de alguma forma parecia estar esperando por aquele momento, coloca o livro de lado, ficando em silêncio por um instante.



— Zé, traga um suco aqui para o rapaz!

O bodegueiro providencia o pedido inusitado com um sorriso nos lábios. Capturado em um misto de euforia e paralisia, Pituca senta numa velha cadeira de plástico, passando a dividir a mesa com o estranho.

— A vida é mesmo engraçada, não?

A voz do estranho é grave e macia, e a sua ressonância faz cócegas na barriga de Pituca.

— Há muitos anos, a humanidade teve que resolver o problema do excesso de informação: as prateleiras das bibliotecas estavam cada vez mais abarrotadas de livros, e os centros de documentação, sofrendo com o acúmulo de dados mais ou menos irrelevantes, não possuíam espaço físico para acondicionar tudo o que era produzido pela comunidade científica. Apesar do abnegado, constante e criterioso trabalho de desbaste realizado pelos bibliotecários e arquivistas, chegamos a um ponto em que alguma atitude radical precisava ser tomada. A questão do desmatamento das áreas verdes para a produção do papel utilizado na confecção de livros e revistas apenas reforçava a necessidade de uma mudança urgente de conceitos e paradigmas. Dessa forma, o surgimento de novas tecnologias, como as bases de dados e o livro digital, parecia ser a solução ideal na direção de um futuro sustentável. Em algum momento, contudo, as coisas começaram a dar errado, e a ilusão de um mundo melhor apoiado na tecnologia da informação revelou-se algo inalcançável. Afinal, como disse Kafka, crer no progresso não significa que o progresso já se efetuou. Capturado nos labirintos da internet, o homem viu a revolução virtual devorar os seus mentores, e a sociedade foi aos poucos sendo consumida por uma espécie de cirrose digital. A arte, desde sempre uma das aspirações e necessidades intrínsecas ao homem, passou a ter os seus valores subvertidos e até mesmo aniquilados. O cinema, uma forma de arte originalmente concebida através de filmes projetados em telas grandes, em salas especialmente construídas para reproduzir todo o seu drama e beleza, em determinado momento passou a ser visto na tela di-

minuta de um aparelho celular. Não demorou muito para que ele desaparecesse por completo. A literatura, que num primeiro momento foi salva pelas plataformas digitais, acabou sendo engolida pelo monstro tecnológico, até a gradativa extinção do romance, da poesia e do livro físico. E quanto à música, a mãe de todas as artes, podemos dizer que ela foi sofrendo uma despersonalização, desde o fim do disco de vinil, passando pelo fim do CD, até que a experiência estética e sensorial de ouvir um álbum foi reduzida a nada, desaparecendo dentro da bruma estéril dos serviços de “streaming”.

Pituca ouvia atento as ponderações do estranho, enquanto a noite ainda criança caía sobre a cidade, e os bêbados ao redor exultavam em delírio coletivo, cada vez mais próximos do limiar irreversível do pifão que acontecia diariamente nas dependências do bar imundo e decadente. Apesar de assustado, Pituca bebia o seu suco devagar, feliz pelo encontro inesperado. O estranho falava pausadamente, vez por outra ajeitando os cabelos louros que caíam sobre os olhos.

— Quando o homem perdeu a companhia da arte, pouca coisa restou para que ele pudesse encontrar a sua própria humanidade. Desprovido de uma vida interior, cada vez mais acossado pelos problemas e premeditações da vida prática, ele foi paulatinamente adernando para o refúgio vazio e alienante da bebida. Hoje, estima-se que noventa por cento da população adulta sofra de algum tipo de dependência alcoólica, vivendo em um estado de permanente apatia, algo comparável apenas com a desolação encontrada na areia movediça das redes sociais, com o seu conteúdo mesquinho e aviltante. Os dez por cento restante são pessoas aparentemente normais, como eu e você. Já ouvi rumores sobre a existência de uma Associação de Abstêmios Anônimos, mas, segundo dizem, as pessoas que comparecem às reuniões permanecem o tempo inteiro imersas na tela do celular, vasculhando por algo inalcançável, como quem malha em ferro frio. Na verdade, parece não haver uma diferença palpável entre o vício da bebida e o vício tecnológico, ambos estão corrompendo de tal forma a mente e a raça

humana que não é possível saber ao certo se ela sobreviverá. O grande número de acidentes nas indústrias, onde operários ébrios acabam tendo partes do corpo mutiladas, bem como os desastres aéreos e rodoviários, pouco a pouco estão dizimando a população, ou transformando os sobreviventes em inválidos senis. Nas universidades e escolas, os professores sofrem amiúde de confusão mental, amnésia etílica e outros distúrbios que impedem que as aulas e os programas pedagógicos sejam ministrados com exatidão. Não raro, os próprios estudantes comparecem às aulas bêbados. Outro dia, um ladrão que havia assaltado uma joalheria foi visto bebendo cerveja em um bar com o policial que supostamente deveria tê-lo capturado. Nos hospitais, médicos e enfermeiros consomem os anestésicos destinados aos pacientes, que muitas vezes acabam morrendo em razão de negligência, sentindo dores abomináveis. O discurso dos políticos invariavelmente recai sobre a redução do preço das bebidas, e questões de interesse público imprescindíveis, como saúde, segurança e educação, costumam ser ignoradas nos programas de governo. A própria religião teve a sua essência desfigurada, igrejas e templos servindo como uma variação do boteco da esquina, os fiéis comparecendo munidos de cantis, bebendo destilado nos bancos enquanto o padre, reduzido a um estado de embriaguez, profere o sermão do dia.

Nesse instante, uma discussão eclode no bar. Uma garrafa é quebrada e estilhaços de vidro voam sobre a mesa onde estão Pituca e o estranho.

— Acho que é melhor darmos o fora — diz ele.

A brisa quente da noite traz consigo o cheiro pútrido do lixo acumulado na calçada. Do outro lado da rua há uma casa de madeira verde, com um pequeno jardim ao redor.

— Eu moro ali — diz o estranho. — Apareça qualquer hora. Quero que você conheça a minha família. A propósito, meu nome é Arnaldo.

— Prazer, me chamo Pituca.

Chegando em casa, após colocar os pais na cama, Pituca reflete sobre o encontro. Embora seu coração esteja cheio de

alegria, a lembrança do ambiente nauseabundo do bar lhe provoca calafrios. Para conseguir dormir, o rapaz apanha um livro no alçapão secreto sob a cama. A luz opaca do abajur sobre as páginas faz com que ele esqueça o rosto dos bêbados, a sua perversidade cândida e a sua aparência grotesca. Por um instante ele é feliz. Depois, resta apenas o medo e a escuridão.

Não demorou muito para que Pituca fosse procurar Arnaldo. Essa é a minha turma, disse o homem, apresentando a filha Tati e a cadelinha Espoleta. Atropelada na infância por um motorista que falava no celular enquanto dirigia, Tati permaneceu em estado de choque por meses, e acabou perdendo a fala. Pituca nunca pôde esquecer da primeira vez que viu a moça de cabelos lisos castanhos, a pele muito branca e os olhos negros, redondos e profundos, investigando a sua chegada com altivez.

Arnaldo tinha na sua casa um pequeno quarto onde havia uma espécie de ateliê. Em outros tempos, o homem pintava quadros para vender no centro da cidade. Imerso no turbilhão de rostos apáticos que iam e vinham, os quadros com motivos campestres dispostos sob a marquise de algum prédio decadente, o artesão via passar os dias e semanas, sem que ninguém se interessasse por suas obras. No velho ateliê, o cavalete fechado em um canto, pincéis e tubos de tinta usados dentro de uma gaveta, Pituca pensa que gostaria de pintar o retrato de Tati. A moça de olhos tristes estaria com Espoleta aninhada em seus braços, com o rosto sério voltado para baixo, como nas ilustrações de um dos livros que ele mantinha em seu alçapão secreto.

Na sala, acomodada em uma prateleira, uma fileira de livros jazia de modo que qualquer um que ali entrasse poderia vê-la e até mesmo tocá-la. Para alegria de Pituca, entre as obras, a inconfundível lombada vermelha e negra, estava “O invasor da madrugada” de Ataliba Lira. Ao saber que o jovem era neto do antigo escritor, Arnaldo sorriu exibindo os dentes

perfeitos, um brilho aceso nos olhos azuis. Por outro lado, Pituca ficou com uma pulga atrás da orelha ao ver a coleção de livros de Arnaldo. Quer dizer então que ele não era o único a ter livros na cidade? Quem seria aquele amigo novo que a vida caprichosamente lhe presenteara?

— Hoje em dia sou obrigado a catar latas de cerveja e garrafas vazias para vender — disse, certa vez, Arnaldo. — Depois que minha mulher morreu, a vida se tornou um estranho passatempo, em que eu luto todos os dias para não sucumbir ao tédio e à loucura. Nas ruas, na busca do lixo que me sustenta, por vezes julgo ver o rosto dela entre as hordas de pingüços que circulam sem destino certo. No lugar do botequim em que ela passava as tardes, hoje existe um prédio com muitos andares e janelas espelhadas. Mas a imagem da fachada decadente, do interior sujo e da velha cadeira onde ela costumava sentar, permanece em minha mente, como um fantasma. A empreitada da pintura foi um lenitivo para mim. Em busca de novas paisagens, muitas vezes eu saía perambulando em direção a qualquer lugar onde eu pudesse estar em contato com a natureza. O que eu encontrei nessas peregrinações, contudo, foi muito mais do que a inspiração para pintar um belo quadro.

Certo dia, Arnaldo levou Pituca através dos caminhos misteriosos que ele havia percorrido. Ao se afastar do centro nervoso da cidade, indo além até mesmo do subúrbio, alguém poderia ver uma sucessão de casebres, cercas de arame farpado e grandes porções de mato. Subitamente o asfalto deu lugar a uma estrada de chão batido, a terra vermelha coberta de cascalho e poeira. Caminharam aproximadamente uma hora debaixo do sol escaldante. Em determinado momento Arnaldo parou e, com o auxílio de um facão que trazia consigo, abriu caminho entre a mata espessa. Após lutar contra os galhos retorcidos da vegetação por alguns metros, uma clareira se abriu. Lá embaixo, à distância, era possível ver um aglomerado de casas e pequenos prédios em ruínas. Tendo descido o barranco através de uma trilha íngreme que existia, Arnaldo e Pituca adentraram os limites do bairro desolado.

— Descobri esse lugar por acaso, ao que tudo indica os moradores que aqui viviam se mudaram para a cidade, ou desapareceram em decorrência de uma epidemia etílica. Parece que ninguém vem aqui há décadas.

Urubus voavam em círculos no céu, enquanto Arnaldo e Pituca penetravam nas ruas vazias, passando em frente às casas sem portas nem janelas, as paredes destruídas pela ação do tempo. No interior das estruturas abandonadas era possível ver ainda engradados de cerveja e garrafas de uísque vazias entre os escombros. Nas calçadas, pilhas de lixo eletrônico, como carcaças de computadores, telefones celulares e tabletes obsoletos refletem os raios do sol em suas superfícies metálicas. Em determinada esquina Arnaldo fez sinal para que dobrassem. A dupla seguiu por mais alguns metros, até que Arnaldo parou na frente de um prédio de dois andares. O prédio era todo de tijolos, a entrada guarnecida por uma porta dupla de madeira com os vidros quebrados e uma maçaneta dourada.

— Era isso que eu queria te mostrar.

Passando pela porta semiaberta havia um grande hall. No chão, entre pedaços de ferro e alvenaria, jazia um imponente lustre despedaçado, os cristais cobertos por uma espessa camada de poeira. Uma escada de mármore, com detalhes *art nouveau* no corrimão, conduzia ao segundo piso. Lá em cima o ambiente é escuro, o telhado da construção de alguma maneira havia permanecido em seu lugar protegendo uma sala onde existem mesas redondas dispostas lado a lado. É possível ver ainda um armário com divisórias para a guarda de objetos pessoais.

— Isso é o que chamavam de biblioteca.

Arnaldo abre um pouco a cortina, e a claridade do dia inunda um grande salão adjacente, revelando a existência de várias estantes repletas de livros de papel. A visão dos volumes, milhares deles, golpeia Pituca com a força de um soco no estômago.

— Muitos estão irremediavelmente perdidos, mas é possível encontrar alguns em bom estado de conservação. Veja – diz

Arnaldo, apanhando um exemplar da estante coberto por teias de aranha. — Este aqui ainda está em condições de uso.

Perscrutando calmamente entre as estantes, Arnaldo apanha três ou quatro obras, colocando-as em uma mochila. Pituca apenas observa, o olhar rútilo de quem acaba de solucionar um mistério. Então era ali que Arnaldo conseguia os livros que tinha em casa! Uma verdadeira mina, capaz de abastecer uma vida inteira (ou até mais) de alguém interessado em boas leituras.

—Pelo tamanho do acervo, acredito que neste prédio funcionava uma biblioteca pública. É provável que ela tenha sido abandonada na década de 2050, período no qual as novas tecnologias, como o NEXO 51, passaram a impor um estado de tirania e controle quase completos sobre a população. Naquele ponto, a experiência da busca do conhecimento e da fruição estética através dos livros acabou soterrada por uma avalanche digital, e a arte literária tornou-se algo descartável. De qualquer maneira, este lugar para mim tem servido como uma espécie de oásis, um refúgio no qual eu acabei encontrando uma saída do labirinto da apatia e da escravidão. Venha, vamos aproveitar.

Durante algumas horas Pituca e Arnaldo permaneceram sentados nas mesas redondas da sala de leitura, cada um imerso em algum tipo de aventura, drama, ensaio, ou qualquer história que pudesse transportá-los para longe da mediocridade e para perto de si mesmos. Antes de ir embora, Arnaldo tirou da mochila dois livros que havia trazido de casa.

— Aqui funcionava aquilo que chamavam de balcão de empréstimos. Sempre deixo algum livro aqui, como forma de preservar a urbanidade dos tempos idos.

Depois de devolver os livros para o bibliotecário imaginário, Arnaldo fica em silêncio por um instante.

— É melhor irmos andando.

Pituca passou a visitar a biblioteca sempre que podia, especialmente nos finais de semana, quando dispunha de mais tempo para executar a extenuante caminhada que o levaria até o bairro abandonado. Assim como fazia Arnaldo, o frentista passou a levar volumes para casa, algumas vezes tendo o escrúpulo de devolvê-los, na esperança absurda de que um dia alguém pudesse utilizá-los. Em determinada ocasião, Pituca e Tati foram passar o sábado na biblioteca. Enquanto caminhavam pela estrada empoeirada e sinuosa, o mormaço da tarde envolvendo os seus corpos, Pituca não pôde deixar de sentir uma estranha sensação, como se alguém os estivesse seguindo. Durante todo o trajeto Tati gesticulava com empolgação, feliz por estar desfrutando daquele momento. Depois, na sala de leitura, enquanto Tati lê um livro de histórias para adolescentes, Pituca deixa a mente vagar para longe. Imaginando um dia conquistar o amor de Tati, o rapaz observa a moça por sobre as páginas de “Lemingsues furiosos”, livro do seu ídolo Boris Barbosa. Seria o momento de revelar à moça o sentimento que ele vinha acalentando há meses? Ou seria melhor esperar um pouco mais, quem sabe expondo a situação para que Arnaldo emitisse o seu parecer sobre um eventual namoro? Sentindo-se observada, Tati retribui o gesto de Pituca. Com um leve sorriso nos lábios, pousa a sua mão sobre a mão de Pituca, num instante aniquilando a passagem lógica do tempo.

Lá fora, a noite cai devagar. No forro do telhado, morcegos se agitam, pressentindo a hora de alçar voo outra vez. Pituca e Tati fecham seus livros, guardando-os na mochila. Nesse instante, um ruído desperta a atenção de Pituca. Algo como vozes, depois uma risada, e o barulho de um vidro sendo quebrado. Temendo pela segurança de Tati, Pituca abraça a moça. As vozes agora são nítidas, alguém está no hall de entrada do prédio. Sem saber ao certo o que esperar, Pituca conduz Tati até os fundos da sala. Escondidos atrás de uma estante, eles escutam passos subindo a escada. Em dado momento Pituca enxerga o vulto de um homem com uma garrafa na mão. Em seguida outro, e finalmente um terceiro homem assomando no piso



do segundo andar. Era um bando de bêbados que, não se sabe como, havia entrado no bairro. A sua atitude era beligerante, instigada pelo álcool e pela frustração que corria em suas veias.

— Que droga de lugar é esse? — diz o primeiro pingüço com a voz rouca e a língua enrolada.

O grupo se aproxima do local onde estão escondidos Tati e Pituca, olhando com curiosidade para as estantes cheias de livros.

— O que são essas coisas? — diz o segundo pingüço.

O bando examina a lombada dos livros com admiração, retirando um ou outro exemplar da estante e folheando as páginas com uma expressão confusa no rosto. Alguns goles de uísque barato depois, o terceiro pingüço acende um cigarro.

— Isso aqui daria pra fazer uma bela fogueira, rapazes!

Nesse instante, sem querer, Pituca faz um movimento brusco, e um dos pingüços percebe a presença dos jovens aninhados no fundo da sala.

— Ora, vejam só! É o casalzinho que vinha pela estrada.

Usando a lanterna dos celulares, o bando se aproxima cada vez mais. Sem ter como reagir, Pituca é dominado por dois dos agressores, enquanto o terceiro deles, desafiando o cinto da calça, o hálito quente e pútrido, abraça Tati com força.

— Vem aqui, menina!

Num gesto instintivo, Pituca consegue se desvencilhar, e, agarrando a primeira coisa que encontra ao redor, golpeia o pingüço na cabeça. O pingüço emite um gemido de dor, libertando Tati do seu abraço tenaz. Assustados pela súbita demonstração de coragem de Pituca, os três pingüços se afastam, cambaleando escadaria abaixo com suas mórbidas figuras desaparecendo na escuridão que cobria as ruas do bairro abandonado.

Pituca abraça Tati, a luz dourada da lua que entra pela janela banhando o pequeno espaço da sala onde eles estão. À medida que o seu coração volta ao ritmo normal, subitamente Pituca percebe um livro no chão. Trata-se de “Guerra e paz”, de Tolstoi. Recolhendo o pesado e volumoso exemplar, Pituca per-

cebe como, mais uma vez, ele havia sido salvo pela literatura. Num primeiro momento, Pituca respira aliviado. Entretanto, a visão do livro com o qual ele golpeará o pinguço na cabeça traz uma sensação de tristeza e impotência. Afinal, ver um dos grandes clássicos da literatura mundial reduzido a um simples objeto, como se fosse uma pedra, um vaso, ou uma coisa qualquer, era algo desconcertante. Preso em um dilema, Pituca se pergunta qual seria realmente o papel da literatura? De que serviriam todos os clássicos e toda a genialidade dos monstros sagrados da filosofia, da ciência e da própria arte? Ao longo dos séculos não teriam sido as obras consideradas superiores, detentoras de um valor estético consagrado pelas academias e críticos literários, apenas um amontoado de conceitos e ideias inalcançáveis para a maioria esmagadora da população, invariavelmente preocupada com a urgência e o cinismo do mundo prático e da luta inglória pela própria sobrevivência? A megalomania do artista era algo parecido com a megalomania do engenheiro e do arquiteto construtores das cidades, da megalomania do cientista que descortina para o grande público suas descobertas fabulosas, e, no fim, inúteis, como se fossem uma miragem que nunca se alcança, portadoras consigo do caminho para a infelicidade e para o nada. Até mesmo o velho Ataliba havia padecido dessa megalomania, embriagado pela pretensão de ser um terrível demiurgo, e, num arroubo de inspiração e talento, quem sabe mudar o mundo real com a sua ficção. No fim, como a maioria dos artistas, seu avô acabou vítima da própria ousadia, da ânsia pelo sucesso e pelo reconhecimento que nunca alcançou. Por outro lado, a chamada má literatura, os livros “best-sellers” consumidos por milhões de indivíduos ávidos por uma gota de “cultura” e “entretenimento” no deserto de suas vidas mesquinhas, vicejava com força na época em que Ataliba se dedicou ao ofício das letras. Chancelados pela máquina midiática, tais livros serviam apenas para aviltar ainda mais os seus leitores, aproximando-os de um estado de apatia e ignorância. Os caminhos da cidade e da literatura sempre foram apenas um ridículo labirinto,

pensa Pituca, levando ao mesmo beco sem saída da solidão, da ilusão perene que anestesia o homem, conduzindo-o como um cordeiro ao longo da sua vida, até o seu final. Como dizia Aldous Huxley, “a civilização que pretende durar precisa ter a sua quota de vícios”, e os vícios da cidade eram o excesso, as coisas desnecessárias que a sociedade impunha como sendo essenciais e aconselháveis, mas que, no fundo, o homem não precisa. A tecnologia no lugar da arte, os “best-sellers”, a busca pela fama, a bebida alcoólica consumida em doses faraônicas pelo rico e pelo pobre, na hora triste em que se deparam com o vazio das horas e dos dias.

Percebendo a melancolia estampada no rosto do rapaz, Tati beija Pituca com emoção. Nesse instante, Pituca pensa que é possível que Huxley estivesse errado. Na verdade, para durar, uma civilização precisa de livros, amor e solidariedade.

Em uma manhã quente de sol, Seu Carlos estaciona o velho Titã na rua do subúrbio. O automóvel tinha sido fundamental para transportar, desde o bairro abandonado, a atração principal do evento que estava prestes a começar. A Biblioteca Comunitária Ataliba Lira ia ser inaugurada, a casa de madeira verde com a pintura nova em folha, as portas abertas e o jardim bem cuidado. No portão da rua, Arnaldo recebe a todos com um sorriso no rosto. Tati serve quitutes para Dona Mirtes e Seu Euclides, enquanto Espoleta, com o rabo abanando, saúda os convidados. Para alegria de Pituca, até mesmo alguns fregueses do boteco em frente estão chegando. Curiosos com a novidade, os pinguços de outrora tomam a limonada oferecida pelo jovem, felizes com a chance de levar para casa as obras que estão na estante.

De repente, Pituca sente a aproximação de alguma coisa vinda do céu. Temendo ser outro avião em queda livre, ele logo pensa em procurar abrigo. Mas no fim era apenas uma pomba descendo devagar, até pousar no telhado da casa com um ramo de oliveira no bico.



**Matheus Borges** é escritor e roteirista, formado no Curso de Realização Audiovisual da Unisinos. Egresso da oficina de criação literária de Luiz Antonio de Assis Brasil, teve histórias publicadas em revistas brasileiras (Subversa, Gueto, RelevO) e estrangeiras (Waccamaw, Fiction International, Scoundrel Time), bem como em coletâneas e antologias. Em 2018, foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura na categoria contos. Seus artigos já foram publicados no jornal Zero Hora e em websites como O Inimigo e Floga-se. Como roteirista, escreveu o longa-metragem *A Colmeia*, dirigido por Gilson Vargas e com estreia prevista para 2020.

Twitter: @matheusmedeborg



## Dividendos

PRECISÁVAMOS PROVAR nossa existência, não havia jeito. O oficial de justiça chegara em nossa cidade às nove horas daquela quarta-feira de cinzas, fazendo rugir um jipe caramelo, enquanto o povo se recuperava das festividades dos últimos dias. Havíamos dançado por longas horas nos quatro dias anteriores, desfilado nas ruas em carros extravagantes, um deles trazendo uma espaçonave, enfeitados com imensas plumas e papéis espelhados que, uma vez dejetados nas pedras do calçamento, não passavam agora de vestígios de nossa alegria, inocente alegria, tão pura e passageira como qualquer tipo de êxtase.

Plumas, papéis e enfeites. Espalhados nos paralelepípedos. Foram essas as testemunhas da chegada do oficial de justiça, que não hesitava em atropelá-los com os pneus tracionados de sua besta mecânica, à medida que subia a avenida principal rumo à prefeitura.

Quanto a nós, quando soubemos já era tarde demais. O encontro se deu com dois homens entre quatro paredes, como se dão todos os imperiosos encontros que definem os rumos da civilização. Os dois homens, nesse caso, eram ele, o oficial de justiça, e o administrador de nossa cidade, um homem de integridade inquestionável que ocupava há doze anos o cargo mais alto do poder executivo municipal, eleito três vezes com votações progressivamente maiores — 54%, 62% e 77%.

Um homem, enfim, que era o dignitário de nossos rumos e esperanças, o zeloso guardião de nossa segurança e bem-estar.

O prefeito, é claro, não havia fugido das celebrações carnavalescas, muito pelo contrário: desfilara em sete diferentes carros e em todos ocupou posição de destaque. Primeiro como um gladiador romano que brandia uma espada, depois como

um valente cruzado empunhando o Santo Graal, uma espã sedutora e assassina, um cientista pioneiro no tratamento de doenças incuráveis, um destemido astronauta posicionado no interior da já mencionada espaçonave, uma dona de casa como outra qualquer e, por fim, uma estrela de cinema adorada por todos, porém orgulhosa de suas origens.

Ao contrário do que sabíamos ocorrer em diversas cidades, o poder em nosso município se sentia confortável para assumir diversas formas, provocando sorrisos e suspiros em seus alegres vassallos.

Justamente em função de sua intensa atividade nos festejos, o prefeito padecia de uma forte ressaca. Desse modo, não percebeu que o oficial de justiça estacionara o jipe caramelo em frente à sede do poder público, não somente uma prefeitura, uma simples prefeitura, como também sua residência, conforme proclamado no § 3º do Decreto 48, publicado no Diário Oficial em 14 de abril do ano anterior. Aproveitando-se disso, o oficial de justiça deu início a uma série de indignas buzinas, violando a ordem pública e forçando nosso prefeito a descer as escadas, enquanto ajeitava os cabelos bagunçados e se apurava num casaco de tecido leve, muitas vezes usado em suas visitas aos encontros noturnos da associação comercial.

É importante enumerar esses detalhes, pois ajudam a estabelecer as condições em que se deu a reunião, no quarto do prefeito, onde o oficial de justiça aproveitou-se de seu abatimento para comunicar uma decisão tomada na capital pelo governador recém-empossado:

Seguindo o aconselhamento dos burocratas responsáveis pelo censo bianual, nossa pequena cidade deixaria de existir em sete dias, a contar da manhã seguinte.

Em reunião extraordinária do Conselho Municipal, convocada para a noite daquela quarta-feira e ocorrida no salão de festas da igreja, discutimos que providências nos cabiam para contestar a decisão, a fim de revogá-la. Era uma matéria ur-



gente, disso sabíamos todos, incluindo o nobre advogado que presidiu a sessão.

Essa urgência decorria do fato de que tínhamos apenas uma semana para denunciar a arbitrariedade do governador. Era necessário que fizéssemos o possível enquanto ainda existíamos, enquanto ainda éramos. Depois disso —

Depois disso, o quê? Não mais, nunca.

Inexistentes, não teríamos direitos ou leis, não teríamos nem uns aos outros, pois tudo haveria de ser consumido pela máscara indiferente do poder, incluindo nossos vizinhos.

Essa constatação provocou uma onda de desconfiança do prefeito por parte de alguns cidadãos, imaginando que ele também conspirava nessa sórdida trama, talvez entregando o município ao limbo dos burocratas numa espécie de sacrifício político, em troca de outra cidade para liderar, uma cidade maior e mais próspera, onde ele seria igualmente mais próspero e maior.

Da desconfiança, veio o pânico e, tão logo o nobre advogado encerrou suas colocações, alguns de nós abandonamos o salão carregados de tristeza. Apegados ao seio de nossa infância, ao solo de nosso sangue, vagamos a noite beijando postes, acariciando muros, chorando o fim das farmácias e padarias, lamentando o desaparecimento de nossa praça, onde vicejava a inocência das crianças brincantes.

Sentíamos um mundo inteiro se esvaír por um encanamento de escritórios e tabelionatos que desaguava num mórbido oceano de coisa alguma.

Outros de nós, entretanto, não nos entregamos ao conforto sedutor do desespero e permanecemos no salão até a manhã seguinte, enumerando razões pelas quais nossa cidade deveria continuar a existir ou imaginando estratégias para interromper o litígio sem o devido convencimento de que merecíamos não ser apagados do mapa.

Advogavam pela segunda via aqueles que consideravam absurda a noção de uma cidade inteira apelar para continuar a existir, vendo nisso uma contradição, aparente porém inex-

plicável, entre as funções do Estado, enquanto organização social, política e jurídica, e o modo como agia um de seus principais representantes.

Foi sugerido que propuséssemos ao governo estadual uma redução no orçamento anual investido em nosso município, que exigíssemos a renúncia do governador, intermediada por um deputado da oposição, primo em terceiro grau de nossa prestigiosa vizinha, a agente imobiliária, e, se nada disso surtisse o efeito desejado, que organizássemos duzentas retroescavadeiras, para remover dali tudo o que nos era mais sagrado, e outros duzentos caminhões de grande porte que nos conduzissem a uma terra prometida imaginária.

Entre aqueles que desistiam e aqueles que buscavam resistir, havia o padre. Assim que encontrou uma brecha, dois ou três segundos de silêncio, ocupou sua posição orgânica de liderança espiritual e, encaixando uma mão na outra como castanholas silenciosas de flácida pele amarela, professou a todos nós que não havia com o que se preocupar.

A uma cidade não é tão difícil o processo de deixar de existir. Pois, bem como sabemos, assim que deixamos esse plano da existência, passamos logo a habitar a melhor de todas as cidades, uma cidade governada pelo melhor de todos os prefeitos, o prefeito Jesus.

No dia seguinte, o grupo dos melancólicos atacou o cartório de registros com paus e pedras, sob o pretexto de colocar abaixo a indecente burocracia que ameaçava nos engolir. Não perceberam, no entanto, que no processo de demolir a tirania dos documentos, acabaram também por dizimar títulos de propriedade, certidões de nascimento e de óbito, fazendo com que a memória coletiva do município se esfacelasse numa chuva de papéis, remanescente de nosso carnaval.

Os rompantes de fúria, somados ao conformismo do padre e ao radicalismo dos que puseram a prêmio a cabeça do governador, fizeram com que um pequeno grupo de cidadãos

perseguisse uma solução mais amena ao enredo. Eram seis, incluindo o professor de história e geografia, a dermatologista, o caixa número dois da agência bancária, um velho pescador que ninguém sabia o nome e nem de onde tinha aparecido, mas que sempre havia estado ali, misteriosamente, a dona de uma pousada e eu, que nunca tive uma profissão, porém sempre ocupei muitos cargos.

Coube a mim executar o plano delineado naquela ilustre assembleia clandestina: viajar até a Capital, arranjar uma audiência com o governador e perguntar o que ele queria em troca de esquecer essa ideia absurda.

É assim que se faz política, disse o professor.

Temos que conversar de igual para igual, disse a dermatologista.

Precisamos abrir um mínimo espaço para negociação, disse o caixa número dois da agência bancária.

Talvez ele queira duas toneladas de peixe fresco, disse o velho pescador.

A dona da pousada nada disse e eu aceitei em silêncio a missão que me foi incumbida.

Faltavam cinco dias para que o prazo expirasse quando parti, pilotando o sedan vermelho do administrador hospitalar, não tanto emprestado quanto apropriado por uma causa. Era um dos melhores automóveis de nossa cidade, certamente o mais vistoso, e, como já não havia mais títulos que, de acordo com o nobre advogado, garantissem o conceito legal de propriedade privada, o caixa número dois da agência bancária adonou-se do carro, sem que o até então proprietário percebesse e o trouxe até mim (11h). Eram irmãos, os dois. E gêmeos, ainda por cima.

O administrador hospitalar saía de casa bem cedo (6h) e estacionava o sedan vermelho em frente ao hospital. Conhecedor da rotina do irmão, o caixa número dois da agência bancária

foi à casa dele no meio da manhã (10h), fantasiado de terno e gravata, e disse à cunhada:

Querida, perdi a chave do carro. Onde está a reserva?

Passei oito horas na estrada e, quando cheguei à Capital (19h), já passava do horário de expediente. Não havia o que fazer, a não ser lamentar. Aturdido por uma crescente sensação de impotência, cogitei oferecer essa anedota como preâmbulo ao governador, de modo que ele compreendesse o esforço empreendido na jornada, por mim e pela comunidade. Seria possível que, ao sentir piedade, ele cedesse ao apelo de nosso município? Seria possível que me considerasse receptor de um automóvel roubado e ordenasse a seus guardas que me atirassem ao chão frio de uma cela suja?

Estacionei na praça em frente ao Palácio do Governo e adormeci. Na manhã seguinte, fui acordado pelo fluxo intenso de carros e pedestres que tomavam conta das redondezas, os apitos de policiais e sirenes de bombeiros. Chegando ao Palácio, encontrei uma fila enorme de gente como eu, impotente e maldormida.

Todos queriam uma audiência com o governador.

Duas horas por dia eram reservadas às audiências. Cada uma durava 20 minutos exatos, cronometrados por um assessor. Enquanto esperava, bebi café, joguei conversa fora, visitei lancherias da vizinhança. Dormia no sedan vermelho e retornava na manhã seguinte ao interior do palácio, assim que suas imensas portas de madeira escura eram abertas. Observava os olhares dos que entravam, já decepcionados, em suas audiências. Era a espera que nos condicionava à derrota, sugando de nós qualquer ímpeto de resistir às maquinações de um projeto político norteador pelo tédio. Ainda assim, não morria minha vontade de perguntar ao governador:

O que você quer em troca de nos deixar existir?

Estava eu mesmo disposto a apresentar um projeto radical de austeridade econômica, autorizando que nossas casas

tivessem energia elétrica somente doze horas por dia, ou que o número de vagas do sistema público de educação fosse reduzido pela metade. Logo, no entanto, eu me perguntava se era isso mesmo o que ele queria, o governador, o projeto político, o tédio — implementar um projeto radical de austeridade econômica, desde que não partisse do governo, mas da vontade popular.

Eu me perguntava se era mesmo isso o que eu gostaria de oferecer a ele, em troca de continuar a existir — e a existir na escuridão, cercado de crianças estúpidas. Pensava nisso tudo, lacrimejando minhas dúvidas em raivosos filetes salgados.

Meu caso, nosso caso, o caso do município, bem, não era um caso extraordinário. Segundo informações coletadas entre meus colegas de fila, todos ali chegavam à Capital a exatamente quatro dias da expiração de determinado prazo. O governo do estado, ao longo de muitos anos, havia desenvolvido um método preciso de comunicação com os órgãos municipais, distribuindo informações em prazos apertados, definidos matematicamente por uma equipe de especialistas, de modo que o deslocamento dificultasse o ato de protestar uma decisão. Ouvi do homem, que viera questionar o fechamento de uma estação de energia eólica, o caso de uma cidade no extremo norte do estado, cuja prefeitura adquirira um helicóptero somente para o traslado até a Capital, nos dias em que fosse necessário contestar o governador.

Ironicamente, a aquisição do helicóptero fora transformada pela oposição num escândalo político jamais visto, precipitando a queda do então prefeito. Seu substituto livrou-se do helicóptero, porém se viu incapaz de protestar as deliberações estaduais, fazendo com que a arrecadação do município despencasse no valor de quatorze helicópteros.

Uma professora aposentada mostrou-me um mapa do estado, delimitado por uma enorme circunferência vermelha, cujo centro era a Capital. Seu raio, fragmentado em diversos pontos, indicava distâncias em quilômetros e, a cada distância apontada, um valor em horas, que era o tempo de antecedência

à expiração do prazo com que eram notificadas as prefeituras. Localizei meu município e o tempo correspondente: 168 horas.

Nem mais, nem menos.

Assim sendo, o fluxo constante de gente querendo ser atendida garantia a diferença de 72 horas que me separava da audiência com o governador, somente uma hora antes do prazo expirar e, portanto, inútil. Admirei a precisão de relógio suíço com que operava a burocracia de nosso estado, de modo mais eficiente do que nos outros estados e, talvez, em países estrangeiros. Ao mesmo tempo em que me tranquilizava o fato de que tudo corria dentro de um plano, desesperava-me que era justamente essa precisão nos cálculos a maior arma apon-tada para nossas cabeças.

Restavam duas pessoas à minha frente e eu senti uma inexplicável vontade de fugir dali. Apesar disso, limpei o suor da testa e cerrei os punhos. Quando fui conduzido à salinha de reuniões, faltava meia hora para que a cidade deixasse de existir. A porta se abriu e um assessor me explicou que o gover-nador era um sujeito ocupadíssimo e não poderia me atender. Era ele, o assessor, que se ocuparia de minhas reivindicações, das quais ele já estava ciente, sim, a cidadezinha que deixaria de ser cidade, sim, o governo tem um plano para esse terri-tório. Abri a boca, mas não disse nada. O assessor continuava falando e minhas palavras não encontravam espaço.

Estabeleceremos uma parceria com o setor privado, disse ele, a fim de explorar os recursos da região. Será uma boa inje-ção de capital nos cofres públicos. Entre as empresas interes-sadas em ocupar a área, estão uma administradora de parques, uma rede de hotéis e um parceiro internacional de grande re-nome, cuja identidade não estou autorizado a revelar. A ideia é construir uma colônia de férias, um shopping center, um re-sort, um pequeno aeroporto, um templo religioso para quatro

diferentes divindades e dois lagos artificiais, no intuito de estimular o turismo em nosso estado.

Como parte do acordo, ele explicou, nossos parceiros deixarão que vocês permaneçam em suas residências. A cidade continuará a existir, enquanto organização social e geográfica. Sua direção, porém, ficará a cargo de nossos parceiros. Em resumo, a comunidade não deverá mais se preocupar com a administração pública. Vocês não terão mais um prefeito, mas uma equipe de gestores e um quadro de acionistas, comprometidos com a otimização do município por meio da implementação de reformas. Ele fez uma pausa e eu aproveitei:

O que você quer em troca de nos deixar existir?

É isso que nós queremos, ele respondeu. Queremos a cidade.

Percebi que a audiência chegara ao fim, faltando cinco minutos para o encerramento oficial. Ele me observava sem dizer coisa alguma, esperando que eu me levantasse e fosse embora. Subitamente me dei conta de que estava num daqueles imperiosos encontros que decidem os rumos da civilização. Dois homens entre quatro paredes e, pela primeira vez na vida, um deles era eu. Questionei ao assessor se não era o caso de levar o assunto a uma consulta pública, realizar um plebiscito entre meus concidadãos. Ele fechou a cara e me disse, emburrado:

Claro, é uma possibilidade. Outra possibilidade, a possibilidade que mais nos interessa, a que estamos inclinados a seguir, é oferecer ao senhor uma posição no quadro de acionistas, um assento que lhe garanta poder de voto nas matérias apresentadas pelos diretores executivos. O senhor servirá de representante comunitário e receberá mensalmente uma quantia variável dos dividendos. Talvez isso lhe interesse. Ou podemos acertar uma data para a consulta pública. O senhor é quem me diz. Basta dizer não.

Olhei para o relógio. Restavam dois minutos e eu precisava oferecer uma resposta. As possibilidades fluíam dentro de mim e ao meu redor, em inúmeras projeções, fatos nunca

vividos e ramificações da realidade. Eram infinitas as consequências de nosso acordo e o peso de tudo me impossibilitava de decidir qual caminho tomar. Claro que não seria eu a decidir o caminho, não. Tudo o que eu poderia fazer era rejeitar uma das possibilidades. Ainda se eu tivesse o apoio dos outros moradores.

Eles, no entanto, não sabiam e nunca saberiam de nada, nem de que eu havia proposto uma consulta popular. Dar continuidade à matéria, justo agora, quando a ideia de deixar de existir começava a parecer natural, mesmo na forma de um plebiscito, poderia esquentar os ânimos ainda mais, promover conflitos desnecessários. Talvez a renovação fizesse bem a nossas vidas, talvez meus vizinhos se sentissem seguros com a presença de um de nós no quadro de acionistas. Foi esse raciocínio que me deu a segurança necessária para permanecer em silêncio.



**Nara Vidal** é mineira e formada em Letras pela UFRJ e com um Mestrado em Artes pela London Met University. Autora de vários infantojuvenis, tem três livros de ficção adulta publicados. Seu romance mais recente “Sorte” é indicado ao Prêmio Oceanos. Mora na Inglaterra desde 2001 de onde escreve e colabora para publicações inglesas e brasileiras.



## Ubá

BUZINA ESPALHADA do lado de fora do apartamento. Amanhecia, ainda bem. Até hoje rejeitava a noite de sono profundo. Sonhava constantemente com batuques e tambores. Era um alívio abrir os olhos e encontrar o dia. Saiu dos lençóis de algodão egípcio, feito um gato se espreguiçando. Havia recusado a religiosidade ignorante dos pais, mas agradecia a Deus por estar a cada dia mais longe deles.

Pela cortina viu a velha mendiga urinar no colchão do companheiro, que lavava o rosto na água da poça da esquina. Era a bela miséria, longe da sua pele, vista de cima, numa mistura de arte e dor. Faria belas fotos, não fosse a pressa de chegar ao trabalho. Acendeu o fogão e fez seu café. Comeu brioques. Tomou banho, enrolou-se na toalha luxuosa, perfumou-se e deitou na cama. A pressa não comportava o perfume caro. Banhava-se no aroma e ficava lá, ouvindo o noticiário, enquanto a pele limpa de pobreza e miséria, secava. Eram dez minutos diários, sagrados. Minutos que iam bem ou mal a depender de para onde se arrastavam os pensamentos. O noticiário falava de uma família no interior do Acre que vivia sem luz há mais de um ano. Aquela miséria.

Menino, entra! Olha esse temporal! Vendaval que espalha mangueira é notícia ruim. Pra dentro já.

Os pés de barro e as canelas franzinas, por vezes empoeiradas, adentravam o chão de cimento do que a família chamava de casa. No capacho da varanda “Deus é amor”. Aquele pedaço de construção ainda no reboco, abrigava seus pais e seus irmãos. Aos olhos da mãe, um doce lar com tudo o que tinha pra dar. E era tão pouco. Pé esfregando, se livrando do barro na entrada, coração entalado de tristeza, olhos pra cima, sempre de encontro ao quadro de Jesus e seus cabelos longos, doura-

dos. Ao lado dele, avô e avó, como se fossem fotografados para um documento. Eram os únicos quadros nas paredes da casa inteira. No quarto da mãe, o terço de madeira abençoado pelo Papa. Aquilo tinha sido uma novena! Dona Antônia tinha um primo, vindo de Cuiabá, que faria uma viagem ao Vaticano. Coisa sonhada há anos. Dona Antônia pediu que o primo levasse, além do seu, o terço da comadre pra ser abençoado pela Sua Santidade. Como custava caro chegar perto de Deus, o primo cobrou daquela família simples todas as suas economias. Foi tudo embora. Um mês depois, o homem trouxe o crucifixo dentro de um plástico que lia “Bonfim e irmãos — secos e molhados — Rua do Comércio, Cuiabá”.

A mãe da família pendurou o pedaço de fé de volta na parede em cima da cama dela e começou, a partir dali, a ver milagres. O marido foi promovido na repartição. A casa ganhou um telhado novo e, no banheiro, azulejos até o teto. Milagre de Deus.

A loja de construção aprovou o crédito do pai da casa e fizeram uma churrasqueira. Domingo sim, domingo não, cozinhavam linguiça de primeira, que era comida com orgulho no pedaço de dignidade que trouxera a eles aquela promoção.

Faltava um mês pro aniversário do menino e com o dinheiro entrando feito nunca, chegou a ele, a rara pergunta: o que queria ganhar?

Pediu um quadro pra sala. Seu pai não queria. Dizia que ia dar a ele um chaparral. Mas o menino franzino e esquisito queria um quadro e a mãe acabou convencendo o pai da compra na loja Aconchego, uma moldura que trazia no meio, um par de hortênsias azuis. Penduraram em cima do sofá, o único da casa.

Na hora de chegar da escola ou do temporal, seus olhos batiam em Jesus Cristo, mas num desvio iam parar nas hortênsias. Era um pouco da esperança de beleza naquela casa feia, sem requinte nenhum, com a pobreza estalada na cara.

O espelho enferrujado do banheiro mostrava sua cara de mameluco. Diabo de palavra que só servia pra humilhá-lo.

Não bastasse a cor amarela que ele enjeitava... Na escola era o exemplo pros livros de História. Na rua era escurinho, negrinho, encardido. Ali, nas bandas de General Carneiro, quase todo mundo era índio. Ele era misturado. Em casa, no quarto da Cíntia, ficava a avó. A primeira da família a viver na cidade. Guardava uma ubá dentro do quarto, feita pelo avô dela. Vó Araci, índia brava, andava mal dos pulmões. Não tomava nada que receitasse o médico. Ao invés, ficava a filha esquentando tijolo e cozinhando ervas na cozinha para melhorar a respiração dela.

Os Bororos já estavam chegando ao fim. A velha avó saiu pequena da aldeia dela porque já não tinha terra pra morar. Foram parar lá em General Carneiro. Muita gente foi parar em Rondonópolis. Tinha mais médico. Tudo quanto era índio precisou de médico. Estava a maioria sem dente, com fuligem nos pulmões. A avó estava morrendo. Queria ser enterrada dentro da ubá dela.

Um dia, quando a mãe do menino foi dar banho na vó Araci, ele fez uma surpresa e pregou na parede dela o seu quadro de hortênsias. A avó gritou tanto que, na tosse, parecia que estava se virando do avesso. Depois mandou o pai dar nele uma coça de vara de marmelo. A beleza na casa não tinha vez. Uma flor que fosse, na parede, distraindo os sentidos, tirando por um segundo toda a gente daquele inferno, nada que aliviasse aquela espécie de maldição era possível. Gostavam da pobreza, da casa pelada, sem pintura, de chão de cimento que ralava seus pés mais que a terra batida da rua que empoeirava suas canelas.

A mãe andava com os nervos fracos porque sabia que o filho ia embora. Quando a avó Araci morreu, levou aquela maldita ubá com ela e ele ficou com o quarto que era da Cíntia. Sua irmã tinha se casado com um homem grosso, mas que tinha dinheiro pra supermercado farto de mês em mês. A mãe, feito toda mãe, desesperada pela permanência do menino debaixo da sua asa, deu o quarto grande que batia sol de manhã. Com-

prou tela pra afastar mosquito. Ele tinha até um ventilador. Em cima da sua cama, seu quadro de hortênsias.

Não esperou um dia depois de completar dezoito anos. Uma mala era mais do que suficiente. Daquela miséria não queria nada. Quando chegou em São Paulo, achou de cara a felicidade. Era ali o seu lugar. Sua cara de índio dava problemas. Quando começou a ter dinheiro, isso virou um ponto a favor. Chamava atenção pelos traços que marcavam a origem da terra. Era exótico, quanta ironia! Diferente eram os outros com caras brancas e pretas. Ele era índio. A mãe mandava cartas. Ele não respondia. Ligou num aniversário, mas ela só chorou e nunca mais se atreveu. Cortou qualquer relacionamento com qualquer um de casa. Queria a miséria e lembrança dela afastadas dele. A mãe não parava de escrever. Um dia parou. Acabou se preocupando. Três anos depois da última carta dela, ligou. Falou com Marcelino. Ele contou que tinha sido câncer, desses silenciosos que se disfarçam de dor nas juntas, na cabeça, na barriga, nas costas. Tinha deixado pro filho fujão um pacote e pediu que ninguém abrisse. Que um dia ele voltaria, ela sabia.

A mãe estava errada. Nunca voltou. Nunca quis saber da família que deu a ele o que pôde e que era tão pouco. Desfez laços sem remorso. Não tinha arrependimento algum. Nunca disse a eles sobre sua cidade, sua casa. No dia do telefonema, Marcelino pediu que buscasse ou desse um endereço para despachar o pacote.

Deu o endereço de um amigo. Quase um mês depois, levou pra casa um pacote pardo, grande, enrolado com barbante. Espalhou o pacote no chão de mármore. Era um contraste. Era o chão que ralava seus pés em cima da suavidade de uma vida sem sacrifícios. No coração chegou a entrar pena, dó.

Dentro, o bilhete de amor mais humilhante: “Para você, a maior beleza da minha vida. Sua mãe”. Mãe era mãe. Não tinha vergonha e amava mesmo em migalhas.

Depois do bilhete, desenrolado e enorme, invadindo seu espaço e, numa dor danada, o quadro de hortênsias.

Morreu de vergonha. Não dele mesmo, mas do mau gosto do quadro que um dia achou tão bonito. Sentiu vergonha da sua mãe por, decerto, ter guardado aquele lixo como uma relíquia para a sala de visitas que vivia vazia. Ainda nele, um fio de consideração. Não jogou nada fora.

Ao invés, enfiou tudo atrás do guarda roupa, escondido, colecionando poeira, mofo e aguardando sensatez.

Àquela altura, o perfume tão caro já devia ter secado. Era hora de ir trabalhar, espalhar gentileza pelo mundo afora, desde que não chegasse ao fim do mundo de onde veio.





**Paulo Pinheiro** é escritor e, justamente por isso, não consegue se definir em míseras 200 palavras. Ou mesmo em 400. Mas um dia ainda vai dominar o poder supremo da síntese. Enquanto isso, ele se diverte sendo jornalista, advogado e professor universitário.



# Earth is Down

## I

A DECISÃO ESTAVA TOMADA. E só levou 19 mil anos. Os habitantes de Ukdriubkecob finalmente podiam retomar suas atividades. Mas aquele planeta azul no distante Aqabmuiawtiz (o nosso sistema solar) precisava ser eliminado. Na verdade, a decisão foi bem mais complexa. Há muito tempo os Oaybgfmpadqe (o que equivaleria a computadores terrestres) já tinham alertado para os perigos que aquela espécie representava.

Muitas e muitas vezes, os Oaybs foram enfáticos em seu incansável estudo dessa peculiar raça. Seu veredito era sempre o mesmo. Em algum momento de sua evolução, eles conquistariam as estrelas. A partir daí, seriam a maior ameaça a todo Universo. A palavra que representaria melhor a situação talvez fosse — guardadas as imensas diferenças entre as espécies — o surgimento de um enxame de insetos com o único objetivo devastar tudo o que encontra pela frente.

Os Ukdriubkecob tinham uma aparência humanoide, mas eram bem mais altos. Não raro chegavam aos três metros de altura. Com longos braços e pernas e um rosto triangular, poderiam lembrar um desenho da fase cubista de Pablo Picasso.

Mas era um povo pacífico e ordeiro. Tinham uma paixão pela organização. Eram muito metódicos e racionais ao extremo. Talvez, por isso, a decisão fatal e definitiva levou milênios para ser tomada. Quem deveria ser extinto? O planeta inteiro? Todas as espécies ou somente os habitantes do planeta, que se chamavam de humanos? Quem era a verdadeira ameaça?

Para resolver a questão, os Ukdriubkecob enviaram várias naves de reconhecimento. Apesar de estarem a 40 anos-luz do perigoso planeta azul tinham desenvolvido a tecnologia das viagens espaciais usando uma técnica chamada pelos humanos de buraco de minhoca.

Verdade seja dita, essa expressão causava um profundo desprezo. Eles ficaram particularmente chocados com erros simples cometidos por aquela bizarra e belicosa espécie. Sim, é possível dobrar o espaço-tempo. Mas é necessária uma energia imensa para atravessar de um lado ao outro. Ou seja, justamente por isso eles mandavam inúmeras pequenas naves (os humanos chamavam de OVNI's), mas não conseguiam fazer com que elas permanecessem na atmosfera terrestre por muito tempo. Em essência, eles chamavam esse movimento de grande estilingue espacial em uma tradução bastante grosseira.

Aliás, foi esse mesmo princípio que facilitou o ataque final dos Ukdriubkecobianos. Eles decidiram que os seres humanos — e somente eles — eram a ameaça. Com os resultados obtidos pelas suas naves ao longo de milênios de pesquisa conseguiram descobrir que os seres humanos possuem 23 pares de cromossomos. Essa é uma característica que os define enquanto espécie.

Então programaram seus minúsculos robôs — em termos humanos seriam como drones assassinos feitos em nanotecnologia — para exterminar todos aqueles que tivessem essa característica. Não havia sentido em eliminar a fauna e a flora. Os Ukdriubkecobianos sentiam que essa era a decisão mais justa e correta. No dia 10 de dezembro de 2029 um gigantesco buraco de minhoca se abriu próximo à órbita da Terra. O planeta inteiro foi coberto por um imenso tapete desses robôs. Em apenas 15 minutos, toda a humanidade foi extinta.

## II

Jonas recostou a cabeça no pequeno travesseiro. Ele sabia que em poucos instantes o sono iria chegar. Na verdade, esse era o seu poder secreto. Era capaz de dormir em aviões. Mesmo a poltrona mais desconfortável da classe econômica não era páreo para ele. Já tinha assistido a um filme no sistema de entretenimento da aeronave e agora era o momento de descansar.

Afinal de contas, os dias tinham sido intensos em Miami. Era a sua primeira viagem internacional. Foi uma espécie de presente de Natal antecipado, além do passeio divertido e agradável, muitas das compras que enfeitariam a árvore foram feitas em solo norte-americano. Ele estava particularmente feliz quando o voo saiu dos Estados Unidos, no dia 9 de dezembro. A chegada ao Brasil seria no dia seguinte, mas ele estava preparado para enfrentar a longa viagem. Seu tio Jeferson veio de acompanhante. Ele ia viajar com seu pai, que acabou quebrando a perna dias antes. Mas não houve qualquer problema. Agora era hora de voltar.

Espreguiçou timidamente os braços, deu um longo suspiro e — em poucos minutos — adormeceu. No meio do sono, Jonas sentiu uma onda de calor. Era uma sensação estranha, intensa. Aquilo foi forte o suficiente para um súbito despertar. Abriu lentamente os olhos amendoados e custou a acreditar no que viu.

### III

Não havia ninguém na poltrona do lado. De fato, não havia ninguém em lugar nenhum. Jonas resolveu que iria chamar uma aeromoça. Mas para onde quer que olhasse só via pequenas partículas de poeira flutuando. Aquilo tudo era muito estranho. Soltou o cinto de segurança e começou a andar pelo corredor. Nada. Onde estavam todas as pessoas? Fileira após fileira ele seguia vislumbrando espaços vazios. O coração começou a acelerar. Um medo irracional tomou forma. Ele sentiu a garganta apertar. No desespero, gritou:

— Tio? Tio Jeferson?

Mas não houve resposta. Somente o silêncio.

### IV

Por que ele fez isso? Havia mesmo motivo? Jonas foi tomado por uma sensação irracional. Estugou o passo em direção à cauda do avião. Seus batimentos cardíacos aceleraram. Alguém deveria estar na última fileira. Tem sempre uma aeromoça na

última fileira, pensou. Nada. As poltronas continuavam sem ocupantes. Será que o voo já tinha terminado? Todos já tinham saído e ele dormiu demais? Olhou por uma das pequenas janelas. A paisagem mostrava nuvens e mais nuvens salpicadas em um enorme tecido azul. Em um momento de inspiração resolveu abrir um compartimento de bagagens. Malas e mochilas caíram por cima da sua cabeça. O barulho foi muito alto. Alto até demais. Alguém, com certeza, teria de ouvir. Quem sabe fosse melhor investigar na primeira classe. Na pior das hipóteses ia tentar falar com o comandante. Ele poderia explicar melhor essa situação. Jonas avançou destemido. Sem dúvida, a resposta estava à sua frente. Mas novamente o avião se mostrou um lugar repleto de nada. Até que ele foi novamente surpreendido.

## V

Uma poltrona estava ocupada na primeira classe. Por uma mulher. Ela dormia tranquilamente com o encosto totalmente reclinado. Jonas não pôde deixar de notar que ela usava uma máscara de dormir com a figura de um gato sorrindo, desenhada em traços infantis. Aquilo era realmente surpreendente. Seus pais o educaram para não interromper o sono das pessoas. Mas seria difícil encontrar uma situação que se enquadrasse de forma tão inquestionável como uma exceção à regra.

Para deixar tudo ainda mais incrível, ele parecia conhecer a jovem. Só podia ser Jéssica. Havia, inclusive, uma revista com ela na capa displicentemente repousando em seu colo. A garota era modelo e influenciadora digital. Ele a seguia no Instagram. Mas nunca teve sequer a coragem de deixar um comentário. Ficou um tempo observando as mãos diminutas e delicadas com dedos bem curtos, admirou um par de brincos de borboleta que pendia das orelhas pequenas. Respirou fundo. Esse não era o momento para timidez.

Sacudiu — talvez com força demais — a modelo. Jéssica acordou num susto, tirou a máscara e disparou uma torrente

de impropérios que deixaram Jonas sem fala. O seu olhar era um misto de raiva e incredulidade. Mas só conseguiu dizer:

— Quem é você? O que você está fazendo aqui?

— Eu acho que a pergunta certa é: cadê todo mundo? — respondeu Jonas.

Jéssica saltou da cadeira, ficou de pé no corredor. Olhou em todas as direções. A única pessoa na sua frente era um garoto com síndrome de Down. Se isso era um sonho, ela iria classificar na categoria de esquisito no nível máximo.

## VI

Jéssica voltava de um ensaio em Miami. A carreira começava a dar frutos. Ela estava se tornando conhecida e tudo indicava um futuro brilhante. Porém, mesmo aos 18 anos, estava exausta. Um dos privilégios de ganhar muito dinheiro era poder pagar por alguns luxos como viajar na primeira classe. Era fácil dormir e relaxar. Por isso, não quis conversa. Entrou no avião escolheu o seu lugar, colocou a sua máscara de dormir e se preparou para um sono revigorante. Tudo estava bem, até o momento em que sentiu uma onda de calor. Provavelmente algum problema na regulação do ar-condicionado, imaginou. De fato, não havia nada com que se preocupar. Ela não tinha o menor medo de viajar de avião. Aliás, boa parte da sua vida atual resumia a esperar o horário do próximo voo.

Será que ela tinha dormido demais? Quem era esse garoto com cara de assustado? E, mais importante, cadê todo mundo? O lado racional de Jéssica começou a assumir o controle da situação. Antes de mais nada, precisava avisar a sua tia Joana. Seus pais ficaram no Brasil trabalhando, mas ela veio junto. Até por que foi uma das maiores incentivadoras da carreira de modelo. Jéssica nunca se esqueceu de uma frase: “não deixe a síndrome — ou quem quer que seja — te impedir. Se você quer ser uma modelo batalhe para ser uma”. Joana estava certa. Esse foi o ponto da virada, o momento em que percebeu qual era o caminho a seguir.

A calma em seu rosto se esvaiu por um momento. O assento de Joana estava vazio. Olhou ao redor. Custou a acreditar no que não viu. Na verdade, ela era — nesse momento — a única passageira da primeira classe.

Uma sensação angustiante começou a tomar conta do seu peito. Algo estava errado. Muito errado. Mas o garoto tinha razão. Eles precisavam falar com algum responsável.

— Vamos lá, Jonas. É hora de conhecer o capitão desse voo.

## VII

A situação era absurda. Mas, ainda assim, Jonas estava tranquilo. O fato de ter outra pessoa fazia com que ele se sentisse confiante. Pelo menos não enlouqueci, pensou. Provavelmente era um sonho o que, claro, explicaria a presença de Jéssica. Ela tomou a frente e rumou rapidamente em direção à cabine do piloto. Bateram na porta. Nada. Bateram novamente. Outra vez a única resposta foi o silêncio. Em uma atitude impulsiva, Jéssica abriu a porta. Para sua surpresa, não estava fechada. Porém, a visão do compartimento vazio, a ausência do piloto e do co-piloto a deixaram sem palavras.

Com Jonas aconteceu algo diferente. Seus pais sempre foram rigorosos em sua educação. Eles sabiam que o mundo trata de forma diferente as crianças especiais. Por isso, constantemente forçavam o garoto a superar limites. Essa obsessão fez com que, por exemplo, os problemas de fala fossem amenizados em um trabalho de anos com uma fonoaudióloga amiga da família.

Na questão da fala, outra característica dos pais de Jonas era a ausência de palavrões. Eles consideravam um recurso vergonhoso e ridículo. Mantinham uma rigorosa proibição sobre o linguajar de Jonas. Ele já tinha muitos problemas para enfrentar. Porém, ao perceber que estava a 11 mil metros de altura em um avião sem piloto, Jonas achou que era o momento de se libertar dessa restrição.

— Puta que pariu! Puta que pariu! Puta que pariu!



## VII

Jéssica desabou no assento mais próximo. Aquilo não podia estar acontecendo. Ela ia morrer? Sentiu um descontrole tomando conta de suas ações. Estava perdendo o juízo. Antes de se afundar em um mar de piedade e sofrimento, resolveu agir. O garoto parecia estranhamente calmo. Mas parecia bem óbvio que nenhum dos dois sabia pilotar um avião. Eles precisavam encontrar alguém.

— Precisamos de ajuda.

— Bem, eu andei pelo avião e não achei ninguém. Só nós dois.

— Vamos. Eu quero ver isso de perto.

Eles percorreram o avião várias vezes, abriram todos os banheiros, vasculharam cada canto. Nada. Aparentemente estavam sozinhos. Jonas, ao ver o medo se instalando sorratamente no rosto de Jéssica, teve uma epifania.

— E se a gente fizesse uma ligação? É só encontrar um celular que funcione com o wi-fi do avião.

Jéssica esboçou um sorriso. Aquela era uma ideia. Talvez não a melhor, mas era algo. Ela nunca quis usar o wi-fi oferecido pelas companhias aéreas. O preço era exorbitante. Mas, se houvesse alguém que já tivesse pago pelo serviço, não iria se incomodar. Seria apenas um empréstimo. Era hora de voltar para a primeira classe.

## VIII

O avião parecia um quarto de uma criança. Só que ao invés de brinquedos espelhados pelo chão, havia uma quantidade imensa de dispositivos eletrônicos. Era a busca pelo cálice sagrado da tecnologia. Mas essa pesquisa se mostrou infrutífera. Nada. Eles continuavam isolados do mundo. O aparente fracasso deixou Jéssica ainda mais determinada. Em algum lugar eles encontrariam um celular funcionando. E tinha de ser rápido. Ela olhou no mapa. A aeronave se aproximava do destino final. Faltavam somente 40 minutos. Hora de tentar a sorte na classe econômica.

Jonas estava achando aquele sonho muito estranho e muito longo. Ainda assim, havia uma parte dele que estava preocupada. Até agora nada fazia sentido. Ele ia avançando de forma aleatória, quase como uma folha de árvore levada pela chuva. E foi justamente no meio dessa analogia que ele resolveu olhar pela janela, depois de testar mais um celular. Não gostou nada do que viu. O céu estava repleto de nuvens ameaçadoras. Nessas horas o piloto costuma alertar aos passageiros que o avião vai entrar em uma área de turbulência. Mas não havia ninguém na cabine de comando.

Antes que pudesse avisar Jéssica, o avião começou a sacolejar. O barulho era assustador. Com o balanço era difícil ficar em pé. Jonas e Jéssica sentaram lado a lado. Sem que uma palavra fosse necessária, seguraram a mão um do outro. E esperaram pelo melhor.

## IX

O tempo ficou em suspenso. Relâmpagos inundavam de luz o avião. O medo de ambos era visível. A respiração era feita após cada trovão. Em um ato de puro instinto apertaram cada vez mais forte as mãos. Jonas mantinha a sua convicção de que tudo era um sonho. Provavelmente, iria acordar em segundos. Por sua vez, Jéssica nunca levou a sério as questões religiosas. Mas pensou que aquele era o momento perfeito para rezar.

Depois de um tempo, o barulho parou. O avião tinha passado a área de turbulência. Seguia intacto para o seu destino final. Então uma onda de euforia atingiu Jonas e Jéssica. Se abraçaram e começaram a rir alto. Mas ambos sabiam que o alívio era apenas temporário. Imediatamente voltaram à tarefa de encontrar um celular.

O problema é que o tempo se esgotava rapidamente. Jéssica olhou o mapa de voo. A pequena tela colocada atrás de cada poltrona mostrava que Porto Alegre estava muito próxima. Antes que pudesse avisar Jonas, o avião fez uma curva acentuada à esquerda.

## X

O avião estava realizando os procedimentos necessários para aterrissagem. Jonas e Jéssica não sabiam disso, mas o piloto automático do avião estava ligado. O dispositivo é formado por uma série de sensores eletrônicos, que se comunicam com computadores sofisticados. Todo esse arsenal tecnológico seguia funcionando em perfeitas condições e mantinha o avião no rumo certo. As máquinas, de fato, não estavam preocupadas com os humanos, apenas seguiam realizando aquilo que foram programadas para fazer.

A aeronave tinha complexos sistemas de navegação, que garantiam a segurança. Na verdade, todo o voo — desde Miami — tinha sido conduzido pelo piloto automático. A parte da aterrissagem era auxiliada por sensores situados na pista do aeroporto. Essas informações teriam sido muito úteis para o solitário casal de passageiros. Mas o fato de o avião estar manobrando sozinho só serviu para deixá-los apavorados.

— O que a gente vai fazer, Jéssica?

— A gente não vai fazer nada.

— Isso parece ser meio perigoso.

— Perigoso é fazer esse avião perder o controle. Assim que ele tocar o solo a gente tenta resolver a situação.

Jonas pensou um pouco antes de responder. Não parecia que ele tivesse muitas opções. Seu pai sempre dizia que em time que está ganhando não se mexe. Ele tinha dúvidas se esse ensinamento se aplicava a essa situação, mas decidiu que Jéssica devia estar certa.

Ambos sentaram no mesmo lugar em que tinham enfrentado a turbulência. E novamente esperaram pelo melhor.

## XI

O trem de pouso baixou automaticamente. O ruído foi um alívio para Jéssica e Jonas. Tudo se mantinha dentro de uma aparente tranquilidade. Até que um tranco abrupto indicou que o avião tocava o solo. Eles tinham aterrissado em Porto Alegre. Pela janela, olhavam o asfalto com devoção. O perigo

tinha terminado. Eles estavam sãos e salvos. Infelizmente, também estavam completamente errados.

O avião pousou e seguiu em frente. A velocidade foi reduzida, mas não ao ponto de fazer a aeronave parar. A lei da inércia seguiu funcionando independentemente da raça humana estar extinta.

O problema é que essa mesma lei tinha funcionado para um avião que aterrissara dez minutos antes. A aeronave seguiu em frente até parar por completo no fim da pista (seguindo as orientações do piloto automático). Lá ficou como um monstro de metal abatido.

Alheios a tudo, Jéssica e Jonas se livraram do cinto de segurança e rumaram em direção à cabine do piloto. O plano era tentar parar o avião (embora eles não tivessem a mais vaga ideia de como fazer isso). Todavia, eles acreditavam que o pior já tinha passado. Depois de vencer o mar de dispositivos eletrônicos no chão da primeira classe, entraram na cabine do piloto. Jonas olhou para frente e viu a imensa aeronave se aproximando. Aquilo definitivamente não parecia ser bom...

## XII

A frase por si só era absurda, mas Jonas estava falando a verdade. Então gritou a plenos pulmões

— Tem outro avião! A gente vai bater!

Jéssica sabia que não tinha como argumentar com esse tipo de evidência. Acabou por resumir seu pensamento em uma única palavra:

— Corre!

O casal voltou em disparada para a classe econômica. Sem que fosse dita uma palavra, os dois pensaram em seguir em direção ao fundo do avião. Era uma questão de tempo até a colisão. Quanto mais longe do impacto, melhor.

Foi uma corrida relativamente curta e atrapalhada. Os equipamentos eletrônicos, junto com muitas bagagens de mão, estavam no caminho. Os corredores se mostravam repletos de entulho tecnológico. Escorregões e quedas acidentais

eram inevitáveis. Para piorar, nenhum dos dois era realmente um atleta. Antes que pudessem chegar ao final da aeronave houve um gigantesco estrondo e eles foram jogados para trás.

### XIII

Os aviões se abraçaram em um rodopio de destruição. As ferragens retorcidas e disformes mostravam que a tragédia era iminente. As aeronaves vazavam combustível, não havia muito tempo antes de uma explosão fatal. Jonas tinha desmaiado com a queda. Acordou dolorido nos braços e nas pernas. Por sorte não havia nenhum osso quebrado. Procurou por Jéssica. A encontrou desacordada umas duas poltronas para trás. As luzes piscavam. As máscaras de despressurização pendiam do teto como pequenos enfeites de uma árvore de natal de ferro.

Jonas conseguiu segurar Jéssica. A garota estava voltando a si. Ele correu em direção à porta mais próxima. Era o mais puro instinto de sobrevivência. Havia barulhos assustadores por todos os lados. Parecia que aeronave dava seus últimos suspiros. Jonas parou na frente da porta. Estava fechada.

Ele pensou nas instruções de voo. Aquelas que as comissárias ensinam, demonstrando o que fazer em caso de acidente. Por que não prestou mais atenção? Como é que se abre essa porta? Segundos preciosos se passaram com Jonas olhando estático para o mesmo local sem saber o que fazer. Até que uma mão passou por cima de seu braço e com uma série de movimentos graciosos e precisos abriu a porta. Imediatamente um enorme colchão se abriu formando um escorregador até o chão. Jéssica pulou sem hesitar. Jonas a seguiu ainda incrédulo.

### XIV

Eles estavam em terra. A vontade de ambos era beijar o chão da pista de pouso, mas esse não era o momento mais adequado. Jonas chegou a pensar o quão devastador seria uma explosão de dois aviões daquele tamanho. Mas, definitivamente, não queria ficar por perto para descobrir. Olhou para Jéssica, tinha muito o que perguntar, mas só conseguiu dizer:

— Corre!

Jéssica anuiu com a cabeça e agradeceu aos céus por estar de tênis. Contudo, fazer esportes nunca foi o seu forte. Ela se esforçou para sair o mais rápido possível daquele cenário devastador. Sentiu o coração vir na boca. Mas não reduziu o passo. Se tivessem um pouco de sorte conseguiriam entrar no aeroporto. Então, alguém ia explicar o que estava acontecendo.

Chegaram exaustos. Arfavam. Pontos de luz dançavam diante de seus olhos. Suavam por cada poro possível. Observaram por um instante a pista. As aeronaves ainda estavam juntas, unidas. Por mais difícil que fosse acreditar nisso, era um momento de calma e tranquilidade. Só então perceberam que o aeroporto Salgado Filho estava completamente vazio. No momento em que tentavam novamente entender o que estava acontecendo houve uma explosão.

## XV

O grito de morte dos aviões foi alto e definitivo. Uma cortina de fumaça subiu aos céus. A onda de choque das seguidas explosões destruiu várias janelas e portas de vidro. Estilhaços se espalharam pelo chão do aeroporto. Jonas e Jéssica correram para o ponto de táxi. O plano — se é que havia algum — era se afastar o mais rápido possível. Corriam com o resto de suas forças por um saguão vazio. Os computadores seguiam trabalhando normalmente e mostravam atrasos em praticamente todos os voos.

Jonas foi o primeiro a ver. Uma imensa fila de carros com um detalhe assustador: todos estavam vazios. Embora não tenha dito em voz alta, nesse momento percebeu que o mundo não era mais o mesmo. Táxis sem taxistas. Aviões sem passageiros. Aeroportos sem pessoas. Olhou para Jéssica. Ela estava incrédula a um passo da apoplexia.

— Vamos pegar um carro emprestado. Eu sei dirigir.

— Essa é uma ótima ideia. Vamos sair logo daqui.

Jonas procurou um modelo igual àquele em que seu pai o ensinou a dirigir. Era um carro simples, um modelo popular.

Foi fácil encontrar um. Entraram no veículo. Por instinto, ele pôs o cinto de segurança. Embora não houvesse praticamente risco algum de alguém se aproximar na contramão. Ligou o motor e acelerou com força. Saiu desviando dos outros carros que ficavam no caminho. Bateu em alguns e perdeu o espelho direito. Não tinha importância. Eles precisavam fugir.

Jonas continuava avançando por entre um mar de carros parados, inertes. Depois de abrir uma distância razoável, se lembrou de ligar o rádio do carro. As estações de notícias estavam mudas. Jéssica moveu o dial tentando sintonizar alguma coisa. Qualquer coisa. De repente, o som de uma música preencheu todo o veículo. Um cantor norte-americano cantava em uma voz melancólica:

*It's the end of the world as we know it*

*It's the end of the world as we know it*

*It's the end of the world as we know it and I feel fine*

Ambos se olharam, mas ficaram em silêncio. Era um novo mundo repleto de ironia...





**Rejane Benvenuto** é jornalista, tradutora de filmes e séries, redatora/editora de livros corporativos e ghostwriter de empresários e políticos. Fez oficina de Escrita Criativa com Marcelo Spalding. Pútrido é seu primeiro texto literário publicado. Mora em Florianópolis (SC).  
rejane.benvenuto@gmail.com



## Pútrido

CATINGA, FUTUM, MORRINHA, ranço, pestilência. O cheiro da morte é uma sinfonia complexa de aromas, com notas que aumentam e diminuem, conforme a carne apodrece. Centenas de compostos orgânicos voláteis brotam de um cadáver, cada um a seu tempo, sob a regência da foice da maestrina escaveirada. Bactérias do intestino e da mucosa respiratória fazem as honras da casa, abrindo o banquete. Comensais mal-educadas, elas empesteam o ambiente com seus arrotos pútridos. Refastelam-se. Cambada de dedos-duros. É assim que localizam traidoras, em Ganev. É assim que a fedentina da morte antecipa o fim da linha, ainda em vida.

Acabara de completar seis anos, quando foi acordada às pressas e tirada de casa pela Sra. Mãe. Sem a menor explicação. Mal deu tempo de catar a Boneca, embaixo das cobertas, e socá-la na mochila. A Sra. Mãe não disse uma única palavra o trajeto inteiro. A Menina descobriu que o silêncio era aquilo, então. O nada. O vazio. Ela à deriva, chacoalhando no ar, com um sorriso bege besta aprisionado no meio da cara, feito personagem de filme de sessão da tarde. Alakazam! Hocus Pocus! Palavras mágicas, me grudem de volta no chão, já. Plim! Por onde andariam? As palavras e os pés? Cogitou lágrimas, mas lembrou que chorar também era novidade para ela. Daí, resignada, a Menina ficou por ali, vagando no espaço. Do alto, assistia à Sra. Mãe seguir com suas passadas firmes para um onde desconhecido. Odeio você, dizia baixinho. Como podia fingir que aquilo era normal? Ela, pipa sem rabiola, ricocheteando entre nuvens pretas. Extraviada. Impossível alguém não ouvir tanto barulhar. Foi quando, de tanto se esticar para chegar na Sra. Mãe, a Menina ouviu um estalar e encompridou. Conse-

guiu alcançar uns fios do cabelo dela, mas o baque desse toque sugou a Menina de volta à terra com muita violência. E ela se viu arremessada à calçada, lutando para desviar das malditas divisões do piso. Meio dançarina de frevo. Meio menino pardo arreganhando as pernas em batida policial. Era só o que faltava, tsc tsc tsc, avançar sobre as linhas do chão. Não, muitíssimo obrigada, a Menina já estava bem servida de azar.

A Noite aproveitou a distração da Menina para descer naquela manhã de Ganev. Com um jeito debochado de velha confidente, a acompanhou até a porta do lugar-sei-lá-onde-tão-branco. Na entrada do prédio, a devolveu à Sra. Mãe, que agora exibia o mesmo olhar de casa inabitada que já tinha visto em outras Sras. Mães. A Menina esquadrinhou o rosto da mulher de cima a baixo. Por onde andariam a ternura e a alegria, sempre tão presentes na Sra. Mãe? Não acreditava que o turbilhão de coisas quentes que vazava generoso de dentro da Sra. Mãe sumiria de vez, assim. Numa manhã qualquer. Numa manhã tão besta. Numa manhã de nuvens pretas, lufadas úmidas e mudez. Imaginou que o sei-lá-o-que-de-bom da Sra. Mãe pudesse ter se aninhado entre os cílios longos que usava. Vai ver que o coitado correu em pânico para lá, pensou. Mas a Sra. Mãe piscou, e deu para ver nitidamente que nada se escondia naquele par de olhos foscos. A boca. Isso! Talvez os sentimentos cativos de sei-lá-o-que-de-bom escapassem de dentro da Sra. Mãe, se a Menina conseguisse fazer com que ela entreabrisse os lábios só um pouquinho. Que dia é hoje?, puxou assunto. Nesse momento, a Sra. Mãe rompeu o silêncio. E a Menina reparou que o corpo que estava à sua frente não dera asilo à menor fração de sei-lá-o-que-de-bom.

A partir de agora, não trocaremos mais afagos ou olhares doces. Seguiremos, apenas. Lado a lado, explicou a Sra. Mãe. A Menina conhecia aquelas palavras de cor. E como as malqueria. As palavras e essa nova Sra. Mãe. Naquele momento, deu-se conta de que tinha ido brincar de casinha com a Sra. Mãe, que convidou também um tal de Dr. Médico. Mas era só a parte

ruim da brincadeira. Pronto, sua filha cresceu e, a partir de agora, não trocarão mais afagos blablablá, falou o Dr. Médico, em seu olhar cúmplice para a Sra. Mãe. Vocês chiparam o meu corpo?, lhe ocorreu gritar, quando sentiu uma coceira quente no braço. A Menina arregaçou uma das mangas da bata amarelenta, enfiada nela sei-lá-quando, e torceu o cotovelo para tentar enxergar melhor o ponto exato que ardia. Uma cicatriz? Tinha visto algo parecido, espiando a Sra. Mãe pela porta entreaberta do banheiro, uma vez. No braço da Menina havia uma coisa escrita. Coisa, não. Números, 7-1-0-7. Parabéns, você agora é uma Chipada, e todos passarão a chamá-la de 7-1-0-7, falou a Sra. Assistente do Dr. Médico, enquanto abria a porta da sala e as empurrava para fora. A recepção estava lotada. Eram dezenas de Meninas de olhos arregalados agarradas a Bonecas, na companhia das Sras. Mães de olhares inabitados.

Na véspera de levar a Menina à clínica, a Sra. Mãe teve uma noite de cão. Seis anos se passaram voando, pensou. Trancou a porta do quarto, pegou a banqueta da cômoda e colocou em frente ao armário, que cobria a parede de um lado a outro. Subiu na banqueta com dificuldade, tremia por inteiro. Atribuiu o fato à temperatura baixa daquela época do ano. Na ponta dos pés, foi Tateando o fundo da prateleira mais alta, até chegar ao estojo de inox. Frio. Sentou na cama com o objeto no colo e se permitiu fechar os olhos por um instante, antes de puxar o colar aninhado entre os seios e buscar o pequeno pingente em forma de chave. Abriu o estojo e, em segundos, tudo estava feito. Sentiu um desencher tão grande no peito. Uma maré baixa, que fez a sua alma esfolar por completo na areia, revirando o seu fundo, desnudando o que nem conhecia. Deu de cara com o reflexo no espelho do armário. Meu Deus, a lividez dos lábios e da face, a falta de viço na pele, o desbrilho no olhar. Missão cumprida. Voltava à casta das Chipadas. Voltava a ser 2-5-7-6. Estava de novo com o dispositivo que controla emoções implantado no braço direito.

Quando a manhã se fez, encontrou 2-5-7-6 ainda sentada na cama, escaneando cada pedaço seu no espelho do armário.

Não se reconhecia. Teriam eles tomado seu corpo por inteiro, além das emoções? Quase perdeu a hora. Acordou a Menina às pressas. Sem beijo, daquele momento em diante. Vamos, que a fila será grande, sempre era. Sangrou os lábios de tanto mordê-los durante o caminho até a clínica, e se concentrou para evitar qualquer contato visual com a Menina. O seu maior medo era que um sentimento rebelado de ternura detonasse a bomba fétida que carregava, mais uma vez, dentro de si. Não queria apodrecer viva, pelo menos não ali, na frente da Menina. Sabia que o movimento pró-chip ficava mais forte a cada dia. A vizinha, a dona do mercadinho, a manicure. Todas tinham aderido voluntariamente à Guarda Nacional de Controle de Emoções das Chipadas. 2-5-7-6 notou certa agitação na Menina, no percurso, mas estava muito ocupada em debelar a sua própria inquietude. Tinha uma vontade enorme de dizer: Menina, minha querida, obrigada pelos seis anos de liberdade que a sua preparação para a chipagem me concedeu. Obrigada, não. Desculpe-me. Mas fechou-se em escuridão, antes que o maldito dispositivo de fedentina denunciasse a presença ilegítima da gratidão. Morre-se de amor em Ganev, já faz anos. Pena que não de forma poética.

Toda Menina ganha a Boneca, quando nasce. Ela vem com o kit de roupinhas, chupeta, mamadeira e um brinde extra: o cilindro plástico cor de rosa, identificado na caixa como “cópia fiel miniaturizada do dispositivo de implante do chip”, seja lá o que isso quisesse dizer. Só as Sras. Mães para prestarem atenção em informações de embalagem. Nas brincadeiras de casinha com as suas Meninas, o ponto alto era o momento em que guiavam as mãozinhas delas para o local exato na Boneca em que a caneta aplicadora deveria introduzir o chip de controle: o músculo deltoide do braço direito. Sua Boneca cresceu, não trocarão mais afagos. Deixe apenas que siga blablabá, repetia a Sra. Mãe. A Menina detestava essa parte da brincadeira. Escondia o aplicador plástico. Perdi, falava. Engolia alguns. E a Sra. Mãe dava um jeito de arrumar outro e outro e outro. Medi-

tar, ommmmmm, esvaziar a mente, ommmmmmmm, lembre-se disso, dizia a Sra Mãe, quando via a Menina ansiosa. Nessa hora, a pequena até esquecia a raiva. Achava aquilo tão bonito. A boca carnuda da Sra.Mãe vibrando em formato da letra o. A Menina chegava a proteger o rosto involuntariamente com os braços, quando sentia ondas gigantes serem despejadas de dentro da Sra. Mãe. E só pensava em vencer aquele jorro sonoro e se deixar ninar pelo balanço. Ommmmmmmm. Aprender a controlar as emoções era essencial para a sobrevivência em Ganev.

A adolescente 7-1-0-7 já tinha planejado várias vezes enganar a morte, nesses últimos 10 anos, até o dia em que tropeçou no maldito cavalete que bloqueia a passagem de Chipadas, na parte baixa do bairro. Na cabeça dela, era uma matemática elementar, do tipo dois mais dois. A nanomáquina incrustada no braço de toda Menina, a partir dos seis anos, e automaticamente recolocada em suas Sras. Mães, dispara uma contagem regressiva de 20 segundos, assim que detecta emoções de sei-lá-o-que-de-bom em andamento. O cheiro pútrido da contravenção domina rapidamente o ar, e a morte apodrenta a carne da infratora ainda consciente. A ex-Menina passou a dedicar grande parte do tempo a se conceder breves momentos de sentimentos sei-lá-o-que-de-bom. Bastava dessentir o proibido, evitando que o processo de morte em vida se tornasse irreversível. Controlava o tempo máximo pelas batidas do próprio coração. Vinte segundos. Praticamente, uma batida por segundo. Escolhia datas e horários em que a Guarda Pró-Chip costumava estar desmobilizada — almoço, jogo da seleção de futebol de Ganev e novela das nove. Por segurança, fazia seus experimentos em locais ermos, onde a chance era menor do odor fétido chamar a atenção de um alcaguete, antes que pudesse neutralizar a emoção.

A Guarda Pró-Chip era a encarnação do diabo atracando a barca do inferno para julgar almas. Bichos de narinas dilatadas cafunhando o pecado a quilômetros, com o poder de condenar qualquer um à morte, desde o primeiro segundo de infração.

7-1-0-7 achava-se no direito de viver cada pequeno momento de sentires, mesmo que arriscado fosse. A lei de Ganev a amparava. Estava na Constituição: tinha 20 segundos para afastar da mente o pensamento delituoso do bem e fazer cessar o processo de apodrecimento. Simples. Feito mastigar com fome sem engolir. Fumar sem tragar. Interromper o gozo.

Nos primeiro anos de Chipada, 7-1-0-7 descobriu que o tal rito de passagem não se estendia a todos os humanos. Havia a casta dos Dechipados, livres para sentir e viver o que bem entendessem para todo sempre. Deitavam-se com quantas Chipadas quisessem, e era comum que priorizassem portadoras de tecnologias de última geração. Agradeçam pelos privilégios, dizia o Comandante de Ganev em mensagens enviadas diariamente aos cérebros das Chipadas. Bendito seja o vosso Governante que lhes concedeu sentimentos sem censura nos primeiros seis anos de suas vidas e ainda nos primeiro seis anos como Sras. Mães de Meninas. Foi um grande avanço democrático. Insatisfeitas? Que tenham, então, a competência de gerar várias Meninas e usufruir do direito de múltiplos ciclos de seis anos sem censura alguma, diziam as comunicações oficiais. E encerravam a ladainha saudando a todas com um dos símbolos do Governo de Ganev, as flores dama-da-noite, “exemplos da beleza que emana da aceitação de uma existência fugaz, mirem-se nelas”.

O tropeço no cavalete que restringia a circulação de Chipadas naquela área, causou um desnordeio inesperado em 7-1-0-7. Golpe voador de Bruce Lee. Craquelou por inteira, e desconcentrou-se totalmente da contagem dos segundos. Voltou à primeira infância e viu a Sra. Mãe limpando seus joelhos ralados, soprando, fu-fu-fu, e dizendo não foi nada, querida Menina, não foi nada.

Sabe-se-lá-de-onde, surgiu um Dechipado diante dela, lhe apontando o dedo.

Que feio isso, diria a Sra.Mãe. Não, espera um pouco. Ele estendia a mão. O louco desconhecia as regras? Não iria dis-



parar o alerta de impostora-flagrada-fedendo-a-sentimentos-proibidos? Mas o Dechipado continuava estático, na frente dela, sorrindo, com a mão estendida. Qual é o seu nome?, perguntou. Número, ela remendou. Sou 7-1-0-7, Sr. Dechipado, disse mostrando o braço. E ele soltou uma gargalhada. Sonora, gostosa. Ela quase fez o mesmo, não fosse a falta de costume. Vem que eu levo você, ele falou. Aliás, para onde, ela ia perguntando, mas deixou assim.

Meia dúzia de passos e veio o nada. O vazio. Ela à deriva, chacoalhando no ar. Ela com o olho roxo, feito personagem da vida real. Cogitou lágrimas, e dessa vez chorou, porque a tristeza não era mais novidade. Odeio você, Sr. Dechipado, gritava. Como podia fingir que aquilo era normal? Ela, pipa sem rabiola, ricocheteando de um lado a outro do corpo dele. Extraviada. Numa manhã qualquer. Numa manhã tão besta. Meio dançarina de frevo. Meio menino pardo arreganhando as pernas em batida policial. O baque do sexo do Dechipado invadindo 7-1-0-7 a sugou de volta à terra. E ela se viu arremessada ao chão, desatenta às divisões da calçada, lutando para se livrar do corpo que pesava sobre o dela. Impossível que não a tenham ouvido barulhar. Alakazam! Hokus Pokus! Palavras mágicas, me atirem de volta para o alto já. Plim! Por onde andariam? As palavras e as asas.



**T.K. Pereira** é organizador do projeto 7 coisas que aprendi, acervo com mais de 100 depoimentos de escritores, e Fotos e Grafias, coletânea online de contos, crônicas e poesia. Finalista do concurso Brasil em Prosa 2015 (Amazon/Samsung/O Globo) com o conto Doses de orgulho e vergonha. Publicou contos nas antologias *Onisciente contemporâneo*, *Translações singulares*, *Não culpe o narrador* e *F! de verdade*. Organizou a coletânea digital gratuita *Conte Outra Vez: 30 contos inspirados em canções de Raul Seixas + Bonus Tracks*. Em 2019 lança *Vozes*, seu primeiro livro de contos. Siga o autor em seu site oficial: <https://tkpereira.com.br>



## [Registro de Memória GSSN160219541]

[Recuperando dados:

09062028.1030UTC-3.BHZ:1956007S.4356186W]

CINCO ANOS DELETADOS em um átimo. Margarete enxuga os olhos. Não há mais indícios de dor nem de tristeza em seu rosto. A seguir, ela vai me deletar por inteiro. Esquecerá que me conheceu. Foi o que prometeu antes de extirpar nosso casamento de sua mente. Não quer reincidir no erro. Falou com a frieza corporativa que tanto odeio. Assim que o laço neural dela ativar os novos filtros, será o fim. Sem as lembranças, impossibilitada de me enxergar, escutar e sentir, Margarete não saberá que existo. E se o processo for mesmo irreversível como ela afirma, eu jamais a terei de volta. Em uma época como a nossa, como ainda é possível que destruir seja tão mais fácil do que criar? Culpa desses canalhas do governo, de sua legislação regulatória incompetente. Sem essa burocracia, já teríamos extrapolado o atual estado da arte dos laços. Margarete discordaria, nunca foi a favor do liberalismo tecnológico. Ela prega a evolução responsável e ética da Neuralink, sob o olhar vigilante do regime. Para ela é conveniente defender sua contratante, ignorar o motivo óbvio da lenta evolução dos laços nos últimos anos. Só os retrodesconectados se atrevem a atacar o monopólio da corporação que interliga e gerencia mentes por todo o mundo. Margarete teria algo a dizer sobre esses idiotas, caso ainda se lembrasse de nossas discussões. Ela logo me esquecerá. Não tenho dúvidas de que está convicta. Meu laço alerta: o divórcio já está devidamente registrado na rede. Margarete não diz nada, apenas me encara com a expressão vaga de quem reencontra um conhecido de infância. Pode ser que ela também esteja interpretando algum alerta de seu laço,

ou questionando o comando que apagará, permanentemente, a existência do quase estranho diante dela. Ou talvez os filtros tenham falhado. É angustiante essa incerteza, não saber. Como os retrodesconectados convivem com dúvidas? O laço neural de Margarete agora está fora de alcance. Minha permissão de acesso à mente dela foi para o limbo junto com a nossa vida de casal. Ela está convicta, mas não é o fim do mundo, não se os novos filtros tiverem falhado. Há margens de falhas toleráveis para toda funcionalidade experimental, Margarete costuma dizer. Mesmo quando estiver disponível no mercado nos próximos anos, esta nova atualização do laço neural não estará totalmente livre de problemas. Me iludo. Margarete tem mil defeitos, mas não é estúpida; jamais implantaria em si o novo laço se houvesse o menor risco deste fritar seu cérebro. Ferrei tudo desta vez. Maldita hora em que mantive gravadas as lembranças da primeira versão de nossa vida. Achei que os dados estariam seguros na *high cloud*, mas subestimei os contatos e a capacidade do laço neural de Margarete. Gostaria de saber o que despertou a desconfiança dela. O conhecimento está fora do meu alcance agora. Traí sua confiança, infringi a lei. Nós havíamos acordado o primeiro divórcio e a deleção de nossa vida conjugal. Mas como eu poderia viver longe dela? Eu a amo. Achei que da segunda vez eu poderia fazer funcionar. E por que não? O conhecimento prévio estava ao meu favor. Todos os momentos, tantos os bons quanto os... E também os... Bons momentos. Tantos... bons... momentos. Tem algo errado. Por que não consigo ir além desses dados? Bons momentos. Quando foi que descarreguei as lembranças do primeiro casamento? Parece que sempre estiveram aqui dentro, mas não me lembro de emitir comandos específicos. Por que as lembranças estão voltando? Bons momentos. Há algo errado com o meu laço. As lembranças do segundo casamento também parecem corrompidas. Estão faltando dados, é impossível que haja apenas boas lembranças. Meu laço não está permitindo acesso, nem cópia, deleção, como se os dados estivessem criptografados. Margarete me sonda. Será possível? A revogação de acesso

mental deveria ser mútua. Ela não seria tão cruel. Impossível saber, não tenho mais certeza de nada sobre essa mulher. Preciso falar com ela, impedi-la, mas está tão convicta. Perdão, eu te amo, me dá outra chance. Deixa eu te tocar, te beijar, por favor, que seja a última vez. Meu corpo está paralisado. Uns poucos segundos. Por que estou me afastando? E o que são esses alertas genéricos de erro? Espere. Entendo: se inexisto no mundo de Margarete, como eu poderia interagir com ela? Os filtros funcionaram: as restrições foram registradas na rede, replicadas para o meu laço e agora sou incapaz de resistir. Mesmo me afastando, noto em Margarete o olhar vago, uma expressão de confusão. Não é preciso ler sua mente para saber: ela não entende o que faz parada sozinha na calçada olhando para a paisagem. Ou o que a ela parece ser só paisagem. Serei completamente invisível aos seus olhos? Serei um borrão, uma sombra, uma silhueta preenchida por estática? E os meus gritos desesperados? Será que me ouvi esgoelando seu nome? Sigo me afastando involuntariamente. Compreendo que preciso cumprir uma distância mínima estabelecida pelos filtros de bloqueio. No fim, não importa. Margarete está fora da minha vida, desta vez para sempre. Só me restam os bons momentos e a lembrança derradeira: Margarete limpando dos dedos as lágrimas que sequer lembra ter derramado.

[Leitura de registro de memória encerrada.  
Armazenar/Descartar?]





**Taiane Maria Bonita** é escritora, historiadora, idealizadora da revista literária *Travessa em Três Tempos*, tem contos publicados em diversas antologias e revistas brasileiras. Atualmente vive na Ilha de Moçambique para concluir o romance que faz parte de sua tese de doutorado em *Escrita Criativa*, pela PUCRS.



## Onripothana

DE NOVO NA FILA da embaixada, contava as pessoas à sua frente e rastreava as expressões dos que saíam pela porta lateral. Era preciso encontrar um meio, mas o que não sabia era que já não tinha para onde voltar. Havia uma floresta sobre São Paulo, a ferver e estalar e a derramar-se incandescente sobre as vias — uma floresta ardendo incessante sobre o céu de São Paulo; e ela presa em Moçambique, sem notícias de casa, dos amigos, ou da família. O visto prestes a expirar, os voos para o Brasil cancelados por tempo indeterminado e as filas quilométricas na embaixada, que iam dar em guichês sem respostas.

Às 15 horas de uma segunda-feira, a escuridão chegou trazendo seu bafo de fogo e morte, e desde então não se viu mais sol, ou céu, ou qualquer outra coisa, que não o rubro acinzentado que pairava sobre os arranha-céus. E não era fácil respirar. No início, foram as insuficiências respiratórias que levaram os hospitais à superlotação. As queimaduras vieram logo depois das chuvas em brasa, dos redemoinhos de fogo e dos saques generalizados. Quem não morreu nas macas das emergências, tentou fugir para o interior do estado ou de suas casas, mas já não havia para onde fugir.

O êxodo urbano fez a população rural triplicar em dias, e não parou por aí: as grandes cidades servindo apenas de cemitério e ruína para aqueles que ficaram para trás. Brasília foi a primeira a ser evacuada, a começar pelo avião presidencial, que deixou o solo brasileiro enquanto o céu ainda estava limpo. As queimadas eram apenas notícias distantes, como sempre tinham sido e como acreditava-se que sempre seriam, sem importar os avisos tradicionais ou científicos. Mas a família presidencial sabia que o fogo se alastraria e subiria aos céus e se

derramaria sobre as nossas cabeças e não sobrou ministro na Esplanada para ver acontecer.

Depois de dezesseis dias, a fumaça já ultrapassara as fronteiras nacionais ao sul e havia chegado à Argentina, ao Uruguai e depois ao Chile. Em São Paulo, a floresta em chamas instalada sobre o céu irradiava gás carbônico e tristeza para o resto do continente. No vigésimo dia, a brasa se transformou em sangue. Choveu sangue xinguano até entupir as tubulações da Avenida Paulista e a garganta dos que se importavam. Ao ouvir o som molhado, as crianças correram dos buracos onde estavam escondidas, mas não era a água esperada que lhes caiu sobre os ombros. Era sangue indígena a colheita dos pequenos. A Amazônia virou cinza e se instalou sobre nossas cabeças e ninguém pôde dizer que não foi avisado.

Ao norte, a Venezuela foi a primeira a abrir suas fronteiras para os refugiados, seguida pela Colômbia, onde nenhum documento foi exigido para que as famílias recebessem abrigo. Mas a fumaça não parou e grande parte da população se dirigiu a Cuba e ao México, onde se esperava ainda ser possível respirar. Foram as últimas informações recebidas, antes do fim das redes de comunicação, pois já não fazia diferença os números de G's da conexão, nenhum byte era capaz de romper o céu ardente. Toda tecnologia digital perdeu sua serventia e mesmo as ondas de rádio começaram a falhar. O Brasil caiu no silêncio absoluto. Do fogo e da morte não se sabia a extensão. Dos satélites, a única imagem que se conseguia era a enorme mancha escura cobrindo grande parte da América Latina. Por terra não era possível medir o estrago.

Angola e Namíbia uniram-se e grande parte de sua frota naval foi enviada em direção à América para resgatar os sobreviventes. Muitas famílias já habitavam os campos de refugiados em Botswana, Zimbábue, Tanzânia e mesmo Moçambique. A sua podia ser uma delas, ou poderia ter se acabado junto à Amazônia em sua terra natal, mas não tinha como saber. Ainda era difícil rastrear os milhões de brasileiros que chegavam à

África, pois eram muitas as fronteiras de entrada e os registros pouco organizados, mas eles chegavam e eram recebidos como irmãos.

Ela, que já estava em Moçambique há quase quatro meses, não sabia o que fazer com o visto de estudante que estava prestes a expirar. Queria voltar para o Brasil e procurar pela família, mas não havia mais pistas para os pousos dos aviões, não havia mais terra que não fosse preta de carvão e cinza, não havia mais vida em solo brasileiro. Um país levado à sua completa extinção por aquilo que lhe garantia vida. Nunca se deu ouvidos aos povos indígenas, nunca se deu crédito aos mitos kayapó, yanomami, yudja, macuxi, todos eles ensinaram a evitar a extinção, todos eles proferiram seus avisos. Afinal, o fim não estava nas profecias, nem na do bug do milênio, ou nas armas nucleares. A ignorância. Eis o fim que agora a impedia de voltar para casa e saber de seu futuro.

Esperava mais uma vez na fila da embaixada, mais uma vez os mesmos rostos à sua frente, mais uma vez respostas vagas. Não temos informações, foi algo na Floresta Amazônica, para sua segurança é melhor ficar em Moçambique, não sabemos quando os voos voltarão ao normal, sim, muitos brasileiros estão vindo para cá, não, não sei, mas você pode esperar naquela fila. E no final daquela fila, tanta imprecisão quanto no começo, assistentes consulares e respostas evasivas. Sinto muito, volte amanhã, ou daqui a três dias ou semanas, se calhar nem volte, não saberemos dizer o que aconteceu. E o impasse, entre partir e permanecer, entre escolha e falta de opção, entre resistência e impotência, se alargava junto aos dias. Já não tinha grandes expectativas, quando a fila avançou e chegou sua vez, já decorara o protocolo dos dias anteriores e mal olhava para quem iria lhe atender, mas levantou o olhar ao ouvir o cumprimento de sua terra. Não a de nascença, agora distante e quemada, mas a terra que a escolheu em Moçambique, o sotaque de quem veio do norte e trouxe o norte consigo. E ao levantar os olhos, deparou-se com os grisalhos da avó e com um sorriso

anunciando respostas, um rosto diferente de todos com que já estava habituada, e não precisou fazer seu roteiro de perguntas. Sentou-se e ouviu.

— Agora você fica em Moçambique, filha.

— Por que, avó?

— Havia uma floresta que nosso povo chamou Onripothana. Era tanta árvore, que as copas se juntavam numa só, faziam o dia virar noite. Só se via o céu se a floresta deixasse. Era isso. A floresta que ditava as leis do dia e da noite, coisa bonita de se ver. Mas já não há Onripothana. E os jovens já não conhecem a floresta ou suas leis, mas você pode perguntar às avós e elas lhe ensinarão. A sua terra virou Onripothana, minha filha. Pegou fogo. E agora é a floresta que do céu dita as leis da vida e da morte. Só voltará a ter vida em sua terra quando a floresta deixar.

— Onripothana — repetiu a jovem, ao levantar-se já com o visto de permanência nas mãos.

**Tiago Germano** é escritor, autor do romance *A Mulher Faminta* (Moinhos, 2018), e do volume de crônicas *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017), indicado ao prêmio Jabuti. É um dos principais resenhistas brasileiros da plataforma virtual de leitores Goodreads e publica seus textos críticos semanalmente no seu perfil pessoal do Medium e no Instagram @paginacorrida.





## Independência

DIZEM QUE O MEU TIO SUMIU naquele fatídico Sete de Setembro em que as lojas, acatando a determinação do governo, deixaram de liberar seus funcionários para o feriado e se comprometeram a abrir suas portas por 24 horas para as vendas. “Virada do Brasil: venha aquecer o comércio e fomentar a economia nacional”, diziam os cartazes com sua ironia involuntária — uma convocação que os manifestantes levaram ao pé da letra invadindo os shoppings em hordas, no início da madrugada, ateando fogo nas vitrines e fazendo o comércio de fato arder numa imensa labareda que só foi contida pela ação dos bombeiros, no final da manhã seguinte.

Oficialmente, meu tio foi declarado desaparecido num desses incêndios, embora o circuito interno do shopping tenha flagrado sua imagem ou a de alguém muito parecido com ele sendo levado por um segurança até a garagem, e seu corpo jamais tenha sido encontrado desde então, de modo que toda essa história tem uma conotação muito suspeita e completamente diferente para mim. Para mim, o sumiço do meu tio já havia se dado alguns anos antes, em algum ponto entre a minha infância e a adolescência, quando ele parou de frequentar nossa casa e passou a ser um assunto proibido na mesa para os avós, se eles não quisessem tomar o mesmo rumo e desaparecer para sempre de nossas vidas.

Meu tio não ia conosco à igreja, mas este não era exatamente o problema: naquela época meus avós também não haviam se convertido, e é muito provável que também não apoiassem o governo, mas sabiam guardar suas opiniões para eles e nunca chegaram a discutir com meus pais, se a imagem do presidente aparecia na tevê e minha mãe elogiava sua aparência, visivelmente mais saudável depois do segundo atentado que quase lhe tirou a vida.

Aprendi a calar a falta que meu tio me fazia justamente nesse dia, quando perguntei ao meu pai do sumiço do meu tio e ele me olhou feio e repetiu o que sempre costumava repetir nas vezes que alguém conhecido desaparecia, em circunstâncias parecidas com as do meu tio: “Ele se meteu com gente que não devia”, meu pai disse, “e sobretudo com *assuntos* que não devia”, completou. “Não duvido que tenha mesmo morrido por causa disso”, finalizou, e então as dúvidas sobre o seu destino se materializaram para além do silêncio da minha mãe e da depressão dos meus avós, que nunca se mostraram conformados com aquela morte — uma das várias mortes que, naquele tempo, não tiveram direito a um velório ou enterro decente.

O sumiço do meu tio era uma dúvida que não se dissipava na minha cabeça, e que numa certa noite pareceu se infiltrar nas paredes do meu quarto e crescer como a mancha de bolor que se formava no teto, revelando um outro sumiço. Acordei de um pesadelo com meu tio, no meio daquela noite. Meu corpo queimava como o seu, enquanto um filete de água caía inutilmente do teto, tentando apagar as chamas. Eu estava empapado de suor e da água da goteira que se abria em cima da minha cama. Nosso apartamento ficava no penúltimo andar e tentamos ligar pelo interfone para o vizinho de cima, que não atendeu. Na portaria, o porteiro informou que há dias não tinha notícias do morador, uma pessoa sozinha cujas correspondências se acumulavam no escaninho e eram na maioria contas bancárias, sem cartas de aparência pessoal.

Chamamos então a polícia, no outro dia. Eles arrombaram a porta e encontraram o apartamento vazio, mas um aguaceiro que começava no quarto acima do meu e já chegava quase à sala do apartamento do morador solitário. Todos os vizinhos se lembravam dele, que há meses havia participado da reunião de condomínio e feito uma reclamação “afetada”, para dizer o mínimo. Ele se queixava de um vazamento na caixa d’água do prédio. Já havia perdido parte dos móveis projetados do seu quarto e ameaçava levar o caso à justiça comum e às redes sociais. Dera com a cara na porta nas três vezes que tentara

entrar em contato com a construtora para reparar os danos causados pelo problema.

A construtora era do filho mais novo de um influente empresário do ramo imobiliário. Nós os conhecíamos da igreja, desde quando a família abriu o negócio e começou a multiplicar sua fortuna no outro governo. Começaram construindo casas populares para depois se dedicar a condomínios de alto padrão como aqueles em que morávamos. As empresas da família haviam vencido licitações para a construção dos novos prédios da administração pública, e desde então haviam emplacado também a reforma do shopping, que ficara completamente destruído depois dos incêndios. Eles também estavam reformando o templo da igreja e eram os responsáveis pelo projeto da faculdade, uma doação que seria feita ao pastor como forma de dízimo.

Todos os moradores do nosso prédio, inclusive o vizinho do último andar, havíamos comprado nossos imóveis na planta, há menos de um ano. Para minha família foi um grande negócio, já que a construtora aceitou nossa antiga casa como entrada e nos prometeu um apartamento maior, onde acolheríamos também os avós — que depois da perda do meu tio pareceram envelhecer mil anos e já não podiam mais viver sozinhos, um cuidando do outro.

Na reunião de condomínio seguinte, alguém comentou que o vizinho do último andar foi visto pela última vez na garagem, dentro do seu carro, indo à audiência que teria com a construtora. Outra pessoa manobrava o veículo. Ninguém sabia quem era essa pessoa (“Devia ser garoto de programa”, alguém insinuou, entre risos). O que se sabia é que ninguém, nenhuma das partes, chegou a comparecer à audiência. O carro foi encontrado incinerado logo depois do episódio da goteira no meu quarto, quando a polícia passou a investigar o caso e dar o homem como desaparecido. Nenhum corpo foi encontrado junto com o carro.

O desaparecimento do morador nunca foi associado à audiência com a construtora. A imprensa cadastrada não atentou

para o fato de que o delegado encarregado do caso, segundo informaram algumas páginas da internet tempos atrás, num dos escândalos das milícias, era dono da empresa de segurança privada responsável pelo monitoramento interno do nosso condomínio e de quase todos os outros ligados à construtora. Não se divulgou que este mesmo delegado era parente do governador e, como a maioria dos cidadãos à frente de algum cargo público àquela altura, filiado ao partido do presidente. O síndico abriu votação e, por unanimidade, o condomínio decidiu arcar com todos os custos para o reparo da caixa d'água e do vazamento que causou a rachadura no teto do quarto do vizinho, infiltrando-se no meu.

Quando, à mesa de jantar, ousei perguntar ao meu pai por que o condomínio, e não a construtora, arcaria com aquele prejuízo sendo que os apartamentos ainda deviam estar na garantia prevista por contrato, meu pai respondeu: “Não se meta nesse assunto, meu filho, ele não diz respeito a você”. Minha mãe se calou, meus avós engoliram seco a papa de aveia, que era a última refeição deles antes do sono, e eu me recolhi ao meu quarto, olhando para a mancha do teto e para a goteira que agora caía mais esparsa.

Eu estava prestes a completar dezoito anos e andava muito preocupado com o meu futuro e com o serviço militar, naquela época. Havia um quadro do meu bisavô na parede de nossa sala, de quando ele serviu à Força Expedicionária Brasileira e foi para a Itália lutar contra Hitler. Conforme as novas correntes historiográficas defendiam (embora eu soubesse das controvérsias e, particularmente, tivesse minhas dúvidas), nos tempos do meu bisavô, o nazismo pretendia espalhar ao redor do planeta — ou como se estava preferindo dizer: *no horizonte de todo o planeta* uma ideologia de esquerda, com as cores e o símbolo da bandeira do Partido Socialista dos Trabalhadores alemão.

Agora, era a chegada a minha vez de lutar contra os vermelhos daqui, e a propaganda do Exército na televisão era enfática quanto ao papel da juventude nesta guerra. O comunismo

ameaçava voltar ao Brasil em meio à turbulência das manifestações, que espalhavam um clima de terror pelas zonas de intervenção. Tínhamos que dar a nossa vida pela pátria: era independência ou morte. Eu queria independência, mas não queria o risco de morrer ou sumir do mapa como o meu tio ou como o vizinho, dois cegos que talvez pensassem estar lutando por um conceito abstrato de justiça e pelo direito de viver suas vidas solitárias em paz, em meio a tudo isso.

Obviamente, eu não conversava com meus pais sobre esses dilemas. As universidades públicas estavam fechadas e as privadas, além de caríssimas, só estavam admitindo novos alunos no sistema à distância (que, apesar das campanhas do governo, todos sabiam ser um sistema falido, sobretudo nas áreas que mais valiam a pena cursar). A alternativa eram as instituições militares, mas para disputar uma vaga nelas era preciso servir por pelo menos um ano nos quartéis — algo que muitos dos meus colegas estavam dispostos a considerar, em prol de uma carreira rentável, ainda que corressem o risco de ir parar numa zona de intervenção.

As aulas na escola estavam interrompidas, o que me dava tempo para adiar a decisão, mas eu estranhava que o assunto jamais tivesse sido tocado à mesa, onde meus pais se mostravam tão ciosos com a minha educação, sempre me perguntando sobre o andamento dos estudos e sobre como os professores estavam conduzindo as aulas, agora que os parâmetros curriculares haviam sido renovados e as comissões familiares tinham maior poder de decisão sobre os conteúdos. Depois de pensar muito na questão, resolvi abri-la num almoço de domingo. Todos à mesa interromperam o movimento dos seus talheres, e houve um instante de silêncio no ar.

“De jeito nenhum você vai servir no Exército, meu filho”, disse minha mãe, se antecipando ao meu pai que talvez estivesse mais propenso a discutir a ideia. Aquilo me aliviava em certos aspectos, mas muito me intrigava que a minha mãe — justo a minha mãe que participava ativamente do grupo de orações para as tropas e marchara nas ruas, nas últimas ma-

nifestações em apoio ao Exército — estivesse agora barrando aquele caminho que talvez fosse positivo na minha formação.

“Mas ainda assim é obrigatório...”, eu disse sem muita convicção, mesmo suspeitando o que iria se seguir — e o que de fato se seguiu — a esse papo furado. Meu pai bebeu um gole de suco e disse que tudo se arranjaría. Ele mencionou as faculdades evangélicas como melhor opção no contexto de então. A instituição da nossa igreja havia acabado de ser aprovada pelo MEC e até o ano que vem talvez conseguisse licença para operar em sistema presencial, obtendo considerável vantagem frente às universidades privadas convencionais. Quanto ao serviço militar, minha mãe garantiu que seria fácil conseguir uma dispensa na cidade natal dos meus avós, que ainda não era um domicílio militar e onde o Exército ainda estava sob o comando de oficiais que conheciam o meu bisavô e o tinham como herói.

Posso estar enganado, mas acho que nessa hora o meu bisavô, que se mantinha calado, balançou a cabeça e pediu licença para deixar a mesa e não correr o risco de chamar minha mãe de hipócrita, querendo usar da influência do meu bisavô para aquele tipo de ato corrupto e humilhante. Eu também pedi licença e fui para o sofá da sala, onde dormia, desde que o meu quarto precisou ser interditado para os serviços no teto.

Sucederam-se alguns meses de relativa calma e as aulas na escola retornaram. Eu me formei no ensino médio, completei dezoito anos e fui até a cidade do meu bisavô, jurar a bandeira, cantar o hino nacional e receber um documento com o carimbo do Exército, atestando a minha dispensa. Havia uma estátua do meu bisavô na saída da cidade. Senti um bolo de vergonha subir à minha garganta, quando passei de ônibus por ela, com aquele documento no bolso. O vestibular para a faculdade evangélica foi ridiculamente fácil e as aulas começariam na metade do ano seguinte. Até lá, eu teria muito tempo ocioso, que não havia decidido exatamente como passar até que as mortes dos meus avós, uma depois da outra, nos surpreenderam no espaço de poucas semanas, virando novamente o

apartamento de cabeça para baixo e fazendo com que aquelas férias mudassem radicalmente.

Primeiro foi-se o meu avô. Encontramos suas caixas de antidepressivos vazias e um envelope lacrado que minha avó tentou tomar das mãos da minha mãe, enquanto ela o fazia em picadinhos, antes mesmo de abri-lo para ler. Tentando salvar aquela carta, achada no dia seguinte à cremação do avô (o cemitério da igreja não aceitava suicidas, e o municipal estava lotado), minha avó caiu no chão e fraturou a bacia. Tínhamos um bom plano de saúde, mas isso não impediu que ela morresse devido às complicações da cirurgia a que foi submetida pelo jovem profissional em plantão. No leito da clínica, manteve-se lúcida por algum tempo e disse que se sobrevivesse, morreria de desgosto.

Meus pais ficaram muito abalados com aquilo e eu fui encarregado de cuidar da remoção de todos os pertences da suíte ocupada pelos avós, que se eu quisesse seria agora o meu quarto — o antigo poderia ser transformado num ambiente de estudo, já que eu estava prestes a entrar na faculdade. Além de roupas e de cacarecos (o sumiço do meu tio havia feito o quadro acumulador de minha avó se agravar, nos últimos anos), encontrei entre suas coisas os livros e diários de meu tio. Foram os únicos pertences que deixei onde estavam, no fundo falso de uma cômoda que achei por acaso, quando tentei mudar a decoração e transportá-la de um lado para o outro da suíte.

Os livros do meu tio eram o tipo de literatura que as editoras já não costumavam publicar há alguns anos, e seus diários continham textos no mesmo tom, além de reflexões filosóficas cujo conteúdo eu me lembrava vagamente de acompanhar em suas redes sociais — antes que os meus pais as bloqueassem de todos os nossos dispositivos, incluindo o meu celular. Procurei nesses cadernos algum texto mais suspeito, alguma pista que me levasse ao seu envolvimento nas manifestações daquele Sete de Setembro ou indicasse o seu paradeiro, justificando sua morte ou qualquer que tenha sido o seu fim. Nada, no entanto, me levava crer que a resposta que eu buscava (e que

talvez o meu avô tivesse morrido tentando encontrar) estava ali nos seus livros ou nos seus cadernos.

A única coisa que me surpreendeu naquelas anotações foi a espiritualidade do meu tio e as insuspeitas reflexões que ele fazia em torno de certos trechos da Bíblia, uma faceta até então inédita para mim, em se tratando de alguém que não apenas nunca frequentara a igreja como era considerado pelos meus pais, e por todos que o conheciam, como um “ateu”, um “anarquista”. Os textos do meu tio mudaram um pouco minha compreensão das Escrituras, e foram a principal leitura que cultivei nos meus quatro anos de faculdade, quando o país continuou igual, enquanto eu me modificava.

Apesar de continuar a cursar a faculdade evangélica, passei a ir menos aos cultos da igreja — o que só não causava mais atritos dentro de casa porque meus pais sabiam da minha dedicação aos estudos teológicos. Se minhas pesquisas não pareciam ter uma utilidade prática (eles não conseguiam conceber por quê, por exemplo, eu estudava teologia se não queria ser pastor), seu potencial teórico me rendeu uma das poucas bolsas de iniciação científica que o CNPq ainda fornecia em conjunto com a Fundação de Apoio à Pesquisa Neopentecostal.

Eu vislumbrava a possibilidade de uma carreira acadêmica relativamente estável e promissora, num país em que poucos eram os estudantes que podiam se dar ao luxo de fazer esse tipo de plano. Vez por outra, me pegava pensando em meu tio ou no vizinho de cima (outros moradores já haviam ocupado o seu apartamento, que fora colocado em leilão e comprado a preço de banana pela própria construtora), mas já não me perguntava onde eles estavam, se estavam vivos ou mortos, mas se aprovariam aquele caminho que eu escolhi trilhar.

Até que, ingenuamente, dei o meu primeiro passo em falso.

Numa noite após as aulas, compareci a uma reunião convocada por um reduzido grupo de bolsistas de graduação e pós-graduação no centro de vivência da faculdade. O grupo queria discutir o fortalecimento das Humanidades e a possibilidade do retorno de suas faculdades às universidades públicas



(fora das zonas de intervenção, os campi aos poucos eram reabertos, voltando a oferecer vagas em alguns cursos, sobretudo das áreas de Saúde e Exatas). O que era para ser uma simples reunião, aprovada inclusive pela reitoria, tornou-se uma perturbação na ordem envolvendo nosso grupo e membros da juventude conservadora, que ficaram sabendo da reunião pelo boletim interno da faculdade. Em meio à confusão, pude ver um homem mais velho entre os estudantes do segundo andar que empunhavam seus celulares e apontavam para nós. Ele fotografava a movimentação com uma câmera profissional, semelhante às utilizadas pela imprensa cadastrada. Julguei que fosse um repórter e, no outro dia, procurei por notícias sobre o que aconteceu, nos jornais, nas páginas da internet. Nada havia sido publicado além dos vídeos que circulavam nas redes sociais, e que mostravam alguns colegas mais exaltados empurrando os brutamontes da juventude conservadora, tentando sair do círculo que nos oprimia, enquanto eu e os demais nos amparávamos atrás deles, intimidados.

Revi um homem muito parecido àquele sujeito, já sem sua câmera, numa das últimas cadeiras de minha sala, dias depois. Tentei desviar os olhos dele quando notei sua presença, mas ele não parecia se mostrar incomodado, ao se dar conta de que eu o havia reconhecido. Impunha sua presença, como passou a impor-se ao longo de todo aquele mês, nos corredores da faculdade, nas imediações do meu prédio, até que o grupo de WhatsApp dos bolsistas se dissolveu e as mensagens pararam de circular, como que por mágica, também da lista dos e-mails.

Eu estava ficando meio paranoico. Nas poucas conversas que tive com outros colegas que participaram da reunião, naquela noite, descobri que todos estavam sendo vigiados e seguidos. Um deles, inclusive, que desempenhava um trabalho voluntário na reserva agrícola da igreja, vinha sendo submetido a revistas ao entrar e sair da unidade, e sempre tinha a impressão de que seu armário pessoal era revirado à noite. Não imaginei que esses olheiros fossem capazes de invadir minha casa, mas redobrei meus cuidados quanto aos livros e diários

do meu tio, que não levava mais para o meu ambiente de estudo no apartamento, consultando-os sempre no meu próprio quarto, próximo ao seu esconderijo, no fundo falso da cômoda.

As aparições diminuíram perto do final do curso de graduação, quando a carga horária diminuiu e minhas idas à faculdade se resumiam às visitas à biblioteca, onde eu tinha certeza que de alguma forma eu estava sendo vigiado por trás das câmeras.

Eu estava cansado daquela atmosfera de perseguição.

A última vez que vi um daqueles homens foi na defesa do meu trabalho de conclusão de curso, quando ousei entregar à banca de avaliação uma dissertação completamente diferente daquela à qual me reportava nos relatórios de atividades que obrigatoriamente eu tinha que entregar para o CNPq e para a Fundação de Apoio à Pesquisa Neopentecostal, durante todos os anos que duraram minha bolsa. O novo trabalho, dedicado ao meu tio e ao meu vizinho de cima, fazia uma crítica virulenta ao discurso político vigente e à apropriação indevida dos textos do Antigo Testamento em sua construção.

Além da banca, que interrompeu minha apresentação antes do final e se absteve a dar uma nota ao meu trabalho, sem consultar a comissão de ética da faculdade, só quem assistia à minha defesa era um daqueles homens, em sua cadeira no fundo da sala, ignorado por todos os presentes exceto por mim, que fiz questão de me dirigir a ele — e não à banca — durante toda a minha explanação.

Este mesmo homem me abordou no corredor da faculdade e me tocou o braço antes que eu sacasse o meu celular e ligasse para os meus pais a fim de comunicar, um tanto orgulhoso, a decisão da banca. Pediu que o acompanhasse até a garagem e tomou a minha pasta da mão. “Pelas escadas, vamos indo”, disse segurando também o meu braço, como se fosse um velho amigo que tivesse essa liberdade.

Descemos as escadas mudos, sem cruzar com nenhum dos professores ou estudantes que sempre preferiam o elevador. No silêncio das escadarias, interrompido apenas pelo eco dos

nossos passos sincopados, saltando degrau a degrau, eu me lembrava do meu tio e do meu vizinho de cima, e dos seus nomes impressos no meu trabalho, dentro da pasta que aquele homem agora carregava. Perguntei-me se eles, como eu, não gritaram nem tentaram fugir, se hesitaram ou foram empurrados, se sentiram medo ou coragem, se ainda eram donos das próprias pernas e dos próprios pensamentos quando a porta do carro foi aberta, e não viram outra alternativa além de entregar-se e entrar, deixando-se levar para sempre. Perguntei-me, uma última vez, onde podiam estar meu tio e o meu vizinho. Se sabiam para onde estavam sendo levados ou apenas, como eu, não tinham mais para onde ir e queriam descobrir para onde iam os que se foram, os que nunca mais voltariam, os que não tinham mais nenhuma esperança.



Tiago Sozo Marcon, **T.S. Marcon**, nasceu em Caxias do Sul em 1975. Em 1999 tornou-se arquiteto pela UFRGS. Em 2015 fez parte da turma de 30 anos da Oficina de Escrita Criativa da PUCRS, ministrada pelo professor Assis Brasil. É autor do livro de crônicas *Deus veste legging*, lançado no mesmo ano. Já participou de diversas antologias de contos, entre elas *Onisciente contemporâneo*, *Transações singulares*, *Não culpe o narrador* e *Conte outra vez: 30 contos inspirados em canções de Raul Seixas*. Como fotógrafo, obteve menções honrosas em Bienais de Arte Fotográfica Brasileira. Atualmente, cozinha em fogo brando seu primeiro romance.



## O Sindicato Bed-Mobile

“BUCÊTALA.”

“Que linguagem, Betânia!”

“Uma reintegração do PRC? Logo pra mim, Sara?”

“Não tenho culpa se você é uma das mais solidárias daqui. Ou deveria dizer uma das mais *solitárias*?”

“Esses seres já deviam voltar com uma porra de microchip explicando tudo.”

“Incorreto! Olha quanto a BlyForgh® teve de pagar em multa e indenizações naqueles casos de rejeição.”

“Não tenho culpa se você é uma das mais assustadas daqui.”

“Microchips neurais em pacientes criogênicos = Alto Risco de Adversidade. Impossível sem autorização.”

“Então você concorda que seria possível.”

“Nossa empresa é digipautada pela Excelência Tecnológica e a Reverência à Bioética.”

“E a submissão doentia ao Google®. Sara, um holorando ao Conselho de Suprimentos e tudo se resolveria em minutos.”

“Nossa empresa é digipautada pela Conformidade aos Procedimentos Hierárquicos.”

“O que não passa de um eufemismo para *submissão*. Olha, tenho mais o que fazer do que ficar constantemente holoxplicando como chegamos até aqui a alguém que ficou séculos dormindo.”

“É o vício em livros que te deixa assim, indisciplinada?”

Ela sempre vinha com essa teoria.

“Ou o fascínio pelos filmes daquele escroto... como era mesmo o nome dele, Betânia?”

“Woody Allen.”

“Woody Allen! O velhote incestuoso e engraçadinho.”

“Sara, houve um processo judicial naquela época e...”

“Continua ouvindo aquelas inadequações musicais a que chamavam punk rock? E pensar que a Ester te definiu como *humanista* na última Inserção da Diretoria.”

“A Ester usou essa palavra pra me definir? Humanista?”

“Sim, porque?”

“Toda fascista usa esse adjetivo de forma pejorativa.”

“Fascista, ahahahah...esses termos do soterrado século 20.”

“21, Sara, século 21. Não esqueça que o fascismo estendeu as patas imundas até o século 21.”

“Tanto faz. Isso foi há muito tempo.”

A verdade é que a Sara, integrante da Diretoria, me livrou de uma Condenação Automática quando quase saí no tapa com um funcionário da Divisão de Estofaria.

Tinha que ser homem. Uma salva de palmas.

O cuzoloide não aceitou minhas críticas à costura manual da borda de um colchão. Gosto de supervisionar pessoalmente alguns processos. Temos um nome a protezelar. Me alterei animicamente = ergui o punho na altura da orelha do cara e ele riu, parecendo não entender o gesto, aí o Alarme de Alteração de Endorfina soou e fui soloimobilizada.

Só que abriram um PD.

Santa jeba dos processadores fudidos.

Ainda tenho as marcas no antebraço. Sara passou a usar o incidente como criptomoeda punitiva, me destinando tarefas contraprodutivas. Como aquela de acompanhar um paciente PRC em longos passeios pela empresa.

Só que eu trabalho com design, bucêtala.

É isso que eu curto fazer. Desenhar BM's. Melhor que qualquer I.A.izinha silenciosa.

Deixa eu holoxplicar pra quem estiver lendo isso no futuro.

Ou no passado: qual a garantia de que um pequeno buraco de minhoca não possa finalmente ser manipulável, até se tornar grande o bastante para a travessia de uma cápsula onde



caibam 2 ou 3 humanos e alguma carga? Aí poderíamos voltar de fato no tempo e conversar com nossos antepassados. Contar nossas histórias. Mostrar umas coisinhas a eles.

Estou perdendo o holofoco.

BM = Bed-Mobile.

PD = Processo Disciplinar.

PRC = Programa de Reintegração de Criogênicos.

IA = Inteligência Artificial.

UH = Unidade Habitacional.

Criogênicos = seres humanos submetidos a um processo de criogenia, i.e., congelamento do corpo depois da morte.

Desde que decidi registrar minha vida por escrito — mas no modo obsoleto de digitar palavras num microcomputador — fui adjetivada de *extravacêntrica* pela Sara.

“*Extravacêntrica*, pode vir até a minha sala?”

“*Extravacêntrica*, e as holografias do novo modelo Mulsanne Wheelbase?”

Meu Microchip Neural esquentava só de reproduzir a voz dela.

Aquela cadela.

Deixa eu continuar a holoxplicação: toda empresa deve obediência legal a uma cota mínima de funcionários vindos do PRC. É que os criogênicos acordam hoje e o trabalho de reintegração é distribuído pelo Governo Central a toda sociedade. Um trabalho de paciência, artesanal. Essa característica até converge com o estilo da nossa empresa, mas o implante de um Microchip Neural resolveria tudo, com os Dados de Readação inseridos na velocidade adequada.

Contratempo ainda insolúvel = porcentagem imprevisível de criogênicos desenvolve infecções no tecido nervoso quando microchipados.

Tese: ao longo dos séculos a resistência bacteriana octuplicou devido à quantidade de antibióticos expelidos em nossas merdas no meio ambiente. Por isso a recorrência de infecções só nos criogênicos = seres que, devido ao longo congelamento, não realizaram upgrade de anticorpos.

Anti-tese: o Sistema de Cauterização Escremental esteriliza completamente nossos dejetos, transformando-os em energia.

Síntese (precária): apesar do alcance de qualquer sistema, sempre existirão os excluídos. Há uma enorme população sem acesso ao Sistema de Cauterização Escremental. São habitantes das Gretas do Tecido Hiperurbano. O velho fantasma do saneamento. Tudo que não é simbolizado vira espectro. Como um resquício insuperável do Real.

As infecções no tecido nervoso são curáveis, novos antibióticos são rapidamente sintetizados, mas antes da regeneração os criogênicos experimentam o medo da segunda morte. Nós, o constrangimento. “Como é que eles ainda não resolveram isso?”, dizem os ressuscitados entre si. Por isso há uma lei que só autoriza a microchipagem de criogênicos em casos excepcionais. Nada que a Sara ou a Ester não conseguissem pro nosso caso. Elas sempre tiveram bons contatos nas Altas Esferas.

Contratempo ainda insolúvel  $02 =$  suicidas. É verdade que não vencemos completamente a depressão (o suicídio ainda existe entre nós), mas não deixa de ser irônico o fato de que muitos criogênicos renasçam e decidam morrer de novo. Vencemos a morte, mas não vencemos a atração que ela exerce.

A Pulsão de Morte.

Talvez eu quisesse me matar se ressuscitasse num mundo diferente.

É o embaraço das projeções. O futuro, no passado, se formava sobre projeções lineares, baseadas em velocidades conhecidas de séculos anteriores. Tomávamos a velocidade de mudanças verificada entre Gutenberg e os motores à explosão, p. exemplo, aplicávamos um coeficiente de ajuste, temperávamos com otimismo e bom senso e, pow: ali surgia o cenário dos séculos que viriam. E até vieram: mas em cacos. Quando a Lei de Moore se tornou obsoleta os primeiros hiper carros autoguiados surgiam; depois, veículos de diversas escalas ganhavam a autonomia circulatória em nossas cidades cada vez mais

verticalizadas. O Google®, naturalmente, se manteve no controle. Logo implantou o S.H.I.T: Smart High Intelligent Traffic, algoritmo poderoso no controle de trajetórias e otimização de percursos, que logo abandonaram o plano bidimensional das rodovias e ganharam o céu. Goodbye engarrafamentos. Veículos voadores. As formas políticas, sociais e culturais ligadas ao gênero masculino, que nessa época já vinham sofrendo uma puta erosão, sucumbiram de vez. O macho se tornou kitsch. Na indústria da construção civil, uma liga de kevlar e grafeno foi introduzida no concreto armado. A hegemonia das formas prismáticas nos edifícios foi suplantada. Monoblocos tediosos, monumentos à afirmação viril do homem de outra época, eram demolidos mesmo antes do final de sua vida útil. O ocaso do falo. A caixa de sapato explodiu em todas as direções: surgiram edifícios com plantas em leque cada vez mais ousadas, cujas superfícies refletiam a lógica irresistível do estilização.

Sólidos esquizoides, curvilíneos, imprevisíveis, atacados por uma vertiginosa poesia biogenética = NLA: Nova Linguagem Arquitetônica.

O Microchip Neural, desenvolvido por um neurocientista do Google®, foi o silicone do nosso século. Quem podia, colocava. Recebi o meu aos 12 anos, um pouco mais tarde do que as outras crianças do meu convívio. Esse intruso em nossos cérebros logo se transformou num elemento distintivo de classe social. Os médicos diziam que ele não ficava com nenhum registro dos nossos pensamentos, não armazenava nada, apenas agia como um catalisador potente eliminando a hesitação, otimizando nosso tempo cada vez mais obsessivo. Mas havia grupos de ativistas que pensavam o contrário. “O Google® tem acesso aos teus pensamentos mais íntimos e imperfeitos”, diziam. E tentavam provar essas afirmações mostrando casos de crimes estranhos, das mais diversas ordens, onde uma antecipação ou sabedoria *a priori* teria de ser invocada para o esclarecimento do caso. O Governo Central sempre refutava essa tese em hologramas populares, dissipados nas mídias em doses gigantescas, explicativos até o limite do positivismo ingênuo.

Mas seus atos sugeriam o contrário: a famosa Lei do Microchip logo foi aprovada, proibindo as pessoas que já haviam sido microchipadas de retirarem de si esses dispositivos. Acho que foi mais ou menos como o aborto na época de vocês, leitores do passado.

Até os 12 anos eu gostava de escrever usando teclados, e até à mão. Quando o registro do pensamento é materializado imediatamente em palavras, a sensação é que algo se perde. O lado bom é o comando remoto de grande parte dos nossos objetos. Isso é inegável.

Mas escrevendo essa espécie de diário digitado, em que há um espaço entre o surgimento da ideia e seu registro transformado em linguagem, me sinto renovada.

Estou perdendo o holofoco de novo.

O que eu dizia é que nas grandes cidades, quando a NLA começou a redesenhar tudo, os hipercarros e ônibus se tornaram demodês, e lentamente foram sendo usados apenas pelos habitantes das Gretas. Houve uma epidemia de VMI's = Veículos de Mobilidade Individual. Moto-Mobiles, Sofa-Mobiles Chair-Mobiles, Chaise-longe-Mobiles.

Bed-Mobiles.

BM's. É o que fabricamos aqui.

Camas voadoras, basicamente.

Nosso processo é artesanal. Somos uma espécie de Bentley das BM's. A antiquíssima marca de carros de passeio, fabricados de forma artesanal no século 20, é nossa inspiração. Gostamos de pormenores ao capricho do cliente. Colchões costurados à mão, painel de controle com detalhes em madeira, capota de vidro laminado. O velho tungstênio fornece o material para a prensagem do chassi; a fibra de carbono e o kevlar, para a carenagem. Que leva a assinatura do dono.

Pensando bem, nosso mundo não é tão diferente do passado. Além do suicídio e da persistência das infecções, a depressão ainda existe. Nenhum microchip neural a venceu. O sucesso das Bed-Mobiles se fez também por isso. A depressão

acorda, aninhada em sua hospedeira humana, e não precisa abandonar os lençóis.

*Bed trip.*

Pra quem teve criptomoeda suficiente e implantou seu microchip neural é só carregar, com 2 ou 3 pensamentos, o modo FixedLocal (ou escolher o modo Promenade, passeio sem destino) e então a porta-janela do quarto da sua UH se abre e a BM, com seu zumbido monocórdico emitido pelos 4 motores elétricos, passa a flunar sobre o piso e depois sobre a cidade, guiada pelos processadores quânticos em rede do SHIT. Anuladores de inércia garantem aos passageiros uma experiência muito cômoda, sem sobressaltos, sem cintos. Sexo, preguiças e videotape. A elegância retrô de um pássaro de vidro e carbono sem asas, vetor furando a atmosfera ao amanhecer.

Furando a atmosfera é uma expressão precisa. Se continuar aumentado nesse ritmo, o nível de poluição tornará o ato de voar semelhante ao de abrir um túnel num bolo de laranja mofada. A breve história do sucesso das BM's não deixa de ser uma experiência religiosa: os céus multiplicaram as vendas. Invólucros onde o oxigênio é puro e a temperatura controlada, elas são casulos protetivos, como tinham os caracóis, antes de serem extintos. Ou como criam ao redor de si algumas bactérias reagindo aos antibióticos, ao se modificarem em espécies mais resistentes.

785 partes de carbono por milhão na atmosfera = assim estamos hoje.

E vocês aí do passado reclamando. E no futuro? Já ultrapassaram a barreira dos 1000?

Há alguém no futuro?

Com 785 nossa cognição diminuiu 18%. Nada do que um bom microchip neural não compense.

Se você possui um, claro.

Finalmente fui apresentada ao criogênico.

Tinha que ser homem. Bucêta.

Ops.

(Nota = lembrar que tenho falado palavrão pracaalho, mesmo. E linguagem antiga demais. Preciso me holopolicar pra diminuir isso. O relatório do meu Microchip Neural sempre é analisado a cada fim de mês pela Sara, que passa os dados pra Ester.)

O criogênico era diretor de uma fábrica de celulose com mais de 400 funcionários. À noite frequentava o curso de Filosofia. Tinha uma banda de rock com os amigos. Congelado aos 44 anos, morreu de câncer no pâncreas. Não teve filhos.

Só tive acesso a esses dados.

Ao acordar o cara decidiu ter outro nome: Lázaro. Não quis me contar qual era o anterior. É magro de aparecer as costelas quando respira, tem olhos azuis e usa um rabinho de cavalo completamente *over*, que fica balançando sobre uma coleção de camisas xadrez, quando ele caminha.

Senso de humor dele = bom sinal.

Mensagem da Sara no microchip neural: *apresentar novo local de trabalho a Lázaro = Divisão de Estofaria.*

Descemos pelo elevador. A Divisão de Estofaria fica no subsolo 2. Chegamos no intervalo de 15 minutos destinado à alimentação.

Quando as portas do elevador se abriram, um funcionário recolhia pedaços de tecido colorido que estavam espalhados sobre a bancada de acrílico. (Amostras para os colchões?) Depois, com pressa, passou a colocar tudo numa grande bolsa antiga de viagem. Alguns pedaços de tecido ficaram pelo chão. Ao me aproximar vi que eram cuecas. Cuecas diversas = barrocas com bordados e rendas, cuecas minimalistas, cuecas contemporâneas, em tecidos metalizados. Os outros homens se dispersaram, de volta a seus postos de trabalho.

O sujeito que organizou esse brique relâmpago, criado para garimpar uma criptomodazinha extra (que a Diretoria finge não ver) foi o cara com quem quase saí no tapa tempo atrás, quando soou o Alarme de Alteração de Endorfina e fui soloimobilizada etc.

O cara me lançou um olhar demorado (desafio?).

Contive o impulso de erguer o dedo médio a ele (não entenderia).

“Tudo bem, tudo bem, pessoal, só vim apresentar nosso novo colega”, falei amistosamente. “Lázaro, essa é a divisão de Estofaria. Esses serão seus novos colegas nos próximos meses”.

Cumprimentaram Lázaro com docilidade.

Em seguida voltei pra minha sala, e me pus a redesenhar o modelo Mulsanne, afinal devia esse holograma pra Sara. Prazo-prazo-prazo, era só o que ela repetia há semanas (sua nova santíssima trindade) e quando finalmente encontrei uma linha ousada (sem ser gratuita) para a carenagem, uma linha que nascia nas hélices traseiras e ia sem interrupção até o painel de controle, senti que a glória durou ralos 08 min e 25 seg.

Lázaro entrou na sala sem qualquer aviso.

“Quero dar uma volta de *Bed-Mobile*. Agora.”

Nos ângulos de ataque, e nas grandes curvas macias a oeste, ele cravava os olhos nas antigas ruas lá embaixo; tinha as mãos crispadas, e se acotovelava sobre o painel, ou engatinhava nas bordas do colchão, manobras típicas de quem nunca experimentou anuladores de inércia num passeio assim.

“Putaquepariu!”

“Colocar no modo FixedLocal manualmente é aqui.”

“O que são aqueles...hexágonos de concreto? Museus?”

“Campos de Desaparição. Operados por empresas privadas. Cumprem decisões judiciais.”

“Você só pode estar brincando.”

“Os IA’s juízes costumam ser muito conservadores.”

“E aquela bruma escura evaporando e...”

“Ali ficam as Gretas.”

“Caralho, o sol entra ali?”

“Depende do dia. Mas a umidade é boa pros legumes.”

“Minha empresa burlava a legislação ambiental comprando políticos, e até juízes”, disse ele e me olhou só depois de terminar a frase, como se esperasse alguma espécie de perdão.

Put a olhos azuis.

Lázaro viverá numa UH de um edifício na Av. Isaac Asimov. Tinha um bom plano de saúde.

Ao fim do passeio deixei o cara na plataforma da sacada. Parecia cansado. Tantas novas experiências no mesmo dia consumiram a energia daquele homem. Ao entrar no quarto ele tropeçou no massageador lombar, caindo sobre a cama antiga. Seus músculos ficaram centenas de anos congelados, eu podia entender. Resolvi entrar pra conferir se ele estava realmente bem. Pelo Microchip Neural baixei o aplicativo de operação daquela máquina de café antiga. Gostei da decoração. O design inspirado em épocas soterradas pelo tempo me sensibiliza.

A BM de Lázaro ficará pronta no final do mês.

Só quando cheguei na minha UH é que percebi o quanto estava podre. Tomei duas doses de Adrenosoft® e capotei, como se dizia no século 20. I wanna be sedated.

Nossos funcionários moram nas Gretas.

Com exceção, obviamente, dos setores de Design e Direção.

Um dos caras da Estofaria tem Microchip Neural. É aquele com quem quase saí no tapa tempo atrás, quando souo o Alarme de Alteração de Endorfina etc.

Pendências sobre minha mesa = hologramas da concepção de vários modelos. Pressão da Sara que retransmite pressão da Ester. Sempre as mesmas coisas repetidas. As mesmas tarefas. Os mesmos hábitos. As mesmas palavras registradas pelo Microchip.

Ontem fui numa holofesta no mítico edifício Chrome. Puta holofesta! A chuva do dia anterior havia corroído o guarda-corpo do terraço daquela velha girafa atarracada, então colocaram sensores que impediam a aproximação da borda. Mesmo assim foi ótimo. Havia uma atmosfera de enlevo e despreocupação contaminando tudo (será culpa dos resquícios de ácido sulfídrico nas nuvens?) O velho sistema de drinks encanados funcionou a contento, além de imprimir um charme retrô-futurista ao evento, com aqueles tubos que pareciam peças re-



tiradas de uma refinaria de inseticida. Conheci duas garotas. Depois da festa saímos na minha BM. Transamos numa flutuação quase completa (estávamos a 0,12 km/h) sobre o chafariz do Parque Julian Assange. Não quiseram que eu as deixasse em suas respectivas UH's. (será que moravam nas Gretas e tinham vergonha?)

Demorei a voltar pra minha. Gosto de flunar à noite, sem ninguém, sem FixedLocal.

Solidão é um outro nome da *liberdade*.

E escrever sobre a solidão é a liberdade da liberdade.

Desde ontem algo parece ter mudado de forma irreversível. A empresa mudou. A cidade mudou.

A amizade de Lázaro com os caras da Estofaria é uma surpresa. O cara nasceu no século 20 e morreu (pela primeira vez) no 21. É uma diferença geracional absurda. Mas fundamentalmente se dão bem. Compartilham rituais do gênero, primitividades. Lázaro compra deles cuecas e bordados, bebem juntos e riem como se a vida tivesse um propósito.

Passei a tarde à base de café e doses de Adrenosoft<sup>®</sup>, sentindo as microvibrações do Microchip como punhaladas no córtex. Só pensava em sexo. A ressaca sempre aumenta minha libido. Esses drinks antigos são mesmo corrosivos.

À noite Lázaro me holofonou. Disse que gostaria de me levar numa reunião extra-laboral com os caras da Estofaria. O lugar ficava numa região da cidade então desconhecida por mim, um pedaço limítrofe, no horizonte de eventos de uma das Gretas, digamos assim. Dentro do que parecia ter sido uma indústria do século 20 ele falou por meia hora sem ser interrompido. Sua liderança sobre os homens beira o misticismo. Quase no fim da fala, sugeriu que criássemos um Sindicato. Os homens se olharam surpresos. Não conheciam a palavra, muito menos o conceito. Então o cara do Microchip com quem quase saí no tapa disse que os sindicatos haviam sido considerados ilegais há muito tempo.

Estou feliz pra caralho.  
Absurdamente feliz.  
Estratosfericamente feliz.  
Putaquepariamente FELIZ!

Aquele PD relativo ao episódio com o cara da estofaria (com quem quase saí no tapa etc) foi arquivado. Definitivamente. Sem paranoias agora com relação à Sara. Ou à Ester. Já me sentia vigiada, holoperseguida. Talvez tudo não tenha passado de uma neurose obsessiva.

Vou salvar o arquivo do relato de hoje aqui no micro com o nome *dia\_feliz\_pracaralho*.

“Toda essa mobilidade deixou vocês imóveis. Castrados.”

Às vezes Lázaro se tornava insuportavelmente filosófico. Quando isso acontecia suas feições de hiperativo (não tive acesso a seu doc médico, estou apenas supondo) eram trocadas por uma certa paralisia indiferente, típico de quem escondia algum sofrimento.

“Desenvolve”, respondi.

“Ter praticamente tudo ao alcance é uma falsa evolução. Na real é uma violência.”

“Você se esquece da distância temporal. Nossos modos de Ser, e os próprios modos de se pensar o Ser, mudaram ao longo do tempo.”

“No fundo ainda é uma escolha ética entre Acontecimento e Ser, entre um Anseio Comum, e por isso igualitário, e um mergulho radical no Eu. Vocês levaram esse mergulho às últimas consequências.”

Putaquepariu, um autêntico homem do século 20 impregnado por suas idealizações, pensei.

Em outros momentos sua alegria transbordava em motricidades espaçosas, ele não se continha e tocava no braço de seu interlocutor a cada frase do diálogo, até atingir um estado eufórico. Num desses estados ele subiu correndo até a minha sala, entrou sem avisar e me passou uns velhos fones de ouvido brancos, ordenando:

“Ouve essa banda aqui.”

Tocava *I wanna be sedated*, dos Ramones.

O século 20 é o meu recorte de tempo preferido. De certa forma me sinto vivendo nele. Todos temos um recorte de tempo preferido, por mais longínquo que seja. Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado?

(Nota obscena = a ressaca de ontem me deixou excitada até o limite e, simplesmente pra poder continuar holodesenhando, fui até o corredor e me tranquei no retrete escremental mais próximo. Sentada, costas escoradas na parede gélida, tirei as botas. Ergui os pés {foi preciso salvá-los da aridez fria do piso} e deixei os dedos da mão direita [como se tivessem vida própria] percorrerem as convexidades da minha vagina, do meu períneo, dos meus seios. Santa Siririca Salvadora. Recuperava a imagem do chafariz do Parque Julian Assange entrecortado pela volumetria das coxas das garotas que conheci na festa, e o cheiro de suor adocicado que deixaram nos lençóis da minha BM, quando Lázaro invadiu meus pensamentos.)

Lázaro e a instabilidade animalesca dos homens.

**HOLOBOMBA!**

Sara abriu o jogo. A tensão das últimas semanas tem motivo = risco de extinção da empresa. O Projeto de Lei 243.875, que torna ilegal qualquer atividade manufaturada na indústria, será votado em 15 dias. Esse projeto havia sido arquivado mas, num desenlace estranho e repentino de ações, voltou à pauta.

(O modo como fabricamos nossas BM's é completamente manual. É nossa virtude diferencial competitiva. Seremos extintos. Inapelavelmente).

Dos 25 parlamentares recrutados para essa votação, 18 são IA's, e 7 são humanos. Dos 7 humanos, 2 são homens. Um deles é o senador Saul, um troglodita acéfalo do PV, Partido Viril (contenham o riso, amigos do passado; segurem o vômito, leitores do futuro), um serzinho escroto e manipulável, cuja trajetória em 30 anos no parlamento pode ser resumida a dis-

curtos exultantes de um passado alegórico neofascista. Jamais teve algum projeto de sua autoria aprovado.

Projeções algorítmicas baseadas no histórico dos membros do Senado indicam empate na eleição. Sara disse que Ester disse ter informações de que Saul será o voto de Minerva, porque ele preside o Senado. Pra vocês verem o nível do Senado.

O que fazer depois do gozo?

O sexo é um acontecimento maravilhoso e irrecusável porque vence qualquer diferença. A libido é como uma lixa que aniquila as rugosidades incômodas de dois objetos diferentes. Pra mim essa sempre foi uma questão controversa = conhecia garotas lindíssimas, mas depois do orgasmo tudo me parecia atroz, de um vazio repugnante, e eu torcia para que elas pudessem ir embora logo, ou se transformassem numa pizza. Ou numa cerveja.

Depois do gozo o Real dos nossos antagonismos emergia ainda mais nítido.

Isso até ontem. Merda.

Transei com Lázaro.

Merda = foi ótimo. Ele tem músculos comoventes.

Mas o melhor foi depois. O pós-coito depois do bis-coito. Ahahaha. Flanando pela cidade sem FixedLocal, conversamos por horas que pareceram minutos. Ou dias. O tempo dobrado sobre si mesmo, paradoxal, múltiplo, expandido, reinterpretado. Puta aula de Física.

Excertos aleatórios da conversa:

“Acho que eu nunca tinha me sentido tão bem assim depois de uma cópula.”

“O sexo é a forma mais radical de comunismo.”

“Daqui de cima o Parque parece um zooplancton fluorescente.”

“Essa ideia de Sindicato não seria uma causa perdida, que já nasce morta?”

“É preciso fracassar de novo, e cada vez melhor.”

“O tempo caiu sobre mim como uma chuva de fractais vivificantes, e me esqueci de ser eu mesma.”

“Como é ter um Microchip Neural? Deve ser muito espetacular... pra algumas coisas.”

“A criogenia é uma oportunidade de renascer outro.”

“É tudo muito incrível e é obvio que ainda estou me acos-tumando! Mas vocês elevaram a tecnologia à categoria de Fetiche, e com isso pavimentaram a volta da dominação pessoal. Quiseram matar o falo, mas ele retornou como Reprimido.”

“O erro de vocês lá atrás foi acreditar que o Capitalismo teria um fim.”

“Esse mundo onde acordei é uma espécie de sonho surrea-lista doentio, naturalmente aceito por todos! A vida privada é desprovida de sua característica mais essencial, a privacidade; e a vida pública é contaminada pela violação da privacidade substancial do pensamento, talvez nossa última fronteira individual. E eu achava uma ofensa a cerveja sem álcool...”

“Dizem que o Joey Ramone foi congelado antes de morrer.”

“Já o Ian Curtis foi depois de nascer.”

Tudo foi tão intenso e vital que nem precisei de tomar Adrenosoft® antes de dormir.

Lázaro convocou uma reunião de emergência.

Nela foi fundado oficialmente o Sindicato *Bed-Mobile*. As reuniões regulares aconteceriam ali mesmo, na velha indústria do século 20 às segundas, quartas e sextas à noite, até ordem contrária. Ondas de fumaça esbranquiçada, fruto do encontro de gordura animal (que caía, liquefeita, de pedaços de cadáveres bovinos dispostos em varas metálicas) com troncos de madeira em brasa, inundavam o espaço interno a intervalos irregulares. E que cheiro fascinante elas traziam! Um dos homens ergueu um pedaço de tecido com o que seria o logotipo do Sindicato, arabescos amarelos tingidos ao sabor do acaso sobre um fundo infinito, vermelho. Urravam como jovens animais de cativeiro ao experimentar a liberdade. Era preciso resistir, gritavam.

Era preciso consciência de classe, dizia Lázaro. E um Plano de Ação com alguma consistência.

Nos moldes das convenções de outros séculos, um livro-ata confeccionado em papel circulou entre nós. Assinávamos à maneira antiga, manuseando uma caneta. Os homens seguravam aqueles objetos com reverência.

Bebíamos cerveja em invólucros antigos = garrafas de vidro.

Com a agilidade livre de qualquer resquício, depois daqueles anos todos de gelo e silêncio, Lázaro escalou um contêiner de aço enferrujado, inaugurando o palco do Sindicato.

“A isso vocês chamam de *vida*? As criptomoedas jorram entre as contas de umas poucas tribos escolhidas, que voam despreocupadas pela cidade, entrando e saindo de suas alcovas perfumadas e estéreis. De nós, cobram commodities para a luz solar, para a água, para o oxigênio, e assim vamos apodrecendo lentamente nas Gretas. Chega de mergulhar em si mesmo. Queremos a volta de uma agenda coletiva. Queremos a volta do Real do sonho!”

Os homens devotavam a Lázaro uma crença quase religiosa.

Ele retribuía os tocando, e se deixando tocar numa miríade de abraços e socos carinhosos.

Dividíamos agora a mesma UH.

Na reunião seguinte Lázaro expôs o Plano de Ação.

Havia entre os homens quem conhecesse um velho recluso que trabalhara no Google® por muitos anos, e que sabia acessar o SHIT e reprogramar pontualmente a trajetória de uma determinada BM. Esse mesmo velho assumia contornos lendários, pois segundo o cara com quem quase saí no tapa (e que agora se dava superbem comigo) o tal velho mantinha uma pequena clínica no interior de sua UH, ou melhor, de sua casa, onde realizava cirurgias de implante ou retirada de Microchips Neurais. Foi assim que o cara com quem quase saí no tapa colocara o dele.

O velho era conhecido simplesmente por esse adjetivo: O Velho.

E o cara com quem quase saí no tapa sabia onde ele morava.

Lázaro levou em mãos o registro das trajetórias da BM do senador Saul em 25 anos ininterruptos. Um padrão foi facilmente identificado: todas às quintas-feiras, às 17 h e 15 min, Saul deixava a plataforma de seu escritório e levava uma de suas amantes para flunar sobre a cidade.

Um homem que cultivava hábitos antigos é um homem previsível.

A ideia era hackear a BM de Saul e fazê-la colidir com um plasma de publicidade, ou com alguma parede de concreto dos Campos de Desaparição.

O Velho coçou os olhos e disse:

“Tudo tem seu preço. Mas é inegável que simpatizei com vocês.”

No caminho de volta o sol poente irradiava fótons debeis, que se chocavam sobre o vidro laminado da BM, enquanto eu me aninhava no calor dos braços de Lázaro.

“Tudo isso me faz pensar em Woody Allen”, falei, buscando consolo na arte.

Lázaro girou levemente a cabeça, afastando um pouco o olhar para me ver melhor.

“Em *Homem irracional*”, continuei, “você deve lembrar, o professor de filosofia, interpretado pelo Joaquin Phoenix, mergulha numa sequência de teses e acontecimentos e caminhos e acaba matando um juiz. Um juiz corrupto. Há nesse filme uma docilidade melancólica, um andamento trágico que sempre me comove.”

“Na verdade isso veio do Raskólnikov, no romance *Crime e Castigo*”, disse Lázaro. “É a tese de que matar uma *vil criatura malfeitora* pode ser justificada porque torna o mundo melhor. Extirpar um câncer que acomete o tecido social não seria uma benfeitoria ao mundo? Dostão é um dos meus escritores favoritos. Eu queria mesmo era ter vivido no século 19.”

Essa última frase me doeu um pouco.

HLOBOMBA 2!

Ester é uma das amantes do senador Saul.

ESTER! A puta da diretora geral e maior acionista da bosta da nossa empresa.

Bucêta!

(Não me importo mais com a linguagem, Sara! Não me importo mais com a linguagem, Ester!)

Usando sua boa rede de hackers o Velho nos trouxe essa holobomba. *Extravacêntrica in your ass!*

Nosso priápico e balofo senador se encontra com Ester a cada 15 dias, mais ou menos. Essa descoberta trouxe novos significados ao modo desleixado como ela conduz a empresa. Pensará em sucatear tudo pra fugir com seus HD's forrados de criptomoedas?

Por isso aquela vida semirreal envolta em mistério. Seria Ester um espectro? Um holograma? Eu mesma só a vi duas ou três vezes em todos esses anos da empresa. E a 20 metros de distância! E nunca junto de Sara. Quem garante quem não são a mesma pessoa? Ou a mesma IA? Uma assustadora nova matriz antropomórfica de IA, que escapou do laboratório onde era mantida em segredo.

“Quer se casar comigo, Lázaro?”

“Você só pode estar brincando, meu amor...”

“Soa muito clichê?”

“Sempre quis ser pedido em casamento por uma mulher. Isso sim é um clichê.”

“Vem, vamos flunar um pouco sobre a cidade.”

“Na minha BM ou na sua?”

Uma cerimônia singela na casa do Velho. Assim foi nosso casamento. No lugar da troca de alianças, um voto de fé materializado em subversão. Uma pequena cirurgia dupla: meu Microchip Neural foi transferido para o cérebro de Lázaro.

Amar é desejar o desejo do outro.



“*Bed news, people*”, disse o Velho, batendo na mesa com uma garrafa de vidro cheia de cerveja.

Apontou para um antigo monitor slim, impregnado de gráficos e imagens em preto e branco. “Saul tem uma equipe de segurança muito boa. Não conseguimos hackear a BM do filho da puta.”

Estávamos reunidos na tarde de quinta-feira, véspera da votação do Projeto de Lei 243.875. O Sindicato transbordava. Por entre os vidros sujos das imensas janelas basculantes, alguns raios de sol lutavam contra as brumas e eventualmente as venciam, tocando nossos corpos, misturando-se à nossa decepção: a poucos quilômetros dali o senador Saul erguia sua BM, seguramente direcionada pelo SHIT, para outro passeiozinho sexual com a Ester. Livre de qualquer colisão.

“Não acredito que seremos extintos amanhã”, eu disse. “Tudo o que fizemos até agora... tudo em vão.”

“Se mandarmos a BM vazia da Betânia se chocar com a dele?”, sugeriu o cara com quem quase saí no tapa.

“Dois problemas, rapaz”, disse o velho. “UM: Toda BM vazia circulando no espaço aéreo da cidade é abatida pela Polícia. O SHIT as identifica imediatamente. Culpa daquele atentado ciberterrorista no ano passado. DOIS: mesmo que eu conseguisse burlar essa identificação no SHIT e mandasse, como um projétil, a BM vazia da Betânia para o choque, estaríamos fudidos. Além do registro digital do chassi há o físico. Betânia logo seria incriminada pela perícia; o julgamento, em poucos minutos, a condenaria de forma sumária e... Campo de Desaparição.

Lázaro, abandonando a turba dos homens, se aproximou e disse:

“É uma benção poder voar, enquanto a maioria dos seres rasteja nos buracos fétidos da submissão.”

Depois sussurrou algo no ouvido esquerdo do Velho. O ouvido bom.

E com o pensamento, só com o pensamento que agora se adaptava à coexistência de um intruso de silício, só com o produto das emanações imateriais de seus neurônios que nin-

guém mais terá acesso ou resquício algum para registro, acionou a abertura da capota de vidro laminado da sua BM e se aninhou sobre os lençóis, assumindo uma posição de yoga.

E em poucos segundos desapareceu por entre as brumas que evaporavam das Gretas.

**Vanessa Maranhã** é psicóloga, jornalista, pós-graduada em Psicanálise Lacaniana e autora com prêmios, finalismos e participações na bagagem. Participou de várias antologias de contos, entre elas *+30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Record, 2007), organizada por Luiz Ruffato. Em 2001 foi finalista ao Prêmio Guimarães Rosa da Radio France Internationale; em 2004, venceu seleção de contos da Universidade Federal de São João Del-Rei (MG).

Foi selecionada para as oficinas literárias da FLIP em 2010 (Jornalismo Literário), 2012 (Crítica Literária) e 2016 (Shakespeare; promovida pelo British Council). Em 2012 venceu o Prêmio Off Flip, no ano seguinte, o Prêmio UFES de Literatura (Universidade Federal do Espírito Santo) com o livro de contos *Quando não somos mais* (EDUFES, 2014) e também o Prêmio Barueri de Literatura 2013/2014 com *Oitocentos e sete dias* (Multifoco, 2012). Foi finalista ao Prêmio São Paulo de Literatura 2015 com o seu romance de estreia *Contagem regressiva* (Selo Off Flip, 2014).

Em 2016 lançou o livro de contos *Pássara*, pela Editora Patuá. *Começa em Mar* é o segundo romance da autora e recebeu Menção Honrosa do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016 e foi finalista ao Prêmio Guarulhos de Literatura 2018.

Em 2019 seu romance *A filha de Mrs. Dalloway* recebeu o Prêmio UFES de Literatura (Universidade Federal do Espírito Santo).



## Desfazer-se

QUANDO O SOL SE DESFEZ, eu soube, em escuridão, que estava sozinha.

O silêncio dilatado pelo que não se vê — a visão preenche espaços — ouvi passos que se iniciaram longínquos, mas tenazes e que dariam em mim, eu sabia, sempre davam em mim, quando ninguém podia ver. À luz trêmula e obstinada de uma lanterna, a Senhora Laura destrancava a porta do pequeno mundo que eu, aos quinze anos, habitava ao lado de outras quatro garotas da mesma idade e dizia, áspera, grasnada, anserina: venha você.

O seu olhar era altivo, autoritário, enojado. Sem jamais me tocar, como se sustentasse um fio invisível que me magnetizava atrás dos seus passos e pelos quais chegaríamos a uma espécie de camarim todo revestido de um couro sintético branco meio encardido em capitonê, certo luxo decadente aos modos de uma prisão solitária para loucos. Sobre a cadeira que ficava diante de um grande espelho, a fantasia que eu deveria vestir — cada noite um figurino diferente — e dançar para uma plateia de homens, mulheres e jovens que ora me encaravam com olhares de cinismo, ora com franca curiosidade perplexa do pitoresco, ora com desdém. Eu, um espécime.

Eram cheios de uma compostura cuidadosamente montada, recortada de algum ideal que resvalava em não se cumprir, algo da ordem do ilegítimo, do que se falseia sutilmente à mostra. As mulheres em vestidos de manga comprida, tecidos leves, acinturados, saias semilongas; os homens carregavam paletós e camisas sociais também na linha desse tempo, alguns de chapéu; os jovens, de ombros largos e braços grossos infláveis, cheios de ar que a um toque de alfinete se desfizessem, suas pernas finas, vestidos em camisas pólo e calças jeans

de corte reto e cintura baixa. Bebiam todos apenas sucos; álcool e refrigerantes haviam sido banidos e eu pensava estar nalguma comunidade Amish que escolhera cultivar os anos 1960/70 como base estacionária recortada de alguma foto de costumes. As músicas eram somente instrumentais, sem letras, portanto, sem quaisquer mensagens ou códigos, começavam pacíficas, depois retumbavam gloriosas, ao modo das trilhas dos filmes e séries que eu podia ver quando era livre. O figurino da noite, um macacão rosa de pelúcia com uma longa cauda para que eu encarnasse a Pantera Cor-de-Rosa e, no meu pouco jeito, a performasse caminhando pelo salão, espécie de animal exótico que todos espreitassem sem muita atenção e em que ninguém devesse tocar sob riscos de contágio: eu trazia a peste. Noutra noite, era um pinguim com corpo de pera, na seguinte, um pavão que devesse oferecer diversão idiota àquela gente que parecia parva e cruel ao mesmo tempo. O suplício, esses rapazes. Sobretudo, Marcos e Vinícius, encarregados pela Senhora Leona, a mulher do Governador, de me levarem inteira de volta ao mundo pequeno, à casa dos dias, mas era aos pedaços que sempre me devolviam. Senhora Leona enviava enfermeiras no dia seguinte e nada se dizia, porque as palavras eram proibidas. Júlia, Leonora, Susi e Marcela se revezavam comigo nas noites de diversão da gente de bem que se comprazia, as suas faces de mínima expressão, em verem circular jovens ridiculamente fantasiadas. Éramos, portanto, terminantemente proibidas de nos comunicarmos entre nós, há três anos dividindo assim o mesmo teto, câmeras nos filmando todo o tempo e nada sabendo umas das outras, exceto que ali chegáramos juntas, quando a noite da Grande Limpeza dizimara nossas famílias.

O sol não havia ainda aparecido no momento em que pesados coturnos fizeram desabar a porta de entrada da casa onde eu morava com papai e mamãe. Puxaram-me da cama pelos cabelos e me arrastaram até o quarto de meus pais para que eu assistisse ao seu fuzilamento: acordem, ratos imundos dos esgotos da esquerda, escória, a farra acabou! Antes que dessem

por si, seus crânios foram destroçados por disparos de metralhadora. A mão suarenta agarrando o meu cabelo, a dor que eu nem sabia mais onde se localizava, de tão generalizada, o guarda, seu hálito, as palavras podres: você vai para a Purificação. Aos meninos, filhos dos oponentes do novo regime, Campos de Trabalho, pude entender o que grunhiam aqueles soldados. A Purificação era um imenso salão branco com um crucifixo gigantesco dourado no fundo que representava uma congregação sintética de preceitos evangélicos e católicos, uma doutrina restritiva e punitiva nos moldes desse sistema, uma teocracia armada até os dentes onde, ajoelhadas sobre cascalhos miúdos, as meninas passavam os dois primeiros dias rezando e escutando a pregação das Senhoras. Depois disso, por três dias recebiam instruções de Comportamento e Feminilidade: nada pronunciar, jamais encarar os olhos de um homem, vestir o que lhes ordenam as Senhoras sob os preceitos de adequação vestuária, sempre aceder, modos de se portar corporalmente, jamais intervir, somente responder sumariamente o que lhe for perguntado, nunca, em hipótese alguma desejar ou cultivar ideias próprias. — Ideias são cavalos selvagens que não podemos cevar, pois fogem ao controle, explicava com gravidade a Senhora Joana, tutora do grupo, vestida como uma espécie de diretora de escola, saia godê chumbo, camisa cinza de botões fechados até o pescoço.

Ainda que soubéssemos que estávamos sendo preparadas para serviços domésticos durante o dia e performances grotescas pela noite, não nos diziam, contudo, quais seriam o propósito e o destino das Purificadas.

Leona rolava a tela do celular e se exasperava. Quanto mais lia notícias sobre a corrupção que parecia um cupim eterno a assolar o país, mais notícias alarmantes lhe chegavam pedindo providência, levante. O mundo se degenerava.

A boca amargava em silêncio. Sempre considerara tosca a periferia no poder, gente feia, parda, o Trabalhismo lhe parecia inversão de lógica: o correto é o patrão no comando e não, justo

o contrário; esse Partido Trabalhista de merda se achando o quê? Essa Presidanta, onde já se viu? Sempre desconfiara de mulher em posição de liderança, secretamente abominava as mulheres em barbeiragens no volante — ah lá, mulher! —, exclamava o marido Agenor, agastado no trânsito, sob a sua concordância, como se não fosse ela própria mulher, mas situada nalguma fronteira acima disto. O tédio aos mulherismos estridentes, as vi-ti-mi-za-das, proferindo essas sílabas com asco.

Sentia-se forte por haver gestado meninos, esses sim, e havia uma menina. Marcos, o mais velho, talhado à liderança, nunca deixava nada barato, seus preços eram altos em tudo e com quem quer que fosse e o profundo desprezo à pobreza, gente que não soubera agarrar oportunidades: uma vez contabilizara, entre tênis, roupas, celular, relógio, algo em torno de oito mil dólares no corpo ao sair de casa: isso mesmo, não se barateie, filho, encha mamãe de orgulho, o mundo é dos fortes. Tão forte ele, que fora expulso da escola por perseguir e maltratar uma namoradilha que andara se achando muito mais do que de fato era, a insignificante. A vagabundinha o denunciara. E aquela escola de merda não merece a grandeza, a beleza, filho meu, lavra de bravos. Mas pediu ao marido que ligasse para amigos fiscais da Receita Federal para rastrear a vida dos pais da pequena vaca — conhecerão o inferno, porque ninguém é santo, todos sonegamos e somente trouxas são pegos.

Rolava nervosamente a tela do celular: mas que horror essa ideologia política e de gênero nas escolas, esses comunistas, esses devassos, querem acabar com a família tradicional, a moral, os bons costumes, essa gatinha que deveria ser deportada para Cuba e se não abirmos os olhos, o Brasil se transforma numa Venezuela e se essa desgraça ocorrer, estaremos longe, em Miami, baby, mas façam o favor, escreveu em letras garrafais e fundo rosa, cheio de corações no seu mural do Facebook: se passarem fome, poupem os cachorros, please. Comam esses malditos marxistas nazistas! Chamou Lili, sua spitz alemã de oito mil reais parecida com uma escova ou bigode de



pelos sedosos, abraçou-a com toda a intensidade de seu amor e lembrou-se de Vinícius, a inteligência. Vai revolucionar esse país, politizado, se veste de verde e amarelo, um patriota pleno, aos domingos em que vamos em família aos manifestos contra a gentalha, quando batemos nossas panelas em protesto, faz estremecer o prédio com rojões de revolta que um amigo contrabandeia, quase uma bomba, sabe protestar, pedir seus direitos de volta, jogar essa vermelhada imunda no limbo, lugar de onde jamais deveriam ter saído. A escola, sempre esse mimi, se queixou de que Vinícius invadiu o sistema de informática para adulterar os boletins escolares; lógico, subiu as próprias notas e as dos colegas — eu faria isso, porque amigo é coisa preciosa, por eles corremos riscos, sim — e baixou as notas dos desafetos: KKKKKKK — um garoto, ele, fazendo arte. Isso é arte. Orgulho de quem se saiu a mim.

Recebi um texto apócrifo dizendo que Agenor, o candidato a governador em início de campanha, é um mulherengo consumado, gosta de putas, mas isso eu sei. Homens têm queda pelas putas, homens pagam e levam, nada de conversinha depois. No Novo Regime isso vai mudar, eles serão purificados, nós nos livraremos das obrigações da cama e criaremos subterfúgios para as fisiologias desenfreadas deles.

Ah, Lívia. Você está aí? Nossa, não me escuta, gorda demais. Precisa fechar essa boca, que homem vai te querer? Não que saber de homem? Como assim, idiota?! Aposto que se encaminha para feminista como essas cachorras que tiram roupa nas ruas? Cale essa sua boca, você é uma vergonha. Vá comer na cozinha, não suporto escutar essa sua ruminação, falta barbar. Como posso ter tido tanto azar?

Estava anunciado. Que varredura! É preciso matar uns trinta mil, se quisermos esse país de volta. Cada cidadão de bem portará uma arma. Nós vamos nos precaver contra a ameaça bolivariana. Contra toda inversão: homem é homem, mulher é mulher, não me venham com a conversa de ideologia de gêneros, querendo transformar criancinhas em gays. Agenor repetia essas palavras transformando-as num mantra

entorpecente. Finalmente encontrara aquele herói a dar vazão a todos os sentimentos que por décadas não pudera expressar porque o mundo se tornara todo viadinho, ui, ai, com essa história de politicamente correto. O líder lhe ensinara o que o pai nunca: o mundo é preto ou branco. Bom ou mau. Sem meios termos. Mulheres são bonitas ou feias, nada que esteja além disso interessa muito. Não fique buscando curvas nas coisas, não dificulte não. É certo ou errado. E, portanto, somos nós que definiremos isso.

Alô! O Marcos mirando ovos nas pessoas, do alto da nossa cobertura na avenida Atlântica? Há fotografos na área? Que engulam! Porra, Luís! Não me incomoda! Escolhe nordestinos, travestis e putas? Aí, sim. Essa gente parda, imunda, invertida. Deus é pai. Deus é tempo. Minha filha, não pare, enquanto eu despacho essa merda de campanha, venha por baixo, não vá bater a cabeça na mesa, gostosinha você. Paula, Maura, Saula, qual é o seu nome mesmo? Peraí que eu vou me ajeitar, continue aí, ajoelhadinha, viu que com o papai aqui são horas de aquecimento e eu gosto é lambido, devagar, vai sorvendo, daqui a pouco tem líquido dos deuses para tu, gulosa. Gostei de você. Não é petista nem pretista, não? Pode ter um cargo cativo no meu governo, precisaremos de vocês, aliviar as tensões, sabe como é, quero você treinando meninas novinhas. Paula, Maura, Sandra... isso. Mas nada de se misturarem por aí, família é sagrada, uh!

Aceita uma carreira aí, querida? Puríssima dos Andes, aqui só coisa pura. Quero ver a sua boca inchada, Leona já não é a mesma e então eu não posso ficar na mão, essa que por anos criou calos solitários, ela nunca gostou da coisa, dizia que cheirava a amônia e cloro, a alvejante. Quantos exércitos desperdicei no banheiro, escorrendo pelo ralo. Quantos meninos puro sangue deixei de produzir. Com você eu não poderia, que não tem pedigree, potra. Mas, olhe, de respeito, viu? Será a cadelinha de estimação do governador, eu gosto de competência, topa? Sempre por baixo, do jeito que eu gosto, mas Leo-

na tinha nojo, achava inadequado, então, só o básico mesmo para gerar os meninos e me veio de escape a Livia, o erro.

O pó me faz falar demais. Agora vai, estou indo, uh, ah! Glória, Senhor, Aleluia! Não desperdice nenhuma gota, é sagrado, você é uma privilegiada, não se lave agora. Quando voltar para a próxima rodada, eu lhe dou o banho, como sempre, lavar e desinfetar antes. Agora vá, ponha uma roupa, que isso não são modos e saia daqui, o culto me espera no templo, pregoeiro de uma multidão. E não me abra essa boca pra ninguém, que lhe corto a língua fora. Não. Sua língua é mágica, única. Furo-lhe os olhos e mantenho esse pedaço aveludado de paraíso para mim.

Ele sonhava. Os últimos jornais e emissoras de TV ardiam em chamas vorazes. Os olhos do general brilhavam. Décadas sendo ridicularizado, insultado por essa gente que era agora engolida pelas chamas junto de todo o resto. A vingança fora anunciada. O Twitter o elegera. O WhatsApp exercera papel decisivo na sua eleição, que o ser humano gosta mesmo do que corre à boca miúda, isso é fato. A mídia tradicional era coisa do passado. Não veem que o movimento é mundial? Que aqui chegamos para permanecer e devolver a dignidade e o respeito a esse país?

Não mais ter que desmentir ou pedir desculpas pelos excessos dos filhos porque foram erradicados desse solo os jornalistas, seres do malefício, corja ofídica e invejosa.

Sua mulher, fervorosamente orava em graças ao Senhor, falava-Lhe inclusive em Libras. O império fora tomado, o Castelo era seu, suas leis, todas suas, de agora em diante. O Congresso fora bombardeado pela manhã e a Constituição, essa perna engessada que não andava, sabia pelos anos como parlamentar, se desfizera pelos ares, junto de tudo o que a bomba dissolvera em pedacinhos e poeira, que aos poucos desciam e se assentavam sobre carros, ruas e construções, recobrando-os de uma fina camada de pó escuro.

Poder é isso. Derrubar o que há.

Pela manhã, não falaremos. Primeiro decreto presidencial. Afinal, fala-se demais, gente cansativa, calar a boca disso aí. Olhava a foto dos filhos com orgulho: esses moleques. O mais velho lhe entregara de presente, embrulhada em celofane norte-americano, uma eleição. O menino, esperto, foi à América aprender como se faz, com quem domina. Puxou a mim. Fala merda e tem o dom de fazê-la música nos ouvidos do povo. Quando me contou que as favas eram contadas, que invadiria as mentes da nação, sinceramente achei que estava de brincadeira, talvez delirasse, porque nos trinta anos de Assembleia eu já me calejara na contrariedade. Mas não. Era fácil, e foi.

Eva no vigésimo andar de um prédio de vidro sentia-se num aquário ou numa torre de marfim, intransponível. Todos os dias no mesmo horário, as sirenes de Auschwitz nos seus ouvidos. Noventa anos, os números tatuados no pulso, esverdeados, se desfaziam, a flacidez da pele solta da carne, craquelada de velhice, a ceratose. O cinza cada vez mais desmaiado nos olhos de Eva olhavam a televisão e viam. A militarização dos costumes, o ódio, pessoas espumando palavras de guerra, perseguições, Eva via. Eva se lembrava, sem palavras. Eva muda.

O lunático afinal não morrera, seu vírus forte e vivo, Mefistófeles. Não se movia, ela. Olhava a Torá sem forças para alcançá-la, o vírus propagado no ar.

De novo.

Era 1942, tinha 14 anos, a grossa fumaça preta vazava da chaminé. Sua mãe saindo daquele cilindro alto de tijolos, sabia. A ala dos tuberculosos, evitação de contágios, dizia-se à boca miúda. Havia um mercado negro de informações ali, a tal boca miúda, inclusive nesse dia em que a lágrima lhe queimara o rosto ressecado como em nenhum outro momento da sua vida. Soube que, para sobreviver ao crematório, serviria o oficial, isso foi tácito. Do jeito que pôde, com o asco que engoliu, no silêncio que aprendeu, seu corpo já esquelético, quase

morto, aos poucos encarnando-se, ganhando cor, voltando à vida, o coração, não.

A cada encontro com o velho maldito que cheirava à cebola, era como se um corvo lhe bicasse um pedaço do coração. Ela o sentia pendurado por um fio, assim o sentiria depois por toda a vida. O coração era resto de coisa em si, sempre em iminência de arrebentar.

Finalmente se levantou e, devagar, apoiada a uma bengala, foi ao lavabo, pôs o punho sob a água da torneira, despejou sabonete líquido para lavar aquele fragmento de número em si, esfregando vigorosamente o pulso, a lágrima cristalizada no olho, aquele número pegado em si, condenação que só a morte levaria. O corpo é um claustro. Era prisioneira dele, de sua história, de seus enganos, na mente vindo vivos os cheiros, os gritos, os estampidos, a indignação daquele inferno. Salva pela Resistência, o oficial que a seu modo imundo lhe poupou a meia vida naquele campo, fuzilado depois na sua frente, o sangue brotando do seu peito como rosas mais vermelhas que o habitual — esqueceram-se delas. Toda voz engolida. Eva via tudo agora prestes a se dar de novo, um lunático hipnotizando multidões às cusparadas, autorizando-as à iniquidade — da palavra ao ato. A senilidade do corpo não obliterou a mente, ainda viva para claramente reconhecer os sinais. Olhou pela janela, lá embaixo uma passeata gritando patriotismo, via as cores, era um formigueiro verde e amarelo, torpes, ignaros, pensou, não sabem o que estão pedindo.

Sentiu cheiro ardido de cebola. Grossas mãos lhe invadindo a pele branca. O irrepetível cheiro de carne humana se defumando nos fornos crematórios. A mãe para sempre perdida no ar, sem apalpe. Aqueles insanos e gritões lá embaixo não faziam ideia. O exato ponto em que todas as coisas se invertem. O fio que sustinha aquele fragmento arruinado dentro do peito então finalmente cedia.

O inimigo ali ressonando, na cama. Quando de pé, o celular feito um adereço na mão com a qual se revestia de um poder de espada. O mundo à mão e com um toque de dedo,

pensava decidir o destino do país. Recebia mensagens de um apocalipse irreal que de tão onipresente na tela, sob variadas versões, iam se tornando mais e mais parte de sua percepção da realidade. Não mais o anódino contador medíocre de uma empresa. Em rede ganhava potência, membro destacado de um exército virtual que lhe investia pertencimento, propósito, lugar. Fora alçado ao subcomando da marcha que avançava e cuja missão era recrutar jovens, seres pela metade a seguirem como se deve: com regras, metas, obediência, punições, sobretudo, medo. Lisa via que não era um jogo, como pensara. Aquelas pessoas, cada vez mais numerosas no aplicativo do marido, eram reais e queriam eles, grito comum da trincheira, devolver um Brasil que de fato jamais existira. Encolhia-se, sua pequena estatura, na cama. Sozinha, aquele estranho ao lado. Tudo quanto acreditara ela via se esfarelando; seu lugar, sua voz, terror e insegurança crescendo insuportavelmente dentro de si, a tela do celular como um palco de solidões que se juntavam em ilusão da pertença, os embarques de última hora, o ativismo inerte. Era tudo mentira, não havia em que acreditar, senão sentir: seu instinto de autoproteção a endurecia e ressecava, não se reconhecia mais, então descobria-se violenta.

Entre sono e vigília, como se caísse de um precipício, tinha ganas de matar aquele ao lado, autômato do mal repetindo slogans idiotas, ele se desfizera em si, soldadinho de chumbo da laia dos que se estofam de músculos e bravatas covardes. Da horda dos que berram, inumanos, a sanha dos ditadores, devorar a história.

Não. Não lhe perdoaria a burrice, o fanatismo, a permeabilidade, o oportunismo desesperado. Ele um anônimo cuja triste celebridade terá sido a voluntária estupidez, a obstinada teimosia, destino de engrenagem de uma máquina que afinal a todos engoliria. Sua mais recente loucura era entoar o Hino da Bandeira antes de se deitar, investido de uma importância irreal; aos domingos vazios, vestido com a camisa do verdeamarelismo para glorificar-se em passeatas, imolar o boneco in-

flável com a fúria de quem malhou o Judas, todos os palavrões que amargavam em si, trancafiados, bolorentos, em vazão.

Ele a chamava com repulsa de vermelha, comunista, socialista, esquerdista. A mão quadrada e pesada, o homem sonhava esganar a mulher. Nos sonhos reativos, ela levantava o punhal brilhante, atravessar aquele corpo como se a um pedaço de manteiga. Não era capaz da morte. Ele sim. Do quarto andar daquele edifício ele a atirou — vagabunda, pilantra, desordenada, corrupta, feminista, antipatriótica. Palavras que seguiria repetindo pela eternidade.

Vitória, nome equivocado. Era ela toda equívoco. O seu lado sempre estivera de fora. Ilegítima, a espreitar a felicidade alheia pelas frestas, jamais um direito seu. De pequena lhe forjaram assim, quieta aí, veja, apenas veja, isso aqui não lhe pertence. Jamais dentro, cresceu alheada, arredia feito um peixe. Quando a intolerância avançou pelo país — era mentira que tivera família — viu-se mais sozinha do que sempre fora, desconvidada por não fazer coro aos parentes que clamavam por forças armadas para darem um jeito nissai, taokey?

Com nojo escutou das bocas mais sujas e hipócritas da tal desfamília a expressão ‘manutenção da moral e dos bons costumes’. Fajutos demais.

Não era verdade que houvesse ali alguma sobra de amor, tampouco que acirramento político fosse a real razão do seu afastamento, sempre exilada. Também não adotara quem primeiro lhe rejeitara. A vida caminhada como se num calvário que, para se tornar suportável, ela espelhara numa rotina de afazeres — às segundas, quartas e sextas pôr o lixo para fora; às quintas, lavar as roupas; todos os dias trabalhar; não deixar louças sobre a pia; sonhar com lugares novos, viver o ódio cordial pelo marido e vice-versa, secretamente esperar que a morte lhe viesse mais cedo; encaminhar o único filho, por quem se condenara a viver, para que se tornasse um homem bom, justo, autônomo, livre das perversidades em que fora gestada; não legar ao menino as suas dores. E na outra semana recomear, igual, o encadeamento infinito de pequenas distrações, a bus-

ca por algum sentido, qualquer sabor, viver esse dismantelo porque avulsa, tão absurdamente só, cada vez mais refratária, caindo para dentro de si, nenhuma vitória.

O mal já estava posto. Ou nunca deixara de ser, apenas se disfarçara nalgum verniz. Somos bichos, toda polidez desmornada à mínima fagulha, os velhos primatas desde sempre. Toda razão cedia e sobre os seus destroços, um piadismo idiota, esgoto mal desaguado emergindo: comprar-se da merda, caminhar pelo vulgar, pela insídia da facilidade, da instantaneidade, tubos digestivos caminhantes. Inexpugnavelmente cafonas.

Luís Augusto é psicanalista, cinquenta e cinco anos já lhe pesam nas costas e lhe cansam os olhos. Suspira longamente dentro do quadrado onde passa oito horas de todos os dias; imutável esse quadrado, um divã preto, sua poltrona atrás da cabeceira desse divã, pouco enfeite, abriu a porta para a primeira análise da manhã, tentando retirar de si a impressão de uma boçalização massiva, a sensação de que andava oferecendo escuta e fala a meros estômagos caminhantes. Eros deglutido. Aplainadas e monocórdias as vozes que ouvia, circulantes ali. Sentia-se cansado, um tanto impotente mirava a estante de livros, poder que se esfarelava, a mediocridade sempre triunfa, não há que se duvidar disso.

Eva faltara, seus sonhos em alemão, ela jamais conseguira narrá-los em português. Eva uma das únicas pacientes que lhe despertavam interesse analítico no meio do mar de gente desinteressante que passara a enxergar. Um sorriso imaginário na sua face falsamente plácida ao repisar todos os dias as neuroses dos bem-nascidos, suas tramas, sua merda, sua pequenez. Pudesse, voaria. Bateria asas para muito longe do quadrado mínimo onde jamais lhe escutavam, imensas bocas abertas à espera do alimento que ele, contudo, raramente oferecia.









“O QUE A LITERATURA FAZ DE MELHOR É OLHAR PARA ONDE NÃO SE OLHA, NOS FORÇAR A ENCARAR O REFLEXO NOS ESPELHOS DO LABIRINTO, INVESTIGAR SUAS DISTORÇÕES, ENXERGAR IMAGENS OCULTAS. É A FICÇÃO ESPECULATIVA (PALAVRA QUE COMPARTILHA ETIMOLOGIA COM “ESPELHO”) ATREVE-SE A UMA PERGUNTA ESPECÍFICA: SE O PASSADO É PRÓLOGO, O PRESENTE NÃO É O FUTURO? EM TEMPOS COMO ESTES, A INDAGAÇÃO É QUASE UM CLAMOR.”

RENATA WOLFF



9 788594 187840

BESTIÁRIO

